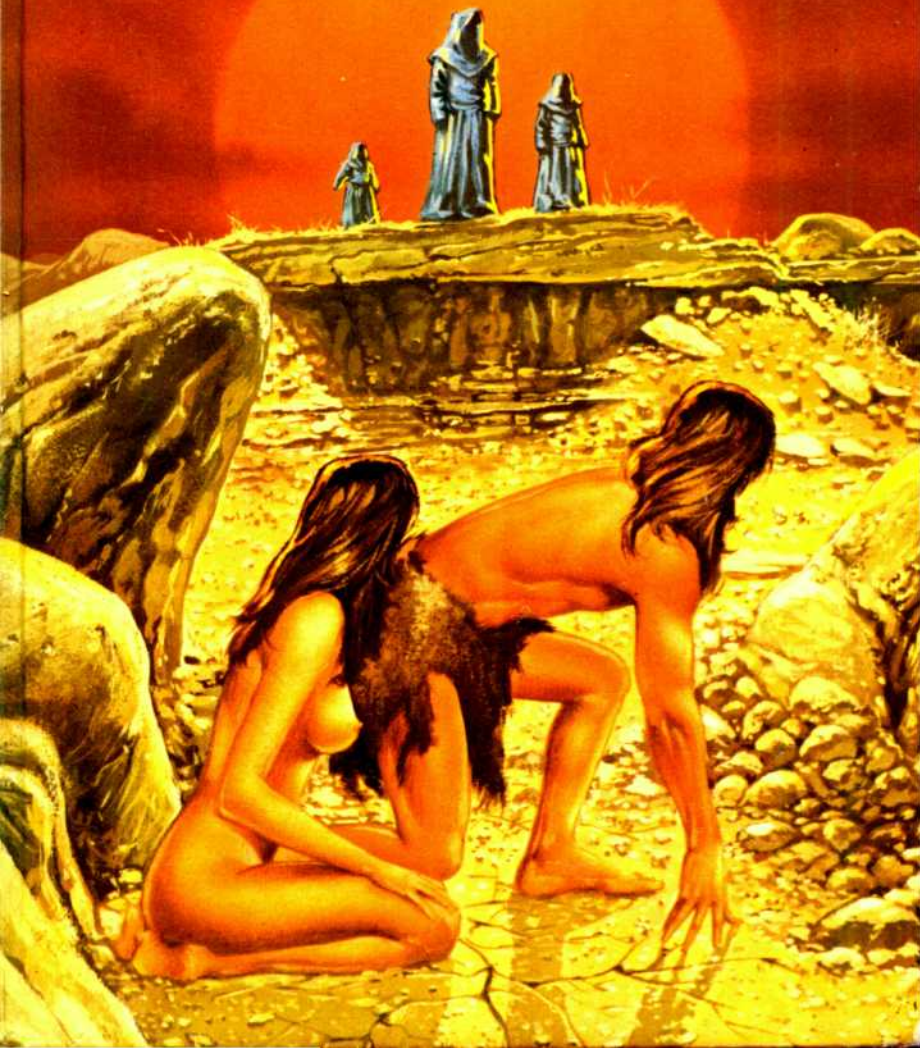
Walter M. Miller Jr.

UM CÂNTICO PARA LEIBOWITZ



Walter M. Miller, Jr.

Um cântico para Leibowitz

CÍRCULO DO LIVRO

CÍRCULO DO LIVRO S.A.
Caixa postal 7413
São Paulo, Brasil

Edição integral
Título do original: "A canticle for Leibowitz"
Copyright © 1959 by Walter M. Miller, Jr.
Tradução: Maria da Glória de Souza Reis
Layout da capa: Adalberto Cornavaca

Licença editorial para o Círculo do Livro
por cortesia da Comp. Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de Papel

Venda permitida apenas aos sócios do Círculo

Composto pela Linoart Ltda.
Impresso e encadernado em oficinas próprias

2 4 6 8 10 9 7 5 3

84 86 87 85 83

índice

Fiat homo 11
Fiat lux 113
Fiat voluntas tua 221

A Anne, em cujo seio
Raquel guia a minha pobre canção,
como uma musa,
sorrindo entre as linhas
— Deus te abençoe.

A todos aqueles cuja assistência, de vários modos, contribuiu para tornar possível este livro, o autor exprime sua gratidão, especialmente e explicitamente aos seguintes: Sr. e Sra. W. M. Miller (Pai), Srs. Don Congdon, Anthony Boucher e Alan Williams, ao Dr. Marshal Taxay, ao Reverendo Alvin Burggraff, CSP, a São Francisco, a Santa Clara e a Maria Santíssima, por motivos que eles bem conhecem.

Fiat homo

O Irmão Francis Gerard, de Utah, talvez nunca tivesse descoberto os santos documentos, se não fosse o peregrino com os rins cingidos que apareceu no deserto durante o jejum quaresmal do seu noviciado.

Nunca antes vira um peregrino com os rins cingidos, mas de que esse era verdadeiro, ficou convencido desde que voltou a si do choque de descobrir aquela figura no horizonte, como um pequenino iota negro no meio da claridade ofuscante. Parecendo não ter pernas mas com uma minúscula cabeça, o iota tomava forma no caminho resplandecente e parecia antes se retorcer do que andar, o que levou o Irmão Francis a segurar o crucifixo do seu rosário e a murmurar uma ave-maria. O iota lembrava uma pequena aparição produzida pelos demónios do calor que torturavam a terra no meio do dia, quando toda criatura capaz de se mover no deserto (exceto as aves de rapina e alguns eremitas monásticos como Francis) ficava inerte em sua toca ou se escondia debaixo de uma rocha, para fugir da ferocidade do sol. Somente algo monstruoso ou sobrenatural, ou algum louco, poderia propositadamente andar desse modo e nessa hora por aquele caminho.

O Irmão Francis disse uma rápida oração a São Raul, o Ciclópico, padroeiro dos malnascidos, pedindo-lhe proteção contra os seus protegidos. (Pois quem não sabia que havia monstros na terra naqueles dias? O que nascia vivo, pela lei da Igreja e da Natureza, tinha de viver e ser ajudado a atingir a maturidade, se possível, pelos que o tinham gerado. A lei nem sempre era obedecida, mas assim mesmo havia uma população de monstros adultos que escolhia as mais longínquas terras desertas para suas perambulações e que, à noite, rondava as fogueiras dos viajantes das planícies.) Mas afinal o iota, sempre se enroscando, veio através das névoas distantes até o ar claro, onde, sem sombra de dúvida, se tornou

um peregrino: o Irmão Francis soltou o crucifixo com um pequeno amém.

O peregrino era um velho magro e tinha um cajado, chapéu de palha, barba eriçada e uma pele passada pelo ombro. Mastigava e cuspia bem demais para ser uma aparição, e parecia muito fraco para ser dado a lobisomem ou a bandido de estrada. Francis, porém, foi saindo da sua linha de visão e meteu-se atrás de um monte de pedras carcomidas, de onde podia ver sem ser visto. Os encontros com estrangeiros no deserto, apesar de raros, eram ocasião de mútua suspeita e sempre começavam por preparativos contra algo que tanto poderia ser cordial quanto agressivo.

Raramente mais que três vezes por ano viajava alguém, leigo ou estrangeiro, pela velha estrada que passava pela abadia, muito embora o oásis que lhe assegurava a existência fizesse dela um lugar de repouso natural, se a estrada viesse de algum lugar ou conduzisse a algum lugar, pois assim eram as estradas naquele tempo. Talvez, em idades mais remotas, tivesse sido parte do caminho mais curto entre o Grande Lago Salgado e El Paso; ao sul da abadia, era atravessada por uma trilha de pedra picada que se estendia na direção este—oeste. A encruzilhada estava gasta pelo tempo, mas não pelo homem, ultimamente.

O peregrino aproximou-se até uma distância em que já podia ser ouvido, mas o noviço continuou no monte de pedras. Os rins do velho estavam verdadeiramente cingidos por uma espécie de saco; além das sandálias e do chapéu, era tudo quanto vestia. Avançava com decisão, coxeando mecanicamente e amparando a perna aleijada com o pesado cajado. O ritmo com que se aproximava era o de um homem que percorrera um longo caminho e que ainda tinha muito que andar. Mas, ao entrar na área das ruínas antigas, diminuiu o passo e parou para observar o lugar.

Francis abaixou-se ainda mais.

Não havia sombra entre o aglomerado de montes onde, em tempos distantes, existira um grupo de construções. Algumas pedras maiores, no entanto, serviam para refrescar umas poucas partes do corpo de viajantes experimentados no deserto, como logo mostrou o peregrino, ao procurar rapidamente uma de proporções adequadas. O Irmão Francis notou que ele não agarrou a pedra e puxou-a com precipitação, mas manteve-se à distância, e usando o cajado como alavanca e uma pedra menor como ponto de apoio, mexeu a mais pesada até que a inevitável criatura chocalhante saísse

de baixo dela. Sem mostrar emoção, matou a serpente com o cajado e jogou para o lado a carcaça ainda em contorções. Uma vez despachado o ocupante da cavidade embaixo da pedra, o peregrino aproveitou seu frescor simplesmente revolvendo-a. Isso feito, suspendeu o seu alforje, sentou-se com as fanadas nádegas de encontro à pedra relativamente fresca, atirou fora as sandálias e encostou os pés no chão da cavidade. Assim refrescado, pôs-se a mexer com os dedos dos pés, mostrou um sorriso desdentado e começou a cantarolar, num dialeto desconhecido para o noviço. Cansado de estar abaixado, o Irmão Francis mudou de posição.

Enquanto cantava, o peregrino desembrulhou um pão e um pedaço de queijo. Parou de cantar e pôs-se em pé por um instante para dizer a meia voz, numa espécie de balido nasal e no vernáculo da região: "Bendito seja Adonai Elohim, soberano de todos, que faz o pão sair da terra". Cessado o balido, sentou-se outra vez e começou a comer.

Devia vir de longe o forasteiro, pensou o Irmão Francis, para ignorar que não havia qualquer reino próximo governado por um monarca de nome e pretensões tão estranhos. Imaginou que o velho estaria fazendo uma peregrinação de penitência — talvez ao altar da abadia, apesar de não ser ainda oficialmente um altar nem o "santo", que lá se venerava, oficialmente santo. O Irmão Francis não podia atinar com outra explicação para aquela presença na estrada que não conduzia a lugar algum.

O peregrino comia vagarosamente o pão e o queijo, e o noviço, à medida que se sentia menos ansioso, ia começando a se mexer. A regra de silêncio para os dias de jejum quaresmal não lhe permitia conversar voluntariamente com o velho, mas se saísse de seu esconderijo detrás do monte de pedras antes que ele se fosse, certamente se faria ver ou ouvir. Não podia ir mais longe, porque fora proibido de sair da vizinhança daquelas ruínas antes do fim da Quaresma.

Ainda um pouco hesitante, puxou um pigarro o mais alto possível e pôs-se à vista.

— Oh!

O pão e o queijo caíram no chão. O velho tomou o cajado e levantou-se.

— Chegue até aqui, se ousar!

Brandiu o cajado ameaçadoramente na direção da figura encapuzada que se erguera de trás da pilha de pedras. O Irmão Francis notou que na extremidade do cajado havia

uma aguda ponta de lança. Curvou-se três vezes, cortesmente, mas o peregrino não reparou nessa delicadeza.

— Fique onde está! — grasnou ele. — Mantenha-se distante, monstrengo. Não tenho nada do que você quer, a menos que seja o queijo, e isso você pode levar. Se é carne que você procura, nada tenho senão cartilagens, mas lutarei para conservá-las. Agora, para trás! Para *trás!*

— Espere. . . — O noviço fez uma pausa. A caridade, ou até a simples cortesia podia prevalecer sobre a lei quaresmal do silêncio, quando as circunstâncias exigissem que se falasse, mas rompê-la por decisão própria sempre o fazia ficar um pouco nervoso.

— Não sou um monstrengo, bom simplório — continuou, empregando a fórmula mais polida. Deixou cair o capuz para pôr à mostra a tonsura monástica e ergueu o rosário. — Você sabe o que essas coisas significam?

Durante alguns segundos o velho ficou numa atitude de gato pronto para pular, enquanto estudava a fisionomia adolescente e queimada de sol do noviço. Era natural que tivesse errado. As grotescas criaturas que pilhavam o deserto não raro usavam capuzes, máscaras, ou amplas vestimentas que lhes ocultavam as deformidades. Entre elas, havia as que não eram disformes só no corpo e que, às vezes, atacavam os viajantes para comer-lhes a carne.

Depois de observar algum tempo, o peregrino endireitou-se.

— Ah! é um *deles.* — Apoiou-se no cajado, carrancudo. — É a Abadia de Leibowitz, lá adiante? — perguntou, apontando para o longínquo aglomerado de construções ao sul.

O Irmão Francis curvou-se cortesmente até o chão.

— Que é que você está fazendo aqui nestas ruínas?

O noviço apanhou um fragmento de pedra parecido com um giz. Estatisticamente, não era provável que o viajante fosse letrado, mas resolveu experimentar. Como os dialetos falados pelo povo não tinham nem alfabeto nem ortografia, escreveu em latim as palavras "Penitência, Solidão e Silêncio", numa grande pedra lisa e, mais abaixo, outra vez em inglês antigo, esperando, apesar da sua não admitida ânsia de falar com alguém, que o velho compreendesse e o deixasse prosseguir, na solidão, a vigília quaresmal.

O peregrino olhou para a inscrição com um sorriso torto. O seu riso mais parecia um balido fatalista. — Hum-m-m!

Ainda escrevendo de trás para diante — disse; mas se entendeu o que estava escrito, não condescendeu em dá-lo a perceber. Pôs o cajado de lado, sentou-se outra vez na pedra, apanhou o pão e o queijo e começou a limpá-los da areia. Francis umedeceu os lábios com fome, mas desviou o olhar. Nada comera senão frutos de cacto e um punhado de milho queimado, desde a Quarta-Feira de Cinzas; as regras de jejum e abstinência eram estritas durante as vigílias vocacionais.

Notando o seu mal-estar, o peregrino partiu um pedaço de pão e de queijo e ofereceu-lhos.

Apesar de desidratado em virtude do seu parco suprimento de água, o noviço ficou com a boca inundada de saliva. Seus olhos se recusaram a deixar a mão que oferecia alimento. O universo todo se contraiu e, no seu exato centro geométrico, flutuava aquele manjar arenoso de pão escuro e de queijo branco. Um demónio impeliu os músculos de sua perna esquerda a mover o pé meio metro para a frente; possuiu, em seguida, a sua perna direita de modo a pôr o pé na frente do esquerdo, e forçou os músculos peitorais e o bíceps direito a esticar o braço até que a mão tocasse a mão do peregrino. Seus dedos sentiram a comida e pareceram até provar-lhe o gosto. Um tremor involuntário sacudiu o corpo faminto. Fechou os olhos e viu o Dom Abade olhando para ele, brandindo um chicote. Todas as vezes que procurava imaginar a Santíssima Trindade, a fisionomia de Deus Pai se confundia com a do abade que, normalmente, segundo parecia a Francis, era muito zangada. Atrás do abade crepitava uma fogueira e, do meio das flamas, os olhos do Beato Mártir Leibowitz se dirigiam, na agonia da morte, para o seu protegido que devera estar jejuando, mas fora apanhado quando estendia a mão para o queijo.

O noviço estremeceu outra vez. — *Apage Satanás!* — murmurou entre dentes, enquanto recuava e deixava cair o alimento. Sem nenhum aviso, aspergiu o velho com água benta que tirou de uma garrafinha que trazia na manga. Por alguns instantes, na sua mente ofuscada pelo sol, o peregrino não mais se distinguiu do Grande Inimigo.

O ataque de surpresa aos Poderes das Trevas e da Tentação não produziu resultados sobrenaturais imediatos, mas os naturais apareceram como que *ex opere operato.* O peregrino Belzebu, em lugar de explodir em fumaça sulfurosa, emitiu uns sons gorgolejantes, ficou rubro e atirou-se a Francis com um berro de fazer gelar o sangue. O noviço, trope-

çando na túnica, fugiu do cajado pontiagudo e conseguiu escapar ileso porque o peregrino esqueceu as sandálias. 0 ímpeto do seu ataque transformou-se numa série de pulinhos num pé só, como se ele, de repente, se tivesse apercebido das pedras escaldantes em que estava pisando. Parou e pareceu preocupado. Quando o Irmão Francis olhou por cima do ombro, teve a impressão exata de que o peregrino se dirigia ao lugar fresco, saltando na ponta dos pés.

Envergonhado com o odor de queijo que lhe ficara nos dedos e arrependido da irracionalidade do seu exorcismo, voltou aos seus trabalhos nas velhas ruínas, enquanto o outro refrescava os pés e aliviava a raiva atirando-lhe uma ou outra pedra cada vez que se mostrava por entre os montes. Quando o velho sentiu o braço cansado, passou a fingir que atirava e, vendo que Francis já não fugia, limitou-se a resmungar, enquanto comia o pão e o queijo.

O noviço estava andando de um lado para outro, através das ruínas e, de vez em quando, dirigia-se cambaleando para um determinado lugar, abraçado com dificuldade a uma pedra quase tão grande quanto o seu peito. O peregrino viu-o escolher uma dessas pedras, calcular suas dimensões, rejeitá-la e cuidadosamente escolher outra para ser destacada, erguida e transportada aos tropeços. Deixou-a cair depois de dar alguns passos e, sentando-se de repente, pôs a cabeça entre os joelhos, num esforço para não desmaiar. Depois de arfar por alguns momentos, levantou-se e acabou de rolar a pedra até o seu destino. Continuou nessa atividade enquanto o peregrino o observava já não com irritação, mas com pasmo.

O sol, como uma maldição, queimava a terra rachada com o calor do meio-dia e derramava o seu anátema sobre tudo o que era úmido. Francis trabalhava, apesar da temperatura.

O viajante, depois de haver lavado os últimos restos de pão e queijo com alguns goles de água do seu cantil, enfiou as sandálias, levantou-se com um gemido e foi coxeando pelas ruínas em direção ao local de trabalho do noviço. Este, vendo que o velho se aproximava, tratou de ganhar distância. Com ar de troça, o peregrino ameaçou-o outra vez com o cajado, mas parecia mais interessado no que o outro fazia com as pedras do que em vingar-se. Chegando perto, parou para inspecionar a toca do noviço.

Ali, na extremidade leste das ruínas, o Irmão Francis cavara uma trincheira rasa, usando uma vara como enxada

wmmmmú

e as mãos como pá. No primeiro dia da Quaresma, tinha-a coberto com um monte de gravetos e, de noite, usava-a como refúgio contra os lobos do deserto. Mas à medida que os dias de jejum se avolumavam, a presença deles ia deixando vestígios na vizinhança, até que aqueles visitantes noturnos se sentiram atraídos pelas ruínas e chegaram a arranhar o monte de gravetos, depois de extinta a fogueira.

A princípio, Francis tentou forçá-los a desistir, aumentando a pilha em cima da trincheira e rodeando-a com um anel de pedras colocadas num sulco, bem juntas umas das outras. Mas, na véspera, alguma coisa tinha pulado em cima da pilha, uivando, enquanto ele tremia embaixo. Por isso, decidira fortificar a toca por meio de um muro que começara a construir sobre o anel de pedras, e que se inclinava para dentro à medida que subia; mas como a cavidade era de forma ligeiramente oval, tinha de ser escorado por pedras a fim de que não caísse para dentro. O Irmão Francis esperava que, com pedras bem escolhidas, ligadas entre si por cascalho bem acomodado e batido, fosse possível construir uma aparência de domo. E, como sinal de sua ambição, lá estava um palmo de arco sem qualquer apoio, desafiando as leis da gravidade. Quando o peregrino, cheio de curiosidade, começou a dar pancadas nesse arco com o seu cajado, o irmão gritou como um cachorrinho ferido.

Zeloso de sua morada, aproximou-se um pouco enquanto durava a inspeçao. O peregrino respondeu seu grito com um floreio do cajado e um formidável uivo. O Irmão Francis imediatamente tropeçou na bainha da túnica e sentou-se. O velho pôs-se a rir.

— Hum! Você vai precisar de uma pedra com formato estranho para caber *naquele* lugar — disse, enquanto sacudia o cajado de um lado para outro num espaço vago na camada superior de pedras.

O jovem concordou com um movimento da cabeça e olhou para outro lado. Continuou sentado onde estava e, por meio dos olhos baixos e do completo silêncio, esperava dizer ao velho que não era livre para conversar ou aceitar de bom grado a sua presença no seu local de solidão. Começou a escrever na areia com um graveto: *Et ne nos inducas in. . .*

— Ainda não me ofereci para mudar em pão essas pedras, não é? — disse o velho, zangado.

O irmão levantou os olhos depressa. Então ele *sabia* ler, e lia a Escritura. Além do mais, a sua frase mostrava que compreendera o uso impulsivo que fizera da água benta

e o motivo pelo qual ali se encontrava. Percebendo que o peregrino caçoava dele, baixou os olhos outra vez e esperou.

— Hum! Então você deve ficar só, hein? Muito bem, nesse caso é melhor ir-me embora. Será que os seus irmãos na abadia deixarão este velho descansar um pouco à sua sombra?

O irmão, outra vez, acenou que sim com a cabeça e, caridosamente, ajuntou em voz baixa: — Eles também lhe darão alimento e água.

O peregrino riu. — Em sinal de agradecimento, vou procurar uma pedra que sirva para aquele buraco. Deus esteja com você.

"Mas não é preciso..." O protesto não chegou a ser articulado. O Irmão Francis limitou-se a olhar enquanto ele se afastava, devagar e coxeando. Pôs-se a andar pelo meio das pedras, parando às vezes para inspecionar uma ou experimentar outra com a ponta do cajado. O noviço pensou que a procura seria certamente inútil, pois era a repetição do que fizera desde cedo. Por fim, tinha decidido que era mais fácil demolir e refazer uma parte da camada superior do que encontrar uma pedra com o feitio aproximado de uma ampulheta, que servisse naquele espaço. Com certeza, o peregrino acabaria por perder a paciência e ir embora.

Enquanto isso, o Irmão Francis descansava, rezando pela volta daquela solidão interior que a sua vigília impunha: o espírito como um pergaminho liso onde as palavras divinas se pudessem escrever — se aquela outra Solidão Incomensurável, que era Deus, estendesse a mão para tocar a sua ínfima solidão humana e marcá-la com a vocação. O *Pequeno livro,* que o Prior Chetoki deixara com ele no domingo precedente, servia-lhe de guia nessa meditação. Era velho de séculos e chamava-se *Libellus Leibowitz,* apesar de ser incerta a tradição que o atribuía ao Beato.

"Parum equidem te diligebam, Domine, in juventute mea, quare doleo mimis. . . Muito pouco vos amei, Senhor, no tempo da minha juventude; por isso aflijo-me excessivamente nos dias da minha velhice. Em vão fugi de Vós naqueles dias..."

— Você aí! — veio um grito de trás dos montes de pedras.

O Irmão Francis levantou os olhos rapidamente, mas o peregrino não estava visível. Seus olhos voltaram ao livro.

"Repugnans tibi ausus sum quaerere quidquid doctius

mihi fide, certius spe, aut dulcius caritate visum esset. Quis itaque stultior me..."

— Ei, menino! — veio outra vez o grito. — Encontrei uma pedra para você que parece servir.

Dessa vez, quando o Irmão Francis olhou, viu o cajado fazendo sinais de trás de um dos montes. Suspirando, o noviço voltou à leitura.

"O inscrutabilis Scrutator animarum, cui patet omne cor, si me vocaveras, olim a te fugeram. Si autem nunc velis vocare me indignum..."

Irritado, ainda atrás do monte de pedras, o velho continuou: — Muito bem, faça como quiser. Vou assinalar a pedra e marcar o lugar com uma estaca. Experimente se serve ou não, como achar melhor.

— Obrigado — suspirou o noviço, mas duvidou que o velho o tivesse ouvido. Continuou a estudar o texto:

"Libera me, Domine, a vitiis meis, ut solius tuae voluntatis mihi cupidus sim, et vocationis. . ."

— Pronto! — gritou o peregrino. — Está marcada e assinalada. E possa você achar logo a voz, menino. *Olla allay!*

Pouco depois de ter morrido o eco do último grito, o Irmão Francis viu o peregrino caminhando na direção da abadia. Murmurou uma rápida bênção e uma oração pela segurança da sua viagem.

Mais uma vez só, repôs o livro na toca e recomeçou a colocar as pedras, sem se preocupar com o que o peregrino achara. Enquanto seu corpo faminto se curvava, distendia e cambaleava sob o peso das pedras, seu espírito repetia maquinalmente a oração pela certeza de sua vocação:

"Libera me, Domine, a vitiis meis. . . Livrai-me, Senhor, dos meus vícios, para que em meu coração possa desejar somente o que for da Vossa vontade e conhecer o Vosso chamado, se vier. . . *ut solius tuae voluntatis mihi cupidus sim, et vocationis tuae conscius si digneris me vocare. Amen.*

Livrai-me, Senhor, dos meus vícios, para que possa, em meu coração..."

No céu, volumosos cúmulos a caminho das montanhas onde, depois de decepcionar cruelmente o deserto ressequido, derramariam a sua bênção úmida, começaram a esconder o sol e a projetar longas sombras sobre o chão tórrido, oferecendo um repouso bem-vindo, ainda que intermitente, da luminosidade escaldante. Aproveitando a rápida passagem

dessas sombras pelas ruínas, o noviço trabalhava velozmente e depois descansava até que o próximo castelo de nuvens velasse o sol.

Foi por acaso que, afinal, descobriu a pedra do peregrino. Andando por perto, tropeçou na estaca que o velho enterrara na areia para marcar o lugar. Abaixou-se e deu com os olhos em dois sinais traçados numa pedra das mais antigas:

Os sinais tinham sido desenhados com tanto cuidado que o Irmão Francis imediatamente percebeu que eram símbolos, mas depois de meditar alguns minutos sobre eles, continuou pensativo. Que significado teriam? O velho tinha dito, ao partir: "Deus esteja com você"; um feiticeiro não falaria assim. Destacou a pedra e rolou-a para fora. Ao fazê-lo, ouviu um ligeiro ruído vindo do interior do monte, e uma pedrinha deslocou-se da parte de cima. Francis tratou de fugir de uma possível avalancha, mas nada houve naquele momento. No lugar em que estivera a pedra, porém, aparecia agora um pequenino buraco escuro.

Os buracos freqüentemente eram habitados. Mas este parecia ter estado tão bem arrolhado pela pedra que, antes que Francis a tivesse retirado, dificilmente uma pulga teria entrado. Apesar disso, procurou uma vara e, devagar, passou-a pela abertura. Não encontrou resistência, e ela, ao ser solta, escorregou para dentro e desapareceu, como se embaixo houvesse uma cavidade maior. Esperou nervosamente, mas nada saiu de dentro.

Pôs-se de joelhos e, cuidadosamente, aplicou o nariz no buraco. Não sentiu qualquer odor de animal ou de enxofre. Jogou uma pedrinha para dentro e curvou-se para escutar. A pedrinha pulou uma vez a poucos metros da abertura, depois continuou a descer, bateu em qualquer coisa metálica e, finalmente, parou muito longe, embaixo. Os ecos sugeriam uma cavidade subterrânea do tamanho de uma sala.

O Irmão Francis levantou-se, cambaleante, e olhou em volta. Parecia estar só, com exceção da ave de rapina, sua companheira, que o vinha observando do alto, ultimamente, com tamanho interesse, que outras deixavam seus territórios de além do horizonte e vinham investigar o que havia.

O noviço andou em volta do monte de pedras, mas não encontrou sinal de um segundo buraco. Subiu a um monte adjacente e perscrutou o caminho. O peregrino há muito desaparecera. Nada se movia ao longo da velha estrada, mas

teve uma rápida visão do Irmão Alfredo atravessando uma colina a um quilômetro, em busca de lenha para seu eremitério. Esse irmão era surdo como uma porta. Ninguém mais havia à vista. Francis não via qualquer razão para gritar por socorro, mas parecia-lhe bom exercício de prudência calcular de antemão quais seriam os resultados, se tivesse de fazê-lo. Depois de examinar cuidadosamente o terreno, desceu do monte. O fôlego de que necessitaria para gritar seria mais bem aproveitado correndo.

Pensou em recolocar a pedra do peregrino de modo a tapar o buraco como antes, mas as pedras ao redor tinham mudado um pouco de posição e era impossível pô-la no lugar em que estivera. Além disso, o espaço na camada superior de seu abrigo continuava vazio, e o peregrino tinha razão: a pedra, a julgar pelo tamanho e formato, parecia servir. Depois de hesitar um pouco, suspendeu-a e dirigiu-se cambaleando para a toca.

A pedra adaptou-se perfeitamente ao lugar. Deu um pontapé no muro para se certificar da sua firmeza; a camada superior não se mexeu, apesar de a sacudidela ter causado um pequeno desmoronamento a alguns metros dali. Os sinais feitos pelo velho, embora um pouco apagados pela manipulação da pedra, ainda estavam suficientemente claros para serem copiados. Cuidadosamente, transcreveu-os numa outra pedra, usando um graveto queimado como estilógrafo. Quando o Prior Cheroki viesse fazer a sua ronda habitual do sábado, talvez pudesse dizer se tinham algum sentido de encantamento ou maldição. Era proibido temer as maquinações pagãs, mas o noviço, pensando no peso da pedra, tinha curiosidade em saber que sinais eram aqueles que iam ficar sobre a sua dormida.

Seus trabalhos continuaram pelo calor da tarde. Em sua mente, porém, ficou a lembrança do buraco — aquele interessante e ao mesmo tempo apavorante buraquinho — e da maneira como a pequenina pedra despertara ecos distantes em algum lugar embaixo da terra. Sabia que as ruínas que o cercavam eram antiquíssimas. Sabia também, pela tradição, que gradualmente elas tinham sido transformadas naqueles montes de pedras irregulares por gerações de monges e um ou outro estrangeiro que procurava carregamento de pedras ou pedaços de aço enferrujado que se podiam encontrar rachando as colunas e lajes, em cujo centro tinham sido colocados por homens de uma época já quase esquecida no mun-

do. Essa erosão humana tinha destruído o aspecto que uma antiga tradição atribuía às ruínas, não obstante o atual mestre-de-obras da abadia ainda se orgulhar de sua habilidade em perceber e mostrar vestígios de salas, num e noutro lugar. Ainda havia metal a ser encontrado, se alguém se dispusesse a rachar as pedras que o encobriam.

A própria abadia fora construída com essas pedras. Francis achava improvável que, depois de vários séculos de trabalho dos pedreiros, ainda houvesse alguma coisa interessante por descobrir nas ruínas. No entanto, nunca ouvira falar em construções com fundamentos ou aposentos subterrâneos. O mestre-de-obras, segundo se lembrava, tinha dito especificamente que as construções nesse lugar pareciam ter sido feitas às pressas, sem alicerces profundos, repousando, a maior parte, em lajes superficiais.

Tendo quase terminado o abrigo, o Irmão Francis se aventurou de volta ao buraco e ficou olhando para dentro dele; como habitante do deserto, não se podia livrar da convicção de que, em todo lugar abrigado do sol, devia haver algo escondido. Mesmo que agora estivesse vazio, alguma coisa, certamente, se esgueiraria para dentro antes do amanhecer do dia seguinte. Por outro lado, se alguém morasse ali, era melhor encontrá-lo de dia do que de noite. Na vizinhança, não havia outras pegadas senão as suas próprias, as do peregrino e o rasto dos lobos.

Tomando uma decisão rápida, começou a retirar as pedras e a areia em volta do buraco. Meia hora depois, este não aumentara, mas sua convicção de que levava a uma cavidade subterrânea era agora uma certeza. Dois muros de seixos, meio enterrados e próximos à abertura, tinham sido claramente comprimidos um contra o outro pela força da grande massa de pedras na boca de um poço; estavam como que apertados num gargalo. Quando empurrava uma pedra para a direita, a que estava ao lado rolava para a esquerda, até parar em determinado lugar. O contrário ocorria quando empurrava na direção oposta, mas assim mesmo continuava a escavar o monte.

A alavanca, de repente, pulou de suas mãos, ministrou-lhe, de passagem, uma pancada no lado da cabeça e desapareceu numa depressão surgida naquele instante. O golpe fê-lo recuar, vacilando. Uma pedra deslizando do alto atingiu-o nas costas e ele caiu sem fôlego, e sem saber se tombava para dentro do poço, até que sentiu o ventre de encontro à terra

e agarrou-se a ela. O estrondo da avalancha foi ensurdecedor, mas breve.

Cego pela poeira, Francis ficou arquejando e receoso de se mover, tão grande era a dor que sentia nas costas. Quando conseguiu enfiar a mão dentro do hábito e procurar o ponto entre os ombros onde, talvez, houvesse alguns ossos esmagados, sentiu uma dor aguda e seus dedos ficaram úmidos e vermelhos. Mexeu-se, mas gemeu e ficou imóvel outra vez.

Houve um débil bater de asas. O Irmão Francis olhou para cima a tempo de ver uma ave de rapina se preparando para pousar num monte de pedras a poucos metros de distância. O pássaro levantou vôo imediatamente, mas Francis imaginou que ele o tinha olhado com uma espécie de cuidado maternal, como uma galinha ansiosa. Virou-se rapidamente com as costas. Uma enorme e negra nuvem deles se tinha reunido no céu e circulava em altitude curiosamente baixa. Quase roçava os montes. Subiram para o alto quando se moveu. Ignorando de repente a possibilidade de vértebras partidas ou de alguma costela esmagada, o noviço pôs-se em pé cambaleando. Desapontada, a horda celeste voou de volta às grandes altitudes em seus invisíveis elevadores de ar quente, e dispersou-se na direção de outras longínquas vigílias aéreas. Negras alternativas do Paráclito cuja vinda esperava, os pássaros pareciam, às vezes, ansiosos por descer em lugar da Pomba; seu interesse esporádico vinha ultimamente enervando o noviço, e ele prontamente decidiu, depois de sacudir um pouco os ombros, que a pedra nada mais fizera do que contundir e arranhar.

Uma coluna de pó que se elevara do local da depressão esmaecia-se ao longe, com a brisa. Desejou que, nas torres de vigia da abadia, alguém a visse e viesse investigar. Aos seus pés uma abertura quadrada se abria na terra, no lugar em que um dos flancos do monte desmoronara para dentro do poço. Havia uma escada que conduzia para baixo, mas somente os primeiros degraus tinham ficado livres da avalancha que, durante seis séculos, parara no meio do caminho a fim de esperar a ajuda do Irmão Francis para completar sua estrepitosa descida.

Numa das paredes ao lado da escada, uma inscrição semi-enterrada ainda era legível. Reunindo seus modestos conhecimentos de inglês antediluviano, murmurou, hesitante:

ABRIGO DE SOBREVIVENTES DO DILUVIO NUCLEAR
NÚMERO MÁXIMO DE OCUPANTES: 15

Limite das provisões por ocupante: 180 dias, dividida pelo número atual de ocupantes. Entrando no abrigo, verifique se a primeira comporta está seguramente trancada e selada, se os escudos contra intrusos estão devidamente eletrificados a fim de impedir que as pessoas contaminadas entrem, se as luzes indicando perigo estão acesas fora do recinto . . ."

O resto estava enterrado, mas as primeiras palavras eram suficientes para Francis. Nunca vira um "sobrevivente", e esperava nunca ver. Uma descrição exata do monstro não tinha chegado até esses dias, mas ele ouvira as lendas. Persignou-se e afastou-se do buraco. A tradição contava que o próprio Beato Leibowitz encontrara um "sobrevivente" e fora por ele possuído durante muitos meses, até que o exorcismo que acompanhou o seu batismo expulsou o demónio.

O Irmão Francis imaginava o "sobrevivente" um pouco como uma salamandra porque, de acordo com a tradição, era coisa saída do Dilúvio de Fogo como os íncubos que atacavam as virgens durante o sono, pois não eram os monstros desse mundo ainda chamados "filhos do Dilúvio"? Que o Demónio era capaz de infligir todas as provações que desceram sobre Jó, era coisa registrada nas Escrituras, se não artigo de fé.

O noviço olhou para a inscrição com temor. O seu significado era claro. Inadvertidamente tinha dado com a habitação (abandonada, esperava) não só de um, mas de quinze daqueles horríveis seres. Procurou rápido seu vidro de água benta.

"Domine, libera nos
A spiritu fornicationis.
Do raio e da tempestade,
Livrai-nos, Senhor.
Do flagelo do terremoto,
Livrai-nos, Senhor.

Do lugar de terra zero,
Livrai-nos, Senhor.
Da chuva de cobalto,
Livrai-nos, Senhor.
Da chuva de estrôncio,
Livrai-nos, Senhor.
Da queda de césio,
Livrai-nos, Senhor.

Da maldição do Dilúvio,
Livrai-nos, Senhor.
De gerar monstros,
Livrai-nos, Senhor.
Da maldição dos malnascidos,
Livrai-nos, Senhor.
Da morte perpétua,
Domine, libera nos.
Peccatores,
te rogamus, audi nos.
Para que nos poupeis,
Nós vos rogamos, ouvi-nos.
Para que nos perdoeis,
Nós vos rogamos, ouvi-nos.
Para que vos digneis conduzir-nos a uma verdadeira penitência, *te rogamus, audi nos."*

Pedaços desses versículos da Ladainha de Todos os Santos vinham como que sussurrando junto com a respiração arquejante do Irmão Francis, enquanto descia pé ante pé a escada do antigo abrigo de sobreviventes, armado apenas com a água benta e com uma tocha improvisada com os carvões da fogueira da véspera. Por mais de uma hora esperara que alguém da abadia viesse saber o que tinha causado a coluna de poeira, mas ninguém viera.

O abandono, ainda que por poucos instantes, do seu retiro vocacional, a não ser que estivesse seriamente doente ou que fosse chamado de volta à abadia, seria considerado *ipso facto* como uma renúncia ao desejo de encontrar a verdadeira vocação como monge da Ordem Albertiana de Leibowitz. O Irmão Francis teria preferido a morte. Era obrigado a escolher entre investigar o que havia no poço, antes que o sol se pusesse, ou passar a noite na sua toca sem saber o que poderia estar oculto no abrigo, pronto para despertar

e pôr-se à pilhagem na escuridão. Como perigos noturnos, os lobos já davam muito o que fazer, e eram meras criaturas de carne e sangue. As criaturas de substância menos sólida, ele preferia encontrar à luz do dia, apesar de muito pouca claridade penetrar no poço, agora que o sol já descia para o poente.

Os destroços que tinham caído no abrigo formavam como que uma colina, cujo topo chegava ao alto da escada, deixando apenas uma estreita passagem entre as pedras e o teto. Colocou os pés no declive e começou a escorregar para baixo, enfrentando aos poucos o desconhecido e procurando apoio em pedras salientes, à medida que descia. De vez em quando, a tocha quase se apagava e ele parava para inclinar a chama para baixo, a fim de que o fogo queimasse melhor o carvão. Aproveitava a pausa para se dar conta do perigo em volta e mais para o fundo. Muito pouco havia para ser visto. Estava numa sala subterrânea, mas no mínimo um terço dela era ocupado pelo monte de destroços que tinham caído pelo vão da escada. A cascata de pedras havia coberto o chão, esmagado várias peças de mobiliário e talvez soterrado inteiramente outras. O noviço viu caixas de metal amassadas e afundadas quase inteiramente em ruínas. No fundo da sala havia uma porta de metal, cujas dobradiças abriam para fora, e contra a qual se comprimia a avalancha. Ainda legíveis, viam-se algumas letras gravadas a fogo na porta:

COMPORTA INTERIOR
LOCAL SELADO

Evidentemente essa sala era apenas uma antecâmara. Mas o que havia atrás da comporta interior estava isolado por várias toneladas de pedras. O local estava realmente *selado,* a menos que houvesse outra saída.

Chegando ao fim do declive, e depois de se assegurar de que na antecâmara não havia qualquer ameaça, o noviço foi inspecionar a porta cautelosamente, à luz da tocha. Abaixo das letras gravadas na comporta interior, havia em letras menores, sujas de ferrugem, os seguintes dizeres:

"Aviso: Esta comporta não deve ser selada antes que todo o pessoal tenha entrado e que todas as medidas de segurança prescritas pelo Manual Técnico CD-Bu-85A tenham sido tomadas. Quando a comporta tiver sido selada,

o ar dentro do abrigo será pressurizado a 2.0 p.s.i.[1] acima do nível barométrico do ambiente, a fim de reduzir ao mínimo a difusão interior. Uma vez selada, a comporta será automaticamente aberta pelo sistema servomonitor, somente num dos casos seguintes: 1) quando a radiação exterior cair abaixo do nível perigoso, 2) quando falhar o sistema de repurificação do ar e da água, 3) quando os alimentos se esgotarem, 4) quando falhar o suprimento interno de força. Veja CD-Bu-83A para maiores instruções".

O Irmão Francis ficou ligeiramente confuso com o aviso, mas achou melhor acatá-lo, não tocando nem de leve na porta. Não se devia lidar descuidadamente com os miraculosos dispositivos dos antigos, como muitos dos escavadores do passado tinham testemunhado com seus últimos estertores.

O noviço notou que os destroços que há séculos estavam na antecâmara eram mais escuros e ásperos que os que tinham suportado o sol do deserto e o vento arenoso até o desmoronamento daquele dia. Podia-se ver imediatamente que a comporta interior não fora bloqueada por ele, mas por rochas que haviam deslizado em tempos mais antigos que a própria abadia. Se o Abrigo Selado de Sobreviventes continha um demônio, era claro que ele não tinha aberto a comporta desde o tempo do Dilúvio de Fogo, antes da Simplificação. E, se durante tantos séculos tinha ficado trancado atrás da porta de metal, não havia muita razão, disse Francis de si para si, para temer que se precipitasse para fora antes do Sábado Santo.

A tocha estava quase extinta. O noviço acendeu nela um pé de cadeira quebrado e começou a juntar pedaços da mobília para fazer uma boa fogueira, enquanto pensava naquela antiga inscrição: "Abrigo de Sobreviventes do Dilúvio Nuclear".

Como bem sabia, o seu domínio de inglês antediluviano estava longe de ser perfeito. A maneira por que, naquela língua, alguns substantivos às vezes modificavam outros tinha sido sempre um dos seus pontos fracos. Em latim, como em muitos dialetos da região, uma construção como *servus puer* queria dizer mais ou menos a mesma coisa que *puer servus*, e até em inglês " escravo menino" era o mesmo que "menino escravo". Mas a semelhança ficava por aí. Depois

[1] ***2.0 p.s.i. = duas libras por polegada quadrada. (N. do E.)***

de muito custo, compreendera que um "gato de casa" não queria dizer "casa de gato", e que um dativo de intenção ou posse, como *mihi amicus,* era expresso de algum modo quando se dizia "comida de cachorro", ou "casa da sentinela", mesmo sem inflexão. Mas aquela tríplice expressão, "abrigo para sobreviventes do dilúvio"? O Irmão Francis sacudiu a cabeça. O aviso inscrito na comporta interior mencionava alimento, água e ar; no entanto, esses elementos não eram necessários aos demônios do inferno. Às vezes, o noviço achava o inglês antediluviano mais complicado do que a Angeologia Intermediária e os cálculos teológicos de São Leslie.

Acendeu sua fogueira na encosta do monte de pedras, de onde era possível iluminar os recantos mais escuros da antecâmara, e começou a explorar o que não tinha sido soterrado. As ruínas da superfície tinham sido reduzidas a uma ambiguidade arqueológica por gerações de escavadores, mas esta não fora tocada senão por circunstâncias naturais, estranhas à mão do homem. O lugar parecia cheio de fantasmas de outras épocas. Um crânio no meio das pedras num canto escuro da sala ainda conservava um dente de ouro, o que provava que o abrigo nunca fora invadido por estranhos. O incisivo dourado brilhava quando o fogo tremulava mais alto.

Mais de uma vez, no deserto, o Irmão Francis encontrara, junto a um arroio seco, um pequeno monte de ossos humanos limpos e branquejando ao sol. Não era particularmente sensível a tais coisas, que, aliás, não surpreendiam ninguém. Não se assustou, portanto, ao dar com o crânio no canto da antecâmara, mas o brilho do ouro entre seus maxilares continuava em suas retinas enquanto pesquisava o que havia nas portas (trancadas ou emperradas) dos móveis ferrugentos e puxava as gavetas (também emperradas) de uma escrivaninha de metal amassado que poderia ser de grande valor, se contivesse documentos ou cadernos que tivessem escapado das furiosas fogueiras da Idade da Simplificação. Enquanto tentava abrir as gavetas, o fogo quase se extinguiu e pareceu-lhe que o crânio começou a emitir um pouco de luminosidade própria. Tal fenômeno não era incomum, mas, na cripta obscura, o Irmão Francis achou-o impressionante. Reuniu mais madeira para o fogo e voltou a sacudir e a puxar as gavetas, procurando ignorar o sorriso luminoso da caveira. Conquanto ainda um pouco receoso de sobreviventes ocultos, já estava bastante senhor de si para

compreender que o abrigo, e principalmente a escrivaninha e as caixas, poderiam conter importantes relíquias de uma era que o mundo, deliberadamente, tinha esquecido quase totalmente.

A Providência abençoara esse lugar, pois naqueles dias era pura sorte encontrar um pedaço do passado que tivesse escapado tanto das fogueiras quando dos ladrões das ruínas. Ao mesmo tempo, porém, era coisa arriscada, pois sabia-se que muitos monges, à procura de antigos tesouros, haviam emergido das escavações trazendo triunfantemente um estranho artefato cilíndrico e depois — enquanto o limpavam ou tentavam descobrir-lhe a utilidade — tinham apertado um botão ou dado volta a uma chave, terminando o assunto com desvantagem para o clero. Há apenas oitenta anos, o Venerável Boedullus escrevera maravilhado ao seu Dom Abade, para contar que sua pequena expedição descobrira os remanescentes do que chamou de " plataforma de disparos intercontinentais, com diversos reservatórios no subsolo". Ninguém na abadia jamais soube o que o Venerável Boedullus quis dizer por "plataforma de disparos intercontinentais", mas o Dom Abade reinante naquele tempo decretou com severidade que os monges em busca de antiguidades deveriam, sob pena de excomunhão, evitar tais "plataformas" dali por diante, pois aquela carta foi a última notícia que se teve do Venerável Boedullus, seu grupo, sua "plataforma de disparos" e da pequena aldeia que havia no local; agora, um interessante lago dava graça à paisagem no lugar em que estivera a aldeia, porque alguns pastores tinham desviado o curso de um riacho para a cratera, a fim de armazenar água para seus rebanhos em tempo de seca. Um viajante que viera daquela direção há uns dez anos contara que a pesca no lago era excelente, mas os pastores consideravam os peixes como as almas dos aldeões e escavadores mortos e recusavam-se a comê-los, com medo de Bo'dollos, o gigantesco tubarão que morava no fundo das águas.

". . . nem haverá qualquer outra escavação que não tenha como principal objetivo o enriquecimento da *Memorabilia",* continuava o decreto de Dom Abade — o que significava que o Irmão Francis só podia procurar livros e papéis no abrigo e não devia mexer em ferragens, por interessantes que fossem.

Com o canto dos olhos, continuou a ver o dente de ouro brilhando, enquanto forçava as gavetas da escrivaninha que se recusavam a ceder. Afinal, deu-lhes um último ponta-

pé e virou-se impacientemente para a caveira: *Por que é que você não ri para qualquer outra coisa?*

O sorriso continuou. O crânio estava preso entre uma pedra e uma caixa de metal enferrujado. Deixando a escrivaninha, o noviço foi, através dos destroços, examinar mais de perto aqueles restos humanos. Era claro que a pessoa morrera no local, atingida pela torrente de pedras e quase soterrada. Apenas o crânio e os ossos de uma perna não tinham sido cobertos. O fêmur estava fraturado e o occipital, esmagado.

O Irmão Francis disse uma oração pelo morto e, com delicadeza, ergueu o crânio do lugar do seu descanso e virou-o de encontro à parede, de modo a não vê-lo sorrir. Então seu olhar caiu na caixa ferrugenta.

Seu feitio era semelhante ao de uma pasta e era claramente portátil. Poderia ter servido para vários fins, mas fora muito amassada pelas pedras. Devagar, soltou-a do monte e trouxe-a para perto do fogo. A fechadura parecia quebrada, mas a tampa não abria em virtude da ferrugem. Ao sacudi-la, alguma coisa se mexia dentro. Não era um lugar apropriado para se procurar livros ou papéis, mas fora certamente feita para ser aberta e fechada, e podia conter alguma informação para a *Memorabilia.* Entretanto, lembrando-se do que sucedera ao Irmão Boedullus e aos outros, aspergiu-a com água benta antes de tentar abri-la e, tão reverentemente quanto possível, pôs-se a bater com uma pedra nas dobradiças enferrujadas.

Afinal, quebrou-as e a tampa soltou-se. Pequeninos pedaços de metal saltaram de tabuleiros, espalharam-se pelas pedras e alguns desapareceram irremediavelmente entre as fendas. Mas, no fundo da caixa, viu que havia — papéis! Depois de uma rápida ação de graças, juntou quantos pedacinhos de metal pôde e, tendo recolocado frouxamente a tampa, começou a subir a colina de destroços na direção da escada e do estreito pedaço de céu, com a caixa bem apertada embaixo do braço.

A luz de fora ofuscava depois da escuridão do abrigo. Mal notou que o sol estava descendo perigosamente para oeste, e começou imediatamente a procurar uma laje suficientemente lisa onde pudesse espalhar o conteúdo da caixa para examiná-lo sem que nada se perdesse na areia.

Alguns minutos mais tarde, sentado numa laje rachada, começou a retirar os pedacinhos de metal e vidro que enchiam os tabuleiros. Muitos deles tinham a forma de peque-

ninos tubos com um pedaço de arame em cada ponta. Isso, já havia visto antes. No modesto museu da abadia havia alguns deles, de vários tamanhos, feitio e cor. Uma vez, vira um sacerdote pagão das montanhas com um colar feito com esses tubos, como adorno cerimonial. O povo montanhês pensava que se tratava de "pedaços do corpo do deus" — da fabulosa *Machina Analytica,* proclamada como o mais perfeito entre seus deuses. Engolindo um tubinho, o sacerdote adquiria "infalibilidade", diziam eles. O que certamente adquiria era "indisputabilidade" entre os seus, contanto que não engolisse um da espécie venenosa. Os pedacinhos que havia no museu eram ligados uns com os outros, não em forma de colar, mas como um complexo e desordenado labirinto no fundo de uma pequena caixa metálica, exibida sob o nome de "Chassi de rádio: aplicação incerta".

Dentro da tampa da caixa portátil havia sido colada uma nota; a cola secara, a tinta esmaecera e o papel estava tão manchado de ferrugem que mesmo uma boa letra teria sido difícil de ler, quanto mais aqueles garranchos feitos apressadamente. Enquanto esvaziava os tabuleiros, o noviço estudava o papel. Parecia estar escrito numa espécie de inglês, mas passou-se meia hora antes que pudesse decifrar a mensagem que continha:

"Cari:

Preciso pegar o avião para (indecifrável) dentro de vinte minutos. Pelo amor de Deus, fique com Em até que saibamos se estamos em guerra. Por favor! Procure colocá-la numa das listas alternadas para o abrigo. Não posso obter lugar para ela no meu avião. Não lhe diga por que foi que a mandei com essa caixa de velharias, mas procure ficar com ela até que saibamos (indecifrável) o pior, uma das alternadas não aparecer. I.E.L.

P.S. — Coloquei o selo na fechadura e 'confidencial' na tampa para impedir que Em veja o que está dentro. Ponha na minha gaveta ou em qualquer outra coisa."

A nota pareceu ao Irmão Francis um amontoado de palavras escritas às pressas, mas ele, no momento, estava excitado demais para se deter em qualquer coisa. Depois de um último olhar desdenhoso para aqueles rabiscos, começou a mexer na armação dos tabuleiros a fim de chegar aos papéis que estavam no fundo. Os tabuleiros descansavam em varetas aparafusadas de modo a fazê-los sair como em de-

graus, mas os parafusos não rodavam por causa da ferrugem. Francis teve de retirá-los com uma pequena ferramenta de aço que estava num compartimento da caixa.

Depois de tirar o último tabuleiro, o noviço tocou os papéis reverentemente: apenas um punhado de documentos, mas na verdade um tesouro, pois tinham escapado das chamas ferozes da Simplificação, quando até as Escrituras Sagradas se tinham contorcido enegrecidas e dissipado em fumaça, enquanto as turbas ignorantes urravam e saudavam aquilo como um triunfo. Segurou os papéis como se seguram as coisas sagradas, protegendo-os do vento com o hábito, pois estavam frágeis e quebradiços devido à antiguidade. Havia um certo número de desenhos esboçados e de diagramas. Havia também notas feitas à mão, dois grandes papéis dobrados e um pequeno livro intitulado *"Memorando"*.

Examinou primeiro as notas. Tinham sido rabiscadas pela mesma mão que escrevera a nota colada à tampa, e a letra não era menos abominável. "Libra de *pastrami"*, dizia uma nota, "lata de *kraut*, seis *bagels* — tragam para Emma." Outra continha um lembrete. "Não esquecer de apanhar o formulário 1040, Renda do Tio." Outra, nada mais era que uma coluna de algarismos com um total dentro de um círculo do qual um segundo total era subtraído, com uma percentagem seguida da palavra "bolas!" O Irmão Francis conferiu as contas. Pelo menos, nenhum erro havia na aritmética do escriba abominável, mas nada podia deduzir a respeito do que poderiam representar aquelas quantidades.

Tomou o *Memorando* com especial reverência, porque o título sugeria *Memorabilia.* Antes de abri-lo, persignou-se e murmurou a Bênção dos Textos. Mas o pequeno livro foi um desapontamento. Esperara encontrar páginas impressas, mas só havia listas de nomes e lugares, números e datas escritas à mão. As datas cobriam a última parte da quinta e o princípio da sexta década do século XX. Outra vez firmava-se a sua ideia de que o que havia no abrigo vinha do declínio da Idade da Luz. Uma descoberta realmente importante.

Um dos dois papéis dobrados estava também enrolado apertadamente e começou a se desmanchar quando o noviço tentou desenrolá-lo; conseguiu entender as palavras "formulário para corridas", e mais nada. Depois de recolocá-lo na caixa para um futuro trabalho de restauração, virou-se para o segundo documento; suas dobras estavam tão quebradiças que só ousou inspecionar um pedacinho, abrindo um pouco as folhas e olhando entre elas.

Parecia um diagrama — mas de linhas brancas sobre papel preto!

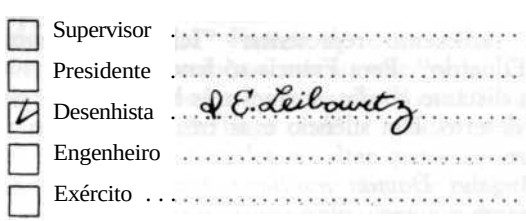
Teve outra vez a sensação de descoberta. Era claramente uma planta! e não havia mais nenhum original na abadia, mas somente fac-símiles à tinta. Os originais há muito se tinham apagado por terem ficado por muito tempo expostos à luz. Francis nunca vira um original, mas já vira muitas reproduções pintadas à mão para reconhecer que se tratava de uma planta que, apesar de manchada e desbotada, ainda era legível depois de tantos séculos, em virtude da total escuridão e pouca umidade do abrigo. Virou o documento pelo avesso e sentiu-se enfurecido. Que idiota teria profanado o precioso papel? Alguém desenhara distraidamente figuras geométricas e caretas como as das histórias infantis em todo o verso da planta. Que vândalo distraído. . .

A zanga passou depois de um momento de reflexão. Aquilo fora feito num tempo em que essas plantas eram tão comuns quanto as ervas daninhas, e o dono da caixa, provavelmente, era o autor. Protegeu o documento do sol com sua própria sombra enquanto procurava desdobrá-lo. Embaixo, à direita, havia um retângulo impresso em letras de forma, com vários títulos, datas, "números de patentes", números de referência e nomes. Seus olhos percorreram esses últimos até encontrar: "DESENHO DO CIRCUITO" por: ***Leibowitz,*** I. E."

Apertou os olhos e sacudiu a cabeça até que esta pareceu chocalhar. Depois olhou outra vez. Lá estava, bem claro: "DESENHO DO CIRCUITO por: *Leibowitz,* I. E."

Rapidamente virou o papel e olhou o verso. Entre as figuras geométricas e os desenhos infantis, carimbado nitidamente em tinta roxa, estava o formulário:

ESTA CÓPIA DE ARQUIVO PARA:



O nome estava escrito com letra feminina e firme, e não apressadamente rabiscado como nas demais notas.

Olhou outra vez para as iniciais no fim da nota colada na tampa da caixa: I. E. L. — e outra vez para "DESENHO DO CIRCUITO por. . ." E as mesmas iniciais apareciam em outros lugares em meio às notas.

Houvera discussões, porém sem muita base, a fim de se saber se o beato fundador da ordem, se fosse canonizado, seria chamado de Santo Isaac ou Santo Eduardo. Havia quem preferisse São Leibowitz, uma vez que até o presente momento o Beato fora chamado pelo sobrenome.

"Beate Leibowitz, ora pro me!", murmurou o Irmão Francis. Suas mãos tremiam com tal violência que ameaçavam destruir os frágeis documentos.

Acabara de descobrir relíquias do santo.

Naturalmente, Nova Roma ainda não proclamara a santidade de Leibowitz, mas o irmão estava tão convencido dela que ousou juntar *"Sancte Leibowitz, ora pro me!"*

Não se perdeu em vãos argumentos de lógica para chegar à conclusão imediata de que o céu lhe enviara um sinal da sua vocação. Achara o que lhe tinham mandado procurar no deserto. Era chamado a ser um monge professo da ordem.

Esquecendo o severo aviso do abade no sentido de não esperar que a vocação chegasse de forma espetacular ou milagrosa, ajoelhou-se na areia para dar graças e oferecer algumas dezenas do rosário pelas intenções do velho peregrino que indicara a pedra que conduzia ao abrigo. "Possa você achar logo a voz, menino", dissera ele. Em nenhum momento, até agora, suspeitara que o peregrino queria dizer Voz com V maiúsculo.

"Ut solius tuae voluntatis mihi cupidus sim, et vocationis tuae conscius, si digneris me vocare. . ."

Caberia ao abade dizer se a sua "voz" estava falando a língua das circunstâncias e não a de causa e efeito. Caberia ao *Promotor fidei* pensar que "Leibowitz" talvez não fosse um nome incomum antes do Dilúvio de Fogo, e que I. E. poderia facilmente representar "Ichabod Ebenezer" ou "Isaac Eduardo". Para Francis só havia uma voz.

Da distante abadia, soaram três badaladas de sino através do deserto. Um silêncio e as três notas foram seguidas por nove.

"Angelus Domini nuntiavit Mariae", respondeu obedientemente o noviço, observando com surpresa que o sol já se tinha transformado numa grande elipse escarlate que já tocava o horizonte a oeste. A barreira de pedras em volta de sua toca ainda não estava pronta.

Terminado o ângelus, colocou rapidamente os papéis na velha caixa enferrujada. Um chamado do céu não trazia necessariamente carisma para dominar animais ferozes ou fazer amizade com lobos famintos.

Findo o crepúsculo, quando apareceram as primeiras estrelas, o abrigo de emergência estava tão fortificado quanto possível; se resistiria aos lobos, é o que restava saber. O teste não demoraria muito, pois o noviço já ouvira uns uivos para o lado oeste. Reavivou o fogo, mas não havia qualquer outra claridade fora do círculo de luz da fogueira que permitisse a sua colheita diária de frutos de cacto roxo — seu único alimento, exceto aos domingos, quando alguns punhados de milho queimado eram enviados da abadia depois de um padre haver feito a ronda dos eremitérios levando o Santíssimo Sacramento. A letra da regra a respeito do retiro vocacional da Quaresma não era tão estrita quanto a sua aplicação prática, que chegava quase a matar de inanição os noviços.

Hoje, no entanto, o tormento da fome não fora tão importuno para Francis quanto seu desejo impaciente de correr à abadia e anunciar a sua descoberta. Fazê-lo seria renunciar à sua vocação tão cedo quanto a conhecera; viera ao deserto para permanecer por toda a Quaresma, com ou sem vocação, e continuar o seu retiro, mesmo que algo de extraordinário viesse a ocorrer.

Sonhadoramente, de perto do fogo, olhou através da escuridão para o Abrigo de Sobreviventes do Dilúvio Nuclear e tentou imaginar uma grande basílica erguendo-se no seu lugar. A fantasia era agradável, mas era difícil pensar que alguém escolhesse aquele remoto pedaço de deserto para centro de uma futura diocese. Se não uma basílica, pelo menos uma igreja menor — a Igreja de São Leibowitz do Deserto — rodeada por um jardim e um muro, com um altar do santo atraindo do norte rios de peregrinos com os rins cingidos. O "Padre" Francis de Utah conduzindo os peregrinos para um passeio nas ruínas, através da "Comporta Número Dois" até os esplendores do "Local Selado", as catacumbas do Dilúvio de Fogo onde. . . onde. . . bem, depois celebraria a missa por eles no altar que encerrava uma relíquia do titular da igreja — um pedaço de pano? Fibras da corda do carrasco? Pedaços de unhas encontrados no fundo da caixa enferrujada? — ou talvez o formulário para corridas. Mas a fantasia dissipou-se. As possibilidades de tornar-se sacerdote eram poucas — não sendo uma ordem

missionária, os Irmãos de Leibowitz só precisavam de padres para a abadia e para umas poucas pequenas comunidades de monges situadas em outros lugares. Além disso, o "santo", oficialmente, ainda era um beato e nunca seria formalmente declarado santo, se não fizesse mais alguns sólidos milagres para confirmar sua própria beatificação, que não era uma proclamação infalível, como seria a canonização, mas que permitia aos monges da Ordem de Leibowitz venerar seu fundador e padroeiro fora da missa e do ofício. As proporções da igreja imaginária reduziram-se às de um altar de peregrinação; o rio de peregrinos reduziu-se a uma gota. Nova Roma estava ocupada com outros assuntos, como o pedido de uma definição formal da questão dos dons sobrenaturais da Santíssima Virgem, os dominicanos sustentando que a Imaculada Conceição implicava não somente a ausência do pecado original, mas *também* a posse dos poderes sobrenaturais de Eva, antes da Queda; alguns teólogos de outras ordens, embora considerando piedosa essa conjetura, negavam que fosse necessariamente o caso, e pensavam que uma "criatura" poderia ser "inocente em sua origem", mas não dotada de dons sobrenaturais. Os dominicanos inclinavam-se diante disso, mas afirmavam que tal crença sempre estivera implícita em outros dogmas como a Assunção (imortalidade sobrenatural) e a Preservação do Pecado Atual (implicando integridade sobrenatural) e davam ainda outros exemplos. Enquanto procuravam esclarecer essa disputa, Nova Roma, aparentemente, deixava a causa da canonização de Leibowitz cobrir-se de poeira numa prateleira.

Contentando-se com um pequeno altar em honra do Beato e uns poucos peregrinos, o Irmão Francis cochilou. Quando acordou, o fogo estava reduzido a brasas. Alguma coisa estava acontecendo. Haveria alguém por perto? Olhou em volta, para dentro da escuridão.

Do outro lado das brasas, um lobo escuro o espiava.

O noviço soltou um grito e mergulhou na toca.

Tremendo em seu abrigo de pedras e gravetos, decidiu que o grito fora uma quebra involuntária da regra do silêncio. Abraçado à caixa de metal, ficou rezando para que os dias da Quaresma passassem rápido, enquanto as patas dos lobos arranhavam o exterior de seu esconderijo.

— . . . E então, padre, quase aceitei o pão e o queijo.

— Mas não aceitou?

— Não.

— Então não pecou por ação.

— Mas eu queria tanto, que cheguei a sentir o gosto.

— Voluntariamente? Você, deliberadamente, gozou essa fantasia?

— Não.

— Tentou libertar-se dela ?

— Sim.

— Então também não houve gula em pensamento. Por que é que você confessa isso?

— Porque então perdi a paciência e aspergi-os com água benta.

— Você o quê? *Por quê?*

O Padre Cheroki, de estola, olhou para o perfil do penitente ajoelhado diante dele na luz escaldante do deserto aberto; perguntava-se a si mesmo como era possível que aquele jovem (que não era particularmente inteligente, tanto quanto podia julgar) achasse ocasião ou ocasiões próximas de pecado, completamente isolado, como estava, na aridez do deserto, longe de qualquer distração ou aparente fonte de tentação. Bem pouco mal poderia acontecer ali a um jovem armado somente com um rosário, uma pedra, um canivete e um livro de orações. Era o que parecia ao Padre Cheroki. Mas a confissão estava demorando muito e desejava que o noviço a terminasse logo. Sua artrite incomodava-o outra vez, mas, em virtude da presença do Santíssimo Sacramento na mesa portátil que levava consigo nas rondas dos eremitérios, preferia manter-se em pé ou ajoelhado com o penitente. Acendera uma vela diante do pequeno receptáculo de ouro que continha as hóstias, mas a chama era invisível à luz do sol, e a brisa já a poderia ter apagado.

— Mas hoje o exorcismo é permitido sem qualquer autorização. De que você se confessa. . . de ter tido raiva?

— Também disso.

— De quem você teve raiva? Do velho... ou de você mesmo por quase ter aceito o alimento?

— Não.. . não sei bem.

— Bem, então decida-se — disse o Padre Cheroki impacientemente. — Acuse-se ou não se acuse.

— Eu me acuso.

— De quê? — suspirou Cheroki.

— De abusar de um sacramental num acesso de raiva.

— Abusar? Você não tinha um motivo racional para suspeitar de influência diabólica? Apenas ficou zangado e esguichou o velho com água benta? Como se tivesse jogado um vidro de tinta na cabeça dele?

O noviço curvou-se e hesitou, sentindo o sarcasmo do padre. A confissão sempre lhe fora difícil. Nunca achava as palavras certas para exprimir suas faltas e, quando procurava se lembrar do que as tinha determinado, ficava irremediavelmente confuso. Além do mais, o padre não estava ajudando, ao exigir dele aquela atitude de "fez ou não fez" — apesar de, naturalmente, só poder ter feito ou *não ter feito.*

— Penso que fiquei fora de mim por um momento — disse, afinal.

Cheroki abriu a boca, aparentemente com a intenção de continuar o assunto, mas disse apenas: — Está bem. E o que mais?

— Pensamentos de gula — respondeu Francis depois de alguns instantes.

O padre suspirou. — Parece que já falamos deles. Ou você se refere a uma repetição desses pensamentos?

— Ontem. Foi um lagarto, padre. Era azul com listas amarelas e tinha uns presuntos magníficos. . . grossos como o seu polegar e gordos, e eu fiquei pensando que teriam o mesmo gosto de um franguinho dourado e torradinho por fora e. . .

— Está bem — interrompeu o padre. Apenas uma sombra de nojo passou por sua velha fisionomia. Afinal de contas, o menino há muito tempo suportava aquele sol. — Você sentiu prazer nesses sentimentos? Não se esforçou por afastar a tentação?

Francis corou. — Eu. . . tentei pegá-lo, mas escapou.

— Então não foi só pensamento. . . mas também ação. Só aquela vez?

— Bem, sim, só aquela.

— Muito bem. Em pensamento e ação, desejo voluntário de comer carne durante a Quaresma. Por favor, daqui por diante seja tão preciso quanto puder. Pensei que você tivesse feito um bom exame de consciência. Há mais alguma coisa?

— Muita coisa.

O padre sobressaltou-se. Ainda tinha que visitar vários eremitérios; havia um longo e escaldante caminho a percorrer a cavalo e seus joelhos doíam. — Diga depressa — suspirou ele.

— Impureza, uma vez.

— Pensamentos, palavras ou obras?

— Bem, havia esse súcubo e. . .

— Súcubo? Ah, de noite. Você estava dormindo?

— Sim, mas. . .

— Então por que se confessa disso?

— Porque depois. . .

— Depois o quê? Quando você acordou?

— Sim. Fiquei pensando nisso. Fiquei rememorando tudo.

— Muito bem. Pensamentos concupiscentes, deliberadamente entretidos. Está arrependido? Bem, o que mais?

Isso era o que se ouvia o tempo todo dos postulantes e noviços, e parecia ao Padre Cheroki que, pelo menos, o Irmão Francis poderia enumerar suas acusações em ordem, uma depois da outra, sem que tivesse de puxar por ele. O noviço achava dificuldade em exprimir tudo o que desejava dizer; o padre esperou.

— Penso que recebi minha vocação, padre, mas. . . — umedeceu os lábios secos e olhou para um inseto em cima de uma pedra.

— Ah, foi? — a voz de Cheroki soou inexpressiva.

— Penso que sim. . . mas seria um pecado, padre, se a princípio pensei com desprezo naquela escrita? Quero dizer.. .

Cheroki franziu os olhos. Escrita? Vocação? Que pergunta seria aquela? Estudou a fisionomia séria do noviço por alguns instantes e assumiu um ar severo.

— Você e o Irmão Alfredo têm escrito um ao outro? — perguntou em tom de mau agouro.

— Oh, não, padre!

— Então de que escrita você está falando?

— Do Beato Leibowitz.

Cheroki fez uma pausa para pensar. Havia ou não, na coleção de antigos documentos da abadia, algum manuscrito atribuído ao fundador da ordem? Um original? Depois de refletir um pouco, decidiu pela afirmativa; sim, havia uns fragmentos, mas cuidadosamente trancados.

— Você está falando de algo que aconteceu na abadia? Antes da sua vinda para cá?

— Não, padre. Aconteceu aqui mesmo. — Indicou o local. — Depois do terceiro monte, perto do cacto alto.

— Com relação a sua vocação, diz, você?

— S-sim, mas. . .

— Naturalmente — disse Cheroki severamente — você NÃO PODE estar dizendo que. . . recebeu. . . dò Beato Leibowitz, morto há seis séculos. . . um convite escrito à mão para fazer sua profissão solene! Desculpe, mas foi a impressão que você me deu.

— É qualquer coisa assim, padre.

Cheroki engasgou-se. Alarmado, o Irmão Francis tirou da manga um pedaço de papel ressequido e manchado pelo tempo. A tinta estava desbotada.

— "Libra de *pastrami"* — pronunciou o Padre Cheroki, passando rapidamente pelas palavras poucos familiares, "lata de *kraut,* seis *bagels* — traga para Emma." Olhou fixamente para o Irmão Francis durante vários segundos. — Quem escreveu isso?

Francis tornou a dizer.

Cheroki refletiu. — Você não pode fazer uma boa confissão enquanto estiver *nesse* estado. E eu não posso dar a absolvição se você não estiver bem consciente. — Vendo Francis estremecer, o padre tocou-o animadoramente no ombro. — Não se aflija, filho, falaremos outra vez disso quando você estiver melhor. Então você se confessará outra vez. Por ora — olhou nervosamente para o receptáculo que continha a Eucaristia — quero que você junte suas coisas e regresse imediatamente à abadia.

— Mas padre, eu. . .

— Ordeno — disse surdamente o padre — que você volte imediatamente à abadia.

— Sim. . . padre.

— Por enquanto, *não* vou absolver você, mas faça um bom ato de contrição e reze vinte ave-marias como penitência, de qualquer maneira. Você quer minha bênção?

O noviço, com a cabeça, acenou que sim, lutando para não chorar. O padre abançoou-o, levantou-se, fez uma genuflexão diante do Santíssimo Sacramento, tomou o receptáculo de ouro e prendeu-o à corrente que trazia ao pescoço. Pôs a vela no bolso, desarmou a mesa, amarrou-a em seu lugar, atrás da sela, olhou solenemente para Francis, montou em seu cavalo e afastou-se para completar a ronda dos eremitérios quaresmais. Francis sentou-se na areia quente e começou a soluçar.

Teria sido simples se pudesse ter levado o padre até a cripta e mostrado a sala antiga, se pudesse ter exibido a caixa com seu conteúdo e o sinal que o peregrino fizera na pedra. Mas o padre levava a Santa Eucaristia e não podia ser convidado a escorregar para dentro de um subterrâneo cheio de pedras, ou a mexer no conteúdo da caixa e entrar em discussões arqueológicas. Francis guardou-se de fazê-lo. A visita de Cheroki era necessariamente solene enquanto o receptáculo que trazia contivesse uma só hóstia; somente depois de vazio, o padre poderia conversar de maneira informal. O noviço não o censurava por haver concluído que enlouquecera. Estava, *realmente,* um pouco estonteado pelo sol, e tinha gaguejado bastante. Mais de uma vez os noviços tinham aparecido com perturbações mentais depois do retiro vocacional.

Nada havia a fazer senão obedecer à ordem e regressar.

Andou até o abrigo e olhou uma vez mais para se certificar de que existia; depois foi buscar a caixa. Quando acabou de arrumar suas coisas e ficou pronto para partir, a coluna de pó que anunciava a chegada do emissário da abadia com o suprimento de água e milho já tinha aparecido a sudoeste. O irmão decidiu esperar o alimento antes de encetar o longo caminho de volta.

Três burros e um monge emergiram da nuvem de pó. O burro que vinha na frente andava com dificuldade sob o peso do Irmão Fingo. Apesar do capuz, Francis reconheceu o ajudante do cozinheiro pelos ombros curvos e pelas longas pernas cabeludas que balançavam dos dois lados do burro, de modo que as sandálias quase se arrastavam no chão. Os animais que o seguiam vinham carregados de pequenos sacos contendo milho e cantis com água.

— Uí-í-í-í, uí, uí, uí! — gritou Fingo aplicando as mãos aos lábios em forma de corneta, e mandando a voz na direção das ruínas, como se não tivesse visto Francis à sua espera. — Uí, uí-u, ah, você está aí, Francis! Pensei que fosse uma pilha de ossos. Vamos ter que engordar você para os lobos. Pronto, vá tomando a bebida dos domingos. Como vai indo esse negócio de eremitério? Você acha que vai adotar a carreira? Veja bem, só um cantil e um saquinho de milho. E cuidado com as patas da Malícia; ela está num período delicado e sente-se muito alegre. Deu um coice em Alfredo lá no outro eremitério, *bum!* bem em cima do joelho. Cuidado com ela! — O Irmão Fingo baixou o capuz e ficou observando o noviço e Malícia se defrontando um com o

outro. Sem dúvida, era o homem mais feio do mundo; quando ria, uma vasta exibição de gengivas rosadas e enormes dentes de todas as cores ainda lhe acentuava a feiúra: era um malnascido, mas não podia ser chamado de monstrengo; era de um tipo hereditário comum em Minnesota, de onde era originário, cuja característica era a calvície e uma distribuição desigual de melanina, de modo que sua pele era cheia de manchas vermelhas e marrons sobre um fundo albino. No entanto, seu constante bom humor compensava de tal maneira seu aspecto que, depois de alguns minutos, fazia que as pessoas o esquecessem; para quem o conhecesse já há muitos anos, esses sinais eram tão normais quanto os de um animal malhado. O que poderia ser horrível, se ele fosse mal-humorado, ficava tão decorativo quanto a pintura de um palhaço, quando acompanhado por sua exuberante alegria. Seu trabalho na cozinha tinha sido uma punição e era temporário. Era escultor em madeira e, de ordinário, trabalhava na carpintaria. Uma escultura sua do Beato Leibowitz, de caráter extremamente pessoal, dera causa a que o abade o transferisse para a cozinha até que mostrasse sinais de estar praticando a virtude da humildade. Enquanto isso, a figura inacabada do Beato esperava na oficina.

O riso de Fingo foi se apagando ao observar a fisionomia de Francis, que descarregava o grão e a água da endemoninhada mula. — Você parece um carneirinho doente, menino — disse ao penitente. — O que está acontecendo? O Padre Cheroki está outra vez numa de suas zangas?

O Irmão Francis sacudiu a cabeça. — Não que eu tenha visto.

— Então o que é que há? Você está mesmo doente?

— Ele me mandou voltar para a abadia.

— O quê? — Fingo passou uma perna cabeluda por cima do animal e desmontou. Imensamente mais alto que o noviço, pôs-lhe a mão carnuda no ombro e olhou-o de perto. — O que é, icterícia?

— Não. Ele acha que eu. . . — Francis bateu na cabeça com o indicador e sacudiu os ombros.

Fingo riu. — Bem, isso é verdade, mas *nós todos* sabíamos. Por que ele está mandando você voltar?

Francis olhou para a caixa aos seus pés. — Encontrei umas coisas que pertenceram ao Beato Leibowitz. Comecei a dizer-lhe, mas ele não acreditou em mim. Nem me deixou explicar. Ele. . .

— Você encontrou o quê? — Fingo riu com incre-

dulidade, ajoelhou-se e abriu a caixa enquanto o noviço esperava, nervoso. O monge mexeu com um dedo nos cilindros com arames que estavam nos tabuleiros e assobiou. — São amuletos dos pagãos das montanhas, não são? Isso é coisa antiga, Francis, muito *antiga* mesmo. — Olhou para a nota colada à tampa. — Que negócio é esse? — perguntou, olhando para o infeliz noviço.

— Inglês antediluviano.

— Nunca estudei isso a não ser o que cantamos no coro.

— Foi escrito pelo Beato em pessoa.

— *Isso?* — Os olhos do Irmão Fingo passaram da nota ao Irmão Francis e voltaram à nota. Abanou a cabeça, abaixou a tampa e levantou-se. Seu riso era agora artificial. — Talvez o padre esteja com a razão. É melhor você ir para a abadia e tomar uma das infusões do irmão farmacêutico. Isso é da febre, irmão.

Francis deu de ombros. — Talvez.

— Onde encontrou essas coisas?

O noviço apontou com o dedo. — Na direção daqueles montes. Mexi numas pedras. Havia uma depressão e encontrei um subterrâneo. Vá ver você mesmo.

Fingo sacudiu a cabeça. — Tenho que ir ainda muito longe.

Francis apanhou a caixa e pô-se a andar na direção da abadia, enquanto Fingo montava outra vez em seu animal; depois de andar alguns passos, parou e chamou:

— Irmão Pintado, você pode me dar dois minutos?

— Talvez — respondeu Fingo. — Para quê?

— Ande até lá e olhe para dentro do buraco.

— Para quê?

— Para poder dizer ao Padre Cheroki que há realmente um buraco.

Fingo parou com uma perna já passada na sela. — Ah! — Desmontou. — Está bem. Se não houver, é com *você* que falarei.

Francis ficou olhando a figura de Fingo desaparecer por entre os montes. Depois voltou-se e, com dificuldade, pôs-se a andar pela estrada poeirenta na direção da abadia, mastigando de vez em quando o milho e bebendo água. Às vezes, olhava para trás. Fingo desaparecera há mais de dois minutos. Já desistira de esperar que surgisse, quando ouviu um berro vindo das ruínas. Virou-se e viu a figura distante do escultor em pé no alto de um dos montes, agitando os

braços e, com a cabeça, confirmando vigorosamente que encontrara o buraco. Francis acenou também e, fatigado, continuou a caminhar.

Depois de andar três quilómetros, começou a pagar tributo às duas semanas que passara em jejum quase absoluto. Pôs-se a cambalear e, faltando só um quilómetro para chegar à abadia, desmaiou na estrada. Foi só no fim da tarde que Cheroki, passando de volta, viu-o. Desmontou rapidamente e banhou-lhe o rosto até que voltasse a si. O padre tinha encontrado os burrinhos com os suprimentos e parara para ouvir a narrativa de Fingo, confirmando o achado do Irmão Francis. Apesar de não acreditar que se tratasse de algo realmente importante, arrependeu-se de ter sido impaciente com o menino. Notou a caixa caída no chão com o conteúdo espalhado na estrada e, depois de ler rapidamente a nota colada na tampa, enquanto Francis, estonteante e confuso, sentava-se à beira do caminho, ficou inclinado a considerar a garrulice do menino mais como resultado de imaginação romanesca do que como loucura ou delírio. Não visitara a cripta nem examinara a fundo o que havia na caixa, mas era óbvio que, pelo menos, o menino interpretara mal fatos reais e, ao contrário do que parecera a princípio, não estivera confessando alucinações.

— Você pode acabar sua confissão quando chegar à abadia — disse com doçura, ajudando-o a subir para sua sela. — Penso que você, se não insistir em dizer que recebeu mensagens dos santos, poderá ser absolvido.

O Irmão Francis estava fraco demais para insistir em qualquer coisa.

— Você fez bem — resmungou por fim o abade. Nos últimos cinco minutos estivera andando devagar de um lado para outro em seu escritório. Seu largo rosto de campônio estava vincado por fundas rugas de preocupação. O Padre Cheroki, nervoso, esperava sentado na beira da cadeira. Desde que viera em obediência ao chamado de seu superior, ainda nada haviam dito um ao outro; quando, finalmente, o Abade Arkos falou, Cheroki teve um ligeiro sobressalto.

— Você fez bem — repetiu, parando no meio da sala e olhando de lado para seu prior, que já estava mais à vontade. Era quase meia-noite e Arkos tinha se preparado para uma ou duas horas de sono antes de matinas e laudes. Ainda molhado e descabelado depois de um mergulho na banheira, lembrava um ursinho meio mudado em homem. Usava uma veste de pele de coiote e o único sinal de seu cargo era a cruz peitoral que resplandecia à luz da vela cada vez que ele se virava para a escrivaninha. O cabelo úmido caía-lhe sobre a testa e, com a barba curta e saliente e a pele de coiote, parecia, naquele momento, menos um padre do que um chefe militar recém-chegado de um assalto e ainda cheio de malcontida fúria guerreira. O Padre Cheroki, que vinha de uma alta linhagem de Denver, tendia a reagir de acordo com as atribuições oficiais dos homens, e a falar cortesmente com quem usasse as insígnias da autoridade, sem se permitir olhar para as pessoas, seguindo assim a secular tradição das cortes. Por isso, sempre mantivera relações formais e cordiais com quem usasse o anel e a cruz peitoral e fosse seu abade. Em Arkos, porém, esforçava-se por ver o menos possível o homem. Essa atitude não era fácil nas presentes circunstâncias, vendo o reverendo padre abade apenas saído do banho e andando descalço em volta da sala. Ele, aparentemente, tinha se cortado ao extirpar um calo, pois tinha o pé ensanguentado. Cheroki procurou não reparar nisso, mas sentiu-se contrafeito.

— Você *sabe* do que é que eu estou falando? — rosnou Arkos, impacientemente.

Cheroki hesitou. — Padre abade, Vossa Reverendíssima se importaria de fazer perguntas específicas, caso digam respeito a algo que eu tenha ouvido somente em confissão?

— Como? Ah! Bem, é verdade. Você confessou-o, tinha-me esquecido. Faça com que ele conte tudo outra vez para que você possa falar — apesar de toda a abadia já saber da história. Não, não agora. *Eu* contarei a *você* o que houve e não responda ao que tiver sido matéria de confissão. Você já viu aquilo? — O Abade Arkos apontou para a escrivaninha onde o conteúdo da caixa do Irmão Francis tinha sido colocado a fim de ser examinado.

Cheroki, com a cabeça, indicou que sim. — Ele deixou cair tudo na estrada, quando desmaiou. Ajudei a apanhar, mas não examinei nada cuidadosamente.

— O que diz ele que é?

O Padre Cheroki olhou para o lado, sem parecer ter ouvido a pergunta.

— Muito bem, muito bem — disse o abade —, não se incomode com o que ele *diz.* Olhe você mesmo com cuidado e diga o que pensa.

Cheroki curvou-se sobre a escrivaninha e examinou os papéis atentamente, um a um, enquanto o abade continuava a andar de um lado para outro e a falar, aparentemente com o padre, mas, em grande parte, consigo mesmo.

— É impossível! Você fez bem em mandá-lo de volta antes que descobrisse mais coisas. Mas, naturalmente, isso não é o pior. Está tudo muito complicado. Não sei de nada que possa prejudicar mais uma causa que uma inundação de "milagres" impossíveis. Uns poucos fatos, está certo! É preciso estabelecer que a intercessão do Beato obteve milagres — antes que a canonização possa ter lugar. Mas às vezes há exagero, como no caso do Beato Chang, beatificado há dois séculos e até hoje não canonizado. E *por quê?* Sua ordem mostrou-se ansiosa demais. Cada vez que alguém se curava de uma tosse, era milagre do Beato. Visões no subterrâneo, evocações no campanário; mais parecia uma coleção de histórias de fantasmas do que uma lista de fatos milagrosos. Talvez dois ou três deles fossem válidos, mas quando há tanta poeira. . .

O Padre Cheroki levantou os olhos. Na beirada da escrivaninha, suas falanges estavam brancas. Suas feições pareciam estiradas. Aparentemente nada ouvira. — Perdão, padre abade?

— Bem, o mesmo poderia acontecer aqui, é o que eu digo — disse o abade, recomeçando a andar pela sala. — No ano passado, houve o Irmão Noyon e a milagrosa corda do carrasco. Sim! E no ano atrasado, o Irmão Smirnov curou-se milagrosamente da gota — e *como?* — tocando uma provável relíquia do Beato Leibowitz, dizem esses tolos. E agora Francis encontra um peregrino — vestido com o quê? — com o mesmo saco que serviu para cobrir a cabeça do Beato Leibowitz antes do enforcamento. E que usava como cinto? Uma corda. Que corda? Ah, a mesma. . .

Fez uma pausa e olhou para Cheroki. — Pelo seu olhar vago, estou vendo que você ainda não ouviu essas coisas. Não? Bem, então você nada pode dizer. Não, não, Francis não disse nada *disso.* Só disse — o Abade Arkos procurou introduzir um ligeiro tom de falsete em sua voz habitualmente áspera — "encontrei um homenzinho velho que pen-

sei fosse um peregrino indo para a abadia porque andava na direção dela; ele usava um velho saco amarrado à cintura por um pedaço de corda. Fez na pedra um sinal *assim".*

Arkos tirou do bolso um pedaço de pergaminho e mostrou-o a Cheroki à luz da vela. Ainda tentando, sem muito sucesso, imitar a voz do Irmão Francis, continuou: — "E não pude compreender o que significava. Vocês sabem o que é?"

Cheroki olhou fixamente para os símbolos  e abanou a cabeça.

— Não estava perguntando a *você* — rosnou Arkos com sua voz normal. — Isso foi o que Francis disse. Também eu não sabia o que significava.

— Mas agora sabe?

— Agora sei. Alguém investigou para mim. *Aquilo é* um *lamedh* e *aquilo é* um *sadhe.* Letras hebraicas.

— *Sadhe lamedh?*

— Não. Da direita para a esquerda. *Lamedh sadhe.* Um som de "1" e de "ts". Se houvesse sinais de vogais, poderia ler "luts", "lots", "lets", "lats", "lits" — qualquer coisa assim. Se houvesse algumas letras entre aquelas duas, poderia soar como "L1U" — adivinhe quem.

— Leibo. Oh, *não!*

— Oh, sim! O Irmão Francis não pensou nisso. Outra pessoa pensou. O Irmão Francis não pensou no capuz de saco e na corda do carrasco; um de seus companheiros pensou. Então, o que é que está acontecendo? Hoje, o noviciado inteiro está cheio da linda estorinha de Francis que encontrou o Beato em pessoa no deserto, que acompanhou nosso menino até o lugar em que estavam *aquelas* coisas e disse-lhe que encontrara sua vocação.

Cheroki franziu o rosto com ar de perplexidade. — O Irmão Francis disse isso?

— NÃO! — urrou Arkos. — Você não presta atenção? Francis não disse nada disso. Antes tivesse dito, porque, então, saberia o que fazer com o pirralho! Mas ele conta a coisa de um modo açucarado e simples, um pouco bobamente, e deixa que os outros imaginem o resto. Ainda não falei com ele. Mandei o reitor da *Memorabilia* ouvir a sua história.

— Penso que é melhor que eu converse com o Irmão Francis — murmurou Cheroki.

— *Vá!* Quando você entrou, eu ainda estava na dúvida se assaria você vivo ou não. Quero dizer, por tê-lo mandado de volta. Se ele tivesse ficado no deserto, não teríamos essa

tagarelice fantástica aqui dentro. Mas, por outro lado, não se pode saber o que mais iria ele desencavar naqueles subterrâneos. Por isso, acho que você fez bem em trazê-lo.

Cheroki, cuja decisão não fora tomada por esses motivos, achou que o silêncio era a política mais apropriada para o momento.

— Vá vê-lo — resmungou o abade. — Depois, mande-o aqui.

Quase às nove horas, numa brilhante manhã de segunda-feira, o Irmão Francis bateu timidamente à porta do escritório do abade. Uma noite bem dormida no duro colchão de palha de sua velha cela, mais uma parca refeição diferente da do deserto, se não tinham sido o suficiente para restaurar-lhe o corpo faminto e clarear-lhe o cérebro da intensa luz do sol, pelo menos tinham-lhe dado a necessária lucidez para perceber que havia razões para ter medo. Na realidade, estava aterrorizado e bateu à porta tão de leve, que não se fez ouvir. Nem ele próprio ouviu nada. Depois de alguns minutos, encheu-se de coragem e bateu outra vez.

— *Benedicamus Domino.*

— *Deo gratias* — respondeu Francis.

— Entre, meu filho, entre! — disse uma voz afável que, depois de alguns segundos de surpresa, identificou como sendo a de seu soberano abade.

— Vire o trinco, meu filho — disse a mesma voz amiga, depois de Francis, gelado, ter ficado no mesmo lugar por alguns instantes, com a mão ainda em posição de bater.

— S-s-sim. . . — o noviço mal tocou o trinco, mas parecia que a maldita porta se abria de qualquer jeito; esperara que estivesse emperrada.

— O senhor abade mandou m-m-me chamar? — balbuciou o noviço.

O Abade Arkos franziu os lábios e, devagar, acenou que sim com a cabeça. — S-s-sim, o senhor abade mandou chamar *você.* Entre e feche a porta.

O Irmão Francis fechou a porta e ficou tremendo, em pé no meio da sala. O abade estava brincando com uma daquelas coisas com arames que havia dentro da caixa.

— Talvez fosse mais apropriado — disse ele — se o reverendo padre abade fosse chamado por *você.* Agora que a Providência o favoreceu e que você se tornou tão famoso, hein? — Sorriu com brandura.

— Ah, ah? — riu o Irmão Francis em tom interrogativo. — N-n-não, senhor abade.

— Então não contesta que tenha ficado famoso de repente? A Providência elegeu você para descobrir isso — fez um gesto indicando as relíquias sobre a escrivaninha —, essa caixa de VELHARIAS, como bem a chamou o seu último dono?

O noviço gaguejou, desamparado, e conseguiu esboçar um sorriso.

— Não, *magister meus.*

— Ah? Não? Então você acha que não tem vocação para a ordem?

— Tenho! — arquejou o noviço.

— Mas não dá qualquer desculpa?

— Nenhuma.

— Seu cretino, estou perguntando que razões tem você para isso! Desde que não dá nenhuma, penso que está pronto a negar que encontrou alguém no deserto há poucos dias, que esbarrou nessa. . . caixa de VELHARIAS, sem o auxílio de ninguém, e que o que eu tenho ouvido dos outros é puro delírio?

— Oh, não, Dom Arkos!

— Oh, não, o quê?

— Não posso negar o que vi com meus olhos, reverendo padre.

— Então você *encontrou* um anjo. . . ou um santo? Ou talvez, ainda não um santo? E ele mostrou onde procurar a caixa?

— Eu nunca disse que ele era. . .

— E é essa sua desculpa para acreditar que tem uma verdadeira vocação, não é? Diz que esse, esse. . . vamos chamá-lo de "criatura". . . falou a você a respeito de encontrar uma vez e assinalou uma pedra com umas iniciais, e disse que era aquilo que você procurava, e quando você olhou embaixo, encontrou isso. Hein?

— Sim, Dom Arkos.

— Que pensa de sua execrável vaidade?

— Minha execrável vaidade é imperdoável, meu senhor e mestre.

— Imaginar-se bastante importante para ser *imperdoável é* ainda maior vaidade — urrou o soberano da abadia.

— Meu senhor, sou realmente um verme.

— Muito bem, você só precisa negar a parte relativa ao peregrino. Ninguém *mais* viu uma tal pessoa, você sabe.

Pelo que entendi, ele partiu na direção da abadia? Chegou mesmo a dizer que pararia aqui? Indagou a respeito desta casa? Sim? E para onde teria ido, se jamais tivesse existido? Por aqui não passou. O irmão que estava de vigia na torre não o viu. Hein? Você está pronto a reconhecer que apenas o imaginou?

— Se, na realidade, não houver dois sinais na pedra que ele... então talvez possa. . .

O abade fechou os olhos e suspirou, fatigado. — Os sinais estão lá. . . ainda que quase apagados. Você mesmo os poderia ter feito.

— Não, senhor abade.

— Você reconhece que apenas imaginou a velha criatura?

— Não, senhor abade.

— Muito bem. Sabe o que vai lhe acontecer agora?

— Sim, reverendo padre.

— Então, prepare-se.

Tremendo, o noviço levantou o hábito até a cintura e curvou-se sobre a escrivaninha. O abade tirou de uma gaveta uma forte chibata de junco, experimentou-a na palma da mão e vibrou com ela uma boa lambada nas nádegas de Francis.

— *Deo gratias!* — respondeu o noviço com respeito, mas um pouco ofegante.

— Quer mudar de idéia, filho?

— Reverendo padre, não posso negar. . .

PAF!

— *Deo gratias!*

PAF!

— *Deo gratias!*

Dez vezes repetiu-se essa simples mas dolorosa ladainha, com o Irmão Francis gritando ao céu seu agradecimento pelas duas lições da virtude da humildade, como lhe cabia fazer. O abade parou depois da décima lambada. O Irmão Francis pulava na ponta dos pés. Lágrimas corriam pelos cantos de suas pálpebras cerradas.

— Meu caro Irmão Francis — disse o Abate Arkos —, você tem *absoluta* certeza de que viu o velho?

— Tenho — guinchou o noviço, preparando-se para apanhar mais.

O abade olhou clinicamente o jovem, deu volta à escrivaninha e sentou-se com um grunhido. Examinou por algum tempo o pedaço de pergaminho com os sinais לצ .

— Quem você pensa que ele era? — perguntou distraidamente.

O Irmão Francis abriu os olhos, fazendo jorrar uma rápida cascata de lágrimas.

— Ora, você já me convenceu, filho, e pior para *você.*

Francis nada disse, mas rezou em silêncio para que não precisasse muitas vezes convencer seu soberano de que falava a verdade. Abaixou a túnica em resposta a um gesto irritado do abade.

— Sente-se — disse este, em tom natural, se não afável.

Francis foi até a cadeira, sentou-se, estremeceu e levantou-se outra vez. — Se o reverendo padre abade não se importar. . .

— Muito bem, fique em pé. Não vou prender você por muito tempo. Você vai voltar e terminar seu retiro. . . — interrompeu-se ao notar que a fisionomia do noviço se animara um pouco. — Mas não pense que vai voltar para o mesmo lugar — disse rapidamente. — Você trocará de eremitério com o Irmão Alfredo e não irá mais para perto daquelas ruínas. Além disso, ordeno que não discuta o assunto com ninguém, exceto seu confessor e eu, muito embora o mal já tenha sido feito. Você sabe o que desencadeou?

O Irmão Francis sacudiu a cabeça. — Ontem foi domingo, reverendo padre, não éramos obrigados a guardar silêncio, e eu, durante o recreio, respondi ao que os outros me perguntavam. Pensei. . .

— Bem, os *outros* construíram uma explicação muito especial, querido filho. Você sabia que tinha encontrado o Beato Leibowitz em pessoa?

Francis ficou pálido e depois sacudiu a cabeça outra vez. — Não, senhor abade. Estou certo de que não podia ter sido. O Beato não faria uma coisa daquelas.

— Não faria *que* coisa daquelas?

— Não correria atrás de uma pessoa para bater-lhe com um cajado com um prego na ponta.

O abade enxugou a boca para esconder um sorriso involuntário. Conseguiu parecer pensativo por alguns momentos. — Não estou assim tão certo disso. Foi atrás de você que ele correu, não foi? Sim, foi o que pensei. Você contou isso aos outros noviços? Contou, hein? Pois aí está, eles não acharam que estivesse excluída a possibilidade de

que fosse o Beato. De minha parte, duvido que haja muitas pessoas atrás de quem ele corresse com um cajado, mas. . .
— Não pôde conter o riso diante da expressão do noviço.
— Está bem, filho, mas quem você pensa que poderia ter sido?

— Pensei que, talvez, fosse um peregrino em visita a nosso santuário, reverendo padre.

— Ainda não é um santuário e você não deve falar assim. De qualquer modo, não era um peregrino ou, pelo menos, não veio aqui, nem passou pela nossa porta, a menos que o vigia tenha dormido. O noviço que estava na torre naquele dia nega que tenha dormido, apesar de confessar que se sentia sonolento. Então o que é que você sugere?

— Se o reverendo padre me perdoar, estive de vigia algumas vezes, eu mesmo.

— E...?

— Bem, num dia muito claro, quando nada se move a não ser as aves de rapina, depois de algumas horas, começa-se a olhar para elas.

— Ah, olham, não é? Quando não deveriam tirar os olhos da estrada!

— E quando se olha muito tempo para o céu, fica-se distraído. . . não adormecido, mas assim como que preocupado.

— Então é isso que vocês fazem quando estão de vigia? — resmungou o abade.

— Não necessariamente. Quero dizer, não, reverendo padre. Se tivesse ficado assim, não o teria sabido. O Irmão Je. . . quero dizer, um irmão que eu fui substituir uma vez, estava assim. Ele nem sabia que já era hora de render guarda. Estava sentado lá na torre com os olhos fixos no céu e a boca aberta, como que ofuscado.

— Sim, e na próxima vez que um de vocês ficar assim apatetado, surgirão guerreiros pagãos vindos de Utah que matarão alguns jardineiros, arrebentarão o sistema de irrigação, estragarão nossas colheitas e entupirão de pedras o poço antes que possamos começar a nos defender. Por que você está com essa cara? Ah, esqueci-me de que você nasceu em Utah e morou lá antes de fugir, não foi? Mas não faz mal, é bem possível que você esteja certo a respeito do vigia. . . isto é, de que ele poderia ter visto o velho. Você tem certeza de que ele era apenas um velho

como outro qualquer. . . e nada mais? Não seria um anjo? Ou um beato?

O olhar do noviço desviou-se para o teto, pensativo, e voltou depois, rápido, ao rosto de seu superior. — Os anjos e os santos têm sombra?

— Sim. . . quero dizer, não. Isto é. . . como é que eu posso saber? Ele tinha uma sombra, não tinha?

— Sim. . . mas era tão pequena que mal dava para ver.

— Que é que você está dizendo?

— Porque já era quase meio-dia.

— Imbecil! *Não* estou pedindo a *você* para me dizer *o que é* que ele era. Sei muito bem o que era, se é que você viu. — O Abade Arkos deu várias pancadas na mesa para acentuar o que dizia. — Quero saber se você, *você!* tem *absoluta certeza* de que ele era apenas um homem comum!

Essas perguntas estavam confundindo o Irmão Francis. Para ele não havia uma nítida linha divisória entre a ordem natural e a sobrenatural, mas antes uma zona intermediária mais ou menos obscura. Coisas havia que eram *claramente* naturais, outras, *claramente* sobrenaturais, mas entre esses extremos havia uma região confusa (em que se situava) — o preternatural — onde coisas feitas de simples terra, ar, fogo ou água tinham uma tendência a se comportar estranhamente como *coisas* que não eram deste mundo. Para o Irmão Francis essa região abrangia tudo quanto via sem compreender. Ele nunca tinha "absoluta certeza" de nada, como o abade queria que tivesse. Assim, por aquela simples pergunta, o Abade Arkos estava inadvertidamente jogando o peregrino naquela zona obscura, na mesma perspectiva da sua primeira aparição como um fiapo preto que se contorcia no meio da miragem de calor da estrada, na mesma perspectiva em que estivera quando o mundo do noviço se contraiu até nada mais ser além da mão que lhe oferecia um pouco de alimento. Se alguma criatura sobre-humana se quisesse disfarçar em homem, como poderia penetrar o seu disfarce, ou mesmo suspeitar da existência dele? Se tal criatura não quisesse parecer suspeita, não se lembraria de ter uma sombra, deixar pegadas, comer pão e queijo? Não mastigaria folhas aromáticas, cuspiria nos lagartos e imitaria as reações de um mortal, esquecido de pôr as sandálias antes de pisar no chão quente? Francis não sabia estimar a inteligência ou a agudeza dos seres infernais ou celestiais, ou adivinhar a extensão de

suas habilidades histriônicas, apesar de entender que tais criaturas deveriam ser infernalmente ou divinamente inteligentes. O abade, ao levantar a questão, indicara a natureza da resposta do Irmão Francis, que era: manter a questão aberta, embora até então não o tivesse feito.

— Então, filho?

— Senhor abade, Vossa Reverendíssima *não* pensa que ele *poderia* ter sido. . .

— Não estou pedindo a você para pensar o que ele *não* poderia ter sido. Estou mandando que você fale com certeza. Ele *era* ou *não era* uma pessoa comum, de carne e osso?

A pergunta era terrível e mais pela dignidade que lhe conferia o fato de vir dos lábios de uma pessoa tão eminente quanto o seu soberano abade, muito embora visse muito bem que o que ele queria era uma *determinada* resposta. Queria-a até muito. Se a queria tanto, é que a pergunta era importante. Se era suficientemente importante para o abade, muitíssimo mais o era para ele, e não ousava responder errado.

— Eu. . . eu penso que ele era de carne e osso, reverendo padre, mas não exatamente "comum". De algum modo, era até bem *extraordinário.*

— De *que* modo? — perguntou o Abade Arkos, duramente.

— Por exemplo. . . como ele cuspia. E sabia *ler,* penso eu.

O abade fechou os olhos e esfregou as têmporas, exasperado. Como teria sido fácil dizer simplesmente ao menino que o peregrino era apenas uma espécie de velho mendigo, e ordenar-lhe que não pensasse nele senão assim. Mas ao permitir que soubesse que poderia haver dúvida, anulara essa ordem, antes mesmo de proferi-la. Para que se pudesse governar o pensamento, era preciso lhe ordenar que seguisse o que a razão afirmasse; ordenar o contrário seria forçá-lo à desobediência. Como superior sensato, o Abade Arkos não deu ordens imprudentemente, já que era fácil desobedecer e impossível forçar. Mais valeria deixar cair o assunto que mandar e ser desobedecido. Perguntara algo a que ele mesmo não poderia responder racionalmente, por não ter visto o velho, e perdera, portanto, o direito de exigir a resposta.

— Vá embora — disse por fim, sem abrir os olhos.

Meio desconcertado com a agitação na abadia, o Irmão Francis voltou naquele mesmo dia ao deserto para completar seu retiro quaresmal numa triste solidão. Esperara que as relíquias fizessem algum sucesso, mas surpreendera-se com o interesse excessivo que todos tinham mostrado pelo velho peregrino. Falara dele apenas em função do papel que desempenhara acidentalmente, ou por desígnio da Providência, em relação com a descoberta da cripta e das relíquias. Nada mais era para o noviço senão um detalhe mínimo da trama que tinha por centro a relíquia de um santo. Mas os outros noviços tinham ficado mais interessados no peregrino do que nela, e até o abade o tinha chamado, não para indagar a respeito da caixa, mas a respeito do velho. Tinham-lhe feito cem perguntas sobre ele, às quais só tinha podido responder: "não reparei", ou "não estava olhando nesse momento", ou "se ele disse, não me lembro". Algumas das perguntas eram mesmo um pouco estranhas. Por isso, pensava consigo mesmo: "Deveria ter notado? Fui tolo em não observar o que ele fazia? Não prestei bastante atenção ao que disse? Deixei escapar alguma coisa importante porque estava estonteado?"

Ficou meditando nessas coisas na escuridão, enquanto os lobos rondavam seu acampamento e enchiam a noite com seus uivos. Deu conta de si pensando ainda nelas durante o dia, nas horas destinadas à oração e aos exercícios espirituais do retiro vocacional e confessou-o ao Padre Cheroki, na sua primeira visita domingueira. "Você não deve deixar que a imaginação romântica *dos outros* o aborreça; a sua já dá bastante trabalho", disse-lhe o padre, depois de repreendê-lo por se haver descuidado dos exercícios e das orações. "Eles não fazem perguntas a fim de conhecer a verdade; perguntam o que *poderia ser sensacional* se por acaso fosse verdade. É ridículo! Por isso mesmo o reverendo padre abade ordenou ao noviciado inteiro que não falasse mais no assunto." Um momento depois, porém, perguntou desastradamente, com um leve tom de esperança na voz: "Não havia realmente nada no velho que sugerisse o sobrenatural, não é mesmo?"

Francis perguntava-se a mesma coisa. Se houvera algo de sobrenatural, não o tinha notado. Mas então bem pouco notara, a julgar pelo número de perguntas a que não sou-

bera responder. Sentia que seu fracasso como observador tornava-o passível de censura. Fora grato ao peregrino, quando descobriu o abrigo. Mas naquele momento não interpretara os fatos inteiramente de acordo com seus próprios interesses, isto é, com seu próprio desejo de descobrir qualquer indício de que sua vocação à vida monástica não era fruto tanto de sua vontade quanto da graça, iluminando-a sem forçá-la, para que fizesse uma boa escolha. Talvez os fatos tivessem uma significação mais vasta que lhe escapara, por estar absorvido demais no imediato.

"Que opinião tem você de sua execrável vaidade?"

"Minha execrável vaidade é como a do gato da fábula que estudou ornitologia, senhor abade."

Seu desejo de pronunciar os votos finais e perpétuos não seria semelhante ao motivo que levou o gato a se tornar ornitologista? — para que pudesse glorificar sua própria ornitologia devorando esotericamente o *Penthestes atricapillus*, mas jamais comendo filhotes de passarinho? Pois assim como o gato era chamado pela natureza a ser um ornitófago, também Francis era chamado pela sua própria natureza a estudar avidamente tudo o que se conhecia naqueles dias e, porque não havia escolas senão nos mosteiros, tomara o hábito, primeiro como postulante e, mais tarde, como noviço. Mas pensar que Deus, assim como a natureza, o tinha chamado a ser monge professo da ordem. . .

Que mais poderia fazer? Não era possível regressar a Utah, sua terra natal. Quando criança, fora vendido a um feiticeiro que o treinara como criado e acólito. Como fugira, não podia voltar, pois seria submetido à "justiça" da tribo. Roubara a propriedade do feiticeiro (a sua própria pessoa) e, conquanto roubar fosse uma profissão honrosa no Utah, ser apanhado era um crime capital, quando o lesado era o feiticeiro-chefe da tribo. Nem gostaria de voltar à vida relativamente primitiva de um iletrado povo de pastores, depois de haver recebido instrução na abadia.

Mas que fazer? O continente era pouco habitado. Pensou no mapa da parede da biblioteca da abadia e na esparsa distribuição de áreas, se não civilizadas, pelo menos com alguma ordem civil estabelecida, onde vigorava uma forma de soberania legítima, superior à tribo. O resto do continente era povoado por selvagens ou simplesmente por tribos organizadas aqui e ali em pequenas comunidades, vivendo da caça e de uma agricultura primitiva, e cujo índice de natalidade mal dava (descontando os monstros e os mal-

nascidos) para sustentar a população. As principais atividades do continente, excetuando algumas regiões litorâneas, eram a caça, a pequena agricultura, a guerra e a feitiçaria — esta última a mais promissora carreira para os jovens que desejavam, mais do que tudo, riqueza e prestígio.

A instrução que Francis recebera na abadia não o preparava para nada de prático num mundo obscuro, ignorante e terra a terra, onde a cultura intelectual era inexistente e onde, portanto, um jovem letrado nenhuma utilidade tinha numa comunidade, a menos que soubesse plantar, guerrear, caçar ou demonstrasse especial talento para roubar as outras tribos ou adivinhar a localização de água e de metais úteis. Mesmo nos esparsos locais em que existia uma forma de poder civil, as letras de Francis de nada serviriam, se tivesse que viver longe da Igreja. Era verdade que os pequenos barões, às vezes, empregavam um ou dois escribas, mas tais casos eram raríssimos e os monges e leigos instruídos nas abadias eram logo convidados para ocupá-los.

A única demanda de escribas e secretários vinha da própria Igreja, cuja ténue rede hierárquica estendia-se pelo continente (e às vezes até regiões remotíssimas, apesar de os bispos distantes serem soberanos praticamente autônomos, sujeitos à Santa Sé em teoria e só raramente na prática, isolados como estavam de Nova Roma menos pelo cisma do que por oceanos quase nunca transpostos) e só podia conservar-se unida por um sistema de comunicações. A Igreja se tornara, por coincidência e sem que o tivesse querido expressamente, o único meio de transmissão de notícias de um lugar para outro, através do continente. Se a peste grassava no nordeste, logo se sabia no sudoeste, em virtude do que relatavam repetidas vezes os mensageiros da Igreja, vindo de Nova Roma e voltando para lá.

Se a infiltração de nómades ameaçava uma diocese cristã no distante noroeste, uma carta encíclica logo era lida dos púlpitos até o extremo sul e leste, avisando do perigo e estendendo a bênção apostólica aos "homens de qualquer condição que, sendo adestrados em armas e podendo fazer a jornada, se disponham piedosamente a compreendê-la, a fim de jurar fidelidade ao Nosso bem-amado filho, N., soberano legítimo daquele lugar, por tanto tempo quanto for necessário para manter os exercícios em defesa dos cristãos contra as hordas pagãs que se avolumam, e cuja feroz selvageria é conhecida de muitos e que, para Nosso profundo desgosto, torturaram, assassinaram e devoraram aqueles sa-

cerdotes de Deus que lhes tínhamos enviado para dizer-lhes que entrassem como cordeiros no campo do Cordeiro, de cujo rebanho na Terra somos o Pastor; pois, apesar de nunca desesperarmos nem cessarmos de orar para que esses nômades filhos das trevas sejam levados à luz e entrem em paz nos Nossos domínios (pois não se deve pensar em repelir estrangeiros pacíficos de uma terra tão vasta e vazia; não, devem ser bem-vindos os que vêm pacificamente, mesmo se forem estranhos à Igreja visível e ao seu Divino Fundador, desde que obedeçam à Lei Natural que está gravada nos corações de todos os homens, ligando-os em espírito a Cristo, mesmo quando ignorantes do Seu Nome), é, no entanto, aconselhável, conveniente e prudente que a Cristandade, enquanto reza pela paz e pela conversão do gentio, se prepare para a defesa no noroeste, onde as hordas se agrupam e os incidentes de selvageria pagã têm, ultimamente, aumentado; e sobre cada um de vós, bem-amados filhos, que tomais armas e viajais para o noroeste para unir vossas forças aos que se preparam para defender legitimamente suas terras, lares e igrejas, estendemos e concedemos, como penhor de Nossa especial afeição, a Bênção Apostólica".

Francis tinha pensado ligeiramente em ir para o noroeste se falhasse sua vocação para a ordem. Mas, apesar de forte e bem adestrado na espada e no arco, era de pequena estatura e pouco peso, ao passo que os pagãos — de acordo com o que se dizia — tinham mais de dois metros de altura. Não sabia se tais rumores eram verdadeiros, mas não tinha razão para descrer deles.

A não ser morrer em combate, muito pouco havia a fazer com a vida — ou que valesse a pena fazer — se não pudesse dedicar-se à ordem.

A certeza que tinha de sua vocação não fora destruída, mas somente um pouco abalada pelo castigo que o abade lhe administrara e pela lembrança do gato que se tornara ornitologista, quando a natureza o chamava a ser apenas ornitófago. Ficou tão infeliz com esses pensamentos que quase sucumbiu à tentação. Foi assim que, no Domingo de Ramos, quando só faltava jejuar seis dias até o fim da Quaresma, o Prior Cheroki ouviu dele (ou de seus murchos e estorricados restos, onde a alma parecia enquistada) uns poucos sons ásperos que constituíram talvez a mais sucinta confissão que jamais fizera, ou que o padre ouvira:

— Perdoe-me, padre; comi um lagarto.

O Prior Cheroki, que, por muitos anos, fora confessor de penitentes que jejuavam, percebeu que o hábito lhe dera, como ao coveiro da fábula, "uma certa facilidade", e respondeu com perfeita equanimidade e até mesmo sem pestanejar:

— Foi em dia de abstinência e estava preparado artificialmente?

A Semana Santa seria menos monótona que as primeiras semanas da Quaresma, se os eremitas ainda fossem capazes de ouvir alguma coisa, pois uma parte da liturgia da Paixão se desenrolava fora dos muros da abadia a fim de chegar até os penitentes; duas vezes a Eucaristia lhes era levada e, na Quinta-Feira Santa, o próprio abade fazia a ronda, com Cheroki e treze monges, para realizar o lava-pés em cada eremitério. As vestimentas do Abade Arkos eram ocultas por um manto e capuz, e o leão parecia quase tão humilde quanto um gatinho ao se ajoelhar para lavar e beijar os pés de seus súditos jejuadores, com a máxima economia de movimentos e o mínimo de floreios e exibição, enquanto os outros cantavam as antífonas. *"Mandatum novum do vobis: ut diligatis invicem..."* Na Sexta-Feira Santa, na Procissão da Paixão, trazia um crucifixo velado e parava em cada eremitério para descobri-lo lentamente diante do penitente, levantando o pano centímetro por centímetro para a Adoração, enquanto os monges entoavam os Impropérios:

"Meu povo, que te fiz eu ou em que te contristei? Responde-me. . . Eu te exaltei com grande poder: e tu me suspendeste no patíbulo da Cruz. . ."

E, depois, o Sábado Santo.

Os monges recolhiam os penitentes, um a um — famintos e delirantes. Francis estava quinze quilos mais leve e muito mais fraco do que na Quarta-Feira de Cinzas. Quando o puseram de pé em sua cela, cambaleou e, antes que alcançasse o catre, caiu. Os irmãos o deitaram, lavaram, barbearam e ungiram sua pele ressequida enquanto ele, delirando, falava em alguém cingido com um saco, a quem se dirigia como se fosse ora um anjo, ora um santo; invocando sempre o nome de Leibowitz e procurando desculpar-se.

Os irmãos, proibidos pelo abade de falar no assunto, apenas trocaram olhares significativos e sacudiram misteriosamente as cabeças.

Rumores a respeito disso acabaram chegando até o abade.

— Tragam-no aqui — grunhiu ele, assim que soube que Francis já podia andar. O tom de sua voz fez com que o monge a quem dera a ordem desaparecesse prontamente.

— Você nega que tenha dito essas coisas? — rosnou Arkos.

— Não me lembro de tê-las dito, senhor abade — disse o noviço olhando para a chibata do seu superior. — É possível que tenha delirado.

— Suponho que você estivesse *delirando*. . . Você as diria outra vez agora?

— Diria que o peregrino era o Beato? Oh, não, *magister meus.*

— Então afirme o contrário.

— Não *creio* que o peregrino fosse o Beato.

— Por que não diz positivamente: *ele não era o Beato?*

— Bem, nunca tendo visto o Beato Leibowitz em pessoa, eu não poderia. . .

— Basta! — ordenou o abade. — Já é *demais.* Não quero mais ver você ou ouvir falar em você por muito tempo. *Fora!* E mais uma coisa: NÃO espere professar com os outros este ano. Você não o poderá fazer.

Para Francis foi como se tivesse recebido no estômago uma pancada com uma acha de lenha.

Na abadia, o peregrino continuou a ser assunto proibido. Com respeito às relíquias e ao abrigo do Dilúvio Nuclear, porém, a proibição foi sendo afrouxada aos poucos — exceto para Francis, que permaneceu obrigado a não falar nessas coisas e a pensar nelas o menos possível. Mesmo assim, não podia deixar de ouvir os rumores e ficou sabendo que, numa das oficinas da abadia, os monges trabalhavam no documento que encontrara e em outros que tinham sido retirados da escrivaninha antiga, antes que o abade ordenasse o fechamento do abrigo.

Fechado! A notícia abalou o Irmão Francis. Além de

sua própria aventura, não houvera outras tentativas de penetrar mais adiante nos segredos do abrigo, a não ser para abrir a escrivaninha que ele mesmo procurara abrir antes de ver a caixa. *Fechado!* Sem descobrir o que havia do outro lado da porta interna marcada "Comporta Dois" e examinar o "Local Selado". Sem mesmo remover as pedras ou os ossos. *Fechado!* A investigação interrompida de repente, sem causa plausível.

Então começou um rumor.

"Emily tinha um dente de ouro. Emily tinha um dente de ouro. Emily tinha um dente de ouro." Era, na verdade, perfeitamente certo. Tratava-se de uma dessas trivialidades históricas que, de algum modo, conseguem ficar na memória dos vivos, em lugar dos fatos importantes que deveriam ser lembrados mas que nunca foram registrados, obrigando algum historiador monástico do futuro a escrever: "Nada do que contém a *Memorabilia* ou qualquer fonte arqueológica, até agora descoberta, revela o nome do chefe que ocupava o Palácio Branco durante a sexta década do século XX, apesar de o Padre Barcus afirmar, com suficiente base, que seu nome era. . ."

E, no entanto, estava claramente registrado na *Memorabilia* que Emily tinha um dente de ouro.

Não foi surpreendente que o senhor abade ordenasse o fechamento da cripta dali por diante. Lembrando-se de que suspendera o antigo crânio e o virara de encontro à parede, o Irmão Francis, de repente, pôs-se a temer a ira celeste. Emily Leibowitz desaparecera da face da Terra no princípio do Dilúvio de Fogo e só depois de muitos anos seu viúvo convencera-se de sua morte.

Dizia-se que Deus, para provar a humanidade que se tinha enchido de orgulho como no tempo de Noé, mandara que os sábios da época, entre os quais o Beato Leibowitz, inventassem grandes máquinas de guerra nunca antes vistas na Terra, providas de tal poder que continham o próprio fogo do Inferno, e que permitira que os magos as colocassem nas mãos dos príncipes dizendo a cada um: "Somente porque os inimigos possuem essas coisas, inventamos essas armas para teu uso, a fim de que saibam que tu também as possuis, e temam atacar. Cuida, meu senhor, de temê-los tanto quanto temem a ti, de modo que nenhum desencadeie essa horrível coisa que construímos".

Mas os príncipes, não fazendo caso do que diziam os

sábios, pensaram cada um de si para si: se eu atacar depressa e em segredo, destruirei os outros enquanto dormem e não haverá luta; a Terra será minha.

Essa foi a loucura dos príncipes e seguiu-se o Dilúvio de Fogo.

Dentro de algumas semanas — há quem diga dias — tudo terminou, depois de desencadeado o fogo do Inferno. As cidades ficaram reduzidas a montões de vidro rodeados por vastas extensões de estilhaços de pedras. As nações desapareceram do mundo e a terra cobriu-se de corpos de homens e de bestas de toda espécie, de pássaros e de tudo quanto voa; tudo o que nadava nos rios subiu para a relva ou escondeu-se em tocas; tendo adoecido e perecido, cobriram a terra, mas naqueles lugares em que os demônios do Dilúvio infestavam os campos, os corpos não apodreciam, a não ser quando em contato com a terra fértil. As grandes nuvens da ira engolfaram as florestas e os campos, ressecando as árvores e matando as colheitas. Havia grandes desertos onde já houvera vida e, nesses lugares, onde ainda existiam homens, todos sofreram com o ar envenenado e muitos morreram; e até nas terras não atingidas pelas armas houve muitas mortes causadas pelo veneno do ar.

Em todas as partes do mundo os homens fugiram de um lugar para outro e houve confusão de línguas. Muita ira acendeu-se contra os príncipes e seus servos e contra os magos que tinham inventado as armas. Passaram-se os anos e a Terra não foi purificada. Assim estava bem registrado na *Memorabilia.*

Da confusão das línguas, da mistura dos remanescentes de muitas nações, do medo, nasceu o ódio. E o ódio disse: "Apedrejemos e estripemos e queimemos os que fizeram isso. Façamos um holocausto dos que deram causa a esse crime, e de seus criados e seus sábios; que pereçam pelo fogo, com suas obras, seus nomes, e até a lembrança deles desapareça. Destruamo-los todos, e ensinemos a nossos filhos que o mundo é novo, de modo que nada saibam do que aconteceu antes. Façamos uma grande simplificação, e então o mundo começará outra vez".

Assim foi que, depois do Dilúvio Nuclear, da peste, da loucura, da confusão das línguas, da fúria, começou a sangria da Simplificação, depois de os remanescentes da humanidade se terem dilacerado uns aos outros, matando os governantes, cientistas, líderes, técnicos, professores e todos aqueles que os chefes das turbas enlouquecidas diziam

que mereciam a morte por terem concorrido para fazer da Terra o que ela agora era. Nada fora tão detestável aos olhos dessa populaça como os homens de saber, a princípio porque estavam a serviço dos príncipes e, depois, porque se recusavam a aderir ao derramamento de sangue e tentavam se opor a ela, qualificando os que a compunham de "simplórios sanguinários".

Alegremente aceitaram o apelido e começaram a gritar: "Simplórios! Sim, sim! Sou um simplório! Você é um simplório? Construiremos uma cidade que se chamará Cidade Simples, porque então todos os espertalhões que causaram tudo isso já estarão mortos! Simplórios! Vamos! Mostremos a eles quem somos! Alguém aqui não é simplório? Que morra!"

Para escapar da fúria dos bandos, os poucos homens instruídos que sobreviveram refugiaram-se nos santuários que encontraram em seus caminhos. A Santa Igreja, ao recebê-los, vestiu-os de monges e procurou escondê-los nos mosteiros e conventos que tinham escapado da destruição e podiam ser habitados, pois os religiosos eram menos desprezados pela multidão, exceto quando abertamente a desafiavam e aceitavam o martírio. Algumas vezes tais santuários eram respeitados, outras, não. Os mosteiros eram invadidos, os registros e os livros sagrados queimados, os refugiados aprisionados e sumariamente enforcados ou mortos na fogueira. A Simplificação cessara de obedecer a qualquer plano ou propósito logo depois de ter começado, e tornou-se um frenesi insano de assassinato e destruição das massas, como só ocorre quando já não há mais vestígio de ordem social. A loucura foi transmitida às crianças que tinham aprendido não só a esquecer, mas a odiar, e vagas de fúria reapareceram esporadicamente até na quarta geração depois do Dilúvio. Então, não mais se destruíam os sábios, que já não existiam, mas os simples alfabetizados.

Isaac Edward Leibowitz, depois de procurar em vão sua mulher, fugira para o convento dos cistercienses, onde ficou escondido durante os anos que se seguiram ao Dilúvio. Passados seis anos, mais uma vez saíra à procura de Emily ou de seu túmulo, no distante sudoeste. Lá, afinal, convenceu-se de que ela morrera, pois a morte triunfara totalmente naquele lugar. Ali, no deserto, tranquilamente, fez um juramento. Depois regressou aos cistercienses, tomou o hábito deles e, passados alguns anos, foi ordenado sacerdote. Reuniu alguns companheiros em volta de si e pro-

pôs-lhes seus planos. Passados mais alguns anos, esses planos chegaram a "Roma", que não mais era Roma (a cidade não mais existia), tendo-se mudado para outros lugares muitas e muitas vezes, em menos de duas décadas, depois de ter ficado no mesmo lugar durante dois milénios. Doze anos depois de formular seus planos, o Padre Isaac Edward Leibowitz recebera da Santa Sé a permissão para fundar uma nova comunidade de religiosos a ser conhecida pelo nome de Alberto Magno, professor de Santo Tomás e patrono dos homens de ciência. A finalidade da nova ordem, se bem que não anunciada e, a princípio, apenas vagamente definida, seria conservar a história da humanidade para os descendentes dos filhos daqueles mesmos simplórios que a queriam destruir. Seu hábito primitivo consistiu em sacos esfarrapados e um alforje — o uniforme dos simplórios. Seus membros eram "coletores de livros" ou "memorizadores", conforme as tarefas que lhes eram atribuídas. Os coletores arrebanhavam livros, fugiam para o deserto do sudoeste e os enterravam em pequenos barris. Os memorizadores decoravam volumes inteiros de história, escritura sagrada, literatura e ciência, caso um dos coletores fosse preso, torturado e forçado a revelar a localização dos barris. Enquanto isso, outros membros da ordem encontraram uma nascente de água pura a três dias de viagem do esconderijo dos livros e começaram a construir um mosteiro. O projeto, destinado a salvar um pequeno remanescente da cultura da humanidade que a queria destruir, começava então a se delinear.

Leibowitz, enquanto desempenhava suas funções de coletor de livros, foi aprisionado pelos simplórios. Um técnico, que aderira à multidão e a quem o padre logo perdoou, identificou-o não só como homem de ciência, mas como especialista na fabricação de armas. Coberto com um saco, foi martirizado por estrangulamento com uma corda cujo nó corria lentamente e, ao mesmo tempo, queimado vivo — o que deu lugar a uma discussão entre a turba sobre a melhor maneira de executá-lo.

Os memorizadores eram poucos e suas memórias, limitadas.

Alguns dos barris de livros foram encontrados e queimados, como também o foram vários outros monges coletores. O próprio mosteiro foi atacado três vezes antes que a loucura esmorecesse.

De todo o vasto acervo de conhecimentos humanos, somente uns poucos barris com originais e uma pobre co-

leção de textos ditados pelos memorizadores e escritos à mão sobraram na biblioteca da ordem, quando a fúria passou.

Agora, depois de seis séculos de trevas, os monges ainda conservavam essa *Memorabilia* que estudavam, copiavam e recopiavam, aguardando pacientemente. No princípio, ainda no tempo de Leibowitz, esperara-se — e mesmo antecipara-se como provável — que a quarta ou quinta geração quisesse reaver a sua herança. Mas os monges daqueles dias não tinham contado com a habilidade humana de construir uma nova herança cultural no espaço de duas gerações, quando as que passaram foram totalmente destruídas, e formá-la por meio de legisladores e profetas, génios e maníacos; através de um Moisés ou de um Hitler, ou de um ancestral ignorante e tirânico, pode-se adquirir uma herança cultural da noite para o dia, e muitas foram assim adquiridas. Mas a nova "cultura" era uma herança das trevas e nela "simplório" tinha o mesmo significado que "cidadão" ou "escravo". Os monges aguardavam. Não importava que os conhecimentos que tinham conservado fossem inúteis e que nem eles próprios os compreendessem mais, como não os compreenderiam os jovens iletrados e selvagens que habitavam os montes; esses conhecimentos já nada significavam. No entanto, eles tinham a estrutura simbólica característica, e essa, ao menos, podia ser seguida. Observar a maneira pela qual é construído um sistema de conhecimentos já era aprender um mínimo daqueles conhecimentos, até que um dia — um dia ou um século — um Integrador aparecesse e tudo ganhasse sentido outra vez. Por isso, não importava que o tempo passasse. A *Memorabilia* ali estava e era dever dos monges conservá-la, e eles a conservariam mesmo que as trevas durassem mais dez séculos ou dez mil anos, pois, apesar de nascidos na mais obscura das épocas, ainda eram os coletores de livros e memorizadores instituídos pelo Beato Leibowitz; e quando se afastavam da abadia em viagem, cada um dos professores da ordem — fosse ele ajudante no estábulo ou o Dom Abade — levava, como parte do hábito, um livro, em geral um breviário, amarrado no alforje.

Depois de fechado o abrigo, os documentos e relíquias que tinham sido retirados foram sendo, aos poucos, recolhidos pelo abade e, segundo se presumia, trancados em seu escritório. Por esse motivo, era impossível examiná-los. Para fins práticos, tinham desaparecido. Como tudo o que desapa-

recia ao chegar ao escritório do abade, tornavam-se um assunto arriscado para as discussões em público. Falava-se deles em voz baixa pelos corredores. O Irmão Francis quase nunca ouvia essas coisas. Finalmente, o assunto morreu e só reviveu quando um mensageiro de Nova Roma foi visto a confabular com o abade uma noite, no refeitório. Uma ou outra palavra do que conversavam chegou às mesas mais próximas. Os comentários em voz baixa duraram algumas semanas depois da partida do mensageiro e depois cessaram outra vez.

O Irmão Francis Gerard, de Utah, voltou ao deserto no ano seguinte e jejuou outra vez na solidão. Mais uma vez regressou enfraquecido e magro e mais uma vez foi chamado à presença do Abade Arkos, que perguntou se ele tivera mais algumas conferências com membros das Hostes Celestes.

— Oh, não, senhor abade. Só havia as aves de rapina durante o dia.

— E durante a noite? — indagou Arkos com desconfiança.

— Somente lobos — respondeu Francis e ajuntou cautelosamente: — penso eu.

Arkos preferiu não discutir a ressalva e franziu a testa. A carranca do abade, segundo o Irmão Francis já observara, era a fonte causadora da radiosa energia que atravessara o espaço em limitada velocidade e que não era bem compreendida a não ser em termos de seus escorchantes efeitos no que a absorvia, que era, habitualmente, um postulante ou um noviço. Francis já a observava por cinco minutos, quando veio a segunda pergunta.

— E quanto ao ano passado?

O noviço engoliu em seco. — O. . . o velho?

— O velho.

— Sim, Dom Arkos.

Tentando falar sem qualquer inflexão interrogativa, Arkos zumbiu: — Apenas um velho. Nada mais. Já estamos certos.

— *Penso* também que era apenas um velho.

O Padre Arkos, com ar fatigado, segurou a chibata de junco.

PAF!

— *Deo gratias !!*

PAF!

— *Deo. . .*

Quando Francis, já no corredor, voltava a sua cela, ouviu a voz do abade: — A propósito, queria dizer. . .

— Sim, revedendo padre.

— Nada de votos este ano — disse distraidamente, e desapareceu no seu escritório.

O Irmão Francis passou sete anos no noviciado, fez sete retiros no deserto e tornou-se altamente proficiente na imitação dos uivos dos lobos. Para divertimento de seus irmãos, chamava a matilha à vizinhança da abadia, uivando do alto dos muros depois do pôr-do-sol. De dia, servia na cozinha, esfregava o chão de pedras e continuava a freqüentar as aulas em que se estudava a Antiguidade.

Um dia, o mensageiro de um seminário de Nova Roma chegou à abadia montado num burro. Depois de conferenciar longamente com o abade, procurou o Irmão Francis. Pareceu surpreso ao encontrar o jovem, já homem feito, ainda usando o hábito de noviço e esfregando o chão da cozinha.

— Temos estudado os documentos que você descobriu há alguns anos — disse ao noviço. — Muitos de nós estamos convencidos de que são autênticos.

Francis abaixou a cabeça. — Não tenho permissão de falar nesse assunto, padre — disse ele.

— Ah, muito bem. — O mensageiro sorriu e passou-lhe um pedaço de papel com o selo do abade e com as seguintes palavras escritas de próprio punho: *"Ecce Inquisitor Curiae. Ausculta et obsequere. Arkos, A. O. L., Abbas".*

— Está tudo em ordem — ajuntou depressa, notando a súbita tensão do noviço. — Não estou falando oficialmente com você. Outro membro do tribunal ouvirá suas declarações mais tarde. Você sabe, certamente, que seus papéis estão em Nova Roma há algum tempo, não? Trouxe alguns de volta.

O Irmão Francis sacudiu a cabeça. Sabia menos, talvez, do que qualquer outro acerca das reações das autoridades a respeito das relíquias que descobrira. Reparou que o mensageiro usava o hábito branco dos dominicanos e perguntou-

se com certa ansiedade qual seria a natureza do "tribunal" a que aludira. Havia uma inquisição contra o "catarismo" na região da costa do Pacífico, mas não podia imaginar o que teria a ver *esse* tribunal com as relíquias do Beato. *"Ecce Inquisitor Curiae",* dizia a nota. Provavelmente o abade quisera dizer "investigador". O dominicano parecia um homem pacato e não trazia consigo instrumentos visíveis de tortura.

— Esperamos que a causa da canonização de seu fundador seja reaberta dentro de pouco tempo — explicou o mensageiro. — O seu Abade Arkos é um homem muito sábio e prudente. — Riu. — Entregando as relíquias ao exame de outra ordem e fazendo selar o abrigo antes que fosse inteiramente explorado. . . Bem, você entende, não é?

— Não, padre. Supunha que tudo fosse muito sem importância para fazer alguém perder tempo.

O frade riu. — Sem importância? Não creio. Mas se a *sua* ordem apresentar provas, relíquias, milagres, ou seja o que for, o tribunal terá de examinar a fonte. *Toda* a comunidade religiosa está ansiosa para ver seu fundador canonizado. Por isso, o seu abade, muito sabiamente, disse a vocês: "Afastem-se do abrigo". Tenho certeza de que vocês todos ficaram frustrados, mas foi melhor para a causa do fundador deixar que o abrigo fosse explorado na presença de outras testemunhas.

— O senhor vai reabri-lo? — perguntou Francis, ansiosamente.

— Não, eu não. Mas quando julgar oportuno, o tribunal enviará observadores. Então tudo o que for encontrado no abrigo que possa afetar a causa estará em segurança, caso a oposição duvide de sua autenticidade. Naturalmente a única razão para suspeitar que contenha algo dessa natureza é. . . bem, o que você encontrou.

— Posso saber por que razão, padre?

— Bem, uma das maiores dificuldades no tempo da beatificação foi a juventude do Beato Leibowitz — antes que se tornasse monge e sacerdote. — O *advocatus diaboli* (advogado do diabo) não desistia de lançar dúvidas sobre aquele período de antes do Dilúvio. Procurava estabelecer que Leibowitz não procurara bastante — que sua mulher poderia estar viva quando ele se ordenara; às vezes se concediam dispensas — mas isso é outra coisa. O que o advogado do diabo queria era lançar dúvida quanto ao caráter do fundador. Tentou sugerir que ele recebera as

ordens sacras e pronunciara os votos antes de se certificar de que já não tinha responsabilidades de família. — A tentativa falhou, mas pode recomeçar. E se aqueles restos humanos que você encontrou realmente forem. . . — Sacudiu os ombros e sorriu.

Francis concordou. — Saberíamos com certeza a data em que ela morreu.

— No princípio da guerra que exterminou tudo. Na minha opinião. . . bem, aquela escrita na caixa é a do Beato ou então uma ótima falsificação.

Francis corou.

— Não estou sugerindo que você se tenha envolvido em falsificações — ajuntou depressa o dominicano, ao notá-lo.

O noviço, porém, apenas se lembrara do juízo que fizera dos rabiscos.

— Diga-me, como aconteceu? Como foi que você localizou o abrigo? Preciso conhecer a história inteira.

— Começou por causa dos lobos.

O dominicano pôs-se a tomar notas

Poucos dias depois da partida do mensageiro, o Abade Arkos mandou chamar o Irmão Francis. — Você ainda pensa que tem vocação para ficar conosco? — perguntou com afabilidade.

— Se o senhor abade perdoar a minha execrável vaidade . . .

— Esqueçamos um pouco a sua execrável vaidade. Pensa ou não pensa?

— Sim, *magister meus.*

O abade exultou. — Muito bem, então, meu filho. Também eu penso assim. Se você quer se obrigar para sempre, então é tempo de fazer sua profissão solene. — Interrompeu-se um instante e, observando a fisionomia do noviço, pareceu desapontado por não notar qualquer mudança de expressão. — O que é isso? Você não está contente? Não está? Oh! O que é que você tem?

O rosto de Francis não se alterara, mas aos poucos perdera a cor. Seus joelhos dobraram-se de repente. Desmaiara.

Duas semanas depois, o noviço Francis, tendo batido, talvez, um recorde de resistência nos seus retiros no deserto, deixou as fileiras do noviciado e, fazendo os votos perpétuos de pobreza, castidade e obediência, juntamente com os

demais votos próprios da comunidade, recebeu bênçãos e um alforje, tornando-se para sempre um monge professo da Ordem Albertiana de Leibowitz, e preso a cadeias por ele mesmo forjadas, à Cruz e à regra da sua congregação. Três vezes o ritual interrogou-o: — Se Deus te chamou a ser seu Coletor de Livros, estás antes disposto a sofrer a morte do que a trair teus irmãos? — E três vezes Francis respondeu: — Sim, senhor.

— Então levantai-vos, irmãos coletores de livros e irmãos memorizadores, e recebei o beijo da fraternidade. *Ecce quam bonum et quam jucundum. . .*

O Irmão Francis foi retirado da cozinha e encarregado de um trabalho menos servil. Tornou-se aprendiz copista sob as ordens de um velho monge chamado Horner e, se tudo corresse bem, poderia razoavelmente esperar passar a vida na sala dos copistas, onde dedicaria o resto de seus dias a copiar textos de álgebra e a iluminar páginas com folhas de oliveira e alegres querubins rodeando tábuas de logaritmos.

O Irmão Horner era um velho afável, e o Irmão Francis gostou dele desde o início. — Muitos trabalham melhor nas cópias que recebem — disse-lhe Horner — se têm também algo de seu para fazer. Alguns se interessam por determinadas partes da *Memorabilia* e gostam de passar algum tempo extra a trabalhar nelas. Por exemplo, o Irmão Sarl, ali adiante: o trabalho dele se arrastava e estava ficando cheio de imperfeições. Por isso deixamos que, todos os dias, ele passasse uma hora executando uma tarefa de sua escolha. Assim, quando a cópia fica tão enfadonha que ele começa a errar, pode pô-la de lado e fazer um pouco do seu próprio trabalho. Permito que todos façam o mesmo. Se você terminar sua tarefa diária antes do fim do dia e não tiver um trabalho seu em que se ocupar, terá de passar o tempo extra nos nossos "perenes".

— Perenes?

— Sim, e não quero dizer plantas. Há uma demanda perene de vários livros para o clero: missais, Escrituras, breviários, e a *summa,* enciclopédias, etc. Vendemos grandes quantidades deles. Por isso, quando estiver sem um trabalho seu, copiará os perenes, nos dias em que sobrar tempo. Você pode decidir, sem pressa, que trabalho escolherá.

— Que escolheu o Irmão Sarl?

O velho supervisor fez uma pausa. — Bem, duvido que você entenda o que ele faz. Eu não entendo. Ele parece

que encontrou um meio de restaurar palavras e frases que faltam em alguns dos velhos fragmentos do texto original da *Memorabilia.* Às vezes o interior de algum livro meio queimado ainda é legível, mas a beira direita de cada folha está destruída e faltam palavras no fim de cada linha. Ele descobriu um método matemático para achar essas palavras. Não é infalível, mas dá algum resultado. Conseguiu restaurar quatro páginas inteiras desde que começou a tentar.

O aprendiz olhou para o Irmão Sarl, que era octogenário e quase cego. — Quanto tempo levou para fazê-lo? — perguntou.

— Quase quarenta anos — disse o Irmão Horner. — Naturalmente ele só passou mais ou menos cinco horas por semana nesse trabalho, que exige muita aritmética.

Francis sacudiu a cabeça, pensativo. — Se em dez anos se pode restaurar uma página, talvez em poucos séculos. . .

— Possivelmente menos — disse o Irmão Sarl com sua voz alquebrada e sem levantar os olhos do trabalho. — Quanto mais se faz, mais depressa acaba o que fica por fazer. Aprontarei a próxima página dentro de dois anos. Depois, se Deus quiser, talvez... — sua voz foi se perdendo no meio dos pergaminhos. Francis observou que o Irmão Sarl frequentemente falava consigo mesmo enquanto trabalhava.

— Faça como preferir — disse o Irmão Horner. — Sempre precisamos de ajuda para os perenes, mas você pode escolher seu próprio trabalho, quando quiser.

Como uma inesperada labareda, uma ideia atravessou a mente do Irmão Francis. — Posso aproveitar o tempo — disse antes que pudesse pensar — fazendo uma cópia da planta de Leibowitz que encontrei?

O Irmão Horner, por um momento, pareceu perturbado. — Não sei, filho. O nosso senhor abade é um pouco sensível quando se trata disso. E o assunto ainda não entrou para a *Memorabilia.* Está no arquivo pendente, à espera de uma decisão.

— Mas o senhor *sabe* que essas plantas desbotam, irmão. E a de Leibowitz tem sido muito exposta à luz. Os dominicanos a conservaram em Nova Roma por tanto tempo. . .

— Bem. . . suponho que seja um trabalho rápido, se o Padre Arkos não se opuser, mas. . . — sacudiu a cabeça, na dúvida.

— Talvez pudesse incluí-la entre outras — disse Francis rapidamente. — As poucas plantas que temos são tão

velhas e quebradiças. Se eu fizesse várias duplicatas. . . de algumas das outras. . .

Horner deu um sorriso torto. — O que você sugere é que, se incluir a planta de Leibowitz numa série, talvez não seja apanhado.

Francis corou.

— O Padre Arkos talvez nem a note, se vier até aqui.

Francis encolheu-se.

— Está bem — disse Horner, piscando de leve os olhos. — Você pode utilizar seu tempo livre fazendo duplicatas de qualquer cópia impressa que esteja em más condições. Se qualquer outra coisa se misturar a elas, farei o possível para não notar.

O Irmão Francis passou vários meses do seu tempo livre desenhando cópias dos mais antigos impressos da *Memorabilia* antes de ousar tocar na planta de Leibowitz. De toda maneira, para serem conservados, os velhos desenhos tinham de ser recopiados de dois em dois séculos. Não só os originais desbotavam, como também as cópias ficavam ilegíveis depois de algum tempo, devido à qualidade das tintas que eram empregadas. Não tinha a menor noção do motivo por que os antigos tinham usado linhas e letras brancas sobre fundo escuro, de preferência ao contrário. Quando ele reesboçava um desenho em carvão, mudando, portanto, o fundo, a figura parecia muito mais real do que o branco sobre o preto, mas os antigos eram imensamente mais sábios do que ele; se tinham posto tinta onde o papel naturalmente seria branco e deixado listras brancas onde, num desenho normal, devia haver um traço de tinta, é que tinham suas razões. Francis recopiava os documentos de modo que ficassem tanto quanto possível iguais aos originais — apesar de ser enfadonho espalhar toda aquela tinta azul em volta de pequeninas letras brancas e gastar tinta demais, o que fazia gemer o Irmão Horner.

Copiou uma planta arquitetônica, depois o desenho de uma peça de máquina em que a geometria era aparente, mas cuja finalidade era vaga. Recopiou uns números abstratos intitulados "STATOR WNDG MOD 73-A 3-HP 6-P 1800-RPM 5-HP CL-A GAIOLA DE ESQUILO" que eram completamente incompreensíveis e não pareciam de todo capazes de conter um esquilo. Os antigos eram muitas vezes sutis; talvez precisassem de uma série especial de espelhos

para ver o esquilo. De qualquer forma, recopiou tudo com o máximo cuidado.

Somente depois que o abade, numa de suas visitas ocasionais à sala dos copistas, o viu ao menos três vezes trabalhando numa outra planta (duas vezes Arkos se detivera para olhar rapidamente o que ele fazia), teve a necessária coragem para procurar a de Leibowitz nos arquivos da *Memorabilia*, quase um ano depois de haver começado seu labor das horas livres.

O documento original já tinha sido submetido a algum trabalho de restauração. Não fosse o fato de trazer o nome do Beato, era desapontadoramente igual a quase todos os que tinha copiado.

A planta de Leibowitz, outra abstração, não se parecia com nada e nada recordava à razão. Estudou-a até ver aquela espantosa complexidade com os olhos fechados, mas nem assim ficou sabendo nada mais. Parecia não ser senão uma rede de linhas ligando entre si uma quantidade de sinais sem sentido para Francis. As linhas eram quase todas horizontais ou verticais e cruzavam-se em pontos marcados com um sinal ou um ponto; sempre formavam um ângulo reto para chegar a outro determinado sinal; havia finalmente ainda outros que só apareciam no final das linhas. Tudo era tão incompreensível que, depois de se olhar fixamente durante algum tempo, ficava-se apatetado. Não obstante, pôs-se a copiar cada detalhe, até mesmo a mancha marrom que havia no centro e que pensou que bem poderia ser o sangue do Beato Mártir, mas que o Irmão Jeris sugeriu ser apenas a mancha deixada por um caroço de maçã apodrecido.

O Irmão Jeris, que fora admitido como aprendiz juntamente com o Irmão Francis, pareceu gostar de caçoar com este a respeito do trabalho de sua escolha. — Por favor — disse, olhando por cima do ombro de Francis —, o que significa " Sistema de Controle Eletrônico para a Unidade 6-B", ilustre irmão?

— É claramente o título do documento — respondeu Francis um pouco irritado.

— Claramente. Mas que significa?

— É o *nome* do diagrama que está diante de seus olhos, Irmão Simplório. Que significa "Jeris"?

— Muito pouco, estou certo — disse o Irmão Jeris, com ar modesto. — Perdoe a minha pouca inteligência, por favor. Você definiu bem o nome apontando para a criatura que o traz, e que é realmente seu significado. Mas a criatura-

diagrama em si mesma representa qualquer coisa, não é mesmo? Que representa ela?

— O Sistema de Controle Eletrônico para a Unidade 6-B, é óbvio.

Jeris riu. — Claríssimo! Eloqüente! Se a criatura é o nome, então o nome é a criatura. "Os iguais podem ser substituídos por iguais", ou "A ordem dos fatores não altera o produto". Podemos passar ao próximo axioma? Se é verdade que "As quantidades iguais a uma mesma quantidade podem substituir umas às outras", então não haverá alguma "mesma quantidade" que tanto o nome quanto o diagrama representem? Ou será um sistema incompreensível?

Francis corou. — Imagino — disse devagar, depois de dominar sua irritação — que o diagrama represente antes um conceito abstrato que algo concreto. Talvez os antigos tivessem um método sistemático para exprimir o pensamento puro. Não se pode reconhecer nesta planta a figura de qualquer objeto.

— Sim, sim, é claro que nada se pode reconhecer — concordou o Irmão Jeris, rindo.

— Por outro lado, talvez exprima um objeto, mas apenas de maneira estilizada e formal. . . de modo que é preciso um treinamento especial ou...

— Olhos especiais?

— Na minha opinião, trata-se de uma alta abstração de valor presumivelmente transcendente que exprime um pensamento do Beato Leibowitz.

— Bravo! E em que estaria ele pensando?

— Mas. . . no "Desenho do Circuito" — disse Francis, lendo o que estava escrito embaixo, à direita.

— Hum-m-m, a que disciplina pertence essa arte, irmão? Qual o seu género, espécie, propriedade e diferença? Ou é apenas um "acidente"?

Jeris estava ficando pretensioso no seu sarcasmo, pensou Francis. Era melhor responder com brandura. — Bem, observe esta coluna de algarismos e o título: "Números das partes eletrônicas". Houve uma vez uma ciência ou arte chamada eletrônica, que podia ser ao mesmo tempo arte e ciência.

— Ah, sim! Assim temos o "gênero" e a "espécie". E quanto à "diferença"? Qual era o objeto da eletrônica?

— Isso também está escrito — disse Francis, que pesquisara de alto a baixo a *Memorabilia* na esperança de encontrar pistas que elucidassem o que havia na planta, mas

sem muito resultado. — O objeto da eletrônica era o elétron — explicou ele.

— Assim está escrito, realmente. Estou impressionado. Conheço tão pouco essas coisas. E, por favor, o que é elétron?

— Há uma fonte fragmentária que alude a ele como sendo o "interior negativo do nada".

— O quê? Como foi que negaram o nada? Não ficou sendo alguma coisa?

— Talvez a negação se aplique ao interior.

— Ah! Então teríamos um "nada não-initerior", hein? Você já descobriu como se faz isso?

— Ainda não — confessou Francis.

— Então continue a estudar, irmão! Como deviam ser inteligentes esses antigos! Sabiam como fazer o nada ficar "não-interior". Persevere, que acabará por aprender. Teríamos então o "elétron" no meio de nós, não é verdade? Que faríamos com ele? Talvez o puséssemos no altar da capela.

— Está bem — suspirou Francis —, não sei. Mas creio firmemente que o elétron existiu, apesar de não saber como era construído e para que servia.

— Você me comove! — riu-se o iconoclasta, e voltou a seu trabalho.

As brincadeiras esporádicas do Irmão Jeris entristeciam Francis, mas não diminuíam sua dedicação ao trabalho.

A reprodução perfeita de todos os sinais, pontos e manchas era impossível, mas a exatidão do fac-símile já era suficiente para enganar os olhos a uma distância de dois passos e, por conseguinte, o bastante para fins de exibição, podendo o original ser selado e guardado. Tendo completado a cópia, o Irmão Francis sentiu-se desapontado. O desenho era cru demais. Nada nele sugeria, à primeira vista, que fosse talvez uma santa relíquia. O estilo era claro e despretensioso — bem de acordo, aliás, com o próprio Beato, e no entanto. . .

Uma cópia da relíquia não era suficiente. Os santos eram pessoas humildes que não glorificavam a si próprias, mas a Deus; cabia a outros retratar-lhes a glória interior por meio de sinais exteriores e visíveis. A simples cópia não era bastante: desprovida de imaginação, não celebrava de modo visível as santas qualidades do Beato.

Glorificemus, pensou Francis, enquanto trabalhava nos perenes. Estava, naquele momento, copiando páginas dos

Salmos para posterior encadernação. Voltou a olhar para o texto e a reparar no significado das palavras — pois, após algumas horas de trabalho, já nada mais lia e apenas deixava que a mão traçasse as letras que lhe caíam sob os olhos. Viu que estivera copiando a oração em que Davi pede perdão a Deus, o quarto salmo penitencial. *"Miserere mei, Deus. . .* porque conheço a minha iniquidade e o meu pecado está sempre diante de mim." A oração era humilde, mas a página que tinha diante dos olhos não estava escrita em estilo condizente com o texto. O M do *Miserere* era pintado a ouro. Um arabesco floreado de filamentos dourados e violeta entrelaçados enchia as margens e formava como que ninhos em volta das esplêndidas maiúsculas no início de cada versículo. A oração era humilde, mas a página era magnífica. O Irmão Francis estava copiando apenas o texto num pergaminho novo, deixando espaços para as maiúsculas iluminadas e margens tão largas quanto as linhas escritas. Outros artífices encheriam de festas de cor a sua simples cópia e construiriam as maiúsculas. Ele estava aprendendo a fazer iluminuras, mas ainda não era bastante proficiente para que lhe confiassem a tarefa de pintar a ouro nos perenes.

Glorificemus. Pensava outra vez na planta.

Sem dizer nada a ninguém, o Irmão Francis pôs-se a fazer planos. Arranjou uma pele de cordeiro e passou várias semanas curtindo-a nas suas horas livres, até que ficasse branca como neve, e guardou-a cuidadosamente. Durante os meses que se seguiram, passou todos os seus minutos disponíveis procurando novamente na *Memorabilia* pistas que o ajudassem a entender o significado da planta de Leibowitz. Nada achou que se parecesse com os sinais que havia no desenho nem nada que o fizesse compreender o que seriam, mas, depois de muito tempo, deu com um fragmento de um livro que continha uma página semidestruída, cujo assunto era justamente o desenho de plantas. Parecia um trecho de enciclopédia. A referência era breve e faltava uma parte do artigo, mas depois de lê-la várias vezes, começou a desconfiar que haviam — ele mesmo e muitos outros copistas — desperdiçado muito tempo e muita tinta. O efeito do branco sobre escuro não parecia ser considerado como perfeição, mas era antes o resultado das peculiaridades de um processo barato de reprodução. O desenho original tinha sido preto sobre branco. Teve que resistir a um impulso repentino de

bater com a cabeça no chão de pedra. Toda aquela tinta e tanto trabalho para copiar algo de acidental! Bem, talvez não precisasse dizer ao Irmão Horner. Seria um ato de caridade, por causa do estado do coração do velhinho.

A certeza de que as cores das plantas eram apenas um fator acidental daqueles antigos desenhos fortaleceu seu plano. Faria uma cópia glorificada da planta de Leibowitz sem aquele elemento acidental. Invertidas as cores, ninguém reconheceria, a princípio, do que se tratava. Algumas coisas podiam certamente ser modificadas. Não ousava mudar o que não entendia, mas as listas de peças e a explicação em letras de forma podiam ser dispostas simetricamente em volta do diagrama, com ornamentos de escudos. Como o significado do diagrama era obscuro, não ousava fazer a menor alteração nele; mas como a sua cor nenhuma importância tinha, poderia ser outra, muito mais bela. Pensou em ouro para alguns sinais. Outros, porém, eram complicados demais e, se fossem dourados, aparentariam ostentação. Seriam negros, portanto, mas então os traços que os ligavam entre si tinham de ser de outro tom, de modo que não se misturassem com eles. O desenho não simétrico tinha de ficar como estava, mas não via por que seu significado seria alterado se o usasse como esteio para uma videira cujos galhos (cuidadosamente evitando os sinais) poderiam dar uma impressão de simetria ou um ar natural ao que não era simétrico. Quando o Irmão Horner iluminava um M maiúsculo, transformando-o em maravilhosa floresta de folhas, frutos, galhos e, por vezes, até numa astuta serpente, a letra permanecia legível. O Irmão Francis não via por que motivo isso não se aplicaria ao diagrama.

A forma geral, principalmente, com a margem ornada, bem podia ser transformada num escudo, em lugar do duro retângulo que enquadrava a planta. Fez algumas dúzias de desenhos preliminares. No alto do pergaminho haveria a imagem de Deus Trinitário, e embaixo, o brasão de armas da ordem albertiana, encimado pela figura do Beato.

Mas não havia retratos fiéis do Beato, ao que Francis soubesse. O que havia eram vários desenhos imaginários, mas nenhum que fosse do tempo da Simplificação. Não havia, sequer, uma figura convencional, embora a tradição ensinasse que Leibowitz tinha sido alto e ligeiramente curvo.

Uma tarde, o Irmão Francis, enquanto fazia seus esboços, foi interrompido por uma presença que surgiu atrás dele, projetando uma sombra sobre a mesa de trabalho, a

sombra de... de... *Não! Por favor! Beate Leibowitz, audi me! Misericórdia, Senhor! Que seja qualquer um, menos...*

— Muito bem, que temos aqui? — rosnou o abade, olhando para os desenhos.

— Um desenho, senhor abade.

— Isso estou vendo. Mas o que é?

— A planta de Leibowitz.

— A que você encontrou? É aquela? Não se parece muito com ela. Por que essas mudanças?

— Vai ser...

— Fale mais alto!

— UMA CÓPIA COM ILUMINURAS! — bradou o Irmão Francis, involuntariamente.

— Ah.

O Abade Arkos sacudiu os ombros e afastou-se.

O Irmão Horner, alguns minutos depois, passando pela mesa do aprendiz, surpreendeu-se ao notar que ele desmaiara.

Para surpresa do Irmão Francis, Arkos não fez mais objeção ao seu interesse pelas relíquias. Desde que os dominicanos tinham concordado em examinar o assunto, o abade se mostrara menos rigoroso; e desde que a causa da canonização fizera algum progresso em Nova Roma, ele parecia esquecer, às vezes, que algo de especial acontecera, durante o retiro vocacional, a Francis Gerard, A.O.L., antigamente de Utah e atualmente do *scriptorium* e sala de cópias. O incidente tivera lugar há onze anos. Os absurdos rumores no noviciado a respeito da identidade do peregrino há muito tinham morrido. Os noviços agora já eram outros e os que tinham entrado por último não mais ouviram falar no caso.

O episódio custara ao Irmão Francis sete retiros quaresmais no meio dos lobos e ele ficou sempre com a impressão de que se tratava de assunto arriscado. Sempre que o mencionava, passava a noite sonhando com lobos e com Arkos; nos sonhos, Arkos ficava jogando carne aos lobos e a carne era ele, Francis.

Descobriu, porém, que podia continuar seu trabalho sem ser importunado, a não ser pelo Irmão Jeris, que caçoava sempre. Francis começou a fazer as iluminuras na pele de cordeiro. Os complicados ornatos e a extrema delicadeza da pintura a ouro, bem como a escassez das horas livres de que dispunha, faziam prever que o trabalho levaria muitos anos para ser concluído, mas num negro mar de séculos em que nada parecia se mexer, uma vida inteira era apenas um rápido remoinho, até mesmo para o homem que a vivia. Havia o tédio da repetição dos dias e das estações; depois havia as dores e as moléstias, a extrema-unção e um momento de escuridão no fim — ou melhor, no começo. Pois a pequenina e tremula alma que, bem ou mal, suportara o tédio, iria para um lugar de luz e ficaria absorvida no olhar ardente e de infinita compaixão do Justo. E então o Rei diria "Vem", ou diria "Vai", e só em função daquele momento existira o tédio de muitos anos. Era difícil acreditar em outra coisa nos tempos em que Francis vivia.

O Irmão Sarl terminou a quinta página de sua restauração matemática, tombou sobre a mesa de trabalho e morreu poucas horas depois. Suas notas estavam intatas. Alguém, um ou dois séculos depois, se interessaria por elas e talvez as completasse. Por enquanto, subiam ao céu orações pela alma de Sarl.

Havia também o Irmão Fingo e suas esculturas em madeira. Ele voltara à oficina de marceneiro há uns dois anos e permitiam-lhe, às vezes, trabalhar na imagem do Mártir, que deixara inacabada. Como Francis, Fingo só dispunha de uma hora, de vez em quando, para fazer o trabalho de sua escolha; a escultura progredia quase imperceptivelmente, a não ser que a olhassem com intervalos de vários meses. Francis via-a freqüentemente demais para notar qualquer progresso. Encantava-se com a exuberância de Fingo, embora percebesse que ele adotava essa atitude como uma compensação para sua fealdade. Gostava de passar seus poucos minutos de lazer vendo-o trabalhar.

A marcenaria recendia a pinho, cedro, madeiras aromáticas e suor humano. Não era fácil obter madeira na abadia. A não ser as figueiras e um par de álamos na vizinhança da nascente, a região não tinha árvores. Era preciso viajar três dias até chegar ao mais próximo bosque, e este só tinha madeira de qualidade inferior. Os coletores de madeira da abadia, muitas vezes, passavam uma semana fora, até conseguirem carregar alguns burros com galhos próprios para fazer

cavilhas, travessas e pernas de cadeiras. Às vezes arrastavam um ou dois cepos para substituir uma viga apodrecida. Com tão limitado suprimento, os marceneiros eram também, necessariamente, escultores e entalhadores.

Algumas vezes, enquanto via Fingo esculpir, Francis sentava-se no banco que havia num canto da marcenaria e punha-se a desenhar, imaginando detalhes da escultura que ainda estavam apenas indicados na madeira. O rosto da imagem já estava delineado, mas ainda coberto por lascas e marcas do cinzel. Nos seus desenhos, o Irmão Francis procurava antecipar como seriam as feições, antes mesmo que emergissem da madeira. Fingo olhou para eles e riu. Mas à medida que a escultura se adiantava, Francis não se podia furtar à impressão de que o riso da imagem lembrava-lhe vagamente o de alguém. Desenhou-o e a impressão aumentou, mas não podia se lembrar quem tinha aquele sorriso torto.

— Nada mau, realmente. Nada mau, mesmo — disse Fingo, ao ver os desenhos.

O copista deu de ombros. — Tenho a impressão de já tê-lo visto antes.

Francis adoeceu durante o Advento e passaram-se vários meses até que pudesse voltar à marcenaria.

— O rosto está quase pronto, Francis — disse o escultor. — Venha ver se gosta.

— Eu o conheço — exclamou Francis, olhando fixamente para as rugas em volta daqueles olhos ao mesmo tempo alegres e tristes e para a sombra de um sorriso torto no canto da boca —, tudo conhecido demais.

— Você o conhece? Quem é ele? — perguntou Fingo.

— É. . . bem, não tenho certeza. Penso que o conheço. — Fingo riu. — Você está reconhecendo seus próprios desenhos — explicou. — Mas. . .

Francis não estava inteiramente de acordo, mas continuava a não poder se lembrar de quem era aquele rosto.

— Hum-m-m! — parecia dizer o sorriso torto.

O abade, porém, achou-o irritante. Deixou que o trabalho fosse concluído, mas declarou que nunca permitiria que tivesse o destino para que fora idealizado — o de imagem a ser colocada na igreja se algum dia o Beato fosse canonizado. Muitos anos depois, terminado o trabalho, Arkos fê-lo colocar no corredor da casa dos hóspedes e, mais tarde, transferiu-o para seu escritório por ter chocado um visitante de Nova Roma.

Devagar, penosamente, o Irmão Francis estava trans-

formando o pergaminho num esplendor de beleza. Rumores sobre o trabalho espalharam-se para fora da sala dos copistas, e os monges frequentemente se reuniam em volta de sua mesa para vê-lo e murmurar palavras de admiração. — Inspiração — disse alguém em voz baixa. — Há provas suficientes. Pode ter sido o Beato que ele encontrou no deserto.

— Não vejo por que você não passa o seu tempo em algo de útil — resmungou o Irmão Jeris, cujo espírito sarcástico se tinha esgotado depois de vários anos de respostas pacientes do Irmão Francis. O cético estava utilizando seu próprio tempo livre para fazer e decorar abajures de seda encerada para as lâmpadas da igreja, atraindo assim a atenção do abade, que logo o encarregou dos perenes. Como os livros de contas cedo o demonstraram, a promoção do Irmão Jeris era justificada.

O Irmão Horner adoeceu. Dentro de algumas semanas ficou claro que o bem-amado monge estava no leito de morte. A missa de funerais foi cantada no princípio do Advento. Os restos do velho e santo mestre copista foram entregues à terra de onde tinham vindo. Enquanto a comunidade exprimia em orações a sua tristeza, Arkos, silenciosamente, nomeava o Irmão Jeris mestre da sala dos copistas.

No dia de sua nomeação, o Irmão Francis foi informado por ele de que considerava que devia pôr de lado aquelas coisas de criança e começar a fazer trabalho de homem. Obedientemente, o monge embrulhou seu precioso trabalho em pergaminhos, protegeu-o com pesadas tábuas, colocou-o numa prateleira e pôs-se a fazer abajures de seda encerada em suas horas livres. Não teve um protesto e contentou-se em pensar que, algum dia, a alma do Irmão Jeris partiria pelo mesmo caminho que a do Irmão Horner, para começar aquela vida da qual este mundo era apenas um estágio — poderia até começá-la cedo, a julgar pela maneira como ele se agitava, enraivecia e sobrecarregava; e depois, se Deus quisesse, Francis poderia terminar seu adorado documento.

A Providência, porém, solucionou o assunto sem chamar a alma do Irmão Jeris à presença do seu Criador. Durante o verão que se seguiu à sua nomeação como mestre, um protonotário apostólico e sua comitiva de clérigos vieram de Nova Roma à abadia numa caravana de burros. O protonotário apresentou-se como Monsenhor Malfredo Aguerra, defensor da causa do Beato Leibowitz no processo de canonização. Com ele, vinham vários dominicanos. Viera

assistir à reabertura do abrigo e à exploração do "Local Selado". Viera também investigar as provas que a abadia poderia ter com relação ao caso, incluindo — para consternação do abade — relatórios de uma propalada aparição do Beato a um Francis Gerard, de Utah, A.O.L., segundo contavam os viajantes.

O advogado do santo foi calorosamente saudado pelos monges, hospedado nos aposentos reservados aos prelados visitantes, abundantemente servido por seis jovens noviços instruídos a satisfazerem seus menores caprichos, apesar de logo se verificar que Monsenhor Aguerra era um homem de poucos caprichos, o que muito desapontou os encarregados da cozinha. Os melhores vinhos foram servidos; Aguerra bebeu-os polidamente, mas preferiu leite. O Irmão Caçador apanhou gordas codornizes e galos-da-campina para a mesa do hóspede ("Alimentados com milho, irmão?" — "Não, monsenhor, com cobras"). Monsenhor Aguerra pareceu preferir a comida que era servida aos monges no refeitório. Se ao menos tivesse indagado que carne era aquela que aparecia nos ensopados, talvez tivesse preferido os verdadeiramente suculentos galos-da-campina. Malfredo Aguerra insistia em que a vida na abadia não fosse alterada. Não obstante, todas as noites era entretido na hora do recreio por violinistas e por um grupo de palhaços, até que começou a pensar que a vida normal na abadia era extraordinariamente cheia de vivacidade, para uma comunidade monástica.

No terceiro dia da visita de Aguerra, o abade chamou o Irmão Francis. As relações entre o monge e seu superior tinham sido formalmente amistosas, desde que o abade permitira que pronunciasse seus votos, e ele nem mesmo tremeu ao bater à porta do escritório e ao perguntar: — O reverendo padre mandou me chamar?

— Sim, mandei — disse Arkos, e perguntou com voz tranquila: — Você alguma vez já pensou na morte?

— Frequentemente, senhor abade.

— Você reza a São José para ter uma boa morte?

— Humm. . . muitas vezes, reverendo padre.

— Então suponho que você não teme ser morto de repente, não? Nem que alguém use suas tripas para fazer cordas de violino. Nem que dêem você de comer aos porcos. Nem que os seus ossos sejam enterrados em terra não consagrada. Hein?

— N-n-não, *magister meus.*

— Foi o que eu pensei; por isso, tenha muito cuidado ao responder a Monsenhor Aguerra.

— Eu?

— Você. — Arkos esfregou o queixo e pareceu perdido em tristes especulações. — Vejo tudo claramente. A causa de Leibowitz engavetada. O pobre irmão é atingido por um tijolo. Lá está ele gemendo e pedindo absolvição. No meio de nós, repare bem. E lá estamos nós, olhando para ele com piedade — o clero conosco —, vendo-o exalar o último suspiro, sem dar-lhe uma última bênção. Destinado ao Inferno. Sem ser abençoado. Sem ser absolvido. Diante de nós todos. Uma pena, hein?

— *Meu senhor!* — gritou Francis.

— Não me censure. Estarei ocupadíssimo em impedir que seus irmãos cedam ao impulso de dar pontapés em você até matar.

— Quando?

— Nunca, esperemos. Porque você *será* cuidadoso com o que disser a monsenhor, não é? De outro modo poderei deixá-los dar os pontapés.

— Sim, mas. . .

— O defensor da causa quer ver você imediatamente. Por favor, reprima sua imaginação e esteja bem certo do que disser. Por favor, procure não pensar.

— Sim, penso que poderei fazê-lo.

— Fora, filho, fora.

Francis sentiu medo quando bateu à porta de Aguerra, mas logo viu que não havia razão para isso. O protonotário era um velho suave e diplomata e mostrou-se muito interessado na vida do pequeno monge.

Depois de alguns minutos de amabilidades preliminares, ele abordou o assunto delicado: — Quanto àquele seu encontro com a pessoa que poderia ter sido o beato fundador da. . .

— Oh, mas eu nunca disse que ele era o nosso Beato Leibo. . .

— Certo que não, meu filho. Certo. Mas eu tenho aqui um relato do incidente — feito unicamente com o que foi ouvido de terceiros, naturalmente — e gostaria que você o lesse e confirmasse ou corrigisse. — Fez uma pausa, tirou um rolo de papel de sua pasta e entregou-o ao Irmão Francis. — Esta versão está baseada em histórias contadas por viajantes — ajuntou. — Somente *você* pode descrever o que

sucedeu — em primeira mão —, e por isso quero que você o faça escrupulosamente.

— Certamente, monsenhor. Mas o que sucedeu foi realmente muito simples.

— Leia, *leia!* Depois falaremos, hein?

A grossura do rolo indicava que o relato de terceiros não fora "realmente muito simples". O Irmão Francis leu-o com crescente apreensão que logo assumiu as proporções de horror.

— Você está pálido, filho — disse o defensor da causa. — Alguma coisa o está perturbando?

— Monsenhor, *isso. . .* não foi *nada* disso que houve!

— Não? Mas indiretamente, ao menos, você deve ter sido o autor desse relato. Como poderia ser de outro modo? Não foi você a única testemunha?

O Irmão Francis fechou os olhos e esfregou a testa. Dissera a verdade pura e simples aos noviços. Estes confabularam entre si e contaram a história aos viajantes. Os viajantes a repetiram a outros viajantes. E finalmente — *isso!* Não fora à toa que o Abade Arkos proibira as discussões sobre o assunto. Se ao menos nunca tivesse mencionado o peregrino!

— Ele só me disse umas poucas palavras. Só o vi uma vez. Correu atrás de mim com um pau, perguntou-me o caminho para a abadia e fez uns sinais na pedra sob a qual achei a cripta. Depois disso, não o vi mais.

— Nenhum halo?

— Não, monsenhor.

— Nenhum coro celeste?

— *Não!*

— E o tapete de rosas que cresceu onde ele pisou?

— Não, não! Nada disso, monsenhor — arquejou o monge.

— Ele não escreveu o seu nome na pedra?

— Como Deus é meu juiz, monsenhor, ele só fez aqueles dois sinais. Não compreendi o que significavam.

— Ah, bem — suspirou o defensor. — As histórias dos viajantes sempre são exageradas. Não posso imaginar como foi que essa começou. Diga-me como aconteceu realmente.

O Irmão Francis contou a sua história rapidamente. Aguerra pareceu triste. Depois de um silêncio, tomou o rolo de papel, deu-lhe um tapinha de despedida e deixou-o cair

no depósito de lixo. — Lá vai o milagre número 7 — resmungou.

Francis apressou-se em pedir desculpas.

O advogado nem quis ouvi-las. — Não pense mais nisso. Nós, na verdade, já temos provas suficientes. Há várias curas espontâneas, vários casos de recuperação de doenças em virtude da intercessão do Beato. São simples, mas bem documentadas. As causas de canonização são realmente fundamentais nessas curas. Naturalmente, falta-lhes a poesia *dessa* história, mas estou quase contente que ela não seja verdadeira — contente por você. O advogado do diabo teria trucidado você.

— Eu nunca disse nada que. . .

— Entendo, entendo! Tudo começou por causa do abrigo. A propósito, nós o abrimos hoje.

Francis animou-se. — Encontraram algo mais de São Leibowitz?

— *Beato* Leibowitz, por favor! — corrigiu o monsenhor. — Não, ainda não. Entramos na câmara interna. Foi um trabalho dos diabos para abri-la. Havia dentro quinze esqueletos e muitos artefatos fascinantes. Aparentemente a mulher — *era* uma mulher —, cujos restos você encontrou, foi admitida à antecâmara, mas a câmara interna já estava repleta. Provavelmente, até certo ponto, teriam ficado protegidos se uma parede que tombou não tivesse causado o desmoronamento. Os coitados lá dentro ficaram encurralados pelas pedras que bloquearam a entrada. Deus sabe por que motivo a porta não foi feita de modo a abrir para dentro.

— A mulher na antecâmara *era* Emily Leibowitz?

Aguerra sorriu. — Podemos prová-lo? Ainda não sei. Creio que era, sim — creio —, mas talvez esteja permitindo que a esperança tome o lugar da razão. Vamos ver o que ainda conseguimos descobrir, vamos ver. O *outro* lado tem presente uma testemunha. Não posso precipitar as conclusões.

Apesar de seu desapontamento com a narrativa de Francis, Aguerra manteve-se cordial. Passou dez dias no local arqueológico antes de regressar a Nova Roma, e deixou dois assistentes para supervisionar futuras escavações. No dia de sua partida, visitou o Irmão Francis no *scriptorium.*

— Ouvi dizer que você estava trabalhando num documento comemorativo da descoberta das relíquias — disse o defensor da causa. — A julgar pelas descrições, gostaria muito de vê-lo.

O monge protestou que realmente não era nada, mas foi imediatamente buscar o trabalho, com tal ansiedade que suas mãos tremiam ao desembrulhá-lo. Alegremente, observou que o Irmão Jeris estava olhando com ar nervoso e carrancudo.

O monsenhor olhou fixamente durante vários segundos. — *Belíssimo!* — explodiu ele por fim. — Que cores sublimes! É soberbo, soberbo. Termine-o, irmão, termine-o!

O Irmão Francis olhou para o Irmão Jeris e sorriu interrogativamente.

O mestre copista olhou depressa para outro lado. Sua nuca ficou vermelha. No dia seguinte, Francis desembrulhou suas penas, tintas, folha de ouro e recomeçou a trabalhar no diagrama iluminado.

Poucos meses depois da partida de Monsenhor Aguerra, chegou de Nova Roma à abadia uma caravana de burros — com um complemento completo de clérigos e guardas armados para defesa contra os bandoleiros, loucos e possíveis dragões. Dessa vez a expedição era encabeçada por um monsenhor de maus bofes que anunciou estar encarregado de se opor à canonização do Beato Leibowitz e que viera investigar — ou talvez responsabilizar a abadia por certos rumores histéricos que se tinham espalhado para fora de seus muros, chegando a atingir os portões de Nova Roma. Fez ver claramente que não toleraria absurdos românticos, como certo visitante que o precedera talvez tivesse tolerado.

O abade recebeu-o cortesmente e ofereceu-lhe um catre de ferro numa cela voltada para o sul, depois de explicar que os aposentos reservados aos hóspedes tinham sido contaminados, recentemente, por doentes de varíola. O monsenhor era assistido por seu próprio pessoal e comia, junto com os monges no refeitório, a mesma comida que lhes era servida, pois as codornizes e galos-da-campina estavam inexplicavelmente raros naquele ano, segundo informavam os caçadores.

O abade não julgou necessário advertir Francis contra o uso excessivamente liberal de sua imaginação. Que a exercitasse, se ousasse. Não havia quase perigo de que o advo-

gado do diabo desse crédito imediato à própria verdade, sem que primeiro a magoasse profundamente e ainda lhe exarcebasse as feridas.

— Sei que você é dado a desmaios — disse Monsenhor Flaught quando se viu a sós com o Irmão Francis e depois de ter fixado nele um olhar que o monge considerou maligno. — Diga-me, há algum caso de epilepsia na sua família? Loucura? Mudanças recorrentes de personalidade?

— Nenhuma, Excelência.

— Não sou "Excelência" nenhuma — disse o padre asperamente. — Agora, você falará a verdade. *Uma simples e objetiva cirurgia seria adequada* — o tom de sua voz parecia insinuar —, *e é preciso apenas uma pequena amputação.* Você tem conhecimentos de que é possível envelhecer documentos artificialmente? — perguntou.

O Irmão Francis não tinha tal conhecimento.

— Você se dá conta de que o nome Emily não aparecia nos papéis que você encontrou?

— Oh, sim. . . — O monge interrompeu-se, repentinamente incerto.

— O nome que aparecia era Em, não era? que *poderia* ser um diminutivo de *Emma,* não poderia? E Emma era o nome que APARECIA na caixa!

Francis guardou silêncio.

— *Então?*

— Qual foi a pergunta, monsenhor?

— Não se importe com isso! Apenas quis dizer a você que as provas sugerem que "Em" se referia a Emma, e que "Emma" não é um diminutivo de Emily. Que diz você disso?

— Não tinha formado opinião sobre esse ponto, monsenhor, mas. . . Marido e mulher costumam prestar muita atenção a como se chamam um ao outro?

— VOCÊ ESTÁ SENDO ATREVIDO COMIGO?

— Não, monsenhor.

— Fale a verdade! Como foi que você descobriu o abrigo, e que tagarelice fantástica é essa a respeito de uma aparição?

O Irmão Francis tentou explicar. O advogado do diabo o interrompeu muitas vezes com sinais de desprezo e com perguntas sarcásticas e, no fim, avançou de unhas e dentes para a história, até que o próprio Francis pôs-se a pensar se teria visto mesmo o velho ou se teria imaginado o incidente.

A técnica interrogatória era impiedosa, mas Francis achou tudo menos aterrorizante do que uma entrevista com

o abade. O advogado não podia fazer mais do que dilacerar tudo quanto ele dizia, como se lhe estivesse amputando os membros um a um, mas a certeza de que o suplício logo acabaria ajudava-o a suportar a dor. Quando, porém, enfrentava o abade tinha sempre presente que um erro poderia ser punido muitas vezes, pois Arkos era seu superior por toda a vida e o inquisidor perpétuo de sua alma.

Monsenhor Flaught achou a história excessivamente ingênua para justificar um ataque em grande escala, principalmente depois de observar a reação do monge ao assalto inicial.

— Bem, irmão, se essa é sua história e se você a sustenta, não penso que ainda vá me incomodar com ela. Mesmo que seja verdadeira — o que não creio —, é tão banal que chega a ser tola. Você se dá conta disso?

— Foi o que *sempre* pensei, monsenhor — suspirou o Irmão Francis, que, por muitos anos, tentara tirar do peregrino a importância que lhe tinham dado.

— Já era tempo de você dizer isso! — ralhou Flaught.

— Sempre disse que *pensava* que ele, *provavelmente,* era apenas um velho.

Monsenhor Flaught cobriu os olhos com a mão e suspirou profundamente. Sua experiência com testemunhas imprecisas aconselhava-o a não dizer mais nada.

Antes de deixar a abadia, o advogado do diabo, como antes dele o advogado do santo, foi ao *scriptorium* e pediu para ver a cópia iluminada da planta de Leibowitz ("aquela horrível algaravia"). Dessa vez as mãos do monge tremiam não de ansiedade, mas de medo, pois mais uma vez poderia ser forçado a abandonar o trabalho. Monsenhor Flaught olhou para o pergaminho em silêncio. Engoliu três vezes. Por fim, forçou-se a sacudir a cabeça em sinal de aprovação.

— Sua imaginação é vívida — concedeu ele —, mas todos sabíamos disso, não sabíamos? — Fez uma pausa. — Há quanto tempo vem trabalhando nisso?

— Há seis anos, monsenhor, intermitentemente.

— Sim, e parece que você ainda terá de trabalhar outros tantos.

Monsenhor Flaught já não pareceu tão mau e ficou menos diabólico. Na mesma noite ele partiu para Nova Roma.

Os anos correram suavemente, sulcando a face dos jovens e branquejando-lhes as frontes. O labor perpétuo do

mosteiro continuou, diariamente atacando o céu com o hino do ofício divino, diariamente suprindo o mundo com um lento gotejar de manuscritos copiados e recopiados, por vezes enviando clérigos e escribas ao episcopado, a tribunais eclesiásticos e aos poucos poderes seculares que desejavam contratar seus serviços. O Irmão Jeris ambicionou construir uma imprensa, mas Arkos liquidou o plano tão logo soube dele. Não havia papel suficiente, nem tinta apropriada em disponibilidade, nem tampouco demanda de livros baratos naquele mundo iletrado mas que afetava elegância. A sala dos copistas continuou a funcionar com seus tinteiros e penas.

Na Festa dos Cinco Santos Jograis, chegou um mensageiro do Vaticano com alegres notícias para a ordem. Monsenhor Flaught retirara todas as suas objeções e estava se penitenciando diante de um ícone do Beato Leibowitz. A causa de Monsenhor Aguerra ganhara; o papa ordenara que se fizesse um decreto recomendando a canonização. A data para sua proclamação oficial foi fixada para o próximo ano santo, e deveria coincidir com a convocação de um concílio geral da Igreja com o objetivo de fazer uma cuidadosa revisão da doutrina relativa à limitação do *magisterium* a assuntos de fé e de moral; era uma questão muitas vezes decidida no transcorrer da história, mas que se levantava todos os séculos sob outras formas, especialmente naqueles obscuros períodos em que os conhecimentos humanos em matéria de vento, estrelas e chuva eram realmente mera crendice. Durante o concílio, o fundador da Ordem Albertiana seria inscrito no Calendário dos Santos.

A notícia foi seguida de um período de regozijo na abadia. Dom Arkos, agora enfraquecido pela idade e perto da caduquice, chamou o Irmão Francis à sua presença e disse com voz alquebrada:

— Sua Santidade nos convida a ir a Nova Roma para a canonização. Prepare-se para partir.

— *Eu,* meu senhor?

— Você sozinho. O Irmão Farmacêutico me proíbe de viajar, e não ficaria bem para o padre prior partir enquanto estou doente. Não me vá desmaiar outra vez — ajuntou Dom Arkos queixosamente. — Você está sendo mais honrado do que merece pelo fato de o tribunal ter considerado a data da morte de Emily Leibowitz como definitivamente provada. Mas, de qualquer maneira, Sua Santidade convidou você. Sugiro que agradeça a Deus e não se envaideça.

O Irmão Francis cambaleou. — Sua Santidade?. . .

— Sim. Vamos mandar o original da planta de Leibowitz para o Vaticano. Que acha você de levar a sua cópia com iluminuras como um presente seu para o Santo Padre?

— Hum. . . — disse Francis.

O abade reanimou-o, abençoou-o, chamou-o de bom simplório e mandou-o preparar o alforje.

10

A viagem para Nova Roma duraria ao menos três meses ou talvez mais, dependendo em grande parte da distância que Francis pudesse vencer antes que o inevitável bando de ladrões roubasse seu burro. Viajaria só e desarmado, levando apenas o alforje e um pote para recolher esmolas, além da relíquia e da réplica com iluminuras. Rezava para que os ladrões ignorantes não soubessem o que fazer com elas, pois, na verdade, entre os bandidos da estrada, havia alguns bondosos que roubavam só o que lhes fosse útil e permitiam que a vítima conservasse a vida, a carcaça e os pertences pessoais. Outros, porém, não tinham tanta consideração.

Como precaução, o Irmão Francis colocou um pano preto sobre o olho direito. Os campônios eram supersticiosos e, muitas vezes, ficavam desconcertados até com a suspeita de um mau-olhado. Assim armado e equipado, pôs-se a caminho em obediência ao chamado do *Sacerdos Magnus,* o Santíssimo Senhor e Soberano, Leão *Papa* XXI.

Quase dois meses depois de deixar a abadia, o monge encontrou o seu ladrão num caminho montanhoso coberto por árvores, longe de qualquer agrupamento humano, exceto o vale dos Malnascidos, que ficava a poucos quilômetros de um pico a oeste e onde, como leprosos, viviam em colónia, segregados do mundo, muitos seres monstruosos desde a sua geração. Havia várias dessas colônias que eram supervisionadas pela Igreja, mas a do vale dos Malnascidos não estava entre elas. Os monstrengos que haviam escapado da morte nas mãos das tribos da floresta tinham-se reunido ali há vários séculos. Suas fileiras foram sempre aumentando com seres deformados e rastejantes que se procuravam refugiar do mundo, mas alguns eram fecundos e podiam gerar.

Frequentemente, essas crianças herdavam a monstruosidade de seus antepassados. Muitas vezes nasciam mortas ou não chegavam à maturidade. Ocasionalmente, porém, as características monstruosas desapareciam e uma criança aparentemente normal resultava da união de monstros. No entanto, havia vezes em que a prole superficialmente "normal" era afligida por uma deformidade invisível do coração ou da mente que a privava da essência da condição humana, embora lhe deixasse a aparência de um ser normal. Até dentro da Igreja, houve quem ousasse sustentar que tais criaturas, na verdade, eram desprovidas da *Dei imago* desde o momento de sua concepção, que suas almas eram puramente animais, que, segundo a Lei Natural, poderiam ser impunemente destruídas como animais e não como homens, e que Deus permitira que da espécie humana nascessem animais como punição dos pecados que quase tinham exterminado a humanidade. Para poucos teólogos que não tinham perdido a crença no Inferno, não se podia negar que Deus pudesse usar *qualquer* forma de castigo temporal, mas julgar seres nascidos da mulher como desprovidos da divina imagem era usurpar o privilégio celeste. Até o idiota que pareça menos dotado do que um cão, um porco ou um bode, se nascido de mulher, tem uma alma imortal, afirmava vigorosa e repetidamente o *magisterium.* Depois de terem partido de Nova Roma alguns pronunciamentos destinados a prevenir o infanticídio, os infelizes malnascidos começaram a ser conhecidos por "sobrinhos do papa" ou " filhos do papa".

"Que, aos que forem nascidos vivos de pais humanos, seja permitido viver", dissera o Leão precedente, "de acordo com a Lei Natural e a Lei Divina da Caridade; que seja amado como uma criança e criado, qualquer que seja a sua forma e aparência, pois é fato conhecido pela própria razão, sem assistência da Revelação Divina, que entre os Direitos Naturais do Homem, o direito à assistência paterna para fins de sobrevivência precede todos os outros direitos, e não pode ser modificado legitimamente pela Sociedade e pelo Estado, a não ser na medida em que os Príncipes possam fortalecer aquele direito. Nem mesmo os animais da Terra agem de outra forma."

O ladrão que abordou o Irmão Francis não era evidentemente um dos deformados, mas ficou claro que vinha do vale dos Malnascidos, quando duas figuras encapuzadas se

ergueram de trás de um arbusto no declive que ladeava o caminho e, de sua emboscada, gritaram com insolência e ao mesmo tempo apontaram para o monge seus arcos retesados. Francis não estava certo da impressão que tivera, de que a mão que segurava o arco tinha seis dedos e um polegar a mais: não havia dúvida de que uma das figuras usava uma vestimenta com dois capuzes, apesar de só ter uma face e não poder determinar se o segundo capuz continha ou não uma segunda cabeça.

O ladrão estava no caminho à sua frente. Era um homem de baixa estatura, mas pesado como um boi, com mãos enormes e brilhantes e um maxilar que mais parecia um bloco de granito. Ficou de pé no meio do caminho, firme nas pernas bem separadas e com os braços volumosos cruzados no peito, enquanto observava a aproximação da pequena figura montada no burro. Tanto quanto o Irmão Francis podia ver, ele estava armado apenas com seus próprios músculos e uma faca que não se deu ao trabalho de retirar do cinto. Fez sinal ao monge para que se aproximasse. Quando parou cinquenta metros adiante, um dos filhos do papa atirou uma flecha que resvalou no caminho exatamente atrás do burro que saltou para a frente.

— Desça — mandou o gatuno.

O burro parou. O Irmão Francis abaixou o capuz de modo a mostrar o pano preto sobre o olho, levantou um dedo trêmulo e tocou-o. Devagar, começou a retirá-lo.

O ladrão atirou a cabeça para trás e pôs-se a rir. Seu riso, pensou Francis, bem podia sair da garganta de Satanás; o monge murmurou um exorcismo que não pareceu ter grande efeito sobre o outro.

— Vocês, gente de sacos pretos, já esgotaram esse truque há muito tempo — disse ele. — Desça.

O Irmão Francis sorriu, deu de ombros e desmontou sem protestar mais. O ladrão inspecionou o burro, batendo-lhe nos flancos e examinando-lhe os dentes e os cascos.

— Comida? — gritou uma das criaturas encapuzadas.

— Não desta vez — respondeu o ladrão, asperamente. — Muito magrela.

O Irmão Francis não ficou inteiramente convencido de que estivessem falando do burro.

— Bom dia, senhor — disse amavelmente. — Se quiser, pode ficar com o burro. Caminhar fará bem à minha saúde, penso eu. — Sorriu outra vez e foi andando.

Uma flecha feriu o chão aos seus pés.

— Parem com isso! — urrou o ladrão e depois, dirigindo-se a Francis: — Agora dispa-se. E vamos ver o que há naquele rolo e no embrulho.

O Irmão Francis tocou seu pote de esmolas com um gesto de desamparo que fez o ladrão rir outra vez ironicamente.

— Conheço também esse truque. O último homem que vi com um desses potes tinha meio *heclo* de ouro escondido nas botas. Agora dispa-se.

O Irmão Francis, que não usava botas, mostrou as sandálias, esperançado, mas o ladrão gesticulou impacientemente. O monge abriu seu alforje, espalhou o que havia dentro e começou a se despir. O ladrão examinou sua roupa, nada encontrou e jogou-a de volta ao dono, que exprimiu sua gratidão, pois temera que o deixassem nu no meio do caminho.

— Agora vamos ver o que há dentro daquele *outro* embrulho.

— São só documentos, senhor — protestou o monge. — De nenhum valor, a não ser para o dono.

— Abra.

Silenciosamente, o Irmão Francis desamarrou o embrulho e exibiu a planta original e a cópia iluminada. A pintura a ouro e o desenho colorido brilharam ao sol que se filtrava através da folhagem. O queixo ossudo do ladrão caiu um centímetro e ele assobiou baixinho.

— Que boniteza! Como a mulher gostaria disso para pendurar na parede!

Francis sentiu-se mal.

— *Ouro!* — gritou o ladrão para seus cúmplices encapuzados.

— Comida? Comida? — veio a gorgolejante resposta.

— Vamos comer, não tenham receio! — gritou o ladrão, e explicou a Francis em tom de conversa: — Depois de ficar dois dias naquele lugar, eles sentem fome. Os negócios vão mal. Há pouco tráfego atualmente.

Francis concordou. O ladrão continuou a admirar a cópia com iluminuras.

"Senhor, se Vós o mandastes para me provar, ajudai-me a morrer como um homem, a fim de que só se apodere da cópia depois de passar sobre o corpo do vosso servo. São Leibowitz, olhai o que sucede e rogai por mim."

— O que é isso? — perguntou o ladrão. — Um amuleto? — Estudou os dois documentos em conjunto, durante algum tempo. — Oh! Um é o fantasma do outro. Que mági-

ca é essa? — Olhou fixamente e com desconfiança para o Irmão Francis. — Como se chama isso?

— Hum. . . Sistema de Controle Eletrônico para a Unidade 6-B — gaguejou o monge.

Os documentos que o ladrão examinava estavam de cabeça para baixo, mas ele percebia que o fundo de um diagrama era o reverso do outro — o que o intrigava tanto quanto o ouro. Traçou uma imitação do desenho com o dedo indicador sujo, manchando de leve o pergaminho iluminado. Francis reteve as lágrimas.

— *Por favor!* — disse ansiosamente. — O ouro é tão pouco que não vale quase nada. Pese-o com sua própria mão. Tudo o que está aí não pesa mais do que o próprio papel. De nada servirá ao senhor. Por favor, fique com minha roupa em lugar disso. Fique com o burro, com o alforje. Fique com o que quiser, mas deixe-me esses papéis. De nada servirão ao senhor.

Os olhos cinzentos do ladrão ficaram pensativos. Observou a agitação do monge e esfregou o queixo. — Vou deixar você com as roupas, com o burro e tudo o mais, *menos* isso — propôs ele. — Ficarei só com os amuletos.

— Pelo amor de Deus, meu senhor, então mate-me também! — gemeu o Irmão Francis.

O ladrão riu com desprezo. — Veremos. Diga para que servem essas coisas.

— Para nada. Uma é recordação de um homem que morreu há muito tempo. Um antigo. A outra é somente uma cópia.

— Que valor têm elas para você?

Francis fechou um momento os olhos e procurou a melhor maneira de explicar. — O senhor conhece as tribos da floresta? Sabe como veneram seus antepassados?

Os olhos cinzentos do ladrão brilharam colericamente por um instante. — *Desprezamos* nossos antepassados — disse asperamente. — Malditos sejam os que nos deram a vida!

— *Malditos, malditos!* — repetiu, como um eco, um dos arqueiros ocultos na colina.

— Você sabe quem somos nós? De onde viemos?

Francis acenou que sim. — Não quis ofendê-los. O antigo a quem isso pertenceu não é nosso antepassado. Foi nosso mestre em tempos distantes. Veneramos sua memória. Isso é apenas como que uma lembrança dele.

— E a cópia?

— Eu mesmo a fiz. Por favor, meu senhor, levei quinze anos trabalhando nela. Por favor. . . o senhor tiraria quinze anos da vida de um homem. . . sem nenhuma razão?

— Quinze *anos?* — O ladrão atirou a cabeça para trás e deu uma gargalhada. — Você passou quinze anos fazendo *isso?*

— Oh, mas. . . — Francis calou-se de repente. Seus olhos caíram no indicador curto do ladrão, que batia de leve na planta original.

— *Isso* levou quinze anos a fazer? E é quase feio perto do outro. — Bateu na barriga e, entre gargalhadas, continuou a apontar para a relíquia. — Quinze anos? Então é isso que vocês fazem? *Por quê?* Para que serve a imagem fantasma? Quinze anos para fazê-la? Ah, ah! Isso é trabalho para mulher!

O Irmão Francis olhava para ele em silêncio e aturdido. Que o ladrão tomasse a sagrada relíquia pela sua própria cópia, parecia-lhe tão chocante que nem responder podia.

Sempre rindo, o ladrão tomou os documentos em suas mãos e preparou-se para rasgá-los ao meio.

— *Jesus, Maria, José!* — gritou o monge caindo de joelhos na estrada. — Pelo amor de Deus, meu senhor!

O ladrão jogou os papéis ao chão. — Lutarei com você pela posse deles — sugeriu esportivamente. — Serão eles contra minha faca.

— De acordo — disse Francis impulsivamente, pensando que uma disputa pelo menos daria ao Céu uma oportunidade de intervir discretamente. "Ó Deus, Vós que fortalecestes Jacó de modo a fazê-lo vencer o anjo no penhasco. . ."

Mediram a distância. O Irmão Francis persignou-se. O ladrão tirou a faca do cinto e jogou-a sobre os papéis. Andaram em volta um do outro.

Dois minutos depois, o monge, deitado de costas, gemia debaixo de uma pequena montanha de músculos. Uma dura pedra parecia dividir-lhe a espinha.

— Ah! ah! — disse o ladrão e levantou-se para apanhar sua faca e enrolar os documentos.

De mãos juntas, como em oração, o Irmão Francis arrastou-se atrás dele de joelhos suplicando em altos brados: — Por favor, leve então só um, *mas não os dois!* Por favor!

— Agora você terá de comprá-los. Ganhei-os de maneira limpa.

— Nada tenho, *sou pobre!*

— Isso não importa. Se os quer tanto assim, vá arranjar ouro. Dois *heclos* de ouro, como resgate. Traga a qualquer momento. Guardarei suas coisas em minha cabana. Você, se as quiser de volta, traga o dinheiro.

— Ouça, os papéis têm importância para outras pessoas, não para mim. Eu os estava levando ao papa. Talvez paguem ao senhor pelo principal deles. Mas deixe-me ficar com o outro só para *mostrar* em Nova Roma. Não tem qualquer valor.

O ladrão riu por cima do ombro. — Acho que você seria capaz de beijar até uma bota para ter isso de volta.

O Irmão Francis tomou-o ao pé da letra e beijou-lhe a bota com fervor.

Isso foi demais até para o ladrão. Empurrou o monge com o pé, separou os dois papéis e jogou-lhe um deles ao rosto, com uma praga. Montou no burro e começou a subir o declive. O Irmão Francis arrebatou o precioso documento e pôs-se a andar ao lado do ladrão, agradecendo profusamente e abençoando-o repetidamente enquanto guiava o burro para o lado dos arqueiros ocultos.

— *Quinze anos!* — disse o ladrão com desprezo e, outra vez, empurrou Francis com o pé. — Vá embora! — Acenou com a cópia iluminada que brilhou à luz do sol. — Lembre-se: dois *heclos* de ouro resgatarão sua lembrança. E diga a seu papa que eu a ganhei honestamente.

Francis parou de subir o declive. Traçou no ar uma cruz abençoando mais uma vez o bandido e, serenamente, louvou a Deus pela existência desses generosos ladrões, que erravam por ignorância. Acariciou a planta original enquanto se afastava pelo caminho. O ladrão, enquanto isso, exibia com orgulho a maravilhosa cópia com iluminuras aos seus companheiros da montanha.

— Comida! Comida! — disse um deles, fazendo festas ao burro.

— Andar, andar — corrigiu o ladrão. — Comida, só mais tarde.

Quando, porém, já se encontrava a grande distância deles, uma imensa tristeza, aos poucos, invadiu o Irmão Francis. A voz sarcástica ainda lhe ressoava aos ouvidos. *Quinze anos! Então é isso que vocês jazem? Quinze anos! É um trabalho de mulher! Ah-ah-ah-ah!*

O ladrão se enganara. Mas os quinze anos se tinham ido e, com eles, todo o amor e tormento gastos nas iluminuras.

Enclausurado como vivera, Francis se desacostumara do mundo exterior, com seus hábitos ásperos e atitudes rudes. A zombaria do ladrão perturbou-o profundamente. Pensou no manso sarcasmo do Irmão Jeris, naqueles primeiros anos. Talvez ele tivesse razão.

Avançou vagarosamente, com a cabeça baixa dentro do capuz.

Ao menos ficara a relíquia original. Ao menos.

11

Chegara o momento. O Irmão Francis, em seu simples hábito monástico, nunca se sentira menos importante que naquele último instante, ao se ajoelhar na majestosa basílica antes do começo da cerimonia. Os movimentos solenes, os remoinhos de cores vívidas, os sons que acompanhavam os cerimoniosos preparativos, já pareciam litúrgicos em espírito, tornando difícil pensar que nada de importante ainda tivera lugar. Bispos, monsenhores, cardeais, sacerdotes e vários funcionários leigos em vestimentas elegantes e antigas iam e vinham na grande igreja, mas seus movimentos eram como um gracioso bater de relógio que nunca parava, tropeçava ou, de repente, andava em direção diversa. Um *sampetrius* entrou na basílica tão magnificamente trajado que Francis, a princípio, tomou-o por um prelado. Trazia um banquinho para os pés, com uma pompa tão natural que o monge, se já não estivesse ajoelhado, poderia ter feito uma genuflexão para ele. O *sampetrius* dobrou um joelho diante do altar-mor e dirigiu-se ao trono papal, onde substituiu o banquinho novo pelo outro que parecia estar com uma perna quebrada; isso feito, voltou pelo mesmo caminho. O Irmão Francis se maravilhava com a estudada elegância de gestos que acompanhava as coisas mais triviais. Ninguém fazia nada ao acaso. Não havia um só movimento que, como as estátuas e as pinturas, não contribuísse para a dignidade e imponente beleza do antigo recinto. Até o murmúrio da própria respiração parecia vir de distantes abóbadas.

Terribilis est locus iste: hic domus Dei est, et porta coeli; terrível na verdade. Casa de Deus, Porta do Céu!

Algumas das estátuas eram vivas, segundo Francis obser-

vou depois de algum tempo. Havia uma armadura de encontro à parede a poucos metros à sua esquerda. Seu punho coberto de malhas segurava o cabo de um resplandecente machado de batalha. Nem mesmo uma pluma do elmo se movera enquanto ali estivera ajoelhado. Havia uma dúzia de armaduras idênticas a intervalos regulares. Somente depois de ver uma mosca se esgueirar pela viseira da "estátua" à esquerda, começou a suspeitar de que a carcaça guerreira contivesse um ocupante. Seus olhos não viram qualquer movimento, mas a armadura emitiu alguns estalidos metálicos enquanto abrigou a mosca. Esta, então, devia ser a guarda papal, tão renomada em batalhas cavalheirescas: a pequena guarda privada do Primeiro Vigário de Deus.

Um capitão da guarda estava passando seus homens em cerimoniosa revista. Pela primeira vez, a estátua se mexeu. Levantou a viseira em saudação. O capitão atenciosamente parou e, antes de prosseguir, usou seu próprio lenço para espanar a mosca da testa da inexpressiva face que aparecia dentro do elmo. A estátua continuou imóvel.

A importância da basílica foi temporariamente prejudicada pela entrada de multidões de peregrinos, pois, embora organizados e eficientemente conduzidos, eram estranhos ao lugar. Muitos pareciam andar na ponta dos pés até seus lugares, temerosos de fazer barulho ou criar qualquer distúrbio, ao contrário dos *sampetrii* e do clero de Nova Roma que emprestavam eloqüência ao som e ao movimento. Entre os peregrinos, aqui e ali, alguém dissimulava uma tosse ou tropeçava.

De repente, a basílica assumiu um aspecto guerreiro. Novas estátuas em armadura marcharam para dentro do santuário, dobraram o joelho e inclinaram as lanças, saudando o altar antes de ir para seus lugares. Duas delas se postaram dos lados do trono papal. Uma terceira caiu de joelhos à direita do trono e lá ficou, sustentando a espada de Pedro na palma das mãos erguidas. O quadro se mobilizou outra vez, a não ser pelo tremular das chamas dos candelabros do altar.

Um clangor de trombetas rompeu de repente o silêncio sagrado.

A intensidade do som subiu a ponto de se fazer sentir nos rostos e doer nos ouvidos. A voz das trombetas não era musical, mas anunciatória. As primeiras notas começavam no meio da pauta, depois subiam em tom, intensidade e

andamento, até a cabeça do monge ferver e até não haver na basílica senão a explosão das tubas.

Depois, silêncio mortal — seguido de uma voz de tenor:

PRIMEIRO CANTOR: " *Appropinquat agnis pastor et ovibus pascendis".*

SEGUNDO CANTOR: *"Genua nunc flectantur omnia".*

PRIMEIRO CANTOR: "*Jussit olim Jesus Petrum pascere gregem Domini".*

SEGUNDO CANTOR: *"Ecce Petrus Pontifex Maximus".*

PRIMEIRO CANTOR: *"Gaudeat igitur populus Christi, et gratias agat Domino".*

SEGUNDO CANTOR: *"Nam docebimur a Spiritu Sancto".*

CORO: *"Alleluia, alleluia".*

A multidão levantou-se e ajoelhou-se num lento ondular que seguiu a cadeira do frágil velho de branco que abençoava o povo à medida que a procissão negra, roxa e vermelha o conduzia vagarosamente ao trono. A respiração faltava ao pequeno monge de uma distante abadia num deserto distante. Era impossível ver tudo o que acontecia, tão formidável era a onda de música e movimento, afogando os sentidos e dirigindo a mente ao que estava para vir.

A cerimonia foi breve. Sua intensidade não seria suportável, se fosse mais longa. Um monsenhor — Malfredo Aguerra, o próprio advogado do santo, observou o Irmão Francis — aproximou-se do trono e ajoelhou-se. Depois de um rápido silêncio, entoou seu pedido em cantochão.

— *Sancte pater, a Sapientia summa petimus ut ille Beatus Leibowitz cujus miracula mirati sunt multi. . .*

Suplicava-se a Leão que esclarecesse o seu povo pela solene definição acerca da piedosa crença de que o Beato Leibowitz era realmente um santo, digno da *dulia* da Igreja e da veneração dos fiéis.

— *Gratissima Nobis causa, filii* — respondeu a voz do ancião de branco, explicando que era desejo do seu coração anunciar que o Beato Mártir estava entre os santos, mas também que era unicamente com a assistência divina, *sub ductu Sancti Spiritus,* que ele poderia atender ao pedido de Aguerra. Pediu a todos que rogassem a Deus por essa assistência.

Mais uma vez a imensa voz do coro encheu a basílica com a Ladainha de Todos os Santos: "Pai do Céu, Deus, tende piedade de nós". "Filho, Redentor do Mundo, tende

piedade de nós." "Espírito Santo, Deus, tende piedade de nós." "Santíssima Trindade que sois um só Deus, *miserere nobis!"* "Santa Maria, rogai por nós." *"Sancta Dei Genitrix, ora pro nobis." "Sancta Virgo virginum, ora pro nobis. . ."* O fragor da ladainha continuava. Francis ergueu os olhos para uma pintura do Beato Leibowitz que acabava de ser descoberta. O afresco era de proporções heróicas. Retratava o julgamento do Beato diante da multidão, mas o rosto não tinha aquele sorriso torto do trabalho de Fingo. No entanto, era majestoso e, pensou Francis, mais de acordo com o resto da basílica.

"Omnes sancti Martyres, orate pro nobis. . ."

Quando a ladainha terminou, mais uma vez Monsenhor Aguerra apresentou sua causa ao papa, pedindo que o nome de Isaac Edward Leibowitz fosse formalmente inscrito no Calendário dos Santos. Mais uma vez invocou-se a assistência do Espírito Santo, pelo canto do *"Veni, Creator Spiritus",* entoado pelo pontífice.

Pela terceira vez, Malfredo Aguerra pediu a proclamação.

— *Surgat ergo Petrus ipse. . .*

Por fim ela veio. O vigésimo primeiro Leão entoou a decisão da Igreja, tomada sob a inspiração do Espírito Santo, de proclamar que um antigo e obscuro técnico chamado Leibowitz era verdadeiramente um santo no Céu, cuja poderosa intercessão poderia e de direito deveria ser implorada reverentemente. Foi indicado um dia de festa para se celebrar a missa em sua honra.

— São Leibowitz, intercedei por nós — murmurou o Irmão Francis com os demais.

Depois de uma breve oração, o coro prorrompeu no *Te Deum.* Depois da missa em honra do novo santo, tudo terminou.

O pequeno grupo de peregrinos, acompanhado por dois *sedarii* do palácio exterior, vestidos com librés vermelhas, foi conduzido por uma interminável série de corredores e antecâmaras, parando de vez em quando em frente das mesas enfeitadas de oficiais que examinavam suas credenciais e, com uma pena de ganso, assinavam um *licet adire* que entregavam a um dos *sedarii* para que o desse ao oficial seguinte, cujo título ficava cada vez mais longo e difícil de pronunciar, à medida que o grupo avançava. O Irmão Francis tremia. Entre os peregrinos havia dois bispos, um homem vestido de arminho e ouro, um chefe de clã do povo da flo-

resta, convertido, mas ainda usando a túnica de pele e o capacete com o totem de sua tribo, uma cabeça de pantera; um simplório com um falcão pousado no pulso — evidentemente um presente para o Santo Padre; e várias mulheres que pareciam esposas ou concubinas — segundo julgou Francis pela atitude delas — do convertido chefe de clã do povo das panteras; ou talvez fossem ex-concubinas afastadas pelos cânones, mas não pelos costumes tribais.

Depois de subir a *scala coelestis,* os peregrinos foram recebidos pelo *cameralis gestor,* vestido de cores sombrias, e introduzidos na pequena antecâmara da grande sala consistorial.

— O Santo Padre vai recebê-los aqui — informou o primeiro lacaio ao *sedarius* que trazia as credenciais. Olhou em seguida para os peregrinos com ar de desaprovação, pensou Francis — e murmurou algo para o *sedarius.* Este corou e, por sua vez, disse algo ao chefe de clã, que enrubesceu e tirou o capacete com a cabeça de pantera, deixando-o cair sobre o ombro. Houve uma rápida conferência acerca das posições, enquanto Sua Suprema Untuosidade, o primeiro lacaio, em tons macios que sempre pareciam estar criticando, colocava os visitantes pela sala como se fossem peças de xadrez, de acordo com um protocolo misterioso que só os *sedarii* pareciam entender.

O papa não demorou a chegar. O pequeno homem de batina branca, rodeado por sua comitiva, entrou com passo lépido na sala de audiências. O Irmão Francis teve uma tontura. Lembrou-se de que Dom Arkos ameaçara esfolá-lo vivo se desmaiasse durante a audiência e tratou de reagir.

A fila de peregrinos ajoelhou-se. O ancião de branco, gentilmente, pediu que se levantassem. O Irmão Francis, afinal, achou coragem para olhar. Na basílica, o papa fora apenas um radioso ponto branco num mar de cores. Gradualmente, aqui na sala de audiências, o monge percebeu que ele *não* tinha, como os nômades das fábulas, três metros de altura. Para surpresa sua o frágil ancião, Pai dos Príncipes e Reis, Construtor das Pontes do Mundo[1] e Vigário de Cristo na Terra, parecia muito menos feroz que Dom Arkos, *Abbas.*

O papa percorreu devagar a fila de peregrinos, saudando cada um, abraçando um dos bispos, conversando com todos em seus próprios dialetos ou através de intérpretes,

Pontífice significa "construtor de pontes". (N. do T.)

rindo da expressão do monsenhor a quem transferiu a tarefa de segurar o falcão, e dirigindo-se ao chefe de clã do povo da floresta com um gesto da mão característico e uma palavra rouca, num dialeto que fez o rosto do homem vestido de pantera iluminar-se num sorriso de felicidade. O papa reparou no capacete caído sobre o ombro e parou para repô-lo na cabeça do homem da tribo, cujo peito se dilatou de orgulho e cujos olhos percorreram a sala, aparentemente para verificar se Sua Suprema Untuosidade estava presente; mas o primeiro lacaio parecia ter desaparecido pelo lambri.

O papa aproximou-se do Irmão Francis.

Ecce Petrus Pontifex. . . Eis Pedro, o Sumo Sacerdote. Leão XXI em pessoa: "A quem Deus constituiu Príncipe sobre todos os países e reinos, para arrancar, derrubar, desbaratar, destruir, plantar e construir, de modo a conservar o povo fiel". — E, no entanto, na face de Leão, o monge não viu senão uma bondosa humildade que sugeria que ele era digno daquele título, mais elevado que qualquer outro jamais dado a príncipes e a reis: "Servidor dos servidores de Deus".

Francis ajoelhou-se depressa para beijar o anel do Pescador. Levantou-se e apertou com força a relíquia do santo atrás de si, como que envergonhado de exibi-la. Os olhos cor de âmbar do pontífice suavemente o compeliram. Leão falou brandamente, no estilo clássico de que parecia não gostar muito, mas que adotava para falar a visitantes menos selvagens que o chefe do povo das panteras.

— Nosso coração sentiu profundamente o teu infortúnio, querido filho. Uma narrativa de tua viagem chegou a nossos ouvidos. Vieste aqui a nosso chamado, mas, no meio do caminho, foste atacado por um ladrão. Não é verdade?

— Sim, Santíssimo Padre. Mas não importa. Quero dizer. . . importa, a não ser. . . — gaguejou Francis.

O ancião de branco sorriu com brandura. — Sabemos que nos trouxeste um presente e que o roubaram de ti durante a viagem. Não te perturbes por isso. Tua presença, para nós, equivale a um presente. Há muito esperávamos saudar em pessoa o descobridor dos restos de Emily Leibowitz. Sabemos, também, dos teus trabalhos na abadia. Sempre tivemos uma fervorosa afeição pelos Irmãos de São Leibowitz. Sem o trabalho deles, a amnésia do mundo poderia ser total. A Igreja, *Mysicum Christi Corpus, é* um corpo ao qual a tua ordem serve como órgão da memória. Muito devemos ao teu santo padroeiro e fundador. As idades futu-

ras ainda deverão mais. Conta-nos mais sobre a tua viagem, querido filho.

O Irmão Francis mostrou a planta. — O ladrão teve a bondade de deixá-la comigo, Santíssimo Padre. Ele tomou-a pela cópia das iluminuras que eu estava trazendo de presente a Vossa Santidade.

— Tu não o corrigiste?

O Irmão Francis corou. — Sinto confessar, Santíssimo Padre. . .

— Esta, então, é a própria relíquia que encontraste na cripta?

— Sim. . .

O sorriso do papa tornou-se estranho. — Então, o bandido pensou que teu trabalho fosse o próprio tesouro? Ah! até um ladrão pode possuir senso artístico, não é? Monsenhor Aguerra falou-nos da beleza de tuas iluminuras. É pena que as tenham roubado.

— Isto não é nada, Santíssimo Padre. Só lamento os quinze anos perdidos.

— *Perdidos?* Como, "perdidos"? Se o ladrão não tivesse sido enganado pela beleza de teu trabalho, poderia ter levado isso, não poderia?

O Irmão Francis admitiu essa possibilidade.

O vigésimo primeiro Leão tomou a antiga planta em suas mãos enrugadas e desenrolou-a cuidadosamente. Estudou o desenho em silêncio por algum tempo e disse: — Dize-nos, entendes os símbolos usados por Leibowitz? O significado da, hum, coisa aqui representada?

— Não, Santíssimo Padre, minha ignorância é completa.

O papa inclinou-se para ele e murmurou: — A nossa também. — Riu. Aproximou os lábios da relíquia e beijou-a como se fosse a pedra do altar. Depois tornou a enrolá-la e passou-a a um assistente. — Agradecemos-te do fundo do coração por aqueles quinze anos, bem-amado filho — ajuntou, dirigindo-se ao Irmão Francis. — Foram anos gastos para preservar este original. Não penses neles como perdidos. Oferece-os a Deus. Algum dia o significado do original será descoberto e poderá ser importante. — O ancião franziu os olhos... ou teria piscado? Francis sentiu-se quase convencido de que o papa piscara para ele. — Então seremos gratos a ti.

A piscadela ou o franzir de olhos pareceu clarear a sala. Pela primeira vez o monge notou um buraco de traça

na batina do papa. A própria batina parecia usadíssima. O tapete da sala de audiência já estava ralo em alguns pontos. O estuque, em vários lugares, caíra do teto. Mas a dignidade encobria a pobreza. Só por um momento depois da piscadela, o Irmão Francis notou sinais dela. A impressão foi passageira.

— Através de ti, desejamos mandar nossos calorosos cumprimentos a todos os membros da tua comunidade e ao teu abade — Leão estava dizendo. — A eles, como a ti, desejamos estender nossa bênção apostólica. Levarás contigo uma carta nossa anunciando essa bênção. — Fez uma pausa e depois franziu os olhos, ou piscou outra vez. — A propósito, a carta será protegida. Afixaremos a ela o *Noli molestare,* excomungando qualquer um que atacar o portador.

O Irmão Francis murmurou seus agradecimentos por essa garantia contra os assaltos na estrada; não achou apropriado lembrar que o ladrão não saberia ler o aviso ou entender a penalidade. — Farei o que puder para entregá-la, Santíssimo Padre.

Outra vez Leão inclinou-se para dizer em voz baixa: — E a ti, daremos um sinal especial de nosso afeto. Antes de viajar, procura Monsenhor Aguerra. Teríamos preferido dá-lo nós mesmos, mas o momento não é adequado. O monsenhor o fará por nós. Faze o que quiseres com o que receberes.

— Muitíssimo obrigado, Santíssimo Padre.

— E agora adeus, bem-amado filho.

O pontífice passou adiante, falando a cada peregrino na fila e, quando terminou, veio a bênção solene. A audiência findara.

Monsenhor Aguerra tocou o braço do Irmão Francis quando o grupo de peregrinos passou pelos portais e abraçou-o calorosamente. O defensor da causa do santo envelhecera tanto que o monge, ao vê-lo de perto, reconheceu-o com dificuldade. Mas ele também embranquecera nas fontes e tinha rugas em redor dos olhos pelo muito que os forçara na sala dos copistas. O monsenhor entregou-lhe um pacote e uma carta enquanto desciam a *scala coelestis.*

Francis olhou para o endereço da carta e aquiesceu com a cabeça. Seu próprio nome estava escrito no pacote, que trazia um selo diplomático. — Para mim, monsenhor?

— Sim, uma lembrança pessoal do Santo Padre, É melhor não abri-lo aqui. Agora, o que posso fazer por você

antes da sua partida de Nova Roma? Gostaria de mostrar alguma coisa que você ainda não tenha visto.

O Irmão Francis refletiu um instante. Já visitara exaustivamente a cidade. — Gostaria de rever a basílica ainda uma vez, monsenhor — disse por fim.

— Sim, certamente. Só isso?

O irmão fez outra pausa. Tinham ficado para trás dos demais peregrinos. — Gostaria de me confessar — ajuntou a meia voz.

— Nada mais fácil — disse Aguerra e, depois, com um sorriso: — Você está no lugar certo, não é mesmo? Aqui você pode fazer-se perdoar de tudo o que o perturba. É algo de suficientemente sério para exigir a atenção do papa?

Francis enrubesceu e sacudiu a cabeça.

— Do Grande Penitenciário, então? Se você estiver arrependido, ele não só o absolverá, como também baterá na sua cabeça com uma varinha.

— Quis dizer. . . estava pedindo para me confessar com o senhor — gaguejou o monge.

— *Comigo? Por que eu?* Não sou nada especial. Aqui está você numa cidade cheia de barretes vermelhos e é com Malfredo Aguerra que quer se confessar?

— Porque. . . porque o senhor foi o defensor do nosso padroeiro — explicou o monge.

— Ah, bem. Naturalmente, confessarei você. Só não posso dar a absolvição em nome do seu padroeiro. Terá de ser mesmo em nome da Santíssima Trindade, como de costume. Está bem?

Francis tinha pouco a confessar; mas seu coração há muito estava perturbado — pela influência de Dom Arkos — com o medo de que sua descoberta do abrigo tivesse prejudicado a causa do santo. O defensor de Leibowitz ouviu-o, aconselhou-o, absolveu-o na basílica, e fê-lo dar a volta à velha igreja. Durante a cerimonia da canonização e a missa que se seguiu, Francis tinha notado apenas o esplendor e a majestade do templo. Agora o velho monsenhor mostrava-lhe a alvenaria que precisava de reparo e a péssima condição de alguns dos afrescos mais antigos. Mais uma vez teve a visão da pobreza encoberta pela dignidade. A Igreja não era rica naquele tempo.

Enfim, Francis pôde abrir o pacote. Dentro havia uma bolsa. Dentro dela, dois *heclos* de ouro. Olhou para Malfredo Aguerra, que sorriu.

— Você *disse* que o ladrão *ganhou* a iluminura depois de lutar com você por ela, não foi?

— Sim, monsenhor.

— Então, embora forçado, você resolveu também disputá-la, não é verdade? Você aceitou o desafio?

O monge acenou que sim com a cabeça.

— Então não creio que haja mal em resgatá-la. — Bateu no ombro do monge e abençoou-o. Era o momento de partir.

O pequeno guarda da chama do conhecimento encetou a pé o caminho de volta para a abadia. Passou dias e semanas na estrada, mas seu coração se regozijava ao aproximar-se do posto avançado do ladrão. "Faze o que quiseres com isso", dissera o Papa Leão, referindo-se ao ouro. Além da quantia para o resgate, o monge possuía agora uma resposta ao desdenhoso desafio do salteador. Pensou nos livros que vira na sala de audiências, esperando por quem os fizesse reviver.

Ao contrário do que pensara, ninguém o esperava no posto avançado. Havia pegadas recentes no caminho, mas nenhum sinal do ladrão. O sol se filtrava pelas árvores e cobria o chão com a sombra das folhas. A floresta não era espessa, mas havia muita sombra. Francis sentou-se à beira do caminho e esperou.

Uma coruja piou ao meio-dia na escuridão relativa de algum arroio distante. As aves de rapina voavam em círculo num pedaço de azul acima da copa das árvores. Havia paz na floresta naquele dia. Enquanto escutava sonolentamente o chilrear dos pardais numa moita próxima, sentiu que lhe era indiferente que o ladrão viesse hoje ou amanhã. Tão longa era a viagem, que não se importaria de gozar um dia inteiro de descanso, à espera dele. Ali ficou, observando as aves de rapina. De vez em quando dirigia o olhar para o caminho que conduzia ao seu distante lar no deserto. O ladrão localizara bem sua tocaia. Desse lugar, encoberto pela floresta, era-lhe possível ver mais de um quilômetro do caminho em ambas as direções, sem ser observado.

Alguma coisa moveu-se ao longe, no meio da estrada.

O Irmão Francis protegeu os olhos com a mão e estudou o que se movia à distância. Havia uma área ensolarada onde uma queimada deixara a nu vários hectares de terra a sudoeste. O caminho brilhava castigado pelo sol. Não podia ver claramente em virtude dos reflexos brilhantes, mas havia algo que se mexia. Era um iota negro que

se agitava. Às vezes, parecia ter uma cabeça. Outras vezes ficava inteiramente obscurecido pelo revérbero, mas mesmo assim era visível que se aproximava aos poucos. Houve um momento em que uma ponta de nuvem escondeu o sol, diminuindo a luminosidade por alguns segundos; seus olhos fatigados e míopes decidiram então que o iota que se agitava era realmente um homem, mas ainda longe demais para ser reconhecido. Estremeceu. Alguma coisa naquela visão era-lhe familiar demais.

Mas não, era impossível que fosse o mesmo.

O monge persignou-se e começou a rezar o rosário com o olhar sempre fixo naquela coisa distante.

Enquanto estivera esperando pelo ladrão, um debate se estava travando mais acima, na encosta da colina, em voz baixa e palavras monossilábicas. Agora, passada uma hora, a discussão terminara. Dois-Capuzes tinha cedido a Um-Capuz. Juntos, os filhos do papa se esgueiraram silenciosamente de trás de um arbusto e começaram a descer a colina.

Avançaram até poucos metros de Francis. Um pedregulho rolou com ruído. O monge, que murmurava a terceira ave-maria do Quarto Mistério Glorioso, voltou-se.

A flecha atingiu-o em cheio entre os olhos.

— Comida! Comida! — gritou o filho do papa.

No caminho de sudoeste, o velho peregrino sentou-se num toco e fechou os olhos para descansar do sol. Abanou-se com um velho chapéu de palha e mascou seu tabaco aromático. Há muito tempo que andava. A procura parecia não ter fim, mas havia sempre a esperança de encontrar o que procurava depois da colina seguinte ou além da próxima curva da estrada. Quando acabou de se abanar, cobriu-se outra vez com o chapéu e coçou a barba áspera, enquanto, com os olhos, interrogava a paisagem.

Na encosta da colina em frente, havia um pedaço de floresta que o fogo não atingira. Ali encontraria sombra, mas continuava sentado ao sol, observando as aves de rapina que se tinham concentrado e desciam agora sobre o pedaço da floresta. Um pássaro desceu rapidamente no meio das árvores, mas logo reapareceu, voou baixo até encontrar uma coluna de ar ascendente e deslizou para as alturas. A negra hoste de varredores parecia gastar mais energia do que de costume, batendo as asas. Habitualmente mantinham-se a

grande altura para conservar as forças. Agora, porém, batiam o ar sobre a colina, como se estivessem impacientes por descer.

Enquanto as aves de rapina se mostraram interessadas mas indecisas, o viandante ficou como estava. Havia onças naquelas montanhas e, para além do pico, outros animais ainda mais ferozes que, às vezes, andavam até muito longe.

Esperou, até que as aves de rapina desceram por entre as árvores. Esperou ainda mais cinco minutos. Afinal, levantou-se e foi coxeando na direção do bosque, amparando-se no cajado.

Depois de algum tempo, penetrou na floresta. As aves de rapina devoravam os restos de um homem. Espantou-as com o seu cajado e examinou o cadáver, já muito mutilado. Uma flecha atravessava-lhe o crânio e saía-lhe pela nuca. O velho olhou nervosamente em volta. Ninguém estava à vista, mas havia muitas pegadas na estrada. Não era seguro ficar.

Com ou sem segurança, o trabalho tinha de ser feito. O velho procurou um lugar em que a terra fosse suficientemente mole para cavar com as mãos e o cajado. Enquanto cavava, as aves de rapina, enfurecidas, circulavam baixo por cima das árvores, algumas vezes mergulhando na direção da terra, mas subindo outra vez rumo ao céu. Durante duas horas esvoaçaram ansiosamente sobre a encosta coberta de árvores.

Um pássaro, afinal, desceu e passou, com ar indignado, por cima de uma elevação de terra fresca que tinha sobre ela um marco de pedra. Desapontado, alçou vôo outra vez. Os negros varredores abandonaram o local e subiram para o alto em correntes de ar ascendentes, enquanto, esfomeados, observavam a terra.

Havia um porco morto além do vale dos Malnascidos. As aves de rapina o viram e desceram alegremente para o festim. Mais tarde, num distante passo da montanha, uma onça abateu uma ave, lambeu-lhe os ossos e deixou-lhe as penas. Os varredores ficaram felizes de poder devorar-lhe as sobras.

As aves de rapina punham seus ovos na estação apropriada e amorosamente alimentavam os filhotes com serpentes mortas e pedaços de carne de cão.

A nova geração assim fortalecida voava a grandes alturas para lugares distantes com suas asas negras, esperando que a terra dadivosa entregasse benignamente seus mortos.

Às vezes, o jantar consistia em um sapo. Outras, em um mensageiro de Nova Roma.

Seu vôo levava-as até as planícies centrais, onde se deliciavam com os excelentes restos deixados pelos nômades em passagem para o sul.

As aves de rapina punham seus ovos na estação apropriada e amorosamente alimentavam os filhotes. A terra os nutrira abundantemente durante séculos e os nutriria por muitos outros ainda. . .

Durante algum tempo, houve muito o que apanhar na região do rio Vermelho; mas, depois da carnificina, ergueu-se uma cidade. Por tais cidades as aves de rapina não se interessavam, embora gostassem da sua eventual destruição. Deixaram Texarkana e agruparam-se a oeste, na planície. Como fazem todos os seres vivos, encheram a Terra muitas vezes com sua espécie.

Era o ano do Senhor de 3174.

Havia rumores de guerra.

Fiat lux

12

Marcus Apollo teve certeza de que a guerra era iminente no momento em que ouviu a terceira mulher de Hannegan dizer a uma criada que seu cortesão predileto voltara são e salvo de uma viagem às tendas do clã do Urso Doido. O simples fato de regressar vivo, do campo dos nômades, indicava que a luta se preparava. O sentido da mensagem do cortesão às tribos da planície fora dizer-lhes que os Estados civilizados participavam do Acordo do Santo Castigo a respeito das terras contestadas e que fariam cair rude vingança sobre os povos nômades e grupos de bandidos que prosseguissem nas invasões. Mas ninguém jamais teria levado tais notícias ao Urso Doido e voltado vivo. Logo, concluiu Apollo, o ultimato não fora entregue e o emissário de Hannegan fora às planícies com qualquer outro propósito além daquele. E esse propósito era perfeitamente claro.

Apollo, com ares corteses, atravessou o pequeno grupo de convidados, procurando o Irmão Claret com os olhos a fim de fazer-se ver por ele. De elevado porte e vestido com uma batina negra com um pouco de cor à cintura indicando a posição que ocupava, contrastava agudamente com o conjunto de cores usadas pelos que estavam na sala do banquete. Não demorou a encontrar o seu assistente e fez-lhe sinal para que se reunisse a ele junto à mesa das refeições, reduzida já agora a um monte de migalhas, copos gordurosos e pedaços de carne que pareciam cozidos demais. Apollo mexeu com a concha o fundo da poncheira, reparou num inseto morto que boiava no meio das ervas aromáticas e, com ar pensativo, passou o primeiro cálice ao Irmão Claret, que se aproximava.

— Obrigado, monsenhor — disse este, sem notar o inseto. — O senhor quer falar comigo?

— Assim que terminar a recepção. No meu quarto. Sarkal voltou vivo.

— Ah!

— Nunca ouvi um "ah" mais agourento. Pelo que vejo, você entende as coisas interessantes que estão aí implicadas.

— Certamente, monsenhor. A volta de Sarkal significa que Hannegan não está cumprindo o acordo e que pretende usá-lo contra. . .

— Psiu. . . Mais tarde. — Apollo indicou com os olhos que alguém vinha chegando, e o assistente voltou-se para encher outra vez o cálice na poncheira. Ficou aos poucos absorvido pelo que estava fazendo e não olhou para a figura esguia em trajes de seda que se dirigia da entrada para onde estavam. Apollo sorriu cerimoniosamente e inclinou-se. O aperto de mão dos dois homens foi rápido e visivelmente frio.

— Mestre Taddeo — disse o padre —, sua presença me surpreende. Pensei que você fosse avesso a essas reuniões festivas. Que poderia haver de especial na festa de hoje para atrair tão distinto escolástico? — Levantou as sobrancelhas, simulando perplexidade.

— A atração é você mesmo, naturalmente — disse o recém-chegado, respondendo ao sarcasmo do outro —, e só por sua causa estou assistindo à festa.

— Eu? — Apollo fingiu-se surpreso, mas a afirmativa provavelmente era verdadeira. A recepção do casamento de uma irmã por parte de pai não era razão suficiente para impelir Mestre Taddeo a se enfarpelar todo e deixar as salas enclausuradas do *collegium.*

— Na realidade, tenho procurado você o dia inteiro. Disseram-me que o encontraria aqui. Do contrário. . . — Olhou em volta da sala de banquetes e soltou uma exclamação, irritado.

A irritação do mestre fez o Irmão Claret tirar os olhos da poncheira e voltar-se para cumprimentá-lo. — Quer um pouco de ponche, Mestre Taddeo? — perguntou, oferecendo um cálice cheio.

O escolástico aceitou-o e bebeu de um só trago. — Queria saber de você alguma coisa a respeito dos documentos leibowitzianos de que falamos — disse a Marcus Apollo. — Recebi uma carta da abadia escrita por um sujeito chamado Kornhoer. Ele assegura que tem documentos que datam dos últimos anos da civilização europeia e americana.

O fato de haver assegurado o mesmo ao escolástico há alguns meses atrás irritou Apollo, mas ele nada deixou

transparecer. — Sim — disse —, são documentos perfeitamente autênticos, segundo me informaram.

— Se é assim, parece-me misterioso que ninguém jamais tenha ouvido. . . mas não importa. Kornhoer enumera e descreve um certo número de documentos e textos. Tenho que vê-los, se é que existem.

— Ah!

— Sim. Se se trata de um embuste, deve ser desmascarado. Senão, o material pode ser preciosíssimo.

O monsenhor franziu as sombrancelhas. — Assegurolhe que não se trata de embuste — disse friamente.

— A carta continha um convite para visitar a abadia e estudar os papéis. Evidentemente já ouviram falar de mim.

— Não necessariamente — disse Apollo, sem poder resistir à oportunidade. — Não fazem muita questão de saber quem lê os livros, desde que lavem as mãos antes e não os danifiquem.

O escolástico ficou rubro. A sugestão de que poderia haver pessoas letradas que desconhecessem seu nome não lhe agradou.

— Pois então — continuou Apollo com afabilidade — não há problema. Aceite o convite, vá à abadia, estude as relíquias. Você será bem recebido.

O outro mostrou-se irritado. — E viajarei através das planícies numa época em que o clã do Urso Doido está . . . — interrompeu-se subitamente.

— Você dizia? — perguntou Apollo sem mostrar grande interesse, apesar de a veia da sua fronte ter começado a latejar enquanto olhava fixamente para Taddeo.

— Apenas que é uma longa e perigosa viagem e que não posso ficar seis meses ausente do *collegium.* Queria discutir a possibilidade de mandar um grupo bem armado de guardas do governador para trazer os documentos para cá, a fim de serem estudados.

Apollo engasgou-se. Sentiu um desejo pueril de dar um pontapé nas. canelas do escolástico. — Sinto muito — disse cortesmente —, mas não seria possível. De toda maneira, o assunto está fora da minha alçada e penso que nada poderia fazer por você nesse particular.

— Por que não? — perguntou Mestre Taddeo. — Você não é núncio apostólico junto à corte de Hannegan?

— Precisamente. Eu represento Nova Roma e não as

ordens monásticas. O governo das abadias pertence a seus respectivos abades.

— Mas com um pouco de pressão de Nova Roma. . .

O desejo de dar pontapés nas canelas do outro aumentou rapidamente. — É melhor discutirmos isso mais tarde — disse Monsenhor Apollo, brevemente. — Esta noite, no meu escritório, se você quiser. — Voltou-se como para sair e olhou por cima do ombro, como se dissesse "está bem?"

— Estarei lá — disse o escolástico asperamente, e afastou-se.

— Por que não disse simplesmente "não", de uma vez? — indagou Claret, indignado, quando se viram a sós na embaixada, uma hora depois. — Transportar preciosas relíquias através de território de bandidos nos tempos que correm! É incrível, monsenhor!

— Certamente.

— Então por que. . .

— Por duas razões. Em primeiro lugar, Mestre Taddeo é parente de Hannegan e influente. Devemos ser corteses para com César e sua parentela, queiramos ou não. Em segundo lugar, ele ia dizendo alguma coisa sobre o clã do Urso Doido e parou de repente. Penso que sabe o que vai acontecer. Não vou fazer espionagem, mas se ele adiantar qualquer informação, nada impede que a inclua no relatório que você em breve levará pessoalmente a Nova Roma.

— *Eu!* — O assistente pareceu chocado. — A Nova Roma? Mas que. . .

— Não tão alto — disse o núncio, olhando para a porta. — Vou mandar a minha apreciação dos fatos a Sua Santidade, e o mais depressa possível. Mas não é coisa que se faça por escrito. Se o pessoal de Hannegan interceptasse tal despacho, você e eu provavelmente seríamos encontrados flutuando no rio Vermelho, com o nariz dentro d'água. Se os inimigos de Hannegan o interceptassem, ele então se sentiria justificado para nos enforcar publicamente, como espiões. Tudo bem quanto ao martírio, mas temos um trabalho a fazer antes.

— E eu tenho que transmitir o relatório oralmente no Vaticano? — resmungou o Irmão Claret, aparentemente nada entusiasmado com a perspectiva de atravessar território hostil.

— Tem de ser assim. É possível que Mestre Taddeo

forneça uma desculpa para sua brusca partida na direção da Abadia de São Leibowitz ou de Nova Roma, ou de ambas, no caso de haver suspeitas aqui na corte. Vou ver se conduzo as coisas nesse sentido.

— E a substância do relatório que devo transmitir, monsenhor?

— Diga que a ambição de Hannegan, de unir o continente sob uma só dinastia, não é um sonho tão absurdo quanto pensávamos. Que o Acordo do Santo Castigo é, da parte de Hannegan, uma falsidade, pois pretende usá-lo para promover um conflito entre o Império de Denver e a Nação Laredana de um lado, e os nômades da planície, de outro. Se as forças laredanas estiverem engajadas em batalha com o Urso Doido, não será preciso muito para persuadir o Estado de Chihuahua a atacar Laredo pelo sul. Afinal de contas, trata-se de uma velha inimizade. Hannegan, naturalmente, poderá então marchar vitoriosamente para o rio Laredo. Com Laredo debaixo da bota, poderá pensar em enfrentar tanto Denver quanto a República do Mississipi sem temer um golpe nas costas, desfechado pelo sul.

— O senhor acha que Hannegan fará isso, monsenhor?

Marcus Apollo começou a responder, mas interrompeu-se. Andou até a janela e olhou para a cidade ensolarada que se estendia desordenadamente com suas construções feitas de pedras carcomidas de uma outra era. Uma cidade sem ruas alinhadas, que crescera aos poucos sobre velhas ruínas, como talvez, em algum tempo, outra cidade cresceria sobre as suas.

— Não sei — respondeu em voz baixa. — Atualmente, é difícil condenar um homem por querer unir este continente estraçalhado. Mesmo com os meios que ele... mas não, não quero dizer isso. — Suspirou profundamente. — De qualquer modo, nossos interesses nada têm a ver com a política. Devemos avisar Nova Roma do que poderá acontecer, porque a Igreja talvez seja afetada. Se for avisada, talvez possamos ficar fora do barulho.

— O senhor pensa realmente assim?

— Claro que não! — disse o padre em voz baixa.

O Mestre Taddeo Pfardentrott chegou ao escritório de Marcus Apollo quando o dia mal havia findado. Conseguiu esboçar um sorriso cordial, mas havia ansiedade no seu modo de falar. Esse sujeito, pensou Marcus, vem atrás de alguma coisa de tanto interesse para ele, que está disposto até a ser polido para obtê-la. Talvez a lista de antigos impressos fornecida pelos monges da abadia leibowitziana o

tivesse impressionado mais do que queria dar a perceber. O núncio estava preparado para uma longa conversa, mas o estado do escolástico fazia dele uma vítima fácil. Apollo relaxou sua disposição para entrar num duelo verbal.

— Esta tarde houve uma reunião da faculdade do *collegium* — disse Mestre Taddeo, tão logo se sentaram. — Falamos da carta do Irmão Kornhoer e da lista dos documentos. — Parou como se não soubesse como continuar. A luz mortiça que entrava pela larga janela em arco, à sua esquerda, dava à sua face um tom esbranquiçado e intenso. Seus olhos cinzentos pousavam no padre como se o estivessem medindo e fazendo estimativas.

— Imagino que tenha havido ceticismo, não?

O mestre baixou os olhos, mas logo os ergueu. — Devo ser cortês?

— Não se importe com isso — riu Apollo.

— Houve ceticismo. "Incredulidade" é a palavra mais apropriada. Minha impressão é que, se tais papéis existem, devem ser falsificações que datam de vários séculos. Duvido, porém, que os atuais monges da abadia estejam querendo perpetrar um embuste. Naturalmente acreditam que os documentos são válidos.

— É bondade sua absolvê-los — disse Apollo com azedume.

— Ofereci-me para ser cortês. É o que você quer?

— Não. Continue.

O mestre deixou sua cadeira e foi sentar-se perto da janela. Olhou para as nuvens amareladas que se iam apagando no poente e pôs-se a tamborilar de leve com os dedos no peitoril, enquanto falava. — Os papéis. Não importa o que pensemos deles, a idéia de que possam existir intatos, de que haja ao menos uma ligeira possibilidade de que existam, é tão *notável* que *precisamos* examiná-los imediatamente.

— Muito bem — disse Apollo, achando um pouco de graça naquilo. — Então convidaram você. Mas diga-me: o que é que você acha assim tão notável nesse documento?

O escolástico lançou-lhe um olhar rápido. — Você está a par do meu trabalho?

O monsenhor hesitou. Sabia de que se tratava, mas admiti-lo equivaleria a dizer que sabia que o nome do Mestre Taddeo, que tinha pouco mais de trinta anos, era citado juntamente com os de filósofos naturais, mortos há mil anos ou mais. O padre não desejava mostrar que tinha conhecimento de que esse jovem cientista poderia vir a ser um dos

raros gênios humanos que aparecem só uma ou duas vezes num século, para revolucionar um campo inteiro do pensamento com uma única varredela. Tossiu com ar de quem se desculpava.

— Reconheço que pouco tenho lido. . .

— Não tem importância. — Pfardentrott, com a mão, afastou a desculpa. — Em grande parte, é altamente abstrato e tedioso para um leigo. São teorias sobre a essência da eletricidade. Movimento dos planetas. Atração dos corpos. Assuntos desse género. A lista de Kornhoer cita nomes como Laplace, Maxwell e Einstein; para você esses nomes têm sentido?

— Não muito. A história menciona-os como filósofos naturais, não é? De antes do colapso da última civilização? Penso que são citados num dos hagiológios pagãos, não é mesmo?

O escolástico concordou. — E é tudo o que se sabe deles, ou do que fizeram. Físicos, segundo nossos não muito seguros historiadores. Responsáveis, dizem eles, pelo rápido desenvolvimento da cultura europeia e americana. Esses historiadores só falam de trivialidades. Quase me esquecia deles. Mas as descrições de Kornhoer, a respeito dos velhos documentos que afirmam possuir, falam de papéis que bem poderiam ter sido tirados de textos científicos de alguma espécie. É simplesmente impossível!

— Mas você quer se certificar?

— Temos de nos certificar. Agora que apareceram, desejaria nunca ter ouvido falar neles.

— Por quê?

O Mestre Taddeo estava olhando para alguma coisa embaixo, na rua. Acenou para o padre. — Venha aqui um momento. Vou mostrar a você por quê.

Apollo levantou-se da escrivaninha e olhou para a rua lamacenta, além do muro que circundava o palácio, e as barracas e construções do *collegium*, isolando o grande santuário da fervilhante cidade plebeia. O escolástico apontava para a sombria figura de um campônio conduzindo um burro naquela meia-luz. Seus pés estavam envoltos em saco, e a lama endurecera neles a ponto de mal poder levantá-los. Assim mesmo, avançava com dificuldade, passo a passo, descansando meio minuto entre um e outro. Parecia fatigado demais para raspar o barro que lhe tolhia os movimentos.

— Ele não vem montado no burro — declarou Mestre Taddeo — porque hoje de manhã o animal estava carregado

com grande quantidade de milho. Não lhe ocorre que os cestos agora estão vazios. O que fez de manhã continua a fazer de tarde.

— Você o conhece?

— Ele passa pela minha janela também. Todas as manhãs e todas as tardes. Você nunca o tinha notado?

— Há mil como ele.

— Olhe. Você consegue acreditar que aquele bruto é descendente direto de homens que, segundo se supõe, inventaram máquinas voadoras, viajaram para a Lua, dominaram as forças da natureza, construíram máquinas falantes e, aparentemente, pensantes? Você acredita que tais homens tenham existido?

Apollo guardou silêncio.

— Olhe para ele! — insistiu o escolástico. — Não, já está escuro demais. Você não pode ver os sinais de sífilis no pescoço dele, e o modo como o nariz está sendo destruído. Paresia. Para começar, trata-se de um débil mental. Iletrado, supersticioso, perigoso. Transmite doenças aos filhos. Por umas poucas moedas, seria capaz de matá-los. Quando forem bastante crescidos para serem úteis, serão vendidos. Olhe para ele e diga-me se reconhece a descendência de uma civilização que já foi poderosa. Que *vê* você?

— A imagem de Cristo — respondeu com violência o monsenhor, surpreso com sua própria ira. — Que mais queria você que eu visse?

O escolástico impacientou-se. — A incongruência. Homens como os que vemos de nossas janelas e homens como os historiadores querem nos fazer crer que existiram. Não posso aceitá-lo. Como é possível que uma grande e sábia civilização se tenha destruído tão completamente?

— Talvez — disse Apollo — sendo grande e sábia materialmente, e nada mais. — Dispôs-se a acender uma lâmpada de sebo, pois a meia-luz se transformava rapidamente em noite. Bateu com um seixo no aço até produzir uma centelha e soprou-a de leve de encontro à substância inflamável.

— Talvez — disse Mestre Taddeo —, mas duvido.

— Você rejeita toda a história, então, como se fosse um mito? — A centelha transformou-se em chama.

— Não "rejeito". Mas preciso investigar. Quem escreveu suas histórias?

— As ordens monásticas, naturalmente. Durante os séculos mais obscuros não havia ninguém mais que o fizesse.

— Aí está! E durante o tempo dos antipapas, quantas ordens cismáticas fabricaram suas próprias versões das coisas e passaram seus trabalhos adiante como tendo sido feitos pelos antigos? Você não pode saber com certeza. Houve neste continente uma civilização mais adiantada do que a que temos agora — isso não pode ser negado. É só observar as pedras carcomidas e o metal enferrujado para sabê-lo. Pode-se cavar um trecho de areia solta e encontrar restos de velhas estradas. Mas onde estão os vestígios das máquinas que seus historiadores afirmam haver existido naqueles tempos? Onde estão os restos dos carros que se moviam por si mesmos e das máquinas voadoras?

— Transformados em pás e enxadas.

— Se é que existiram.

— Se você duvida, para que tanto trabalho em estudar os documentos leibowitzianos?

— Porque duvidar não é negar. A dúvida é um poderoso instrumento que deveria ser aplicado à história.

O núncio sorriu, contrafeito. — E que deseja você que eu faça a respeito, ilustre mestre?

O escolástico inclinou-se para Apollo, com seriedade. — Escreva ao abade desse lugar. Assegure-lhe que os documentos serão tratados com o maior cuidado, e devolvidos depois de examinados a fundo sua autenticidade e conteúdo.

— Em nome de quem darei tal segurança, no seu ou no meu?

— No de Hannegan, no seu *e* no meu.

— Só posso fazê-lo em seu nome e no dele. Eu mesmo não possuo tropas.

O escolástico enrubesceu.

— Diga-me — ajuntou o núncio depressa —, por que motivo, apesar dos bandidos, você insiste em ver os documentos aqui, ao invés de na abadia?

— A melhor razão que você pode dar ao abade é que, se os documentos forem autênticos, no caso de serem examinados na abadia, o nosso parecer não valeria muito aos olhos dos demais escolásticos seculares.

— Você quer dizer que seus colegas poderiam pensar que os monges teriam feito você cair numa armadilha?

— Hummm, é o que poderia ser deduzido. Mas o que também é importante é dizer que, uma vez aqui, os papéis poderão ser examinados por todos os que, no *collegium,* tiverem qualificação para opinar. E também outros mestres

visitantes de outros principados poderão vê-los. Mas não podemos transportar o *collegium* inteiro ao deserto do sudoeste e lá ficar por seis meses.

— Compreendo seu ponto de vista.

— Você mandará o pedido à abadia?

— Sim.

Mestre Taddeo pareceu surpreso.

— Mas será um pedido seu e não meu. Devo dizer-lhe lealmente que não creio que o Abade Dom Paulo concorde.

O mestre, porém, mostrou-se satisfeito. Depois de se ter retirado, o núncio chamou seu assistente.

— Você partirá amanhã para Nova Roma — disse.

— Pelo caminho da Abadia de Leibowitz?

— Volte por esse caminho. O relatório para Nova Roma é urgente.

— Sim, monsenhor.

— Na abadia, diga a Dom Paulo que a rainha de Sabá espera que Salomão venha a *ela.* Com presentes. Depois disso, é melhor tapar os ouvidos. Quando ele acabar de explodir, volte depressa para que eu possa dizer "não" a Mestre Taddeo.

13

No deserto, o tempo corre lentamente. Poucas são as mudanças que fazem notar sua passagem. Já havia duas estações desde que Dom Paulo recusara o pedido que lhe viera das planícies, mas o assunto só se decidira definitivamente poucas semanas antes. Mas ter-se-ia decidido? Era claro que Texarkana não ficaria satisfeita.

O abade passeava ao longo dos muros da abadia ao cair do sol, com o queixo empurrado para a frente como um áspero rochedo enfrentando invasores saídos do mar dos acontecimentos. Seu cabelo ralo flutuava como flâmulas brancas ao vento do deserto. E o vento enrolava-lhe o hábito em volta do corpo curvado, fazendo lembrar um Ezequiel macilento com um pequeno ventre redondo. Com as mãos nodosas enfiadas nas mangas, olhava de vez em quando na direção da aldeia de Sanly Bowitts. A luz avermelhada do

sol ia projetando sua sombra no pátio, e os monges que a viam ao passar levantavam surpresos os olhos para o velho. O superior andava preocupado ultimamente, e dado a estranhos pressentimentos. Dizia-se à surdina que, dentro em breve, um novo abade seria nomeado para dirigir os Irmãos de São Leibowitz. Que o ancião não estava bem de saúde. Realmente, nada bem. E que, se ele ouvisse tais boatos, os boateiros voariam rápido por cima dos muros. O abade já ouvira tudo, mas, dessa vez, não tinha vontade de se incomodar. É que sabia que os boatos eram verdadeiros.

— Leia isso outra vez — disse de repente ao monge que estava imóvel, a pouca distância, e cujo capuz se mexeu um pouco na direção do abade.

— Qual deles, meu senhor?

— Você sabe qual.

— Sim, senhor abade. — O monge procurou dentro da manga que parecia repleta de meio quilo de documentos e correspondência. Depois de alguns momentos, encontrou o que buscava. Afixado ao rolo havia o rótulo:

"SUB IMMUNITATE APOSTOLICA HOC SUPPOSITUM EST.
QUISQUIS NUNTIUM MOLESTARE AUDEAT, IPSO FACTO EXCOMMUNICETUR.
DET: Reverendissimo Domino Paulo de Pecor, A.O.L., Abbati.
(Mosteiro dos Irmãos Leibowitzianos,
arredores da aldeia de Sanly Bowitts,
deserto do sudoeste, Império de Denver)
CUI SALUTEM DICIT: Marcus Apollo
(Papatiae Apocrisarius Texarkanae)"

— Está certo, é esse mesmo. Leia — disse o abade impacientemente.

— "*Accedite ad eum. . .*" — O monge fez o sinal-da-cruz e murmurou a costumeira Bênção dos Textos, rezada antes de ler ou escrever, com tanta exatidão quanto as orações antes das refeições. A preservação das letras e do saber através de um negro milênio fora o objetivo dos Irmãos de São Leibowitz e esses pequenos rituais ajudavam a mantê-lo em foco.

Terminada a bênção, ergueu o rolo contra a luz do crepúsculo, tornando-o transparente. — *"Iterum oportet apponere tibi crucem ferendam, amice. . .*"

Sua voz era levemente cantante e seus olhos destacavam as palavras de uma floresta de floreados supérfluos feitos a bico-de-pena. O abade encostou-se ao parapeito para ouvir, enquanto olhava as aves de rapina que descreviam círculos sobre a mesa de Last Resort.

— "Mais uma vez é necessário enviar uma cruz que você deverá carregar, amigo velho e pastor de bichos de livros míopes" — leu o monge com voz monótona —, "mas talvez essa cruz signifique triunfo. Parece que a rainha de Sabá irá afinal a Salomão, ainda que, provavelmente, para denunciá-lo como charlatão"

" 'Escrevo para avisar que Mestre Taddeo Pfardentrott, D. N.Sc., Sábio entre os Sábios, Escolástico entre os Escolásticos, louro filho natural de um certo Príncipe, e Dom de Deus para uma Geração que Desperta, por fim decidiu-se a visitar você, depois de perder toda a esperança de transportar sua *Memorabilia* para seu formoso reino. Chegará por volta da Festa da Assunção, se conseguir evitar os grupos de bandidos no caminho. Levará suas desconfianças e um pequeno grupo de cavalaria armada, por cortesia de Hannegan II, cuja corpulenta pessoa se debruça sobre mim enquanto escrevo, grunhindo e fazendo carrancas para estas linhas que traço por ordem de Sua Supremacia e nas quais espera que elogie seu primo, o Mestre, na esperança de que você o honre devidamente. Mas como o secretário de Sua Supremacia está de cama, com gota, serei perfeitamente franco. Em primeiro lugar, deixe-me prevenir você a respeito dessa pessoa, Mestre Taddeo. Trate-o com sua caridade costumeira, mas não confie nele. É um escolástico brilhante, mas secular e, politicamente, preso ao Estado. Aqui, Hannegan é o Estado. Além disso, o Mestre é um tanto anticlerical, penso — ou talvez somente antimonástico. Depois do seu nascimento escandaloso, fizeram-no desaparecer num mosteiro beneditino, e. . . — mas não, peça ao emissário que fale sobre isso. . .' "

O monge levantou os olhos da leitura. O abade ainda olhava para as aves de rapina sobre Last Resort.

— Você ouviu falar na infância dele, irmão? — perguntou Dom Paulo.

O monge acenou que sim.

— Continue a ler.

A leitura continuou, mas o abade cessou de ouvir. Sabia a carta quase de cor, mas sentia que havia algo que Marcus Apollo quisera dizer nas entrelinhas que ele, Dom Paulo,

ainda não entendera. Marcus tentava avisá-lo — mas de quê? O tom da carta era levemente petulante e parecia cheia de incongruências de mau agouro, que poderiam ter sido postas ali expressamente para formar uma única e negra congruência, mas não conseguia adivinhar qual. Que perigo poderia haver em deixar o escolástico secular estudar na abadia?

Mestre Taddeo, segundo o emissário que trouxera a carta, fora educado no mosteiro beneditino para onde o tinham levado em criança, para não ferir os sentimentos da esposa de seu pai. Este era tio de Hannegan. Sua mãe, porém, era uma criada. A duquesa, mulher legítima do duque, nunca protestara contra os namoros do marido, até essa criatura vulgar dar-lhe o filho que sempre desejara; então, declarou-se ofendida. Nunca tivera senão filhas e, quando se viu suplantada por uma plebeia, enfureceu-se. Mandou embora a criança, chicoteou e despediu a criada e aumentou seu domínio sobre o duque. Queria dar-lhe um filho e salvar sua honra; deu-lhe mais três filhas. O duque esperou com paciência durante quinze anos; quando a duquesa morreu vítima de um aborto (outra menina), ele prontamente foi à abadia beneditina reclamar o filho e fazê-lo seu herdeiro.

Mas o jovem Taddeo de Hannegan-Pfardentrott era agora uma criança amargurada. Passara da infância à adolescência à vista da cidade em que seu primo irmão estava sendo preparado para o trono; se sua família o tivesse ignorado, talvez não se ressentisse de sua situação de enjeitado. Mas tanto seu pai quanto a criada em cujo ventre fora gerado vinham visitá-lo com a freqüência necessária, para lembrá-lo de que era feito de carne e não de pedra e fazê-lo sentir vagamente que estava privado do amor a que tinha direito. Depois, também o Príncipe Hannegan, que viera ao mesmo mosteiro para um ano de estudos, desprezara o primo bastardo e mostrara-se melhor do que ele em tudo, menos na inteligência. O jovem Taddeo, em silêncio, detestara o príncipe e aplicara-se em ultrapassá-lo quanto pudesse, ao menos nos estudos. No entanto, a corrida dera em nada; o príncipe deixara a escola monástica no ano seguinte, tão iletrado quanto antes, e ninguém mais pensara em instruí-lo. Ao mesmo tempo, o primo exilado continuara a corrida sozinho e alcançara grandes honras; mas sua vitória fora inútil, porque Hannegan não se importava com ele. Mestre Taddeo desprezava agora toda a corte de Texarkana, mas, na sua incoerência de jovem, voltava de bom grado a ela para ser

reconhecido como filho legítimo de seu pai, parecendo perdoar a todos, menos à duquesa morta que o exilara e aos monges que se tinham ocupado dele no exílio.

Talvez ele pense no nosso claustro como se fosse uma vil prisão, pensou o abade. Deve ter recordações amargas, meio imaginárias, e algumas até inteiramente imaginárias.

— ". . .sementes de controvérsia nas águas das novas letras" — continuou o leitor. — "Por isso esteja atento e observe os sintomas."

" 'Mas, por outro lado, não somente Sua Supremacia, mas os ditames da caridade e da justiça, insistem em que eu o recomende a você como um homem bem-intencionado, ou pelo menos sem malícia, como muitos desses pagãos educados e cavalheirescos (e pagãos, apesar de tudo). E se comportará bem se você for firme, mas tenha cuidado, amigo. A mente dele é como um mosquito armado e pode disparar em qualquer direção. Espero, porém, que o trato com ele não seja problema grande demais para sua inteligência e hospitalidade'

' *'Quidam mihi calix nuper expletur, Paule. Precamini ergo Deum facere me jortiorem. Metue ut hic pereat. Spero te et fratres saepius oraturos esse pro tremescente Marco Apolline. Valete in Christo, amici.'*

" *'Texarkane datum est Octava S. Petri et Pauli, Anno Domini termillesimo. . .' "*

— Deixe-me ver aquele selo outra vez — disse o abade.

O monge entregou-lhe o rolo. Dom Paulo levou-o à altura dos olhos para poder ver as letras semi-apagadas impressas no fim por um carimbo com pouca tinta:

"APROVADO POR HANNEGAN II,
PELA GRAÇA DE DEUS GOVERNADOR,
CHEFE DE TEXARKANA, DEFENSOR DA FÉ
E VAQUEIRO SUPREMO DAS PLANÍCIES.
SEU SINAL: X"

— Será que Sua Supremacia mandou alguém ler a carta antes de enviá-la?

— Se assim fosse, meu senhor, teria ela chegado?

— Creio que não. Mas essa brincadeira, assim no nariz de Hannegan, só para tirar vantagem do seu analfabetismo, não é coisa de Marcus Apollo, a não ser que estivesse querendo dizer algo nas entrelinhas — e não encontrasse outro

modo seguro para fazê-lo. Aquela última parte — sobre certo cálice que talvez não venha a ser afastado. É claro que alguma coisa o preocupa, mas o quê? Aquele estilo positivamente não é de Marcus.

Várias semanas se tinham passado desde a chegada da carta; durante esse tempo Dom Paulo dormira mal e pensara muito no passado, como se procurasse alguma coisa que poderia ter sido feita diferentemente, de modo a prevenir o futuro. Que futuro?, perguntava-se a si mesmo. Não havia razões lógicas para esperar perturbações. A controvérsia entre monges e aldeões quase terminara. Nenhum sinal de tumulto vinha das tribos de pastores do norte e do oeste. O Império de Denver não insistia em suas tentativas de elevar os impostos pagos pelas congregações monásticas. Não havia tropas na vizinhança. O oásis ainda dava água. Não havia ameaça de pragas entre os animais e os homens. O milho crescia bem naquele ano nos campos irrigados. Havia sinais de progresso no mundo e a aldeia de Sanly Bowitts chegara a atingir um índice de oito por cento de alfabetizados — pelo que os aldeões deveriam agradecer aos monges da ordem leibowitziana — mas não agradeciam.

E no entanto tinha pressentimentos. Alguma coisa desconhecida ameaçava o mundo. Era uma impressão que o atormentava, como uma nuvem de insetos famintos zumbindo em volta da cabeça de um homem, em pleno sol do deserto. Era uma sensação de algo iminente, desumano, brutal, que se enroscava como uma cascavel enraivecida pelo calor, pronta para atacar a vítima.

Era um demónio com o qual tentava explicar-se, mas ele era cheio de evasivas; pequeno para um demónio, chegava até os joelhos de um homem, mas pesava dez toneladas e era forte como quinhentos bois. Não se servia tanto de malícia, segundo imaginava Dom Paulo, quanto de uma angustiosa compulsão, mais ou menos como um cão hidrófobo. Atravessava a carne, os ossos e as unhas simplesmente porque se danara e a pena do dano produzia-lhe um apetite insaciável. Era maligno apenas porque negara a Deus, e a negação se tornara parte de sua essência, ou um rombo na sua essência. Em algum lugar, pensava Dom Paulo, ele deve estar atravessando um mar de homens e deixando um rasto de estropiados.

Que disparate, meu velho!, ralhava consigo mesmo. Quando se está cansado de viver, toda mudança parece um mal — não parece? —, porque perturba a paz quase tumular

dos fatigados da vida. É bem verdade que há o Demônio, mas não vamos creditar-lhe mais do que é da sua danada atribuição. Você está cansado de viver, velho fóssil?

Mas o pressentimento ficava.

— O senhor acha que as aves de rapina já comeram o velho Eleazar? — perguntou uma voz calma atrás dele.

Dom Paulo voltou-se com um sobressalto, na meia-luz da tarde. Era a voz do Padre Gault, seu prior e provável sucessor. Lá estava ele segurando uma rosa e um pouco atrapalhado por haver perturbado a solidão do abade.

— Eleazar? Você quer dizer Benjamin? Houve alguma notícia dele ultimamente?

— Não, padre abade. — Riu, contrafeito. — É que o senhor parecia estar olhando para a mesa e eu pensei que seus pensamentos se dirigiam ao velho judeu. — Olhou para a montanha com o formato de bigorna, cuja silhueta se destacava no céu cinzento a oeste. — Há um pouco de fumaça lá em cima; por isso penso que deve estar vivo.

— Não deveríamos ter de *pensar* — disse Dom Paulo repentinamente. — Vou até lá fazer-lhe uma visita.

— O senhor fala como se já fosse hoje — disse Gault, rindo.

— Dentro de dois dias.

— É melhor ter cuidado. Dizem que ele atira pedras em quem sobe a montanha.

— Não o vejo há cinco anos — confessou o abade. — Envergonho-me disso. Ele se sente isolado. Irei até lá.

— Se ele se sente isolado, então por que insiste em viver como eremita?

— Para fugir do isolamento num mundo novo.

O padre moço riu. — Talvez isso tenha sentido para ele, senhor abade, mas não para mim.

— Você entenderá, quando tiver a minha idade ou a dele.

— Não espero viver tanto. Ele afirma que tem vários milhares de anos.

O abade sorriu, recordando-se. — Você sabe, eu não discuto isso com ele. Quando o conheci, há mais de cinquenta anos, eu ainda era noviço e ele já parecia tão velho quanto agora. Creio que deve ter mais de cem anos.

— Três mil duzentos e nove, diz ele. Às vezes, diz que tem mais. Tenho a impressão de que ele acredita que tem mesmo. Uma loucura interessante.

— Não estou tão certo de que seja louco, padre. Só

um pouco original, mas em juízo perfeito. Você queria me falar sobre alguma coisa?

— Três pequenos assuntos. Primeiro, como é que vamos fazer o Poeta sair dos quartos dos hóspedes reais antes que chegue Mestre Taddeo? Ele deve estar aqui dentro de poucos dias, e o Poeta, pelo jeito, criou raízes.

— Deixe o "Senhor" Poeta comigo. O que mais?

— As vésperas. O senhor estará na igreja?

— Só para as completas. Tome o meu lugar. O que mais?

— Controvérsia no porão a respeito da experiência do Irmão Kornhoer.

— Quem e como?

— Tolices. Enquanto o Irmão Armbruster assume a atitude de *vespere mundi expectando,* para o Irmão Kornhoer estamos apenas nas matinas do milênio. Um arreda qualquer coisa para dar lugar a uma peça do equipamento. O outro grita: "Perdição!" O Irmão Kornhoer grita: "Progresso!" e recomeçam a briga. Então, fumegando, vêm ter comigo para decidir quem tem razão. Ralho com ambos por terem perdido a paciência. Durante dez minutos, ficam como uns cordeirinhos, um com o outro. Mas seis horas depois, o chão estremece com os gritos de "Perdição!" do Irmão Armbruster, na biblioteca. Posso acalmar os rompantes, mas creio que se trata aí de um problema de base.

— Uma falta de base, em matéria de conduta, diria eu. Que é que você quer que eu faça? Que os exclua da mesa do refeitório?

— Ainda não, mas que o senhor os advirta.

— Muito bem, vou cuidar disso. É só?

— É só, senhor abade. — Começou a se afastar, mas parou. — A propósito, o senhor acha que a máquina do Irmão Kornhoer vai funcionar?

— Espero que não!

O Padre Gault pareceu surpreso. — Mas então por que permitir que ele. . .

— Porque, a princípio, eu estava curioso. Mas agora o trabalho já causou tanta complicação que estou arrependido de o ter deixado começar.

— Então por que não o manda parar?

— Porque estou esperando que ele mesmo veja o absurdo a que chegou, sem que eu intervenha. Se a coisa fracassar, será justamente a tempo para a chegada de Mestre Taddeo. Seria uma boa forma de mortificação para o Irmão

Kornhoer, para lembrá-lo da natureza da sua vocação, antes que comece a pensar que foi chamado à religião principalmente para construir um gerador de essências elétricas no porão do mosteiro.

— Mas padre abade, o senhor tem de concordar que a experiência seria uma vitória, se bem sucedida.

— Não *tenho* de concordar — disse Dom Paulo, secamente.

Depois de Gault se ter retirado, o abade, após um rápido debate consigo mesmo, decidiu cuidar do problema do " Senhor" Poeta antes do da perdição *versus* progresso. A mais simples solução para o primeiro seria fazer o Poeta sair dos aposentos reais e até mesmo da vizinhança da abadia, da vista, dos ouvidos e da lembrança de todos. Como se alguém jamais esperasse que fosse "simples" ver-se livre do "Senhor" Poeta!

O abade afastou-se dos muros e atravessou o pátio na direção da casa dos hóspedes. Caminhava guiado pelo instinto, pois as construções eram sombrios monólitos sob a luz das estrelas e só algumas janelas brilhavam com a luz das velas. Nas dos aposentos reais, não havia luz; mas o Poeta tinha horários absurdos e, embora fosse cedo, bem podia ser que estivesse recolhido.

Dentro da construção, tateou até encontrar a porta da direita e bateu. Não houve resposta imediata, mas apenas um distante berro de cabra que poderia ou não ter vindo de dentro. Bateu outra vez e, depois, virou o trinco. A porta abriu-se.

A luz avermelhada e mortiça de um braseiro diminuiu a escuridão; o quarto cheirava a comida azeda.

— Poeta?

Outra vez o berro de cabra, agora mais perto. Dom Paulo foi até o braseiro, reavivou-o e acendeu um pedaço de madeira. Olhou em volta e estremeceu ao ver o estado do quarto. Não havia ninguém nele. Transferiu a chama para uma lâmpada de óleo e foi explorar os demais cómodos. Todos teriam de ser fumigados (talvez mesmo exorcizados) antes que o Mestre Taddeo entrasse. Esperava fazer o "Senhor" Poeta mesmo esfregar tudo, mas sabia que dificilmente o conseguiria.

No segundo quarto, de repente, sentiu que alguma coisa o observava. Parou e, lentamente, olhou em volta.

Um olho de vidro espreitava-o de dentro de um vaso

numa prateleira. O abade acenou-lhe familiarmente com a cabeça e continuou a andar.

No terceiro quarto, deu com a cabra.

O animal estava trepado numa cómoda alta e mastigava nabiças. Parecia uma pequena cabra montanhesa, mas tinha a cabeça pelada e, à luz da lâmpada, de um azul vivo. Sem dúvida fora um monstrengo desde que nascera.

— Poeta? — chamou em voz baixa, olhando de frente a cabra e tocando sua cruz peitoral.

— *Aqui* — disse uma voz sonolenta, vinda do quarto seguinte.

Dom Paulo suspirou, aliviado. A cabra continuava mastigando nabiças. *Aquele* pensamento, de fato, fora horrível.

O Poeta estava atravessado na cama, encolhido, e com uma garrafa de vinho a seu alcance; apertou os olhos, irritado, quando viu a luz. — Estava dormindo — queixou-se, ajustando um pano preto sobre o lugar do olho vazado e estendendo o braço para a garrafa.

— Então acorde. Você vai sair daqui imediatamente. Esta noite. Junte suas coisas na entrada e deixe que o ar penetre nos quartos. Durma lá embaixo, na cela do menino do estábulo, se quiser. Volte amanhã cedo para esfregar este lugar.

O Poeta, por uns momentos, ficou com um ar de ofendido. Depois pôs-se a procurar qualquer coisa embaixo dos cobertores. Afinal, pôs um punho para fora e examinou-o, pensativo. — Quem usou esses quartos por último? — perguntou.

— Monsenhor Longi. Por quê?

— Estava pensando quem teria trazido os percevejos. — Abriu a mão, pegou qualquer coisa na palma, esmagou-a entre as unhas e jogou-a fora. — Mestre Taddeo pode ficar com eles. Eu não os quero. Têm me comido vivo desde que vim para cá. Estava pretendendo ir embora, mas agora que o senhor ofereceu de volta minha velha cela, ficaria contente em. . .

— Não quis dizer. . .

— . . .aceitar sua bondosa hospitalidade um pouco mais. Até terminar meu livro, naturalmente.

— *Que* livro? Mas não importa. Tire suas coisas daqui.

— Agora?

— Agora.

— Bem. Não creio que possa aguentar esses bichos

mais uma noite. — O Poeta rolou para fora da cama, mas parou para tomar um gole.

— Dê-me o vinho — ordenou o abade.

— Claro. Tome um pouco. É de uma boa colheita.

— Obrigado, já que você o roubou de nossas adegas. Acontece que é vinho de missa. Isso terá ocorrido a você?

— Não foi consagrado.

— Estou surpreso em saber que você pensou nisso. — Dom Paulo segurou a garrafa.

— De qualquer modo, não a roubei. Eu. . .

— Deixe o vinho. Onde foi que você roubou a cabra?

— Não a *roubei* — disse o Poeta com voz queixosa.

— Ela então se materializou?

— Foi um presente, Reverendíssimo.

— De quem?

— De um amigo caro, senhor abade.

— Amigo caro de *quem?*

— Meu, senhor.

— Agora temos um paradoxo. Onde foi que você. . .

— Benjamin, senhor.

Uma ligeira expressão de pasmo apareceu na face de Dom Paulo. — Você roubou-a do velho Benjamin?

O poeta estremeceu com a palavra. — Por favor, não a *roubei.*

— O que houve, então?

— Benjamin insistiu em que eu a aceitasse como presente, depois de haver composto um soneto em sua honra.

— *A verdade !*

O "Senhor" Poeta engoliu em seco, com ar de humildade.

— Ganhei-a dele depois de uma partida de cartas.

— Estou vendo.

— É verdade! O velho miserável quase me deixou limpo e depois recusou-se a dar-me crédito. Tive de empenhar meu olho de vidro contra a cabra. Mas ganhei tudo de volta.

— Leve a cabra para fora da abadia.

— Mas ela é de uma espécie maravilhosa. O seu leite tem um perfume que não é da terra e contém essências. De fato, é responsável pela longevidade do velho judeu.

— Por quanto dela?

— Pelos seus cinco mil e quatrocentos e oito anos.

— Pensava que ele só tivesse três mil e trinta e dois anos e. . . — Dom Paulo interrompeu-se desdenhosamente. — Que estava fazendo em Last Resort?

— Jogando cartas com o velho Benjamin.

— Quero dizer. . . — o abade calou-se. — Não importa. Mude-se daqui. E amanhã devolva a cabra a Benjamin.

— Mas eu a ganhei honestamente.

— Não vamos discutir isso. Leve-a para o estábulo, então. Eu mesmo irei devolvê-la.

— Por quê?

— Não precisamos de cabras aqui. Nem você precisa.

— Ah, ah! — disse o Poeta, com ar sutil.

— Que quer dizer com isso?

— Mestre Taddeo vem aí. Haverá necessidade de um desses animais, antes que ele se vá. O senhor pode estar certo disso. — Riu de si para si.

O abade afastou-se, irritado. — Saia daqui — ajuntou sem necessidade, e foi tratar da contenda no porão, onde a *Memorabilia* agora repousava.

14

O porão abobadado fora cavado durante os séculos de infiltração dos nômades vindos do norte, quando a Horda dos Bayrings cobrira a maior parte das planícies e do deserto, saqueando e devastando todas as aldeias que encontrava no caminho. A *Memorabilia,* pequeno patrimônio de conhecimentos do passado, fora guardada em sepulcros subterrâneos a fim de proteger os preciosos escritos tanto dos nômades quanto dos *soi-disant* cruzados das ordens cismáticas, fundadas para lutar contra as hordas, mas que se haviam transformado em saqueadores fortuitos que discutiam uns com os outros em luta sectária. Nem os nômades, nem a Ordem Militar de São Pancrácio teriam dado valor aos livros da abadia; mas os primeiros os teriam destruído pelo gosto de destruir, ao passo que os segundos teriam queimado muitos deles como "heréticos", segundo a teologia de Vissarion, seu antipapa.

Agora parecia que uma idade de trevas chegava ao fim. Durante doze séculos, a pequena chama do conhecimento vivera abafada nos mosteiros; só agora os espíritos estavam prontos a acender-se. Há muito tempo, durante a idade da razão, alguns pensadores orgulhosos tinham afirmado que

o conhecimento verdadeiro era indestrutível, que as idéias não morriam e que a verdade era imortal. Só no sentido mais sutil essa afirmativa era verdadeira, pensava o abade, e nada tinha de superficial. Havia certamente um sentido objetivo no mundo: o *logos*, ou plano, do Criador; mas era um sentido de Deus e não do Homem, até que encontrasse uma encarnação perfeita, um reflexo nítido na mente, nas palavras e na cultura de determinada sociedade humana que atribuísse valores à idéia divina, até que se tornasse válida num sentido humano e dentro da cultura. Pois o Homem era portador de cultura, assim como portador de uma alma, mas suas culturas não eram imortais e poderiam morrer com uma raça ou uma época, e então os humanos reflexos do sentido divino e os humanos retratos da verdade regrediam, e a verdade e o sentido residiam, invisíveis, somente no *logos* objetivo da Natureza e no *Logos* inefável de Deus. A verdade poderia ser crucificada; mas, cedo, talvez ressuscitasse.

A *Memorabilia* estava cheia de antigas palavras, fórmulas, idéias, saídas de inteligências que há muito tinham morrido, no tempo em que havia uma forma de sociedade já agora caída no esquecimento. Muito pouco do que estava escrito chegava a ser compreendido. Alguns papéis eram tão sem sentido quanto seria um breviário nas mãos de um feiticeiro das tribos nômades. Outros retinham uma certa beleza ornamental ou ordem que sugeria algum sentido, assim como, para um nômade, um rosário poderia lembrar um colar. Os primeiros irmãos da ordem leibowitziana tinham tentado aplicar uma espécie de Véu de Verônica à face da civilização crucificada; saíra marcado com a imagem de uma antiga grandeza, mas fraca, incompleta e difícil de entender. Os monges a tinham conservado através dos séculos para que o mundo a examinasse e procurasse interpretar, se assim o desejasse. A *Memorabilia* não poderia, por si só, originar um renascimento da ciência antiga e da civilização, porque as culturas se originam das tribos dos homens e não dos tomos bolorentos; mas os livros poderiam ser um auxílio, esperava Dom Paulo — poderiam apontar em diversas direções e oferecer sugestões a uma ciência que se desenvolveria de novo. Assim já acontecera uma vez, segundo afirmava o Venerável Boedullus no seu *De vestigiis antecessorum civitatum.*

E desta vez, pensava Dom Paulo, trataremos de lembrar-lhes *quem* manteve a centelha enquanto o mundo dor-

mia. Parou um instante e olhou para trás; por um momento imaginara ouvir um grito assustado da cabra do Poeta.

O clamor vindo do porão logo foi amortecendo todos os outros ruídos, à medida que descia as escadas na direção da fonte do tumulto. Alguém estava martelando pregos de aço na pedra. O cheiro de suor misturava-se ao odor dos livros antigos. Uma atividade febril e nada escolástica enchia a biblioteca. Havia noviços correndo de um lado para outro com ferramentas. Outros, em grupos, estudavam plantas no chão. Outros, ainda, afastavam escrivaninhas e mesas e levantavam a máquina improvisada para colocá-la no lugar. Confusão à luz das lâmpadas. O Irmão Armbruster, bibliotecário e reitor da *Memorabilia*, observava a cena de um remoto cubículo no meio das prateleiras, com os braços cruzados e uma expressão carrancuda. Dom Paulo evitou seu olhar acusador.

O Irmão Kornhoer aproximou-se de seu superior com um largo sorriso de entusiasmo. — Então, padre abade, logo teremos uma luz como nenhum homem vivo ainda viu.

— Essas palavras não deixam de conter uma certa vaidade, irmão — replicou Dom Paulo.

— Vaidade, senhor? Dar utilidade ao que aprendemos?

— Estava pensando na nossa *pressa* em dar utilidade a isso a tempo de impressionar um certo escolástico que nos vem visitar. Mas não importa. Vamos ver essa mágica dos engenheiros.

Andaram em direção à máquina improvisada. Ela nada de útil lembrava ao abade, a menos que se considerasse útil um conjunto de instrumentos para torturar prisioneiros. Havia um eixo ligado por roldanas e correias a um molinete de um metro de altura. Quatro rodas de carro estavam montadas no eixo a poucos centímetros de distância uma da outra. Em seus fortes aros de ferro havia encaixes que continham inúmeros ninhos de fios de cobre, obtidos nas forjas de Sanly Bowitts. As rodas, aparentemente, deviam rodar no ar, notou Dom Paulo, uma vez que não tocavam em nenhuma superfície. No entanto, havia blocos fixos de ferro em frente às rodas, como breques, mas quase sem tocá-las. Esses blocos também tinham sido enrolados com inúmeras voltas de fio, "campos de bobinas", como Kornhoer os chamava. Dom Paulo abanou a cabeça solenemente.

— Será o maior melhoramento introduzido na abadia desde a máquina impressora, há cem anos — aventurou-se a dizer o Irmão Kornhoer, orgulhosamente.

— Isso vai funcionar? — indagou Dom Paulo, com ar de dúvida.

— Aposto um mês de tarefas extraordinárias como vai, meu senhor.

Você está apostando muito mais do que isso, pensou o padre, mas conteve-se. — De onde vai sair a lâmpada? — perguntou, olhando outra vez para a estranha armação.

O monge riu. — Temos uma lâmpada especial para isso. O que o senhor vê é apenas o "dínamo" que produz a essência elétrica a ser queimada pela lâmpada.

Dom Paulo contemplou com tristeza o tamanho do espaço ocupado pelo dínamo. — Essa essência — murmurou ele — não poderá ser extraída de sebo de carneiro, talvez?

— Não. . . não... A essência elétrica é, bem... O senhor quer que eu explique?

— É melhor não. Não tenho pendor para as ciências naturais. Deixe isso às cabeças mais jovens. — Recuou rapidamente para não ser atingido na cabeça por um grande toro de madeira que ia sendo levado por um par de carpinteiros apressados. Depois perguntou: — Se, estudando os escritos da época leibowitziana, foi possível aprender tanta coisa, como se explica que nenhum de nossos predecessores o tenha feito?

O monge ficou silencioso por um momento. — Não é fácil explicar — disse, afinal. — Nos escritos que chegaram até hoje, não há informações diretas sobre a construção de dínamos. Ou antes, pode-se dizer que essa informação está implícita numa coleção inteira de escritos fragmentários. *Parcialmente* implícita. Tem de ser extraída por dedução. Mas, para extraí-la, é preciso conhecer algumas teorias básicas — informações teóricas que nossos predecessores não possuíam.

— Mas nós possuímos?

— Bem, sim. . . agora que houve alguns homens como... — o seu tom ficou profundamente respeitoso e ele fez uma pausa antes de pronunciar o nome — como Mestre Taddeo...

— Isso foi uma frase completa? — perguntou o abade com azedume.

— Bem, até recentemente, poucos filósofos se tinham preocupado com novas teorias de física. Efetivamente, foi o trabalho de... Mestre Taddeo — o tom de respeito outra vez, notou Dom Paulo — que nos forneceu os axiomas de que necessitávamos para trabalhar. O seu estudo sobre a

mobilidade das essências elétricas, por exemplo, e seu Teorema da Conservação. . .

— Ele irá ficar contente, então, ao ver o seu trabalho aplicado. Mas onde está a lâmpada, posso saber? Espero que não seja maior do que o dínamo.

— Aqui está ela, senhor — disse o monge, apanhando um pequeno objeto de cima da mesa. Parecia nada mais do que um suporte para um par de varinhas pretas e um pequeno parafuso destinado a ajustá-las a espaços regulares uma da outra. — São carvões — explicou Kornhoer. — Os antigos a chamariam de "lâmpada de arco". Havia outra espécie delas, mas não temos o material para fazê-las.

— Espantoso. De onde sai a luz?

— Daqui. — O monge apontou para o espaço entre os carvões.

— Deve ser uma chama muito pequenina — disse o abade.

— Oh, mas brilhante! Mais brilhante, espero, que cem velas.

— Não!

— O senhor acha isso impressionante?

— Acho absurdo! — Notando a expressão magoada do Irmão Kornhoer, o abade ajuntou depressa: — pensar como estamos atrasados com nossa cera de abelha e sebo de carneiros.

— Tenho pensado — confessou timidamente o monge — se os antigos não as usariam em seus altares, em lugar de velas.

— Não — disse o abade. — Positivamente, *não.* Garanto a você. Por favor, esqueça essa idéia tão depressa quanto puder e não pense nunca mais nela.

— Sim, padre abade.

— Onde é que você vai pendurar aquela coisa?

— Bem. . . — o Irmão Kornhoer olhou especulativamente em volta do escuro porão. — Ainda não tinha pensado nisso. Suponho que ficaria bem sobre a mesa em que Mestre Taddeo... — Por que é que ele faz uma pausa cada vez que diz o nome dele? pensou Dom Paulo, irritado — . . .vai trabalhar.

— É melhor falar com o Irmão Armbruster a esse respeito — decidiu o abade e, notando o ar desconsolado do monge, perguntou: — O que é que há? Você e o Irmão Armbruster têm. . .

O Irmão Kornhoer torceu o rosto, como que se descul-

pando. — Padre abade, nunca perdi a paciência com ele. Discutimos um pouco, mas. . . — Sacudiu os ombros. — Ele não quer que se mexa em nada. Fica resmungando sobre feitiçaria e coisas parecidas. Não é fácil raciocinar com ele. Já está meio cego à força de ler com pouca luz e assim mesmo diz que o que estamos fazendo é arte do Diabo. Não sei o que dizer.

Atravessaram a sala na direção do cubículo de onde o Irmão Armbruster continuava a olhar com descontentamento para as atividades. Dom Paulo estava um pouco carrancudo.

— Bem, você já fez o que quis — disse o bibliotecário a Kornhoer, quando chegaram perto. — Quando é que vai arranjar um bibliotecário mecânico, irmão?

— Encontramos indícios, irmão, de que tais coisas já existiram — respondeu o inventor com vivacidade. — Nas descrições da *Machina analytica,* há referências a. . .

— Basta, basta! — interveio o abade; e depois, ao Irmão Armbruster: — Mestre Taddeo vai precisar de um lugar para trabalhar. Que é que você sugere?

O bibliotecário apontou com o polegar para o cubículo de ciências naturais. — Ele que leia lá dentro à luz de uma lâmpada de igreja, como todos nós.

— E se fizéssemos um escritório para ele aqui do lado de fora, padre abade? — sugeriu Kornhoer rapidamente, em contraproposta. — Além da escrivaninha, ele precisará de um ábaco , de um quadro-negro e de uma prancha para desenhar. Poderíamos instalar divisões provisórias para isolá-lo.

— Tinha a impressão de que ele precisaria consultar nossos documentos leibowitzianos e escritos antigos — disse o bibliotecário com ar de suspeita.

— Precisará.

— Então muito terá de andar de fora para dentro, se ficar no meio da sala. Os volumes raros estão acorrentados, e as correntes não chegam tão longe.

— Não há problema — disse o interventor. — Retire as correntes. Elas são uma tolice, de qualquer modo. Os cultos cismáticos já morreram todos, ou são hoje apenas regionais. Há cem anos que não se ouve falar da Ordem Militar Pancraciana.

[1] Designação atribuída a instrumentos usados pelos calculistas da Antiguidade (gregos e romanos) para efetuar operações aritméticas. (N. do T.)

Armbruster ficou rubro. — Não senhor — disse rispidamente. — As correntes ficam onde estão.

— Mas por quê?

— Não são mais os incendiários, mas os aldeões que nos preocupam.

Kornhoer virou-se para o abade e fez um gesto de desalento. — O senhor está vendo, padre abade?

— Ele tem razão — disse Dom Paulo. — Há agitação demais na aldeia. O conselho municipal desapropriou nossa escola, não se esqueça. Agora têm uma biblioteca pública e querem que nós enchamos suas estantes, de preferência com volumes raros, é claro. Não só isso, mas tivemos ladrões aqui no ano passado. Os volumes raros ficam acorrentados.

— Está bem — suspirou o Irmão Kornhoer. — Então ele terá de trabalhar no cubículo.

— Mas onde é que vamos pendurar sua maravilhosa lâmpada?

Os monges olharam para os cubículos. Havia catorze deles destinados a diversos assuntos. Todos estavam dispostos no fundo da sala central. Entrava-se em cada um deles por uma passagem em arco, na qual havia um pesado crucifixo pendurado a um gancho de ferro.

— Se ele for trabalhar no cubículo — disse Kornhoer —, teremos de tirar o crucifixo e pendurar a lâmpada no lugar dele, provisoriamente. Não há outra. . .

— Idólatra! — gritou o bibliotecário. — Pagão! Profanador! — Armbruster ergueu para o céu as mãos trêmulas. — Que Deus me ajude, ou eu o partirei ao meio com estas mãos! Onde irá ele parar? Levem-no daqui, levem-no! — Voltou as costas, com as mãos trêmulas ainda erguidas.

Dom Paulo também tinha estremecido com a sugestão do inventor, mas agora olhou severamente para o Irmão Armbruster, que continuava de costas. Nunca esperara que fingisse uma humildade contrária à sua natureza, mas seu temperamento brigão estava positivamente pior.

— Irmão Armbruster, vire-se para mim, por favor.

O bibliotecário voltou-se.

— Agora deixe cair as mãos e fale com mais calma quando...

— Mas, padre abade, o senhor ouviu o que ele. . .

— Irmão Armbruster, faça o favor de ir buscar a escada da biblioteca e de retirar o crucifixo.

O bibliotecário empalideceu. Olhou para Dom Paulo sem poder falar.

— *Não* estamos numa igreja — disse o abade. — Pode-se escolher livremente o lugar das imagens. Por ora, faça o favor de descer o crucifixo. É o único lugar apropriado para a lâmpada, ao que parece. Mais tarde, poderemos mudá-la. Estou percebendo que tudo isso tem perturbado a sua biblioteca e, talvez, a sua digestão, mas esperemos que seja no interesse do progresso. Se não for, então. . .

— O senhor faz Nosso Senhor sair para dar lugar ao progresso!

— Irmão Armbruster!

— Por que não pendura essa luz enfeitiçada no pescoço dele?

O rosto do abade tornou-se gélido. — Não *força* a sua obediência, irmão. Venha ao meu escritório depois das completas.

O bibliotecário ficou lívido. — Vou buscar a escada, padre abade — murmurou, e afastou-se com andar vacilante.

Dom Paulo olhou para o Cristo no madeiro. Senhor, vós vos importais? pensou ele.

Sentia um peso no estômago. Sabia o que isso significaria mais tarde. Deixou o porão antes que alguém notasse sua indisposição. Não era bom deixar a comunidade perceber quanto esses pequenos aborrecimentos o molestavam ultimamente.

A instalação ficou pronta no dia seguinte, mas Dom Paulo permaneceu no seu escritório durante o teste. Duas vezes fora forçado a admoestar o Irmão Armbruster em particular e a repreendê-lo depois, em público, durante o capítulo. E, no entanto, o ponto de vista do bibliotecário era-lhe mais simpático do que o de Kornhoer. Curvado sobre sua escrivaninha, aguardava as notícias do porão, interessando-se pouco pelo sucesso ou fracasso da experiência. Com uma das mãos batia de leve no estômago, como se quisesse acalmar uma criança histérica.

Cãibras, outra vez. Em geral, vinham quando se sentia ameaçado por algo de desagradável, mas às vezes desapareciam quando a coisa explodia e ele tinha de enfrentá-la. Mas, dessa vez, a dor não estava passando.

Era um aviso e bem o sabia. Viesse ele de um anjo, ou de um demónio, ou de sua própria consciência, lembrava-lhe de que tinha de se preparar para alguma realidade ainda não conhecida.

Que será? pensava consigo mesmo, permitindo-se um arroto silencioso e um "desculpe", também silencioso, di-

rigido à estátua de São Leibowitz no nicho em forma de altar, num canto do escritório.

Uma mosca pousara no nariz do santo, cujos olhos pareciam envesgar para ela e compelir o abade a enxotá-la. Dom Paulo se tinha afeiçoado àquela escultura de madeira do século XXVI, cuja face tinha um sorriso curioso que a fazia fora do comum. Era um sorriso torto; as pálpebras estavam cerradas numa leve e duvidosa carranca, mas havia rugas nos cantos dos olhos que indicavam um sorriso. Com a corda do carrasco num dos ombros, a expressão do santo era enigmática. Talvez resultasse de irregularidade no fio da madeira, rebelde à mão do artista, que desejara esculpir mais detalhes do que era possível com aquele material. Dom Paulo conjeturava se a imagem não teria sido esculpida num tronco de árvore ainda não abatida; às vezes, os pacientes mestres-escultores da época começavam num carvalho ou cedro ainda novo e, através de vários anos passados a podar, descascar, torcer e ajeitar os galhos vivos nas posições desejadas, atormentavam a madeira em desenvolvimento até dar-lhe uma forma de dríade com os braços cruzados ou erguidos. Só então derrubavam a árvore já adulta para secá-la e começar a escultura. A estátua que resultava era extraordinariamente resistente, pois a maioria de suas linhas seguia o próprio fio da madeira.

Dom Paulo muitas vezes se admirava de que o Leibowitz de madeira tivesse resistido aos seus predecessores durante vários séculos — admirava-se por causa do sorriso especialíssimo do santo. Esse riso ainda vai acabar com você, avisara a imagem. . . Certamente, os santos devem rir no céu; o salmista diz que Deus mesmo sorrirá, mas o Abade Malmeddy deve ter condenado essa idéia — Deus tenha em paz sua alma. Aquele bobo solene. Como era mesmo que você se arranjava com ele? Para alguns, você não aparenta suficiente santidade. Aquele sorriso — conheço alguém que sorri daquele jeito? Gosto dele, *mas.* . . Algum dia outro cão bravio irá se sentar nesta cadeira. *Cave canem.* Ele substituirá você por um Leibowitz de gesso. Com ar sofredor. Que não envesgue para as moscas. Então você será comido pelas térmitas lá embaixo no depósito. Para sobreviver à lenta e minuciosa depuração que a Igreja faz das artes, é preciso ter uma aparência que agrade a um simplório virtuoso; mas para agradar a um sábio cheio de discernimento é preciso que, sob a superfície, haja profundidade. A depuração é lenta, mas, vez por outra, recebe uma

sacudidela do depurador — quando algum novo prelado inspeciona seus aposentos episcopais e murmura: Alguns desses horrores têm de sair daqui. O depurador era geralmente cheio de uma suavidade que se renovava sempre. O que não era eliminado tinha valor artístico e durava. Se uma igreja tivesse suportado cinco séculos de mau gosto dos sacerdotes, era certo que, eventualmente, receberia uma rajada de bom gosto que a despojaria do que não era bom e faria dela um lugar de majestade que intimidaria os pseudo-embelezadores.

O abade abanou-se com um leque de penas de ave de rapina, mas não sentiu alívio. O ar que entrava pela janela era como a respiração do deserto escaldante, aumentando o mal-estar que lhe causava aquele demónio ou anjo brincando dentro do seu ventre. Era um calor que fazia pensar no perigo do bote da cascavel enfurecida pelo sol, na ameaça de trovoadas sobre as montanhas, em cães hidrófobos e em homens levados à violência pela areia ardente. As cãibras pioraram.

Por favor, murmurou para o santo, como numa súplica por um ar mais fresco, um espírito mais lúcido e uma compreensão melhor da vaga sensação de que algo ia mal. Talvez seja efeito daquele queijo, pensou. Este ano, ele está pegajoso e cru. Poderia dispensar-me de comê-lo e adotar uma alimentação mais digerível.

Mas não, é alguma coisa mais. Enfrente-a, Paulo: não é o alimento do corpo que causa isso: é o do espírito. É aí que algo não está sendo bem digerido.

Mas o quê?

O santo de madeira não lhe deu resposta imediata. Ação suave. Peneirar para separar as impurezas. Às vezes sua mente andava aos arrancos. Era melhor deixá-la assim, quando as cãibras apareciam e o mundo lhe começava a pesar. Por que é que o mundo pesa? Pesa, mas não é pesado; às vezes os pratos das suas balanças estão desequilibrados. Pesam, de um lado, a vida e o trabalho, e de outro, a prata e o ouro. Assim eles nunca se equilibrarão. Muito da vida se perde e também um pouco do ouro. Com os olhos vendados, um rei vem através do deserto, com uma série de balanças desequilibradas. E sobre a bandeira com o brasão — *Vexilla regis. . .*

— Não! — gemeu o abade, repelindo a visão.

Mas naturalmente! parecia dizer o sorriso de madeira do santo.

Dom Paulo, com um leve estremecimento, desviou os olhos da imagem. Às vezes, parecia-lhe que o santo ria dele. Será que, no céu, eles riem de nós? pensou. A própria Santa Maisie de York — você se lembra dela, velho? — morreu de um acesso de riso. Mas é diferente. Ela ria de si mesma. Não, não é assim tão diferente. Lá vem o arroto outra vez. É verdade, terça-feira é dia de Santa Maisie. O coro ri reverentemente no *Alleluia* da missa. " *Alleluia,* ha ha! *Alleluia,* ho ho!"

"Sancta Maisie, interride pro me."

E o rei vinha para pesar os livros no porão com a sua balança desequilibrada. Como "desequilibrada", Paulo? E por que é que você pensa que a *Memorabilta é* completamente livre de impurezas? Até o sábio e Venerável Boedullus disse uma vez, desdenhosamente, que a metade dela podia ser chamada de *Inscrutabilia.* Havia nela preciosos fragmentos de uma civilização morta, mas grande parte fora reduzida a meras palavras sem sentido, embelezadas com folhas de oliveira e querubins, por quarenta gerações dos nossos ignorantões monásticos, filhos de séculos obscuros, muitos dos quais haviam recebido de adultos mensagens incompreensíveis para decorar e transmitir a outros adultos.

Obriguei-o a vir de Texarkana, através de regiões perigosas, pensou Paulo. Agora estou preocupado, imaginando que o que temos não lhe seja útil. É só isso.

Mas não, não era só isso. Olhou outra vez para o santo sorridente. E outra vez voltou-lhe o pensamento, como uma toada obsessiva e importuna: *Vexilla regis inferni prodeunt. . .* Adiantam-se os estandartes do rei do Inferno, murmurava uma recordação daquela linha de uma antiga *commedia,* com o seu sentido deturpado.

Cerrou os punhos. Deixou cair o leque e respirou com dificuldade. Evitou olhar outra vez para o santo. O anjo inflexível tomou-o de surpresa com uma violenta dor. Curvou-se sobre a escrivaninha. Desta vez a cãibra parecera ter rompido alguma coisa. Num ponto da superfície da escrivaninha, sua respiração ofegante varreu a fina camada de poeira do deserto. O cheiro da poeira sufocava-o. O quarto pareceu-lhe avermelhado e cheio de insetos negros. Não ousou arrotar, poderia romper qualquer coisa — mas, meu santo padroeiro, tenho de fazê-lo. A dor é horrível. *Ergo sum.* Cristo, Senhor, aceitai esta oferta.

Arrotou, sentiu um gosto de sal e deixou pender a cabeça.

O cálice terá de vir neste instante, Senhor, ou posso esperar ainda? Mas a crucifixão é sempre no momento presente. Desde antes de Abraão. Desde antes de Pfardentrott. A cada momento, todos são pregados na cruz e, se fogem dela, são trucidados de outro modo; portanto, aceite-a dignamente, meu velho. Arrotando com dignidade, você chegará ao céu, se se arrepender de haver sujado o tapete. . . Sentiu-se pronto a pedir desculpas.

Esperou por muito tempo. Alguns dos insetos morreram, o quarto perdeu a cor avermelhada e ficou enevoado e cinzento. *Bem,* Paulo, vamos ter uma hemorragia, ou vamos continuar a levar a vida assim mesmo?

Experimentou olhar através da névoa e encontrou outra vez a face do santo. Era um riso tão leve — triste, compreensivo e alguma coisa mais. Estaria rindo do carrasco? Não, rindo *pelo* carrasco. Rindo do *Stultus Maximus,* do próprio Satanás. Era a primeira vez que o compreendia claramente. No *último* cálice, poderia haver um sorriso de triunfo. *Haec commixtio.* . .

Repentinamente sentiu-se sonolento: a face do santo desvaneceu-se, mas o abade continuou a sorrir, em resposta.

O Prior Gault encontrou-o caído sobre a escrivaninha pouco antes da noa. Havia sangue entre seus dentes. O jovem padre rapidamente tomou-lhe o pulso. Dom Paulo acordou no mesmo instante, endireitou-se na cadeira e, ainda como que sonhando, pontificou imperiosamente: — Já disse que é supremamente ridículo! Absolutamente idiota! Nada poderia ser mais *absurdo!*

— Absurdo o quê, senhor?

O abade sacudiu a cabeça e apertou os olhos repetidas vezes. — O *quê?*

— Vou chamar o Irmão Andrew imediatamente.

— Hã? *Isso é* que é absurdo. Volte aqui. O que é que você vinha fazer?

— Nada, padre abade. Volto assim que encontrar o irmão. . .

— Ora, deixe o médico! Você veio aqui para alguma coisa. A porta estava fechada. Feche-a outra vez, sente-se e diga o que queria.

— O teste deu resultado. A lâmpada do Irmão Kornhoer, quero dizer.

— Muito bem, conte como foi. Sente-se, comece a falar e diga *tudo.* — Arranjou o hábito e enxugou a boca com um pedaço de linho. Ainda estava tonto, mas a pressão no

ventre diminuíra. Não sentia o menor interesse pela descrição do teste, mas procurou mostrar-se atento. Devo mantê-lo aqui até estar bastante acordado para pensar. Não posso deixá-lo ir buscar o médico, ainda não; a notícia se espalharia: O *velho está liquidado.* Preciso decidir se o momento é apropriado para estar liquidado.

15

Hongan Os era essencialmente um homem justo e bondoso. Quando viu um grupo de guerreiros seus divertindo-se à custa dos prisioneiros laredanos, parou para observá-los; mas quando amarraram três deles, pelos tornozelos, a dois cavalos, e fustigaram os animais que fugiram espavoridos, decidiu intervir. Ordenou que os guerreiros fossem chicoteados no mesmo lugar, pois Hongan Os — o Urso Doido — era conhecido como um chefe misericordioso. Nunca maltratara um cavalo.

— Matar prisioneiros é serviço de mulher — disse desdenhosamente aos culpados castigados. — Cuidem-se, a menos que desejem ser marcados como mulheres, e retirem-se do campo até a lua nova, pois vocês estão banidos por doze dias. — E, em resposta aos gemidos de protesto: — Suponham que os cavalos tivessem arrastado um deles através do campo. Os chefetes, comedores de grama, são nossos hóspedes e é sabido que eles se assustam facilmente à vista de sangue. Especialmente sangue de gente da raça deles. Tenham cuidado.

— Mas *esses* são comedores de grama vindos do sul — observou um guerreiro apontando para os cativos mutilados. — Nossos hóspedes são do leste. Não existe um pacto entre nós, gente de verdade, e o leste, para entrar em guerra contra o sul?

— Se você falar nisso outra vez, sua língua será cortada e dada aos cães! — avisou o Urso Doido. — Esqueça-se de que ouviu essas coisas.

— Os homens herbívoros ficarão entre nós por muitos dias, ó Filho do Poderoso?

— Quem pode saber o que aqueles cultivadores estão planejando? — perguntou o Urso Doido, zangado. — O

pensamento deles não é o nosso. Eles dizem que alguns deles sairão daqui para continuar através das Terras Secas até um lugar em que habitam sacerdotes comedores de grama, daqueles que usam roupas escuras. Os outros ficarão aqui para conversar, mas *isso* não é para os ouvidos de vocês. Agora vão, e envergonhem-se durante doze dias.

Virou-lhe as costas para que pudessem escapulir sem sentir que os olhava. A disciplina se afrouxara ultimamente. Os clãs estavam inquietos. Espalhara-se entre o povo das planícies a notícia de que ele, Hongan Os, dera o braço, sobre uma fogueira de amizade, a um mensageiro de Texarkana, e que um feiticeiro cortara cabelos e unhas de ambos para fazer um feixe como defesa contra a possível traição dos dois lados. Soubera-se que fora feito um acordo, e todo acordo entre o povo e os comedores de grama era considerado pelas tribos como uma vergonha. O Urso Doido sentira o desprezo velado dos guerreiros mais jovens, mas não lhes daria explicações até que chegasse o momento propício.

Ele mesmo estava desejoso de ouvir bons conselhos, mesmo que viessem de um cão. As idéias dos comedores de grama raramente eram boas, mas impressionara-se com as mensagens do rei deles, em que explicava o valor do segredo e deplorava as fanfarronadas sem sentido. Se os laredanos soubessem que as tribos estavam sendo armadas por Hannegan, o plano certamente falharia. O Urso Doido meditara nesse conselho; não gostava dele, pois era mais agradável e mais valente dizer ao inimigo o que se pretendia fazer dele, antes de atacar; no entanto, quanto mais meditava, tanto mais claramente percebia como esse conselho era sábio. O rei dos comedores de grama era um grande covarde, ou então quase tão sábio quanto um homem: ainda não decidira qual dessas duas idéias era a certa, mas julgava que o tinham aconselhado com sabedoria. O segredo era essencial, mesmo que, por algum tempo, parecesse atitude de mulher. Se o seu povo soubesse que as armas que lhe davam eram presentes de Hannegan e não o resultado de pilhagens durante incursões à fronteira, haveria a possibilidade de que também os laredanos soubessem do plano através dos prisioneiros que caíssem em suas mãos. Era pois necessário deixar que as tribos resmungassem a respeito da vergonha de falar amistosamente com plantadores do leste.

Mas as conversações não eram de paz. Eram excelentes e prometiam grandes proveitos.

Poucas semanas antes, o próprio Urso Doido conduzira uma expedição guerreira a leste e voltara com cem cavalos, quatro dúzias de grandes fuzis, vários barris de pólvora negra, grande quantidade de balas e um prisioneiro. Mas nem mesmo os guerreiros que o acompanharam souberam que aquelas armas tinham sido deixadas ali para ele pelos homens de Hannegan, e que o prisioneiro era, na realidade, um oficial de cavalaria texarkano que, no futuro, informaria o Urso Doido acerca da provável tática laredana durante as lutas que se travassem. Todas as idéias dos comedores de grama eram más, mas o oficial sabia a fundo o que pensavam os do sul. O que não sabia era penetrar os pensamentos de Hongan Os.

O Urso Doido tinha razão para se orgulhar de si mesmo, como negociador. Nada prometera a não ser que evitaria entrar em guerra com Texarkana e pararia de roubar o gado da fronteira do leste, mas somente enquanto Hannegan lhe fornecesse armas e suprimentos. O acordo de fazer guerra contra Laredo não fora explícito, mas adaptava-se aos seus desejos e não havia necessidade de um pacto formal. A aliança com um dos seus inimigos permitiria que se ocupasse com um de cada vez e, finalmente, recuperasse as pastagens que tinham sido invadidas e colonizadas pelo povo de plantadores durante o último século.

A noite já tinha caído quando o chefe dos clãs entrou a cavalo no campo. Um ar frio invadira as planícies. Seus hóspedes do leste, enrolados em seus cobertores, estavam sentados à roda do fogo do conselho em companhia de três dos anciãos; nas sombras em volta, o grupo habitual de crianças curiosas que olhavam boquiabertas e levantavam os panos das tendas para ver os estrangeiros. Estes eram doze ao todo, mas dividiam-se em dois grupos distintos que viajavam juntos e pareciam não apreciar a companhia um do outro. O chefe de um deles era claramente maluco. O Urso Doido não se importava com a loucura (na verdade, seus feiticeiros a prezavam como a mais intensa das manifestações sobrenaturais), mas não sabia que os plantadores também a consideravam como virtude num chefe. Este passava uma metade do tempo cavando o leito seco do rio, e a outra metade escrevendo misteriosamente num livrinho. Certamente um feiticeiro em quem não se podia confiar.

O Urso Doido parou o tempo necessário para vestir suas roupas cerimoniais de pele de lobo e fazer pintar na

testa, por um feiticeiro, o sinal do totem tribal, antes de se reunir ao grupo à volta do fogo.

— *Tremam!* — disse ritualmente, com voz plangente, um velho guerreiro, quando o chefe dos clãs apareceu à luz do fogo. — Tremam, pois o Poderoso caminha no meio dos seus filhos. Prostrem-se, ó clãs, pois o seu nome é *Urso Doido* — um nome bem merecido, pois, quando jovem, dominou sem armas um urso enlouquecido e estrangulou-o com suas mãos, verdadeiramente, nas terras do norte. . .

Hongan Os não deu atenção aos elogios e aceitou uma taça de sangue oferecida por uma anciã que servia no fogo do conselho. Era o sangue ainda quente de um novilho que acabava de ser morto. Sorveu-o antes de se voltar para cumprimentar os visitantes do leste que observavam a cena com visível inquietação.

— Aaaah! — disse o chefe dos clãs.

— Aaaah! — responderam os três velhos e um comedor de grama que ousou imitá-los. O povo olhou para ele por um momento, com repulsa.

O maluco tentou encobrir o erro do seu companheiro. — Diga-me — disse ele ao chefe, que já se sentara em seu lugar —, por que é que seu povo não bebe água? Os seus deuses se opõem?

— Quem pode saber o que bebem os deuses? — rosnou o Urso Doido. — Diz-se que a água é para o gado e para os plantadores, o leite para as crianças e o sangue para os homens. Poderia ser de outra forma?

O maluco não se ofendeu. Estudou o chefe atentamente por alguns minutos com os olhos cinzentos e depois fez um sinal a um dos companheiros. — Essa "água para o gado" explica tudo — disse. — A seca é permanente aqui. Um povo de pastores deve conservar o pouco de água que existe para os animais. Estava imaginando se não haveria atrás disso algum tabu religioso.

O seu companheiro fez uma careta e falou em língua texarkana. — Água! Ó céus, por que não podemos beber água, Mestre Taddeo? Isso é conformismo demais! — Cuspiu, com os lábios secos. — Sangue! Não! É pegajoso quando passa na garganta. Por que não podemos tomar um golezinho de. . .

— Não enquanto estivermos aqui!

— Mas, mestre. . .

— Não! — disse o escolástico asperamente; depois, notando que os clãs olhavam para eles, dirigiu-se ao Urso

Doido, outra vez na língua das planícies. — O meu camarada aqui estava falando na virilidade e na saúde do seu povo. Talvez a alimentação de vocês seja responsável por isso.

— Ah! — gritou o chefe, e disse quase alegremente à anciã: — Dê uma taça de bebida vermelha àquele forasteiro.

O companheiro de Mestre Taddeo estremeceu, mas não protestou.

— Tenho, grande chefe, um pedido a fazer à Sua Magnificência — disse o escolástico. — Amanhã continuaremos nossa viagem para o oeste. Ficaríamos honrados se alguns dos seus guerreiros nos acompanhassem.

— Por quê?

Mestre Taddeo fez uma pausa. — Mas, como guias. . . — Interrompeu-se e, repentinamente, sorriu. — Não, vou dizer a verdade. Alguns dos seus não estão de acordo com nossa presença aqui. Enquanto sua hospitalidade tem sido. . .

Hongan Os atirou a cabeça para trás numa grande gargalhada. — Estão com medo dos clãs menores — disse aos anciãos. — Temem emboscadas tão logo se afastem das minhas tendas. Comem grama e têm medo de lutar.

O escolástico corou levemente.

— Nada receie, forasteiro! — disse o chefe dos clãs ainda rindo. — Homens *de verdade* acompanharão vocês.

Mestre Taddeo inclinou a cabeça, fingindo gratidão.

— Diga-nos — perguntou o Urso Doido —, o que é que vocês procuram nas terras secas do oeste? Novos lugares para plantar? Garanto que não existem. A não ser perto das nascentes, nada cresce que mesmo o gado possa comer.

— Não procuramos novas terras — respondeu o visitante. — Não somos todos plantadores, você sabe. Vamos procurar. . . — Fez uma pausa. Na língua dos nômades não havia como explicar o objetivo da viagem à Abadia de São Leibowitz — . . .as artes de uma feitiçaria antiga.

Um dos anciãos, que era feiticeiro, mostrou-se interessado. — Uma feitiçaria antiga no oeste? Não sei de nenhum mágico por aqueles lugares. A menos que você se refira aos homens vestidos de escuro. . .

— São eles mesmos.

— *Ah!* Que mágicas poderão ter que valha a pena procurar? Os mensageiros deles são tão fáceis de aprisionar que não nos interessam, apesar de suportarem bem a tortura. Que feitiçaria poderá você aprender com eles?

— Bom, quanto a mim, concordo com você — disse

Mestre Taddeo. — Mas dizem que há escritos, hum. . ., *encantamentos* de grande poder acumulados numa das habitações deles. Se for verdade, então é evidente que os homens vestidos de escuro não os sabem usar, mas nós desejamos nos apoderar deles.

— Os roupas escuras permitirão que você descubra esses segredos?

Mestre Taddeo sorriu. — Penso que sim. Eles não os ousam esconder por mais tempo. Se fosse preciso, nós os tomaríamos à força.

— Eis uma frase corajosa — disse o Urso Doido em ar de mofa. — Evidentemente os plantadores são mais valentes entre os da sua espécie. . . conquanto sejam bem tímidos no meio de gente *de verdade.*

O escolástico, que já suportara ao máximo os insultos do nômade, preferiu recolher-se cedo.

Os soldados ficaram no fogo do conselho para discutir com Hongan Os a guerra que certamente viria; mas a guerra, afinal, nada tinha a ver com Mestre Taddeo. As aspirações políticas de seu ignorante primo estavam longe de seu próprio interesse em fazer reviver a ciência num mundo obscuro, como já revivera em várias ocasiões.

16

O velho eremita, do alto da montanha, observava a aproximação da pequenina nuvem de pó que vinha do deserto, ao mesmo tempo que mastigava, resmungava e ria silenciosamente, no meio do vento. Sua pele fanada e queimada pelo sol era de uma cor de couro velho e sua áspera barba era manchada de amarelo, à volta do queixo. Usava um chapéu de palha e uma túnica grosseira de um tecido parecido com saco — sua única vestimenta além das sandálias e de um cantil de pele de cabra.

Observou a nuvem de pó até vê-la entrar na aldeia de Sanly Bowitts e partir outra vez pela estrada que passava pela mesa.

— Ah! — exclamou o eremita, já com os olhos cansados. — O *seu* império se multiplicará e a *sua* paz não terá fim: *ele* dominará o *seu* reino.

De repente, pôs-se a descer pelo arroio como um gato de três pernas, amparando-se com o cajado, pulando de pedra em pedra e escorregando a todo momento. A sua descida rápida levantava uma nuvem de pó que subia alto com o vento e dissipava-se.

Na extremidade da mesa, embrenhou-se no meio dos arbustos e sentou-se para esperar. Logo começou a ouvir o cavalo que se aproximava trotando preguiçosamente e começou a se esgueirar na direção da estrada, a fim de olhar através da folhagem. O animal apareceu na curva, envolto numa leve nuvem de pó. O eremita correu para o meio do caminho e levantou os braços.

— *Olla allay!* — gritou ele; e quando o cavalo parou, precipitou-se para segurar as rédeas e olhar ansiosamente para o cavaleiro.

Seus olhos luziram por um instante. "Pois uma Criança nasceu para nós e um Filho nos foi dado. . ." Mas depois a expressão ansiosa foi ficando triste. — Não é Ele! — murmurou irritado, olhando para o céu.

O cavaleiro abaixara o capuz e ria. O eremita, zangado, encarou-o por um momento e reconheceu-o.

— Oh, pensava que, por essas alturas, você já estivesse morto! Que é que você vem fazer aqui?

— Trouxe de volta o seu pródigo, Benjamin — disse Dom Paulo. Deu um puxão numa corda e a cabra de cabeça azul veio trotando de trás do cavalo. Ao ver o eremita, berrou e procurou se desvencilhar da corda. — E. . . pensei em visitar você.

— O animal pertence ao Poeta — resmungou o eremita. — Ganhou-o honestamente num jogo de azar, apesar de ter roubado miseravelmente. Leve-a de volta para ele e permita-me aconselhá-lo a não se meter em trapaças mundanas que não são da sua conta. Bom dia. — Voltou-se em direção ao arroio.

— Espere, Benjamin. Leve sua cabra ou então faça presente dela a um camponês. Não quero que ela fique rondando a abadia e berrando dentro da igreja.

— Não é uma cabra — disse o eremita, zangado. — É o animal que seu profeta viu, e foi feito para conduzir uma mulher. Sugiro que você o amaldiçoe e solte no deserto. Repare, porém, que ela tem o casco fendido e é um ruminante. — Começou outra vez a se afastar.

O sorriso do abade apagou-se. — Benjamin, você vai

mesmo voltar para o alto daquele morro sem nem ao menos dizer "alo" a um velho amigo?

— Alo — respondeu o velho judeu, e continuou a marchar com ar indignado. Andou alguns passos e parou, olhando por cima do ombro. — Você não precisa ficar tão ofendido — disse. — Há cinco anos que não se dá ao trabalho de vir para estes lados, "velho amigo". Ah!

— Então é isso! — murmurou o abade. Desmontou e correu para perto do velho. — Benjamin, Benjamin, eu devia ter vindo. . . mas não tenho podido.

O eremita parou. — Bem, Paulo, já que você está aqui. . .

De repente riram e abraçaram-se.

— Que bom, seu velho rabuja — disse o eremita.

— Rabuja, *eu?*

— Bem, acho que também estou ficando um pouco rabugento. O último século foi difícil para mim.

— Soube que você tem jogado pedras nos noviços que se aproximam daqui durante o jejum quaresmal no deserto. Será verdade? — Olhou para o eremita fingindo um ar de censura.

— Foram só pedrinhas.

— Velho miserável!

— Deixe disso, Paulo. Um deles me tomou por um parente afastado meu. . . chamado Leibowitz. Pensou que eu fosse mandado para transmitir-lhe uma mensagem... ou alguns dos seus outros patetas pensaram. Não quero que isso aconteça outra vez e, por isso, às vezes, jogo pedras neles. Ah! Ninguém vai me confundir outra vez com *aquele* meu parente, porque ele deixou de pertencer à minha gente.

O padre pareceu intrigado. — Tomou você por quem? São Leibowitz? Ora, Benjamin. Você está indo muito longe.

Benjamin repetiu numa cantilena irónica: — Tomou-me por um parente afastado meu, chamado Leibowitz, e por isso jogo pedras neles.

Dom Paulo estava inteiramente perplexo. — São Leibowitz está morto há doze séculos. Como poderia. . . — Interrompeu-se e olhou com ar prudente para o velho eremita. — Benjamin, não vamos recomeçar *aquela* história. Você não tem doze séculos. . .

— Que bobagem! — disse o velho judeu. — Eu não disse que isso aconteceu há doze séculos. Foi só há seis. Muito depois da morte do seu santo; por isso é que foi tão absurdo. Naturalmente, seus noviços eram mais piedosos na-

quele tempo, e mais crédulos. Penso que o nome daquele era Francis. Coitado. Enterrei-o mais tarde. Disse em Nova Roma onde poderiam cavar para encontrá-lo. Foi assim que vocês recuperaram a carcaça dele.

O abade ficou olhando boquiaberto para o velho, enquanto andavam através da vegetação na direção da nascente, conduzindo o cavalo e a cabra. *Francis?*, pensava ele. Francis. Seria o Venerável Francis Gerard, de Utah, a quem um peregrino revelara a localização do velho abrigo da aldeia, segundo se contava, mas foi antes de aparecer a aldeia? E há perto de seis séculos, sim, e. . . agora esse velho compadre estava dizendo que era aquele peregrino? Às vezes perguntava a si mesmo onde Benjamin aprendera o suficiente da história da abadia para inventar tais coisas. Com o Poeta, talvez.

— Isso, naturalmente, foi no princípio da minha carreira — continuou o velho judeu —, e talvez um erro desses fosse compreensível.

— No princípio da sua carreira?

— Como peregrino.

— Como é que você quer que eu acredite nesse disparate?

— Hummm. . . hummm! O Poeta acredita.

— Sem dúvida! O Poeta certamente nunca acreditaria que o Venerável Francis encontrara um santo. *Isso* seria superstição. O Poeta prefere acreditar que ele encontrou *você* — há seis séculos. Uma explicação inteiramente natural, não é?

Benjamin deu um sorriso torto. Paulo observou-o enquanto descia ao poço um copo de casca de árvore, derramava água no cantil, descia-o outra vez e tornava a esvaziá-lo. A água era turva e cheia de impurezas, como a memória do velho judeu. Mas sua memória não seria segura? Seria ele mais forte do que todos nós? pensou o padre. A não ser pela ilusão de ser mais velho que Matusalém, o velho Benjamin Eleazar parecia bastante lúcido na sua maneira estranha de ser.

— Quer beber? — ofereceu o eremita, estendendo o copo.

O abade dominou um estremecimento, mas aceitou, para não ofender, e bebeu o líquido escuro de um só trago.

— Você não é muito exigente — disse Benjamin, olhando-o com ar crítico. — Eu não tocaria nessa água. — Bateu de leve no cantil. — Nem para os animais.

O abade engasgou-se levemente.

— Você mudou — disse o judeu, ainda olhando para o outro. — Você está pálido como um queijo e acabado.

— Tenho estado doente.

— Você *parece* doente. Venha até minha choupana, se a subida não for demais para você.

— Posso subir muito bem. Andei um pouco indisposto há poucos dias e nosso médico me mandou repousar. Ah! Se um hóspede importante não estivesse a caminho, não prestaria atenção ao médico. Mas está, e por isso estou repousando. É muito cansativo.

Benjamin olhou para ele com um sorriso enquanto subiam o arroio. Sacudiu a cabeça grisalha. — Andar a cavalo no deserto por mais de quinze quilómetros é repousante?

— Para mim é descanso. E tenho andado com vontade de visitar você, Benjamin.

— Que dirão os aldeões? — perguntou ironicamente o velho judeu. — Pensarão que nos reconciliamos e isso vai prejudicar nossa reputação.

— Nossas reputações nunca valeram muito no mercado, valeram?

— É verdade — concordou o outro, mas ajuntou como em segredo: — por enquanto.

— Ainda esperando, judeu velho?

— Certamente! — disse o eremita, asperamente.

O abade achou a subida exaustiva. Duas vezes pararam para descansar. Quando atingiram a mesa, estava tonto e amparava-se no magro eremita. Sentia no peito uma dor insistente, alertando-o contra maiores esforços, mas não havia a terrível pressão de antes.

Um bando de cabras de cabeça azul dispersou-se à aproximação do estrangeiro e fugiu para a vegetação rala. Estranhamente, a mesa parecia mais verdejante do que o deserto ao redor, apesar de não haver qualquer fonte de umidade visível.

— Por aqui, Paulo. Para a minha mansão.

A choupana do velho judeu só tinha um cômodo, sem janelas e com as paredes de pedras soltas como as de uma cerca, com largas frestas por onde entrava o vento. O teto era feito de varas trançadas, muitas delas torcidas e cobertas por gravetos, sapés e peles de cabra. Numa grande pedra lisa, sobre uma pequena coluna ao lado da porta, havia uma inscrição pintada em hebraico:

פח מתקנין אוהלים

O tamanho da inscrição e seu aspecto de anúncio fizeram o Abade Paulo sorrir e perguntar: — O que é que está escrito ali, Benjamin? Serve para atrair muito comércio para cima?

— Ah! Que mais poderia dizer, senão: "Consertam-se tendas"?

O padre, com uma exclamação, mostrou que não acreditava.

— Está bem, então duvide. Mas se você não acredita no que está escrito ali, muito menos acreditará no que está no outro lado da pedra.

— De encontro à parede?

— Claro.

A coluna estava tão próxima à soleira da porta, que somente havia alguns centímetros entre a pedra lisa e a parede da choupana. Paulo curvou-se e procurou ver o que havia naquele apertado espaço. Levou algum tempo a perceber alguma coisa, mas certamente havia algo escrito atrás da pedra, em letras menores:

שמע ישראל יהוה אלהינו יהוה אחד

— Você nunca vira essa pedra?

— *Virar* a pedra? Você pensa que sou *louco?* Em tempos como estes?

— O que significa essa inscrição aí atrás?

— Hummm. . . hummm! — cantarolou o eremita, recusando-se a responder. — Mas venha ler de dentro, já que não consegue ler atrás da pedra.

— Há uma parede no meio que atrapalha um pouco.

— Sempre houve, não houve?

O padre suspirou. — Está bem, Benjamin, eu sei o que foi que mandaram você escrever "na entrada e na porta" de sua casa. Mas só você pensaria em virar a inscrição para baixo.

— Para *dentro* — corrigiu o eremita. — Enquanto houver tendas a consertar em Israel. Mas não vamos começar a discutir antes que você descanse. Vou buscar um pouco de leite, e você vai me contar a respeito desse visitante que está causando tanta preocupação.

— Há vinho no meu bornal, se você quiser — disse o abade, caindo aliviado sobre um monte de peles. — Mas prefiro não falar sobre o Mestre Taddeo.

— Ah! *Aquele.*

— Você já ouviu falar no Mestre Taddeo? Conte como é que você sempre se arranja para saber de tudo e de todos sem se mexer desta montanha.

— A gente ouve e vê — disse o eremita misteriosamente.

— Diga o que acha dele.

— Nunca o vi. Mas suponho que será como uma dor. Uma dor de parto, talvez, mas uma dor.

— Dor de parto? Você pensa mesmo que vamos ter um novo Renascimento, como alguns dizem?

— Hummm. . . hummm. . .

— Deixe de rir misteriosamente, judeu velho, e diga qual é sua opinião. Você deve ter uma. Você sempre tem. Por que é tão difícil obter sua confiança? Não somos amigos?

— Em alguns terrenos, em alguns terrenos. Mas temos nossas divergências, você e eu.

— O que nossas divergências têm a ver com o Mestre Taddeo e com um Renascimento que ambos gostaríamos de presenciar? Mestre Taddeo é um escolástico secular e muitíssimo afastado de nossas discórdias.

Benjamin sacudiu os ombros eloqüentemente. — Divergências escolástico-seculares — repetiu ele, jogando as palavras como se cuspisse sementes de maçã. — Eu já fui chamado de "escolástico secular" várias vezes por certas pessoas, e já tenho sido posto no pelourinho, apedrejado e queimado por causa disso.

— Mas você nunca. . . — O padre fez uma pausa, franzindo a testa. Aquela loucura outra vez. Benjamin estava olhando para ele com ar de suspeita e seu sorriso tinha esfriado. Ele, pensou o abade, está me considerando agora como um *deles* — sejam quais forem esses "eles" sem forma, que o forçaram a essa solidão. Posto no pelourinho, apedrejado e queimado? Ou o seu "eu" significa "nós", como "eu, o meu povo"?

— Benjamin, sou Paulo. Torquemada está morto. Nasci há cerca de setenta anos e logo morrerei. Sempre quis bem a você, meu velho, e quando você olha para mim, quero que veja Paulo de Pecos e mais ninguém.

Benjamin cambaleou por um momento. Seus olhos ficaram úmidos. — Eu às vezes esqueço. . .

— E às vezes você esquece que Benjamin é só Benjamin, e não Israel inteiro.

— Nunca! — fuzilou o eremita, outra vez com os olhos brilhantes. — Por trinta e dois séculos, ou. . . — Parou e fechou a boca com força.

— Por quê? — murmurou o abade, quase reverentemente. — Por que você toma sobre si todo o fardo de um povo e do seu passado?

Os olhos do eremita lançaram como que uma rápida advertência, mas depois engoliu em seco e escondeu o rosto nas mãos. — Você está pescando em águas turvas.

— Perdoe-me.

— O fardo. . . foi-me entregue por outros. — Levantou os olhos, devagar. — Poderia recusá-lo?

O padre calou-se. Por algum tempo não houve na choupana um só som a não ser o do vento. Havia qualquer coisa de divino nessa loucura! pensou Dom Paulo. A comunidade judaica estava muito disseminada nesses tempos. Benjamin talvez tivesse sobrevivido aos seus filhos ou, de algum modo, fora desterrado. Um israelita velho como ele poderia peregrinar anos a fio sem encontrar outros de sua raça. Talvez em sua solidão tivesse adquirido a silenciosa convicção de que era o *último,* o solitário, o único. E, sendo o último, deixara de ser Benjamin para ser Israel. Sobre seu coração descansava a história de cinco mil anos, para ele não mais remota, mas a história de sua vida. O seu "eu" era o equivalente do "nós" majestático.

Mas eu, também, sou membro de um todo, pensou Dom Paulo, sou parte de uma congregação e uma continuidade. Os meus também foram desprezados pelo mundo. Entretanto, para mim, a distinção entre mim mesmo e a nação é clara. Para você, amigo velho, essa distinção tornou-se obscura. Um fardo imposto a você por outros? E você aceitou-o? Quanto deve pesar? Quando pesaria para mim? Ele tomou-o nos ombros e tentou levá-lo, experimentando-lhe o volume: eu, como monge e cristão e sacerdote, sou responsável diante de Deus pelos atos de todos os monges e sacerdotes que já respiraram e andaram na terra desde Cristo, tanto quanto por meus próprios atos.

Estremeceu e começou a abanar a cabeça.

Não, não. Esse fardo esmagava a espinha. Era demais para qualquer homem, exceto unicamente Cristo. Ser amaldiçoado por causa de fé já era um fardo pesado. Suportar as maldições era possível, mas e aceitar o ilógico por trás das maldições, o ilógico que levava a sofrer não só por si próprio, mas também por todos os membros de sua raça ou fé,

pelas ações deles, como pelas suas próprias? Aceitar isso também? Como Benjamin procurava fazer?

Não, não.

E, no entanto, era a fé de Dom Paulo que lhe dizia que o fardo existia e existira desde Adão — o fardo fora imposto por um demônio gritando com sarcasmo *"Homem!"* para o homem. *"Homem!"* — chamando cada um a dar conta dos atos de todos, desde o começo; um fardo impresso sobre todas as gerações desde o ventre materno, o fardo da culpa do pecado original. Que o insensato o conteste, se quiser. O mesmo insensato, com grande alegria, aceitou a *outra herança* — a herança da glória ancestral, de virtude, triunfo e dignidade que o fizeram "corajoso e nobre desde o seu nascimento", sem protestar que, pessoalmente, nada fizera para merecer essa herança, além de nascer da raça do Homem. O protesto foi reservado para a herança do fardo que o fazia "culpado e exilado desde o seu nascimento", e contra esse veredicto ele se esforçava por fechar os ouvidos. O fardo, na verdade, era pesado, mas sua própria fé dizia-lhe que Aquele cuja imagem crucificada está sobre os altares erguera-o dos seus ombros. A marca do fardo permanecera, mas era um jugo leve comparado com o peso da maldição original. Não iria dizê-lo ao velho, desde que este já sabia que essa era a sua crença. Benjamin procurava Outro. E o último hebreu estava só na montanha, a fazer penitência por Israel e a esperar por um Messias — a esperar, esperar, esperar.. .

— Deus abençoe você por ser um tolo valente. E mesmo um tolo sábio.

— Hummm. . . hummm! Tolo sábio! — disse o eremita, imitando-o. — Você sempre se especializou em paradoxos e mistérios, não é, Paulo? Se uma coisa não se contradiz a si própria, então nem mesmo chega a interessar a você, não é verdade? Você encontrou a Trindade na Unidade, a vida na morte, a sabedoria na loucura. De outro modo, poderia haver bom senso demais.

— Ter senso de responsabilidade é sabedoria, Benjamin. Mas pensar que é possível arcar sozinho com ela é um disparate.

— Não é loucura?

— Um pouco, talvez. Mas uma loucura cheia de valentia.

— Então vou contar a você um pequeno segredo. Fiquei sabendo que não posso arcar sozinho com essa respon-

sabilidade, desde que Ele me chamou outra vez. Mas estaremos falando da mesma coisa?

O padre deu de ombros. — Você se refere a isso como ao "fardo de ser escolhido". Eu diria o "fardo do pecado original". Em ambos os casos a responsabilidade implícita é a mesma, apesar de podermos exprimi-la de modos diferentes, e discordar violentamente um do outro a respeito das palavras que usamos para dizer algo que não se pode pôr em palavras, uma vez que é algo que se passa no silêncio da alma.

Benjamin riu. — Bem, estou contente em ver que você percebe isso, afinal, ainda que, na verdade, só tenha dito que nunca disse nada.

— Pare de cacarejar, seu malvado.

— Mas você sempre usou tantas palavras para defender a Trindade, apesar de Ele nunca ter precisado de defesa antes de vocês O receberem de mim como uma Unidade!

— *Ah!* — gritou Benjamin, andando de um lado para outro. — Por uma vez na vida fiz você ter vontade de discutir! Ah! Mas não tem importância. Eu mesmo uso poucas palavras e nunca tenho bem certeza se Ele e eu dizemos a mesma coisa. Penso que *você* não pode ser censurado; deve ser mais difícil com Três do que com Um.

— Deixe de blasfemar, seu velho espinhudo! Eu só queria saber sua opinião sobre o Mestre Taddeo e sobre o que se está preparando no mundo.

— Por que procurar a opinião de um velho anacoreta?

— Por que, Benjamin Eleazar bar Joshua, se não aprendeu a ser sábio com todos esses anos de espera por Alguém que não virá, ao menos terá aprendido a ser perspicaz.

O velho judeu fechou os olhos, levantou o rosto para o teto e sorriu astutamente. — Insulte-me. . . — disse em tom de zombaria —, caçoe de mim, engane-me, persiga-me. . . mas você sabe o que eu vou dizer?

— Você dirá: hummm. . . hummm!

— Não! Direi que Ele já está aqui. Vi-o uma vez, de relance.

— Quê? De quem está falando? Do Mestre Taddeo?

— *Não!* Além do mais, não quero profetizar, a menos que você diga o que é que o está preocupando, Paulo.

— Bem, tudo começou com a lâmpada do Irmão Kornhoer.

— Lâmpada? Ah, sim, o Poeta referiu-se a isso. Ele profetizou que ela não funcionaria.

— O Poeta enganou-se, como sempre. É o que me dizem. Não assisti à experiência.

— Funcionou, então? Esplêndido. E isso fez começar o quê?

— Fez-me começar a pensar. Estaremos perto de algum abismo? Ou chegando a algum porto? Essências elétricas no porão. Você se dá conta de quanto as coisas mudaram nos últimos dois séculos?

A partir desse momento, o padre falou longamente dos seus temores, enquanto o eremita, consertador de tendas, ouvia pacientemente, até o sol começar a entrar através das frestas da parede virada para oeste e a pintar setas brilhantes no ar poeirento.

- Desde o fim da última civilização a *Memorabilia* tem sido a nossa especialidade, Benjamin. Nós a temos conservado. Mas agora? Estou sentindo que ficarei na mesma condição de um sapateiro que tenta vender sapatos numa aldeia de sapateiros.

O eremita riu. — Seria possível vender se ele fabricasse sapatos de um tipo especial e superior.

— Receio que os escolásticos seculares já estejam começando a adotar esse método.

— Então saia desse negócio de sapateiro, antes de arruinar-se.

— É uma possibilidade — concordou o abade. — Mas é desagradável pensar nela. Durante doze séculos, temos sido uma pequenina ilha no meio de um oceano escuríssimo. A guarda da *Memorabilia* tem sido, para nós, um trabalho ingrato, mas sagrado. É apenas o nosso trabalho *terreno,* mas sempre fomos coletores de livros e memorizadores, e é duro pensar que esse trabalho breve terminará por se ter tornado desnecessário. Não posso acreditar que será assim.

— Então você está procurando passar na frente dos outros "sapateiros", construindo estranhas armações no seu porão?

— Devo confessar que é o que parece. . .

— E que é que você vai fazer em seguida, para se manter à frente dos seculares? Construir uma máquina voadora? Ou reviver a *machina analytica?* Ou talvez passar por cima da cabeça deles e recorrer à metafísica?

— Você me envergonha, judeu velho. Você bem sabe

que somos monges de Cristo em primeiro lugar, e que essas coisas são para outros.

— Não estava envergonhando você. Nada vejo de incoerente em que monges de Cristo construam máquinas voadoras, apesar de ser mais do feitio deles construir máquinas rezadoras.

— Miserável! Presto um mau serviço à minha ordem cada vez que falo confidencialmente com você!

Benjamin riu. — Não tenho pena nenhuma de você. Os livros que vocês armazenaram podem estar bolorentos de tão velhos, mas foram escritos por filhos do século e serão tirados de vocês por eles. Para começar, você não tinha nada que se meter com os livros.

— Ah, *agora* você vai profetizar!

— Nada disso. "Em breve o Sol se esconderá" — *isso é* profecia? Não, é meramente uma afirmação de fé na coerência dos fatos. Os filhos do século também são coerentes, por isso digo que duvidarão de tudo o que vocês fizerem, tirar-lhes-ão a tarefa e depois denunciarão vocês como decrépitos. Finalmente, ignorarão os monges inteiramente. A culpa é de vocês, pois deveriam ter ficado satisfeitos apenas com o Livro que eu dei. Agora, sofram as consequências de se terem intrometido.

Falara petulantemente, mas o que dissera estava muito próximo dos temores de Dom Paulo. A fisionomia do padre mostrou tristeza.

— Não me dê atenção — disse o eremita. — Não me aventuraria a fazer previsões antes de ver essa sua armação ou de olhar para esse Mestre Taddeo que começa a me interessar, diga-se de passagem. Espere até que eu tenha examinado em detalhe as entranhas da nova era, se quiser receber conselhos meus.

— Bem, você não verá a lâmpada porque nunca vai à abadia.

— O que me impede de ir é sua abominável comida.

— E você não verá o Mestre Taddeo porque ele vem da direção oposta a esta montanha. Se vai esperar o nascimento de uma nova era para examinar-lhe as entranhas, é claro que será tarde demais para profetizar sua vinda.

— Bobagem. Tatear o ventre do futuro faz mal à criança que vai nascer. Esperarei e depois profetizarei que *nasceu* e que não *era* aquilo por que esperava.

— Que animadora perspectiva! E o que é que você anda procurando?

— Alguém que gritou comigo uma vez.

— Gritou?

— "Adiante-se!"

— Que tolice!

— Hummm. . . hummm! Para dizer a verdade, não espero que Ele venha, mas mandaram-me esperar e — deu de ombros — espero. — Depois de um instante, apertou os olhos brilhantes e curvou-se com súbita ansiedade. — Paulo, faça esse Mestre Taddeo passar por esta montanha.

O abade recuou fingindo-se horrorizado. — Agressor de peregrinos! Molestador de noviços! Vou mandar o "Senhor" Poeta para você e espero que ele venha e fique para sempre. Fazer o mestre passar pela sua toca! Que afronta.

Benjamin, outra vez, deu de ombros. — Muito bem. Esqueça-se do que pedi. Mas esperemos que esse mestre esteja do nosso lado e não do lado dos outros, dessa vez.

— *Outros,* Benjamin?

— Manassés, Ciro, Nabucodonosor, Faraó, César, Hannegan II... é preciso continuar? Samuel nos preveniu contra eles e depois deu-nos um. Quando têm perto de si sábios para aconselhá-los, tornam-se mais perigosos do que nunca. É esse todo o conselho que vou dar a você.

— Benjamin, já vi você o suficiente para eu durar outros cinco anos, por isso. . .

— Insulte-me, caçoe de mim, engane-me. . .

— Pare com isso. Vou-me embora, meu velho. É tarde.

— Tarde? E como vai indo esse ventre eclesiástico depois da viagem a cavalo?

— Meu estômago? — Dom Paulo interrompeu-se para examinar-se e descobriu que estava melhor do que estivera nas últimas semanas. — Está péssimo, naturalmente — queixou-se. — E como haveria de estar depois da sua conversa?

— É verdade... *El Shaddai é* misericordioso, mas também é justo.

— Felicidades, meu velho. Quando o Irmão Kornhoer tiver reinventado a máquina voadora, mandarei alguns noviços jogar pedras em você.

Abraçaram-se afetuosamente. O velho judeu levou-o até a beira da esplanada. Benjamin ficou de pé, envolto num xale de oração cujo tecido luxuoso contrastava estranhamente com o rude saco da sua túnica, enquanto o abade descia para o caminho e se afastava a cavalo na direção da abadia. Dom Paulo ainda podia vê-lo ao pôr-do-sol, naquele

mesmo lugar, com sua figura esguia destacada de encontro ao céu semi-obscuro, enquanto se curvava e murmurava uma oração sobre o deserto.

— *Memento, Domine, omnium famulorum tuorum* — o abade murmurou em resposta e ajuntou: — E possa ele, no final de tudo, ganhar de volta o olho de vidro do Poeta num jogo de azar. Amém.

17

— Digo-lhe positivamente: haverá guerra — disse o membro de Nova Roma. — Todas as forças de Laredo estão se concentrando nas planícies. O Urso Doido levantou acampamento. Há uma batalha de cavalaria, em estilo nômade, por toda a planície. Mas o Estado de Chihuahua está ameaçando Laredo do Sul. Por isso Hannegan se prepara para mandar forças texarkanas para o rio Grande a fim de ajudar a "defender" a fronteira. Com plena aprovação dos laredanos, naturalmente.

— O Rei Goraldi é um tolo! — disse Dom Paulo. — Não o preveniram da traição de Hannegan?

O mensageiro sorriu. — A diplomacia do Vaticano sempre respeita os segredos de Estado quando acontece ter ciência deles. Para que não nos acusem de espionagem, temos sempre cuidado com isso. . .

— Ele foi *prevenido?* — perguntou outra vez o abade.

— Claro. Goraldi disse que o legado papal estava mentindo; acusou a Igreja de fomentar a dissenção entre os aliados do Santo Castigo, numa tentativa de promover o poder temporal do papa. O idiota chegou a contar a Hannegan que o legado o prevenira.

Dom Paulo franziu a testa e assobiou. — E que fez Hannegan?

O mensageiro hesitou. — Suponho que posso dizer ao senhor: Monsenhor Apollo está preso. Hannegan mandou apreender seus arquivos diplomáticos. Fala-se em Nova Roma de colocar todo o reino de Texarkana sob interdição. Naturalmente, *ipso facto,* Hannegan incorreu em excomunhão, mas isso não parece preocupar a maioria dos texarkanos. Como o senhor sabe, cerca de oitenta por cento da

população é idólatra, e o catolicismo da classe dirigente sempre foi uma espécie de camada fina que nunca penetrou no povo.

— Então agora Marcus... — murmurou tristemente o abade — . . . e Mestre Taddeo?

— Não vejo como pode pretender atravessar as planícies sem levar uns tiros de mosquete, neste momento. Está claro, agora, por que motivo ele não queria fazer essa viagem. Mas não sei por onde anda, padre abade.

Dom Paulo pareceu penalizado. — Se nossa recusa de mandar o material para a universidade deu causa a sua morte. . .

— Não deixe que isso perturbe sua consciência, padre abade. Hannegan olha pelos seus. Não sei como, mas estou certo de que chegará até aqui.

— O mundo sofreria com sua perda, pelo que ouço. Bem. . . Mas diga-me, por que é que você foi enviado para nos relatar os planos de Hannegan? Estamos no Império de Denver, e não vejo como esta região poderá ser afetada.

— Ah, mas por enquanto, só contei o princípio da história. Hannegan planeja unir o continente algum dia. Depois que Laredo estiver firmemente dominado, o cerco que o tem ameaçado estará rompido. Então, a etapa seguinte será Denver.

— Mas não seria preciso ter linhas de suprimento através do território dos nômades? Isso é impossível.

— É extremamente difícil e é isso que torna certa a próxima etapa. As planícies formam uma barreira geográfica natural. Se fossem desabitadas, Hannegan poderia considerar sua fronteira ocidental segura, na situação atual. Mas, para conter os nômades, todos os Estados limítrofes das planícies mantêm forças militares permanentes nas fronteiras. É a única maneira de dominar as planícies e controlar os veios férteis, a leste e oeste.

— Mas mesmo assim... — refletiu o abade — ... os nômades. . .

— O plano que Hannegan tem para eles é diabólico. Os guerreiros do Urso Doido podem resistir à cavalaria de Laredo, mas não à peste entre o gado. As tribos da planície ainda não sabem, mas quando Laredo avançou para castigar os nômades por suas incursões através das fronteiras, mandou na frente várias centenas de animais doentes para contaminar os rebanhos deles. A idéia foi de Hannegan. O resultado será a fome, e então será fácil jogar tribo contra tribo.

Não conhecemos, é claro, todos os detalhes, mas o objetivo desse golpe é uma legião nômade sob o comando de um chefe fantoche, armado por Texarkana e leal a Hannegan, pronto para se atirar para o oeste das montanhas. Se isso acontecer, essa região será atingida em primeiro lugar.

— Mas *por quê?* Certamente Hannegan não espera que se possa confiar nas tropas bárbaras, ou que sejam capazes de conservar um império depois de mutilá-lo!

— Não, meu senhor. Mas as tribos nômades estarão desorganizadas e Denver, despedaçado. Então Hannegan será senhor dos destroços.

— E que faria com eles? Não seria um império muito rico.

— Não, mas seguro de todos os lados. Ele ficaria em posição mais favorável para atacar a leste ou a nordeste. É verdade que, antes disso, seus planos podem fracassar. Mas, fracassem ou não, essa região corre o risco de ser invadida num futuro não muito distante. Dentro dos próximos meses, seria bom tomar medidas para defender a abadia. Tenho instruções para discutir com o senhor o problema da segurança da *Memorabilia.*

Dom Paulo sentiu que a escuridão começava a avançar. Depois de doze séculos, uma pequena esperança aparecera no mundo — e então vinha um príncipe iletrado para pisoteá-la e, com ele, uma horda de bárbaros e. . .

Deu um murro na escrivaninha. — Conservamos a *Memorabilia* por mil anos fora dos nossos muros — rugiu —, e podemos conservá-la por outros tantos. Esta abadia foi cercada três vezes durante a invasão dos Bayring e mais uma vez, duramente, durante o cisma vissarionista. Manteremos os livros em segurança, como os temos mantido por tanto tempo.

— Mas agora há mais um perigo, meu senhor.

— Qual?

— Um grande suprimento de pólvora e metralha.

A festa da Assunção chegara e passara, mas ainda não havia notícias do grupo de Texarkana. Missas privadas na intenção dos peregrinos e viajantes começaram a ser celebradas pelos padres da abadia. Dom Paulo cessara de tomar até as refeições mais leves e murmurava-se que fazia penitência por haver convidado o escolástico, apesar do grande perigo que havia nas planícies.

As torres de vigia ficavam constantemente guarnecidas. O próprio abade frequentemente subia à muralha para perscrutar o horizonte, a leste.

Pouco antes das vésperas da festa de São Bernardo, um noviço declarou ter visto uma distante nuvem de pó, mas a noite caíra e ninguém mais vira nada. Pouco depois, cantaram-se as completas e a salve-rainha, mas ninguém apareceu nos portões.

— Talvez tenham sido os vanguardeiros deles — sugeriu o Prior Gault.

— Pode ter sido a imaginação do Irmão Vigia — respondeu Dom Paulo.

— Mas se acamparam a mais ou menos dezesseis quilômetros daqui. . .

— Da torre, veríamos a fogueira do acampamento. A noite está clara.

— Mesmo assim, senhor, depois de nascer a lua, poderíamos mandar alguém a cavalo. . .

— Não. É o melhor jeito de levar um tiro por engano. Se forem realmente eles, é provável que não tenham tirado o dedo do gatilho durante toda a viagem, especialmente de noite. Vamos esperar até de madrugada.

A manhã seguinte já ia avançada quando o esperado grupo de cavaleiros apareceu a leste. Do alto dos muros, Dom Paulo procurava focalizá-lo, apertando os olhos míopes por sobre a areia quente e seca. A poeira levantada pelos cascos dos cavalos começou a se dissipar. O grupo estacara para confabular.

— Parece que vejo vinte ou trinta deles — queixou-se o abade, esfregando os olhos, aborrecido. — Serão realmente tantos?

— Parece — disse Gault.

— Como iremos alojá-los todos?

— Não creio que tenhamos de alojar os que estão com peles de lobos, senhor abade — disse o padre moço, com a voz dura.

— *Peles* de lobos?

— Nômades, meu senhor.

— Homens das muralhas! Fechem as portas! Ergam os escudos! Cortem os. . .

— Espere, senhor, que não são *todos* nômades.

— Hã? — Dom Paulo virou-se outra vez para olhar.

A confabulação terminara. Alguns homens acenavam; o grupo dividiu-se em dois. O maior galopou de volta para

leste. Os cavaleiros restantes pararam um pouco para observá-lo e depois voltaram-se e trotaram na direção da abadia.

— Seis ou sete deles. . . alguns de uniforme — murmurou o abade quando chegaram mais perto.

— O mestre e o seu grupo, certamente.

— Mas os nômades? Foi bom que eu não tivesse deixado você mandar o homem a cavalo ontem à noite. Que faziam eles com os nômades?

— Parece que vieram como guias — disse o Padre Gault, soturnamente.

— Que amável da parte do leão, aproximar-se assim do cordeiro!

Os cavaleiros se aproximavam dos portões. Dom Paulo engoliu em seco. — Vamos recebê-los, padre — suspirou.

Quando os padres chegaram embaixo, já os viajantes tinham parado fora do pátio. Um cavaleiro destacou-se dos demais, trotou adiante, desmontou e apresentou seus papéis.

— Dom Paulo de Pecos, *Abbas?*

O abade inclinou-se. — *Tibi adsum.* Seja bem-vindo em nome de São Leibowitz, Mestre Taddeo. Bem-vindo em nome de sua abadia, em nome de quarenta gerações que esperaram pela sua vinda. Esteja em casa. Aqui estamos para servi-lo. — As palavras eram sinceras; tinham sido reservadas por muitos anos para esse momento. Ao ouvir um monossílabo resmungado como resposta, Dom Paulo ergueu lentamente os olhos.

Por um momento seu olhar encontrou o do escolástico. Sentiu esfriar rapidamente seu ardor. Aqueles olhos de gelo — frios, investigadores e cor de cinza. Caóticos, famintos e orgulhosos. Sentia-se estudado por eles, como se fosse uma curiosidade sem vida.

Fervorosamente, Paulo rezara para que esse momento fosse como uma ponte sobre o abismo de doze séculos — e para que, através dele, o último cientista martirizado de uma era remota pudesse dar a mão ao porvir. Havia, na verdade, um abismo. Isso era claro. O abade sentiu de repente que não pertencia à era presente, que ficara encalhado num banco de areia ao longo do rio do Tempo, e que nunca houvera uma ponte.

— Venha — disse com brandura. — O Irmão Visclair cuidará dos cavalos.

Depois de ver os hóspedes instalados e de se ter retirado para o silêncio de seu escritório, o sorriso na face do santo de madeira lembrou-lhe inexplicavelmente o do velho

Benjamin Eleazar, ao dizer: "Os filhos do século também são coerentes".

18

— "Agora, como no tempo de Jó" — começou o Irmão Leitor, no refeitório:

" 'Quando os filhos de Deus vieram se apresentar ao Senhor, Satanás veio também no meio deles.

" ' E o Senhor disse-lhe: de onde vens, Satanás?

" ' E Satanás, respondendo, disse, como antigamente: tenho rodado pelo mundo e passeado nele.

" ' E o Senhor disse-lhe: já notaste aquele príncipe simples e reto, meu servo Nome, que detesta o mal e ama a paz?

" ' E Satanás, respondendo, disse: é por nada que *Nome* teme a Deus? Não abençoaste a sua terra com grande riqueza e não o fizeste poderoso no meio das nações? Mas estende um pouco a tua mão e diminui o que ele tem, e permite que o seu inimigo se fortaleça; então vê se ele não blasfema diante de Ti.

" ' E o Senhor disse a Satanás: contempla o que ele possui e diminui-o. Faze isso.

" ' E Satanás saiu da presença de Deus e voltou ao mundo.

" ' Mas o príncipe *Nome* não era como o santo homem Jó, pois quando sua terra foi devastada e o seu inimigo ficou forte, tornou-se temeroso e não mais confiou em Deus, pensando consigo mesmo: devo atacar antes que o inimigo me domine sem mesmo usar a sua espada."

— "E assim foi naqueles dias" — disse o Irmão Leitor.

" ' Que os príncipes da Terra endureceram seus corações contra a Lei do Senhor e encheram-se de um orgulho sem fim. E cada um deles pensou em si mesmo que seria melhor que todos fossem destruídos do que deixar que a vontade de outros príncipes prevalecesse sobre a de cada um. E os poderosos da Terra lutaram entre si pelo poder

supremo; por meio do roubo, da traição e da fraude procuraram dominar; mas da guerra tinham grande medo e tremiam; pois o Senhor Deus permitira que os sábios daqueles tempos aprendessem os meios de destruir o mundo, e a espada do Arcanjo que precipitara a Lúcifer tinha-lhes sido posta entre as mãos, para que os homens e os príncipes temessem a Deus e se humilhassem diante do Altíssimo. Mas eles não se humilharam.

" ' E Satanás falou a um certo príncipe e disse: não temas usar a espada, pois os sábios te enganaram dizendo que o mundo seria destruído por ela. Não dês ouvidos ao conselho dos fracos, pois eles têm medo de ti e servem teus inimigos impedindo que os firas. Ataca, e serás rei para sempre.

" ' E o príncipe ouviu a palavra de Satanás e convocou todos os sábios do reino e mandou que lhe ensinassem os meios de destruir o inimigo sem prejudicar seu próprio reino. Mas muitos deles disseram: Senhor, não é possível, pois teus inimigos também têm a espada que te demos e seu poder é como as flamas do Inferno e como a fúria do Sol, de onde tira a sua força.

" ' Então fareis para mim uma outra sete vezes mais escaldante que o Inferno, ordenou o príncipe, cuja arrogância ultrapassava a de Faraó.

" ' E muitos deles disseram: Não, Senhor, não nos peças isso; pois até a fumaça de um tal fogo, se o acendermos, causará a morte de muitos.

" ' O príncipe enfureceu-se com a resposta deles e mandou seus espiões para tentá-los e desafiá-los; então os sábios se encheram de temor. Alguns dentre eles mudaram suas respostas, para que a ira do príncipe não caísse sobre eles. Três vezes foi pedido aos demais e três vezes eles responderam: Não, Senhor, pois até o teu povo perecerá se fizeres isso. Mas um dos sábios era como Judas Iscariotes e seu testemunho era astuto; tendo traído seus irmãos, mentiu ao povo, aconselhando-o a não temer o demônio do Dilúvio. O príncipe ouviu esse falso sábio, cujo nome era Blackeneth, e fez com que os espiões acusassem muitos dos sábios diante do povo. Temerosos, os menos sábios dentre eles aconselharam o príncipe dizendo aquilo que desejava ouvir: as armas podem ser usadas, apenas não ultrapasses tais e tais limites, senão, certamente, pereceremos todos.

" ' E o príncipe arrasou as cidades de seus inimigos com o novo fogo e por três dias e três noites suas grandes

catapultas e pássaros de metal fizeram chover a ira sobre eles. Apareceu um sol em cima de cada cidade, que era mais brilhante que o sol que estava no céu, e imediatamente cada cidade se fanou e derreteu como a cera em contato com a tocha, e as pessoas paravam nas ruas e suas peles fumegavam e elas ficavam como feixes de lenha no meio de carvões. E quando cessou a fúria do Sol, a cidade estava em chamas; e um grande trovão veio do céu para esmagá-la inteiramente. Fumaças venenosas desceram para a Terra, e a Terra foi iluminada à noite pelos restos do incêndio maldito, que pôs uma crosta na pele e fez os cabelos caírem da cabeça e o sangue morrer nas veias.

" ' E um ar fétido subiu da Terra ao céu. Como em Sodoma e Gomorra, a Terra ficou em ruínas, até no país daquele mesmo príncipe, pois seus inimigos vingaram-se, mandando também o fogo para engolir suas cidades, como engolira as deles. O cheiro da carnificina ofendeu imensamente o Senhor, que falou ao Príncipe *Nome,* dizendo: QUE **SACRIFÍCIO É ESSE QUE PREPARASTE PARA MIM? QUE CHEIRO É ESSE QUE SOBE DO LUGAR DO HOLOCAUSTO? OFERECESTE-ME UM HOLOCAUSTO DE CARNEIROS OU CABRAS, OU DE UM NOVILHO?**

" 'Mas o príncipe não respondeu, e Deus disse: OFERECESTE-ME MEUS FILHOS EM HOLOCAUSTO.

" 'E o Senhor tirou-lhe a vida junto com Blackeneth, o traidor, e houve uma peste na Terra, e a loucura desceu sobre a humanidade, que apedrejou os sábios e os poderosos que tinham sobrevivido.

" 'Mas havia naquele tempo um homem cujo nome era Leibowitz, que, em sua juventude, como Santo Agostinho, amara a sabedoria do mundo mais que a de Deus. Mas agora, vendo que a grande ciência, apesar de boa em si mesma, não salvara o mundo, fez penitência diante do Senhor, dizendo. . .' "

O abade deu uma pancada seca na mesa e o monge que lia a antiga narrativa calou-se imediatamente.

— E essa é a única explicação que vocês têm para o que sucedeu? — perguntou Mestre Taddeo.

— Bem, há várias versões que diferem umas das outras em detalhes mínimos. Ninguém sabe ao certo qual foi a nação que desfechou o primeiro ataque — não que isso importe muito, agora. O texto que o Irmão Leitor leu foi escrito algumas décadas depois da morte de São Leibowitz,

provavelmente uma das primeiras narrativas depois de se poder escrever outra vez com segurança. O autor foi um jovem monge que ainda não tinha nascido no momento da destruição; ouviu a história dos companheiros de São Leibowitz, que foram os primeiros memorizadores e coletores de livros, e gostava de escrever imitando o estilo das Santas Escrituras. Duvido que exista em algum lugar uma única narrativa *inteiramente* fiel do Dilúvio de Fogo, pois foi imenso demais para ser visto em conjunto.

— Em que país estavam esse príncipe chamado Nome e esse homem chamado Blackeneth?

O Abade Paulo sacudiu a cabeça. — Nem mesmo o autor da narrativa sabia com certeza. Recolhemos dados suficientes, posteriores a ela, para saber que mesmo os governantes mais fracos daqueles tempos possuíam as armas fatais desde antes do holocausto. A situação descrita na narrativa existia em mais de uma nação. Nome e Blackeneth provavelmente eram Legião.

— Naturalmente, ouvi lendas semelhantes. É claro que algo de horrível se passou — afirmou o mestre. — Mas quando poderei começar a examinar. . . como é mesmo o nome?

— A *Memorabilia.*

— Sim. — Suspirou e sorriu distraído para a imagem do santo, no canto da sala. — Amanhã seria cedo demais?

— Pode começar imediatamente, se quiser — disse o abade. — Sinta-se à vontade para ir e vir nesta casa.

Os porões estavam iluminados pela luz frouxa das velas e somente alguns poucos monges escolásticos se moviam pelas salas. O Irmão Armbruster, com a fisionomia carregada, examinava seus registros à luz de uma lâmpada no seu lugar, ao lado da escada de pedra; no cubículo de teologia moral, à luz de outra lâmpada, uma figura de hábito curvava-se sobre um manuscrito antigo. Era depois da prima, quando a maior parte da comunidade estava entregue a seus afazeres por toda a abadia, na cozinha, na sala de aulas, no jardim, no estábulo, no escritório, deixando quase vazia a biblioteca até o fim da tarde, quando chegasse a hora da *lectio divina.* Esta manhã, no entanto, os porões estavam relativamente cheios.

Três monges apareciam nas sombras, atrás da nova

máquina, com as mãos metidas nas mangas, observando um quarto monge, que estava perto da escada. Este olhava pacientemente um quinto, que estava no patamar, observando a entrada.

O Irmão Kornhoer, que preparara a cena como um pai desvelado, quando viu que tudo estava pronto, retirou-se para o cubículo de teologia natural para ler e esperar. Seria possível repetir as instruções de última hora ao seu pessoal, mas ele preferiu manter silêncio e, se qualquer pensamento de orgulho lhe atravessou a mente enquanto esperava, sua fisionomia nada deixou transparecer. Desde que o próprio abade se desinteressara da demonstração da máquina, o inventor não parecia esperar aplausos de ninguém e dominara até a tendência de olhar para Dom Paulo com ar de censura.

Um leve assobio vindo da escada alertou o porão outra vez, apesar de já ter havido vários falsos alarmes. Era claro que ninguém informara o mestre ilustre de que uma invenção maravilhosa aguardava sua inspeção. Era também claro que, se porventura alguém a mencionara, sua importância fora reduzida ao mínimo. Certamente, o padre abade fazia o possível para que ninguém se exaltasse. Era o que traduziam os olhares trocados entre os monges, enquanto esperavam.

Dessa vez o assobio de aviso não fora em vão. O monge que estava à entrada voltou-se solenemente e curvou-se para o quinto monge, que estava mais abaixo, no patamar.

— *In principio Deus* — disse a meia voz.

O quinto monge virou-se e curvou-se para o quarto, que estava no último degrau. — *Coelum et terram creavit* — murmurou por sua vez.

O quarto monge voltou-se para os três que estavam atrás da máquina. — *Vacuus autem erat mundus* — anunciou.

— *Cum tenebris in superfície profundorum* — disse o grupo em coro.

— *Ortus est Dei Spiritus supra aquas* — proclamou o Irmão Kornhoer, repondo o livro na prateleira com um barulho de correntes.

— *Gratias Creatori Spiritui* — respondeu todo o seu pessoal.

— *Dixitque Deus: FIAT LUX* — disse o inventor em tom de comando.

Os vigias que estavam na escada desceram para seus postos. Quatro monges guarneceram a máquina. O quinto

debruçou-se sobre o dínamo. O sexto subiu por uma escada de mão e sentou-se no último degrau, com a cabeça tocando o alto do arco de entrada. Desceu sobre o rosto uma máscara de pergaminho oleoso e enegrecido com fumaça para proteger os olhos e, com as mãos, procurou o dispositivo com a lâmpada e o seu parafuso, enquanto o Irmão Kornhoer, nervosamente, observava-o de baixo.

— *Et lux ergo facta est* — disse, ao encontrar o parafuso.

— *Lucem esse bonam Deus vidit* — gritou o inventor para o quinto monge.

Este curvou-se sobre o dínamo com uma vela, para uma última inspeção dos contatos. — *Et secrevit lucem a tenebris* — disse por fim, continuando a lição.

— *Lucem appellavit "diem"* — recitaram em coro os que guarneciam a máquina — *et tenebras "noctes"*. — Nesse momento, meteram os ombros no molinete.

Os eixos gemeram. As rodas começaram a girar com um ruído cada vez maior, enquanto os monges se esforçavam. O guarda do dínamo observava ansiosamente, enquanto os raios das rodas se misturavam com a velocidade, a ponto de parecerem um filme. — *Vespere occaso* — começou ele e parou para, com dois dedos, estabelecer os contatos. Houve uma faísca.

— *Lucifer!* — urrou, pulando para trás, e terminou com voz alquebrada: — *Ortus est et primus dies.*

— CONTATO! — disse o Irmão Kornhoer, no momento em que Dom Paulo, o Mestre Taddeo e seu assistente desciam a escada.

O monge, do alto da escada de mão, feriu o arco. Uma luz fortíssima inundou os porões com um brilho nunca visto em doze séculos.

O grupo parou no meio da escada. Mestre Taddeo recuou um passo e, quase sem ar, praguejou na sua língua nativa. O abade, que não estivera presente às experiências nem acreditara nas notícias que lhe tinham chegado, empalideceu e calou-se no meio de uma frase. O assistente ficou gelado e fugiu em pânico, gritando "fogo!"

O abade fez o sinal-da-cruz. — Não sabia! — murmurou.

O escolástico, passado o primeiro choque, examinou o porão com os olhos, notando a máquina e os monges que a faziam rodar. Seus olhos percorreram os fios enrolados, observaram o monge na escada, mediram o significado do

dínamo com rodas de carro e viram o monge, que esperava com os olhos baixos, perto da escada.

— Incrível! — exclamou, mal podendo falar.

O monge, que esperava, curvou-se modestamente, em agradecimento. A claridade azul e branca projetava sombras alongadas na sala e as chamas das velas pareciam se diluir no meio da luz.

— Brilhante como mil tochas! — continuou o escolástico. — Deve ser um antigo. . . mas não! Inacreditável!

Continuou a descer, como se estivesse em transe. Parou perto do Irmão Kornhoer, olhou-o curiosamente por um momento e entrou no porão. Sem tocar em nada, sem nada perguntar, mas olhando tudo, foi até junto da armação e inspecionou o dínamo, os fios e a própria lâmpada.

— Parece impossível, mas. . .

O abade recobrou a fala e desceu a escada. — Você está dispensado do silêncio! — murmurou para o Irmão Kornhoer. — Fale com ele. Eu estou. . . um pouco atordoado.

O monge animou-se. — O senhor gostou, padre abade?

— Pavoroso! — disse Dom Paulo com a voz entrecortada. — É chocante tratar assim um hóspede! O assistente do mestre ficou louco de medo. Estou desolado!

— Bem, a luz é bastante forte.

— É infernal! Fale com ele enquanto penso num jeito de me desculpar.

Mas o escolástico, aparentemente, já chegara a alguma conclusão, pois vinha andando rapidamente na direção deles, com a fisionomia retesada e modos agressivos.

— Uma lâmpada elétrica — disse. — Como foi que vocês puderam mantê-la escondida por tantos séculos? Depois de tentar, por anos, chegar a uma teoria de. . . - Engasgou-se um pouco e pareceu lutar para dominar-se, como se tivesse sido vítima de uma monstruosa brincadeira de mau gosto. — Por que foi que a esconderam? Haverá algum sentido religioso. . . E que. . . — Interrompeu-se, completamente confuso. Abanou a cabeça e olhou em volta, como se procurasse por onde escapar.

— Você não está entendendo — disse o abade com voz fraca, agarrando o Irmão Kornhoer pelo braço. — Pelo amor de Deus, irmão, *explique!*

Mas não havia bálsamo que acalmasse a afronta feita ao orgulho profissional — naquele tempo, como em qualquer outro.

19

Depois do lamentável episódio no porão, o abade procurou por todos os meios apresentar desculpas por aquele triste momento. Mestre Taddeo não deu mostras de rancor e até desculpou-se pelo julgamento que fizera, depois de ouvir do inventor da máquina uma descrição detalhada de seu recente projeto e manufatura. Mas essa sua atitude só serviu para convencer ainda mais o abade de que o erro fora sério. O mestre ficara na posição de um alpinista que, depois de escalar um pico ainda não conquistado, encontra as iniciais de um rival gravadas na pedra mais alta — e o rival nada dissera a ninguém. Deve ter sido duro para ele, pensou Dom Paulo, por causa da maneira como foi feito.

Se o mestre não tivesse insistido (com uma firmeza decorrente da encabulação) que a luz era de qualidade superior e suficiente até para o exame de documentos deteriorados pelo tempo e indecifráveis à luz das velas, teria ordenado que a lâmpada fosse imediatamente retirada do porão. Mas o Mestre Taddeo insistira em dizer que gostava dela. Quando, porém, descobriu que era necessário manter ao menos quatro noviços para acionar o dínamo e mais um para ajustar o espaço do arco, pediu que se removesse a lâmpada — mas então foi a vez de Dom Paulo insistir em que ela permanecesse no lugar.

E assim foi que o escolástico principiou suas pesquisas na abadia, sempre consciente da presença dos três noviços que moviam o molinete e do quarto, que desafiava a cegueira no alto da escada para manter a lâmpada acesa e ajustada — situação que inspirava o Poeta a versejar sem misericórdia a respeito do demônio Encabulação e das afrontas por ele perpetradas em nome da penitência e da conciliação.

Por vários dias o mestre e seu assistente estudaram a própria biblioteca, os arquivos e os registros do mosteiro, antes de abordar a *Memorabilia* — como se, determinando a realidade da ostra, pudessem estabelecer a possibilidade da existência da pérola. O Irmão Kornhoer descobriu o assistente do mestre ajoelhado à entrada do refeitório e, por um momento, teve a impressão de que ele estava entregue a alguma devoção especial diante da imagem de Maria que havia sobre a porta, mas um ruído de ferramentas logo pôs fim a sua ilusão. O assistente colocou um nível de carpin-

teiro na soleira da porta e mediu a depressão côncava devida à passagem, durante séculos, de sandálias monásticas.

- Estamos procurando meios de determinar datas — disse a Kornhoer em resposta a sua indagação. — Este lugar parece bom para estabelecer um padrão médio de desgaste, uma vez que é fácil avaliar o tráfego. Três refeições diárias por homem, desde que as pedras foram colocadas.

Kornhoer não pôde deixar de ficar impressionado com a eficiência dos hóspedes; a atitude deles intrigava-o. — Os registros arquitetônicos da abadia são completos — disse ele. — Por eles, você poderá saber quando foram construídos os edifícios e as alas. Por que não poupa o seu tempo consultando-os?

O homem olhou para ele com um ar inocente. — O meu mestre tem um lema: "Nayol não pode falar e, por isso, nunca mente".

— Nayol?

— Um dos deuses da Natureza venerado pelos povos do rio Vermelho. O mestre cita esse lema em sentido figurado, naturalmente. A prova objetiva é a autoridade última. Os que fazem os registros podem mentir, mas a Natureza é incapaz disso. — Notou a expressão do monge e ajuntou depressa: — Não é nada contra os registros. É simplesmente uma doutrina do mestre, segundo a qual tudo deve ser testado com relação ao objeto.

— É uma noção fascinante — murmurou Kornhoer, e curvou-se para examinar o desenho que o outro fizera de um corte transversal da concavidade. — Que estranho! Tem a forma do que o Irmão Majek chama de "curva normal de distribuição".

— Não é nada estranho. A probabilidade de um passo se desviar da linha do centro tenderia a seguir a curva normal de erros.

Kornhoer estava encantado. — Vou chamar o Irmão Majek — disse ele.

O interesse do abade pela inspeção do local que seus hóspedes faziam era menos esotérico. — *Por que* — perguntou ele a Gault — estarão fazendo desenhos detalhados das nossas fortificações?

O prior mostrou-se surpreso. — Não sabia disso. O senhor quer dizer que Mestre Taddeo. . .

— Não. Os oficiais que vieram com ele. Estão fazendo isso sistematicamente.

— Como foi que o senhor descobriu?

— O Poeta me disse.

— O Poeta! Ah!

— Infelizmente, dessa vez ele estava falando a verdade e até surrupiou um dos desenhos.

— O senhor está com esse desenho?

— Não, obriguei-o a devolvê-lo. Mas não gosto disso. É de mau agouro.

— Não, por estranho que pareça. Tomou-se de antipatia pelo mestre. Tem andado resmungando pelos cantos, desde que ele chegou.

— O Poeta sempre resmungou.

— Mas não tanto assim.

— Por que estarão eles fazendo esses desenhos?

Paulo fez uma carranca. — Até descobrirmos o contrário, consideremos que o interesse deles é oculto e profissional. Como cidadela fortificada, a abadia tem sido um sucesso. Nunca foi tomada por meio de cerco ou assalto; talvez isso haja despertado neles alguma admiração profissional.

O Padre Gault olhou especulativamente através do deserto, na direção do leste. — Pensando bem, se um exército qualquer pretender atacar a oeste das planícies, terá de deixar uma guarnição por estes lugares antes de marchar para Denver. — Pensou por alguns momentos e começou a ficar alarmado. — E aqui teriam uma fortaleza já pronta!

— Tenho a impressão de que isso já lhes ocorreu.

— O senhor pensa que foram mandados como espiões?

— Não, não! Talvez Hannegan nem tenha jamais ouvido falar em nós. Mas eles estão aqui; são oficiais e não podem deixar de olhar em volta e ter idéias. E agora é bem provável que Hannegan ouça falar em nós.

— Que é que o senhor pretende fazer?

— Ainda não sei.

— Por que não falar ao mestre sobre isso?

— Os oficiais não lhe são subordinados. Vieram apenas para protegê-lo. Que poderá ele fazer?

— É parente de Hannegan e tem influência.

— Vou pensar num modo de abordar o assunto com ele. Mas primeiro vamos observar um pouco mais o que está acontecendo.

Nos dias que se seguiram, Mestre Taddeo completou seu estudo da ostra e, aparentemente convencido de que era

uma concha verdadeira, focalizou sua atenção na pérola. A tarefa não era simples.

Grandes quantidades de fac-símiles foram pesquisados. No meio do ruído das correntes, os volumes mais preciosos foram descidos das prateleiras. Quando se tratava de originais parcialmente danificados ou deteriorados, não era prudente confiar na interpretação e na vista dos autores dos fac-símiles. Os manuscritos originais de antes da época leibowitziana foram retirados dos barris em que tinham sido hermeticamente fechados e se encontravam armazenados em compartimentos especiais que lhes asseguravam uma conservação por tempo indeterminado.

O assistente do mestre reuniu vários quilos de anotações. Depois do quinto dia, o andar do Mestre Taddeo pareceu mais rápido e seus modos refletiram a ansiedade de um animal faminto que fareja uma gostosa caça.

— Magnífico! — Vacilava entre o júbilo e uma divertida incredulidade. — Fragmentos da autoria de um físico do século XX! As equações são até coerentes.

Kornhoer olhou por cima do ombro. — Já vi isso — disse, sem fôlego. — Nunca pude compreender o que era. É assunto importante?

— Ainda não sei. A matemática é maravilhosa, *maravilhosa!* Veja aqui. . . essa expressão. . . repare na forma extremamente concisa! Aqui, sob o sinal do radical. . . parece o produto de dois derivados, mas na realidade representa toda uma série deles.

— Como?

— Os índices se mudam numa expressão desenvolvida; de outro modo, ela não poderia representar o que, segundo o autor, é uma linha integral. É lindo! E veja essa expressão aparentemente simples. A simplicidade engana, pois ela não representa uma equação, mas um sistema inteiro delas, em forma muito concisa. Levei dois dias para perceber que o autor pensava nas relações, não apenas de quantidades a quantidades, mas de sistemas a sistemas. Ainda não conheço todas as quantidades físicas implicadas, mas a sutileza matemática é simplesmente soberba! Se for um artifício, é inspirado. Senão, poderemos estar tendo uma sorte incrível. Em ambos os casos, o que temos aqui é magnífico. Preciso ver a mais antiga cópia disso.

O Irmão Bibliotecário gemeu quando ainda outro barril selado foi rolado para fora a fim de ser aberto. Armbruster não se impressionara com o fato de o escolástico

haver destrinchado, em dois dias, vários enigmas que, por doze séculos, ninguém decifrara. Para o guarda da *Memorabilia*, cada vez que se rompia um selo, diminuía o tempo da possível conservação do conteúdo do barril e ele não disfarçava que tudo aquilo lhe parecia censurável. Para ele, cuja tarefa na vida era a conservação dos livros, a principal finalidade deles era poderem ser conservados perpetuamente. O uso era coisa secundária e devia ser evitado se prejudicasse a durabilidade.

O entusiasmo de Mestre Taddeo por seu trabalho aumentava à medida que o tempo passava, e o abade respirava aliviado ao observar que seu primitivo ceticismo ia desaparecendo com o estudo de cada novo fragmento de texto científico pré-diluviano. O escolástico não fizera ainda afirmações claras a respeito da finalidade de sua investigação; talvez, a princípio, seu objetivo fosse vago, mas agora estava trabalhando com a precisão nítida de quem segue um plano. Pressentindo o advento de alguma coisa, Dom Paulo decidiu oferecer ao galo um poleiro para cantar, no caso de ele desejar anunciar uma próxima aurora.

— A comunidade tem estado curiosa por seus trabalhos — disse ao escolástico. — Gostaríamos de ouvir alguma coisa sobre eles, se você não se importar de falar no assunto. Naturalmente, já ouvimos referências a seu trabalho teórico, mas é técnico demais para que muitos de nós possamos entender. Seria possível você nos dizer alguma coisa sobre ele. . . em termos gerais, que os não especialistas compreendam? A comunidade está reclamando porque ainda não convidei você para falar; mas pensei que, talvez, você preferisse conhecer um pouco melhor o ambiente. Naturalmente, se não. . .

O olhar do mestre parecia aplicar um calibrador no crânio do abade e medi-lo de todos os modos. Sorriu com ar de dúvida. — O senhor gostaria que eu explicasse nosso trabalho na linguagem mais simples possível?

— Mais ou menos isso.

— Aí está a dificuldade. — Riu. — O leigo lê um tratado de ciência natural e pensa: "Por que é que o autor não explica isso em linguagem simples?" O que ele não percebe é que o que está escrito é o que pode haver de mais simples naquele assunto. Na realidade, muito da filosofia natural é apenas um processo de simplificação linguística — um esforço para inventar línguas nas quais meia página de equações possa exprimir uma idéia que não pode-

ria ser expressa em menos de mil palavras da chamada linguagem "simples". Estou sendo claro?

— Está. Você poderia, aliás, falar-nos desse aspecto do problema. A menos que a sugestão ainda seja prematura, com relação ao seu trabalho de pesquisa da *Memorabilia.*

— Não. Já temos uma idéia razoavelmente clara da direção em que vamos e da natureza do nosso trabalho aqui. Ainda falta muito tempo para terminá-lo, naturalmente. As peças têm de se encaixar umas nas outras e nem todas pertencem ao mesmo desenho. Ainda não sabemos o que vamos *aproveitar,* mas já percebemos o que não nos poderá ser *útil.* Digo, com prazer, que tenho esperanças. Não me importo de explicar o plano geral, mas. . . — Fez outra vez o sorriso de dúvida.

— O que é que preocupa você? - - indagou o abade.

O mestre mostrou-se um pouco embaraçado. — Não estou bem seguro do meu público. Não quero ferir as crenças religiosas de ninguém.

— Mas como iria você feri-las? Não se trata de filosofia natural? De ciências físicas?

- Sim. Mas as idéias de muitos a respeito do mundo se tornaram coloridas por crenças. . . bem, quero dizer. . .

— Mas se o seu assunto é o mundo físico, como poderá você ofender-nos? Especialmente esta comunidade. Temos esperado muito para ver o mundo tomar outra vez algum interesse por si próprio. Mesmo arriscando-me a parecer vaidoso, lembro a você que temos alguns amadores versados em ciências naturais aqui no mosteiro. O Irmão Majek, o Irmão Kornhoer. . .

— Kornhoer! — O mestre olhou cautelosamente para a lâmpada de arco e desviou os olhos, apertando-os. — Não posso entender!

— A *lâmpada?* Mas *você* certamente. . .

— Não, não, não a lâmpada. Ela é simplíssima, uma vez passado o choque de vê-la funcionar. Tinha de funcionar. Funcionaria no papel, supondo várias coisas indeterminâveis e adivinhando outras. Mas o salto impetuoso de uma vaga hipótese a um modelo que funciona... — O mestre tossiu nervosamente. — Aquela peça — apontou para o dínamo — representa um salto sobre vinte anos de experiências preliminares, a começar pela compreensão dos princípios. Kornhoer dispensou os preliminares. O senhor acredita em intervenção milagrosa? Eu não, mas aí está um caso *real* na sua frente. Rodas de carro! — Riu outra vez.

— Que faria ele se tivesse uma oficina mecânica? Não entendo o que um homem como ele está fazendo engaiolado num mosteiro.

— Talvez o Irmão Kornhoer possa explicar isso a você — disse Dom Paulo, procurando falar sem aspereza.

— Sim... Os calibradores visuais do Mestre Taddeo recomeçaram a medir o velho padre. — Se realmente o senhor pensa que ninguém se ofenderá quando ouvir idéias diversas das tradicionais, terei muito prazer em falar sobre nosso trabalho. Mas há algumas coisas nele que poderão entrar em conflito com precon. . . hum. . . opiniões antigas.

— Ótimo! Vai ser fascinante!

Marcaram uma data e Dom Paulo sentiu-se aliviado. Percebia que o abismo esotérico entre o monge cristão e o investigador secular da Natureza certamente seria diminuído por uma livre troca de ideias. Kornhoer já o tinha diminuído um pouco, não tinha? Mais comunicação e não menos era provavelmente a melhor terapêutica para afrouxar qualquer tensão. E o véu opaco da dúvida e das desconfianças seria rasgado, não seria? Tão cedo quanto o mestre visse que seus hospedeiros não eram os intelectuais cabeçudos e reacionários que supunha. Paulo sentiu-se um pouco envergonhado por suas desconfianças anteriores. — Tende paciência, Senhor, com um tolo bem-intencionado — rezou ele.

— Mas o senhor não pode ignorar os oficiais e os desenhos — lembrou-lhe o Padre Gault.

20

De sua estante no refeitório, o leitor entoava as notícias. A luz das velas embranquecia as faces das legiões de religiosos imóveis atrás de seus bancos, à espera do começo da refeição da noite. A voz do leitor ecoava surdamente nas altas abóbadas perdidas nas sombras, acima das manchas formadas pelas luzes sobre as mesas de madeira.

— O reverendo padre abade mandou-me anunciar — proclamou o leitor — a dispensa da regra de abstinência na refeição desta noite. Teremos hóspedes, como é possível

que todos saibam. Os religiosos podem participar do banquete em honra de Mestre Taddeo e seu grupo; todos podem comer carne. Será permitida a conversação — não muito barulhenta — durante a refeição.

Alguns ruídos contidos, parecidos com "vivas" estrangulados, vieram das filas dos noviços. As mesas estavam postas. A comida ainda não fora trazida, mas havia grandes bandejas no lugar das tigelas habituais, estimulando o apetite com ares de festa. As costumeiras canecas de leite tinham ficado na copa e sido substituídas pelos melhores cálices de vinho. Havia rosas espalhadas ao longo das mesas.

O abade parou no corredor até que o leitor acabasse de falar. Olhou para a mesa que ocuparia junto com o Padre Gault, o convidado de honra e o seu grupo. Péssima aritmética, outra vez, na cozinha, pensou ele. Havia oito lugares à mesa. Três oficiais, o mestre e seu assistente mais os dois padres faziam sete — a menos que, o que era improvável, o Padre Gault tivesse convidado o Irmão Kornhoer para sentar-se com eles. O leitor terminou as notícias, e Dom Paulo entrou na sala.

— *Flectamus genua* — entoou o leitor.

As legiões de hábito dobraram o joelho com precisão militar, enquanto o abade abençoava seu rebanho.

— *Levate.*

As legiões levantaram-se. Dom Paulo tomou seu lugar na mesa especial e olhou para a entrada. Gault deveria trazer os outros. Até ali, suas refeições tinham sido servidas na casa dos hóspedes, para evitar sujeitá-los à austeridade da alimentação frugal dos monges.

Quando os hóspedes chegaram, procurou pelo Irmão Kornhoer, mas não o viu entre eles.

— Por que esse oitavo lugar? — murmurou para o Padre Gault, depois de todos sentados.

Gault pareceu surpreso e sacudiu os ombros.

O escolástico ocupou o lugar à direita do abade e os outros tomaram os demais, deixando vago o assento à sua esquerda. Dom Paulo voltou-se para chamar o Irmão Kornhoer para a mesa, mas o leitor começou a entoar o prefácio antes que o monge o visse.

— *Oremus* — respondeu o abade, e as legiões se curvaram.

Durante a bênção, alguém se esgueirou silenciosamente para a sua esquerda. Dom Paulo fez uma carranca, mas não

levantou os olhos para identificar o culpado durante a oração.

— ". . .*et Spiritus Sancti, Amen*"

— *Sedete* — disse o leitor, e as fileiras começaram a ocupar os bancos.

O abade olhou zangado para a figura a seu lado.

— Poeta!

O lírio ofendido curvou-se exageradamente e sorriu. — Boa noite, senhores, ilustre mestre, distintos anfitriões — discursou ele. — Que temos para esta noite? Peixe assado com favos de mel em honra da ressurreição temporal que já paira sobre nós? Ou então, senhor abade, o senhor finalmente cozinhou o ganso do prefeito da aldeia?

— Gostaria era de cozinhar. . .

— Ah! — disse o Poeta, e virou-se para o escolástico, com afabilidade. — Nesta casa goza-se de uma excelente cozinha, Mestre Taddeo! Você devia vir mais vezes. Suponho que na casa dos hóspedes só tenham servido faisão assado e bifes sem graça. Uma vergonha! Aqui, passa-se melhor. Espero que o Irmão Chefe tenha esta noite o seu gosto habitual, a sua flama interior, o seu toque encantado. Ah!... — O Poeta esfregou as mãos e sorriu, esfomeado. — Talvez tenhamos falso porco com milho *à la* Frei João!

— Parece interessante — disse o escolástico. — O que é?

— Uma espécie de bicho gorduroso com milho queimado, feito em leite de jumenta. Uma especialidade dos domingos.

— Poeta! — disse o abade rispidamente; depois ao mestre: — Peço desculpas pela presença dele. Não foi convidado.

O escolástico olhou para o recém-chegado com um ar distante e ao mesmo tempo divertido. — O meu Senhor Hannegan, também, mantém vários bobos na corte — disse a Paulo. — Conheço bem a espécie. Não é necessário que o senhor se desculpe por ele.

O Poeta pulou do seu banco e curvou-se profundamente diante do mestre. — Permita-me pedir desculpas pelo abade, em lugar dele por mim, senhor! — gritou com sentimento.

Continuou curvado por um momento. Os outros esperavam que terminasse suas bobices, mas ele, de repente, deu de ombros, sentou-se e fincou um espeto na ave fumegante que um postulante depositara diante deles numa bandeja,

arrancou-lhe uma perna, mordeu-a com gosto. Todos o observavam com pasmo.

— Suponho que você tenha razão em não aceitar minhas desculpas por ele — disse por fim ao mestre.

O escolástico enrubesceu.

— Antes de pôr você para fora, seu verme — disse Gault —, vamos verificar a profundeza da sua iniquidade.

O Poeta balançou a cabeça e mastigou com ar pensativo. — É bem profunda, na verdade — admitiu.

"Um dia Gault ainda se sai mal com esse jeito brusco", pensou Dom Paulo.

Mas o padre moço estava visivelmente aborrecido e procurava conduzir o incidente *ad absurdum* de modo a encontrar terreno para esmagar o bobo. — Peça desculpas pelo seu anfitrião, Poeta — mandou ele —, e explique-se ao mesmo tempo.

— Deixe, padre, deixe — disse Paulo depressa.

O Poeta sorriu benignamente para o abade. — Não faz mal, meu senhor — disse ele. — Não me importo nem um pouco de pedir desculpas pelo senhor. O senhor pede por mim, eu pelo senhor; não é isso próprio da caridade e da boa vontade? Ninguém precisa desculpar-se a si mesmo, o que é sempre tão humilhante. Pelo meu sistema, porém, pede-se desculpas por todos, e nunca por si.

Somente os oficiais pareciam achar graça nas palavras do Poeta. Aparentemente a expectativa de humorismo era suficiente para se ter a ilusão do humorístico: o comediante podia provocar o riso com os gestos e a expressão, não importava o que dissesse. Mestre Taddeo sorria como se assistisse à exibição desajeitada de um animal ensinado.

— Portanto — continuava o Poeta —, se o senhor me tivesse permitido servir como seu humilde ajudante, nunca teria tido de fazer tudo sozinho. Como seu Delegado de Desculpas, por exemplo, eu poderia ter delegação sua para oferecer contrição a hóspedes importantes pela existência de percevejos nas camas. E aos percevejos, pela súbita mudança de comida.

O abade dominou um impulso de esmagar o pé descalço do Poeta com o calcanhar de sua sandália. Deu-lhe um pontapé nos tornozelos, mas o bobo insistia.

— Assumiria toda a culpa em lugar do senhor, naturalmente — disse ele, mastigando a carne branca com barulho. — É um ótimo sistema, esse. Estou pronto a pô-lo à sua disposição, eminentíssimo escolástico. Estou certo de

que você o achará conveniente. Tenho ouvido dizer que se deve inventar e imaginar sistemas de lógica e metodologia antes que a ciência avance. Nessas condições, o meu sistema de desculpas negociáveis e transferíveis seria de particular valor para você, Mestre Taddeo.

— Seria?

— Sim. É uma pena. Alguém roubou o meu animal de cabeça azul.

— Animal de cabeça azul?

— A cabeça dele era tão calva quanto a de Hannegan, brilhantíssimo senhor, e tão azul quanto a ponta do nariz do Irmão Armbruster. Tencionava dá-lo de presente a você, mas algum covarde furtou-o antes da sua vinda.

O abade cerrou os dentes e pôs o calcanhar em cima dos dedos do pé do Poeta. Mestre Taddeo tinha a testa um pouco enrugada, mas parecia decidido a destrinchar o obscuro sentido das palavras do bobo.

— Precisamos de um animal de cabeça azul? — perguntou a seu assistente.

— Não, senhor, não vejo qualquer necessidade de obtê-lo.

— Mas a necessidade é clara! — disse o Poeta. — Dizem que você está fazendo equações que algum dia reconstruirão o mundo. Dizem que uma nova luz está aparecendo. Se vai haver luz, alguém tem de levar a culpa pela escuridão que passou.

— Ah, daí o animal. — Mestre Taddeo olhou para o abade. — Um gracejo sem muita graça. É o melhor que ele sabe fazer?

— Repare que ele não tem qualquer função aqui. Mas vamos falar de coisas razoa. . .

— Não, não, *não!* — protestou o Poeta. — Brilhante senhor, você não percebeu o que eu quis dizer. O animal deve ser elevado e honrado, e não censurado! Deve ser coroado com a coroa que São Leibowitz mandou a você, e receber agradecimentos pela luz que se levanta. Leibowitz é que deve ser carregado de culpas e convidado ao deserto. Dessa maneira, você não terá de usar a segunda coroa. A que tem espinhos. O seu nome é Responsabilidade.

A hostilidade do Poeta aparecera às claras. Ele não mais tentava se fazer de bobo. O mestre olhou-o friamente. O calcanhar do abade mexeu-se sobre o pé do infeliz, mas, outra vez, teve piedade dele, ainda que a contragosto.

— É quando — disse o Poeta — o exército do seu

patrão vier tomar a abadia, o animal será colocado no pátio e ensinado a berrar: "Não há ninguém aqui senão eu, ninguém aqui senão eu", cada vez que passar um estrangeiro.

Um dos oficiais levantou-se de seu banco com um grunhido de raiva e, instintivamente, levou a mão ao sabre. Começou a puxá-lo para fora da bainha e alguns centímetros de aço brilharam como um aviso ao imprudente. O mestre segurou-o pelo pulso e tentou forçá-lo a repor o sabre no lugar, mas foi como se tentasse mover o braço de uma estátua de mármore.

— Ah! Guerreiro e ao mesmo tempo desenhista! — tornou o Poeta, aparentemente sem medo de morrer. — Seus desenhos das defesas da abadia. . .

O oficial soltou uma praga e desembainhou o sabre, mas seus camaradas o seguraram antes que atacasse. Uma exclamação de surpresa veio da congregação enquanto os monges, atônitos, punham-se de pé. O Poeta ainda sorria com afabilidade.

— . . .prometem — continuou ele. — Um dia seu desenho dos túneis subterrâneos ainda será pendurado num museu de belas. . .

Ouviu-se um ruído surdo embaixo da mesa. O Poeta parou no meio de uma dentada, tirou um osso da boca e foi ficando pálido. Mastigou, engoliu e continuou a empalidecer. Olhou para cima com ar distraído.

— O senhor está me esmagando — murmurou ele, de lado.

— É só o que você diz? — perguntou o abade, e continuou a esmagar.

— Acho que estou com um osso atravessado na garganta — admitiu o Poeta.

— Você deseja se retirar?

— Parece que não há outro jeito.

— Que pena. Sentiremos a sua falta. — Paulo deu-lhe uma última esmagadela, de lembrança. — Pode ir, então.

O Poeta respirou com força, enxugou a boca e levantou-se. Bebeu o seu vinho e emborcou o cálice no meio da bandeja. Alguma coisa na sua maneira compelia os outros a observá-lo. Puxou uma pálpebra com um polegar, curvou a cabeça sobre a mão em concha e, com uma ligeira pressão, fez saltar seu olho de vidro, provocando uma exclamação de pasmo da parte dos texarkanos.

— Vigie-o cuidadosamente — disse ele ao olho e de-

positou-o sobre o cálice emborcado, de onde parecia olhar com malícia para Mestre Taddeo. — Boa noite, meus senhores — disse alegremente na direção do grupo, e marchou para fora da sala.

O oficial que se irritara murmurou uma praga e procurou desvencilhar-se das mãos dos seus camaradas.

— Levem-no de volta ao seu quarto e não o soltem enquanto não tiver se acalmado — disse-lhes o mestre. — E vejam que ele não se aproxime daquele lunático.

— Estou desolado— disse ao abade, depois de o guarda, lívido, ter sido arrastado para fora.. — Não são meus subordinados e não posso dar-lhes ordens. Mas prometo que ele responderá por isso. Se se recusar a pedir desculpas e deixar imediatamente a abadia, terá de bater-se comigo antes de amanhã à tarde.

— Não derramem sangue! — pediu o padre. — Aquilo não teve importância. Vamos esquecer tudo. — Suas mãos tremiam e seu rosto estava pálido.

— Ele terá de pedir desculpas e sair da abadia — insistiu Mestre Taddeo —, ou eu me proporei a matá-lo. Não se aflija, ele não ousará lutar comigo, pois, se ganhar, Hannegan o fará morrer no pelourinho enquanto sua mulher será forçada a. . . mas deixemos isso. Ele se humilhará e partirá. De qualquer modo, estou profundamente envergonhado por ter acontecido uma coisa dessas.

— Devia ter mandado pôr o Poeta para fora no momento em que entrou. Foi ele quem provocou tudo e não consegui detê-lo. A provocação foi clara.

— Provocação? Pela mentira imaginosa de um bobo errante? Josard reagiu como se as acusações do Poeta fossem verdadeiras.

— Então você não sabe que eles *estão* preparando um relatório completo do valor militar da nossa abadia como fortaleza?

A fisionomia do escolástico mostrou pasmo. Olhou de um padre para outro com ar incrédulo.

— Será possível? — indagou pouco depois.

O abade, com a cabeça, indicou que sim.

— E o senhor permitiu que ficássemos!

- Não temos segredos. Seus companheiros podem fazer esse estudo, se assim o desejam. Não vou agora perguntar *por que* desejam tal informação. A conclusão do Poeta, naturalmente, foi pura fantasia.

— Naturalmente — disse o mestre com voz fraca.

— Certamente o seu príncipe não ambiciona agredir esta região, como o Poeta sugeriu.

— Certamente que não.

— E mesmo que ambicionasse, estou seguro de que, com o seu bom senso, compreenderia o valor da nossa abadia como celeiro da sabedoria antiga, maior certamente do que como fortaleza. Pelo menos, creio que haveria conselheiros sábios que o levassem a pensar assim.

O mestre percebeu a súplica que havia na voz do padre e pareceu meditar nela, mexendo de leve no seu prato e nada dizendo por algum tempo.

— Falaremos nisso outra vez, antes que eu volte ao *collegium* — prometeu com calma.

Um gelo caíra no banquete, mas os ânimos foram melhorados mais tarde, no pátio, quando o grupo cantou em conjunto. Na hora da conferência do escolástico, no salão, já ninguém se sentia contrafeito, e o ambiente era cordial.

Dom Paulo levou o mestre à mesa; Gault e o assistente juntaram-se a eles no estrado. Vivas e aplausos acolheram a apresentação do mestre, feita pelo abade; o silêncio que se seguiu era como o que se observa num tribunal que aguarda o veredicto. O escolástico não era um orador nato, mas satisfez os monges.

— Tenho me surpreendido com o que encontrei aqui — disse ele. — Há poucas semanas não teria acreditado, *não acreditava* que registros como os que vocês têm na *Memorabilia* ainda existissem, depois da queda da última grande civilização. Mesmo agora é difícil de acreditar, mas as provas nos forçam a adotar a hipótese de que os documentos são autênticos. A sobrevivência deles é incrível; mas ainda mais fantástico, *para mim, é* o fato de que passaram despercebidos, até agora, a *este* século. Ultimamente tem havido homens capazes de apreciar seu valor potencial — eu não sou o único. O que o Mestre Kaschler poderia ter feito com esses documentos durante sua vida! — até mesmo há setenta anos.

O mar de rostos monásticos iluminou-se de sorrisos ao ouvir um homem de tão grandes dons, como o mestre, reagir assim favoravelmente à *Memorabilia.* Paulo perguntou a si mesmo por que não teriam eles percebido o leve tom de ressentimento — ou de suspeita — na voz do orador. — Se tivesse sabido da existência dessas fontes há dez anos —

estava ele dizendo —, uma boa parte dos meus trabalhos de óptica teria sido desnecessária. — Ah!, pensou o abade, então é isso. Ou pelo menos, em parte. Ele está verificando que algumas das suas descobertas são apenas redescobertas e não está satisfeito. Mas certamente deve saber que, em toda a sua vida, não poderá ser mais do que um recuperador de trabalhos perdidos; por mais brilhante que seja, só poderá fazer o que outros fizeram antes dele. E assim será, inevitavelmente, até que o mundo atinja o alto grau de desenvolvimento de antes do Dilúvio de Fogo.

Entretanto, era claro que Mestre Taddeo estava impressionado.

— Meu tempo aqui é limitado — continuou ele. — Pelo que vi, presumo que será preciso vinte especialistas trabalhando por várias décadas, até que se possa tirar da *Memorabilia* tudo o que contém de compreensível. O processo normal das ciências físicas é o raciocínio indutivo provado pelas experiências; mas aqui, é preciso deduzir. De alguns poucos fragmentos de princípios gerais, tentamos chegar a detalhes. Em alguns casos, pode ser impossível. Por exemplo — interrompeu-se um momento para exibir um maço de anotações e procurou uma, rapidamente, no meio delas —, eis aqui uma citação que encontrei enterrada lá embaixo. É de um fragmento de quatro páginas de um livro que pode ter sido um texto adiantado de física. Alguns de vocês talvez já o tenham visto.

... "E se predominam os termos de espaço na expressão relativa ao intervalo entre dois acontecimentos, esse intervalo é chamado de espacial, uma vez que é possível escolher um sistema coordenado — pertencente a um observador com uma velocidade admissível — na qual os acontecimentos pareçam simultâneos e, portanto, separados apenas espacialmente. Se, porém, o intervalo for de tempo, os acontecimentos não podem ser simultâneos em nenhum sistema coordenado. Existe, então, um sistema coordenado em que os termos de espaço desaparecem inteiramente, de modo a que a separação entre os acontecimentos seja puramente temporal, *id est,* ocorra no mesmo lugar, mas em tempos diversos. Examinando os extremos do intervalo real. . ."

Levantou os olhos com um sorriso estranho. — Alguém aqui já examinou esse trecho ultimamente?

O mar de faces continuou imóvel.

— Alguém se lembra de ter visto isso?

Kornhoer e dois outros levantaram receosamente as mãos.

— Alguém sabe o que significa?

As mãos abaixaram-se rapidamente.

O mestre riu. — É seguido de uma página e meia de cálculos que não vou tentar ler, mas trata de alguns dos nossos conceitos fundamentais como se não fossem de todo básicos, mas simples aparências que mudam com o ponto de vista de cada um. Termina com a palavra "portanto", mas o resto da página, com a conclusão, está queimado. O raciocínio é porém, impecável, e a matemática perfeitamente elegante, a tal ponto que eu mesmo posso escrever a conclusão. Mas esta parece coisa de louco. No princípio, também, havia conceitos loucos. Será uma mistificação? Se não for, que lugar terá esse raciocínio no esquema geral da ciência dos antigos? Do que terá sido precedido, para que o entendessem? O que se seguirá a ele e como poderá ser posto à prova? Eis aí questões a que não sei responder. Este é apenas *um* exemplo dos numerosos enigmas propostos pelos papéis que vocês guardaram por tanto tempo. Um raciocínio que *em lugar nenhum* toca uma realidade experimental é assunto de angelologistas e teólogos e não de físicos. E, no entanto, esses papéis descrevem sistemas de que não temos qualquer experiência. Estariam eles ao alcance experimental dos antigos? Certas referências parecem indicá-lo. Um documento se refere à transmutação dos elementos — que nós consideramos como teoricamente impossível —, e depois fala em "experiências". Mas *como?* Várias gerações poderão passar até que sejam avaliadas e entendidas algumas dessas coisas. É lamentável que elas devam ficar aqui neste lugar inacessível, pois será preciso um esforço concentrado de numerosos escolásticos para destrinchá-las. Estou certo de que vocês percebem que as condições que temos aqui são inadequadas, para não dizer inacessíveis, ao resto do mundo.

Sentado no estrado atrás do orador, o abade começou a ficar nervoso, esperando o pior, mas Mestre Taddeo não propôs nada de concreto. Suas observações, porém, continuaram a mostrar claramente que aquelas relíquias deviam estar em mãos mais competentes que as dos monges da Ordem Albertiana de São Leibowitz, e que a situação existente era absurda. Dando-se conta, talvez, do crescente mal-estar na sala, passou a falar de seus estudos imediatos, que

compreendiam uma investigação mais completa da natureza da luz. Alguns dos tesouros da abadia estavam sendo de grande ajuda e ele esperava atinar dentro em breve com os meios de experimentar suas teorias. Depois de discorrer um pouco sobre o fenômeno da refração, parou e disse como que se desculpando: — Espero que nada disso seja ofensivo às crenças religiosas de ninguém... — e olhou em volta interrogativamente. Vendo as fisionomias curiosas e mansas, prosseguiu em sua exposição por algum tempo e depois convidou a congregação a formular questões.

— Você se importa de responder a uma pergunta vinda do estrado? — perguntou o abade.

— Claro que não — disse o escolástico, com ar indeciso, como se pensasse *"et tu, Brute"*.

— Que pensa você que pode haver de ofensivo à religião na refrangibilidade da luz?

— Bem. . . — o mestre interrompeu-se, enleado. — Monsenhor Apollo, que o senhor conhece, indignou-se com esse assunto. Disse que a luz não poderia de forma alguma ser refrangível antes do Dilúvio, porque supunha-se que o arco-íris. . .

Os monges prorromperam em riso, não deixando ouvir o resto da frase. Quando afinal o abade conseguiu que silenciassem, Mestre Taddeo estava da cor de beterraba, e o próprio abade conservava seu ar solene com dificuldade.

— Monsenhor Apollo é um bom homem, um bom padre, mas não há quem não possa ser um incrível asno, por vezes, especialmente quando fora de seus domínios. Sinto ter feito essa pergunta.

— A resposta me alivia — disse o escolástico —, pois não estou procurando brigas.

Não houve mais perguntas, e o mestre passou ao segundo ponto: as atividades atuais do *collegium* e seu desenvolvimento. O quadro que traçou foi encorajador. O *collegium* estava inundado de candidatos que desejavam estudar no instituto. Sua função era educar ao mesmo tempo que investigar. O interesse pela filosofia natural e pela ciência aumentava entre os leigos letrados. O instituto recebia vultosas doações. Eram sintomas de revivescência e de renascimento.

— Posso mencionar algumas das pesquisas e investigações efetuadas habitualmente por nossa gente — continuou ele. — Seguindo o trabalho de Bret sobre o comportamento dos gases, Mestre Viche Mortoin está investigando as possibilidades de produzir gelo artificialmente. Mestre

Früder Halb procura meios práticos para transmitir mensagens através de variações elétricas ao longo de um fio. — A lista era longa, e os monges pareciam impressionados. Trabalhava-se em vários campos: medicina, astronomia, geologia, matemática, mecânica. Alguns estudos mostravam-se impraticáveis e mal conduzidos, mas muitos prometiam fartos conhecimentos novos e aplicações práticas. Passando da pesquisa do *nostrum universal* feita por Jejene ao assalto corajoso de Bodalk à geometria ortodoxa, as atividades do *collegium* demonstravam um saudável anseio de desvendar os segredos da Natureza que estavam ocultos há mais de um milênio desde que a humanidade queimara seus próprios arquivos e se condenara à amnésia cultural.

— Em aditamento a esses estudos — continuou o orador —, Mestre Maho Mahh está encabeçando um plano no sentido de obter maior informação acerca da origem da espécie humana. Como se trata, preliminarmente, de estudos arqueológicos, ele pediu-me que, tão logo completasse meu próprio trabalho, procurasse na biblioteca de vocês tudo o que parecesse interessante a respeito. Contudo, é melhor que não fale muito nisso, uma vez que é assunto de controvérsia com os teólogos. Mas se alguém quiser perguntar. . .

Um monge ainda jovem, que se preparava para o sacerdócio, levantou-se e fez-se notar pelo orador.

— Mestre, estava pensando se o senhor conheceria as idéias de Santo Agostinho sobre esse assunto.

— Não conheço.

— Ele foi um bispo e filósofo do século IV. Pensava que, no princípio, Deus criou tudo em estado de germes, incluindo a fisiologia do homem, dando assim causa à inseminação da matéria informe, que então *evoluiu* gradualmente até atingir formas mais complexas e, finalmente, o Homem. Essa hipótese foi considerada nos estudos que o senhor mencionou?

O mestre sorriu indulgentemente, sem dizer abertamente que se tratava de uma proposição infantil. — Tenho a impressão de que não foi, mas vou verificar — disse ele em tom de que nada faria.

— Obrigado — disse o monge e sentou-se em atitude humilde.

— Talvez a mais arrojada pesquisa de todas seja a que está fazendo o meu amigo, Mestre Esser Shon. É uma tentativa de síntese da matéria viva. Mestre Esser espera criar o protoplasma vivo, usando apenas seis ingredientes

básicos. Este trabalho conduziria a. . . sim? O senhor quer perguntar qualquer coisa?

Um monge se levantara na terceira fila e curvava-se para o orador. O abade inclinou-se para ver quem era e reconheceu, horrorizado, o Irmão Armbruster, o bibliotecário.

— O senhor teria a bondade de esclarecer a um velho — disse ele, arrastando as palavras num tom insípido — se esse Mestre Esser Shon, que se limita apenas a seis ingredientes básicos, e que é tão interessante, tem licença de usar as duas mãos?

— Bem, eu. . . — O mestre parou, carrancudo.

— E poderia também saber — continuou a voz monótona de Armbruster — se ele executará esse feito notável sentado, em pé ou inclinado? Ou talvez a cavalo, ao mesmo tempo em que toca duas trombetas?

Ouviram-se risos abafados dos noviços. O abade pôs-se em pé imediatamente.

— Irmão Armbruster, você, conforme já foi advertido, está expulso da mesa comum até que se desdiga. Vá para a capela de Nossa Senhora.

O bibliotecário curvou-se outra vez e saiu silenciosamente, em atitude humilde mas com triunfo nos olhos. O abade murmurou suas desculpas para o escolástico, mas o olhar deste, de repente, tinha ficado frio.

— Concluindo — disse —, este é um rápido apanhado do que o mundo pode esperar, na minha opinião, da revolução intelectual que está principiando. — Olhou em volta da sala e sua voz passou do natural a um tom fervoroso. — A ignorância tem reinado sobre nós. Desde a morte do império, é ela que tem dominado o Homem sem encontrar resistência. Sua dinastia é antiquíssima e seu direito de reinar já é hoje considerado legítimo. Os sábios do passado assim o afirmaram e nada fizeram para destroná-la. Amanhã, porém, um outro príncipe reinará. Seu trono será cercado por homens de sabedoria e de ciência, e o universo conhecerá seu poder. Seu nome é "Verdade". Seu império se estenderá por toda a Terra. E o poder do Homem sobre ela será restabelecido. Dentro de um século, os homens voarão pelo ar no interior de pássaros mecânicos. Carruagens de metal correrão pelas estradas pavimentadas pelo Homem. Haverá construções de trinta andares e máquinas para fazer todos os trabalhos. E de que maneira acontecerá tudo isso? — Parou um pouco e baixou a voz. — Da maneira pela

qual todas as grandes mudanças se processam, infelizmente. E lamento que seja assim. Acontecerá por meio da violência e de levantes, do fogo e da fúria, pois, no mundo, nenhuma mudança jamais se realizou tranquilamente.

Tornou a olhar em volta, pois um leve murmúrio se levantara no meio da comunidade.

— *Será* assim. Não somos nós que o *queremos* assim.

— Mas *por quê?*

— A ignorância reina. Muitos serão prejudicados por sua abdicação. Muitos enriquecem em virtude dessa negra monarquia. São os que formam a corte desse rei e, em seu nome, defraudam e governam, enriquecem-se e perpetuam-se no poder. Temem as letras, porque a palavra escrita é mais um canal de comunicação que pode unir seus inimigos. Suas armas são afiadas e eles as usam com destreza. Desencadearão a guerra no mundo quando virem seus interesses ameaçados, e a violência que se seguir perdurará até que a estrutura social desmorone e apareça uma sociedade nova. Sinto muito. Mas é assim que eu vejo o que está para vir.

Essas palavras trouxeram um novo gelo à sala. As esperanças de Dom Paulo se desvaneceram, pois a profecia dava forma à provável atitude do escolástico. Mestre Taddeo conhecia as ambições militares do seu soberano. Podia aprová-las, reprová-las ou considerá-las como fenômenos impessoais fora do seu controle, como as inundações, a fome ou os vendavais.

Era claro, então, que ele as aceitava como inevitáveis — para não ter de fazer um julgamento moral. *Que haja sangue, ferro e lágrimas. . .*

Como era possível que um homem como ele fugisse de sua própria consciência e de sua responsabilidade — e tão facilmente! dizia o abade para si mesmo.

Mas recordou-se das palavras — *"Pois naqueles dias o Senhor Deus permitira que os sábios conhecessem os meios pelos quais o mundo podia ser destruído. . ."*

Ele também permitira que conhecessem como poderia ser salvo e, como sempre, deixou-os escolher por si mesmos. E talvez tenham escolhido como Mestre Taddeo agora escolhe. Lavar as mãos diante da multidão. Ser cuidadosos, para que eles mesmos não viessem a ser crucificados.

Mas de qualquer modo tinham sido crucificados. Sem dignidade. É sempre o que sucede a todos. São pregados na cruz e, se descem dela, são. . .

Houve um silêncio súbito. O escolástico cessara de falar.

O abade olhou em volta da sala. Metade da comunidade tinha os olhos fixos na entrada. A princípio, nada pôde ver.

— O que é? — murmurou a Gault.

— Um velho com uma barba e um xale — respondeu Gault em voz baixa. — Parece com. . . Não, ele não. . .

Dom Paulo levantou-se e andou até a beirada do estrado para ver melhor a maldefinida figura que emergia das sombras. Depois chamou brandamente:

— Benjamin?

A figura mexeu-se. Apertou o xale em volta dos ombros magros e coxeou vagarosamente para onde havia luz. Parou outra vez, resmungando consigo mesmo e olhando em volta da sala; então seus olhos viram o escolástico no estrado, junto à estante. Mestre Taddeo, a princípio, tinha o ar ao mesmo tempo divertido e perplexo, mas quando viu que ninguém falava ou se mexia, começou a empalidecer, à medida que a visão decrépita se aproximava dele. A face daquela antiguidade barbada brilhava com a esperançosa ferocidade de uma paixão ainda mais forte que o princípio de vida e que há muito devera ter partido.

Chegou perto da estante e parou. Seus olhos examinaram o orador aterrado. Sua boca tremeu e ele sorriu. Estendeu a mão tremula para o escolástico, que recuou com uma exclamação de repulsa.

O eremita era ágil. Pulou para o estrado, evitou a luz da lâmpada e agarrou o braço do mestre.

— Que loucura. . .

Benjamin sacudia com força o braço do escolástico e olhava-o nos olhos.

Sua face anuviou-se. O brilho de seus olhos morreu. Deixou cair o braço. Um imenso suspiro veio dos velhos e ressequidos pulmões, enquanto a esperança se evaporava. O eterno e astucioso sorriso do Velho Judeu da montanha voltou a seus lábios. Virou-se para a comunidade, estendeu as mãos e sacudiu eloqüentemente os ombros.

— Ainda não é Ele — disse com azedume, e saiu coxeando.

Depois disso, quase não houve mais formalismo.

21

Foi durante a décima semana da visita de Mestre Taddeo que o mensageiro trouxe as negras notícias. O chefe da dinastia reinante de Laredo exigira que as tropas texarkanas fossem imediatamente retiradas do seu reino. Naquela noite, o rei morrera envenenado, e fora proclamado o estado de guerra entre os Estados de Laredo e Texarkana. A guerra pouco durara. Podia-se dizer com segurança que terminara um dia após haver começado, e que Hannegan controlava agora todas as terras e povos, do rio Vermelho ao rio Grande.

Tudo isso tinha sido previsto, mas não as demais notícias trazidas pelo mensageiro.

Hannegan II, pela Graça de Deus Todo-Poderoso, Vice-Rei de Texarkana, Defensor da Fé e Vaqueiro Supremo das planícies, depois de declarar Monsenhor Marcus Apollo culpado de "traição" e espionagem, fizera-o enforcar e, mesmo enquanto vivia, mutilar, esquartejar e esfolar, como exemplo a todos os que tentassem conspirar contra o Estado. O corpo do padre, em pedaços, fora jogado aos cães.

O mensageiro nem precisou ajuntar que Texarkana tinha sido interditada de forma absoluta por um decreto papal que continha certas vagas e agourentas alusões à *Regnans in Excelsis,* bula do século XVI que ordenava a deposição de um monarca. Ainda não havia notícias da reação de Hannegan.

Nas planícies, as forças laredanas teriam agora de lutar contra as tribos nômades até atingir suas próprias fronteiras, mas, ali chegando, seriam obrigadas a depor as armas, pois tanto o país quanto o povo eram reféns.

— Que tragédia! — disse Mestre Taddeo, com sinceridade. — Em vista de minha nacionalidade, proponho partir imediatamente.

— Por quê? — perguntou Dom Paulo. — Você não aprova as ações de Hannegan, aprova?

O escolástico hesitou, sacudiu a cabeça e olhou em volta para se certificar de que não era ouvido por mais ninguém. — Pessoalmente, condeno. Mas em público... — Sacudiu os ombros. — Tenho de pensar no *collegium.* Se fosse só eu, então. . .

— Compreendo.

— Posso dar uma opinião, confidencialmente?

— Claro.

— Alguém deveria aconselhar Nova Roma a não fazer ameaças vãs. Hannegan é capaz de crucificar várias dúzias de Marcus Apollos.

— Então outros tantos novos mártires alcançarão o Céu; e Nova Roma não faz ameaças vãs.

O mestre suspirou. — Imaginei que o senhor reagisse assim, mas renovo minha proposta de partir.

— Bobagem. Qualquer que seja sua nacionalidade, nossa comum humanidade faz com que você seja bem-vindo.

Mas as relações entre os visitantes e seus hospedeiros esfriaram. O escolástico isolou-se dali por diante, e só raramente conversava com os monges. Seus contatos com o Irmão Kornhoer ficaram visivelmente formais, muito embora o inventor, diariamente, passasse uma ou duas horas manobrando e inspecionando o dínamo e a lâmpada, ao mesmo tempo em que se mantinha a par do trabalho do mestre, que progredia agora em ritmo fora do comum. Os oficiais quase não se aventuravam para fora da casa dos hóspedes.

Havia indícios de um êxodo da região. Chegavam a cada momento rumores inquietantes das planícies. Na aldeia de Sanly Bowitts, o povo começou a descobrir motivos para sair de repente em peregrinações ou em visita a novas terras. Até os mendigos e vagabundos estavam saindo da cidade. Como sempre, os comerciantes e artífices viam-se diante do desagradável dilema de abandonar o que era seu aos ladrões e saqueadores ou permanecer e assistir à pilhagem.

Uma comissão de cidadãos encabeçada pelo prefeito da aldeia visitou a abadia a fim de pedir refúgio no santuário para o povo, em caso de invasão. — Minha decisão final — disse o abade, depois de várias horas de discussão — é a seguinte: receberemos todas as mulheres, crianças, inválidos e velhos, sem qualquer dificuldade. Quanto aos homens capazes de lutar, consideraremos cada caso em particular e é possível que recusemos alguns.

— *Por quê?* — perguntou o prefeito.

— O motivo é óbvio, até para você! — retrucou Dom Paulo com severidade. — A abadia pode sofrer com a invasão, mas, a menos que seja atacada diretamente, não se envolverá na luta. Não permitirei que este lugar seja utilizado por ninguém como base de um contra-ataque. Por isso, no caso dos homens que estiverem em condições de lutar, insistiremos num compromisso — de defender a abadia sob as

nossas ordens. E decidiremos quais são aqueles em cujos compromissos poderemos confiar.

— Não é justo! — gemeu um dos membros da comissão. — O senhor está fazendo discriminações.

— Somente contra os que não merecem confiança. O que é que há? Vocês estavam esperando esconder aqui uma força de reserva? Pois bem, não será permitido. Aqui não haverá nenhuma ramificação da milícia da cidade. Não há mais nada a dizer.

Em face do que estava acontecendo por toda parte, a comissão não podia recusar ajuda. Não houve mais discussões. Dom Paulo pretendia receber a todos quando chegasse o momento, mas, por ora, preferia impedir que a abadia ficasse envolvida nos planos militares da aldeia. Mais tarde, viriam oficiais de Denver com pedidos semelhantes, porém menos interessados em salvar vidas do que em salvar o próprio regime. A eles, daria a mesma resposta. A abadia fora construída para ser uma fortaleza de fé e de ciência e ele a conservaria como tal.

O deserto começou a se encher de refugiados do leste. Comerciantes, caçadores e vaqueiros, de passagem para oeste, traziam notícias das planícies. A peste grassava como fogo em palha seca no meio dos rebanhos dos nômades; a fome parecia iminente. As tropas de Laredo tinham-se dividido desde a queda da dinastia laredana. Uma parte regressava a seu país, como lhe tinha sido ordenado, e outra marchava para Texarkana, jurando cortar a cabeça de Hannegan II ou morrer. Enfraquecidos pela divisão, os laredanos aos poucos iam sendo dizimados pelos assaltos relâmpago dos guerreiros do Urso Doido, sedentos de vingança contra os que lhes tinham trazido a peste. Dizia-se que Hannegan se oferecera como protetor dos nômades, se eles jurassem lealdade à lei dos "civilizados", aceitassem os oficiais texarkanos como membros de seus conselhos e abraçassem a fé cristã. "Submetam-se ou morram de fome", era a alternativa proposta aos povos de pastores. Muitos preferiam a fome à aliança com um Estado de lavradores e comerciantes. Dizia-se também que Hongan Os clamava aos quatro cantos e aos céus e que concretizava esta última forma de protesto queimando um feiticeiro por dia para punir os deuses das tribos por sua traição. Ameaçava até tornar-se cristão se os deuses cristãos o ajudassem a trucidar seus inimigos.

Foi durante uma rápida visita de um grupo de pastores que o Poeta desapareceu da abadia. Mestre Taddeo foi

o primeiro a notar sua ausência da casa dos hóspedes e a pedir notícias dele.

Dom Paulo franziu o rosto, surpreso. — Você tem certeza de que ele saiu daqui? — perguntou. — Ele, às vezes, passa alguns dias na aldeia ou vai até a mesa para discutir com Benjamin.

— Até levou todas as suas coisas — disse o mestre.

O abade entortou a boca. — Quando o Poeta vai embora, é mau sinal. A propósito, se ele foi mesmo, aconselho-o a fazer imediatamente um inventário das *suas* coisas.

O mestre ficou pensativo. — Então minhas botinas. . .

— Sem dúvida.

— Deixei-as fora da porta para que fossem lustradas. Não as vi mais. Foi no mesmo dia em que ele tentou pôr abaixo a minha porta.

— Pôr abaixo, quem, o Poeta?

O Mestre Taddeo riu. — Confesso que tenho me divertido um pouco à custa dele. O senhor se lembra da noite em que ele deixou o olho de vidro na mesa do refeitório?

— Sim.

— Guardei-o comigo.

O mestre procurou no bolso, encontrou o olho e colocou-o em cima da escrivaninha do abade. — Ele sabia que estava comigo, mas eu ficava negando. Começamos então a nos divertir e chegamos até a insinuar que, na realidade, tratava-se do olho de vidro do ídolo Bayring, há muito desaparecido, e que devia ser devolvido ao museu. Ele ficou frenético, depois de algum tempo. É claro que eu tencionava restituir-lhe o olho antes de ir embora. O senhor acha que ele voltará depois que sairmos?

— Duvido — disse o abade, estremecendo de leve ao olhar para o globo de vidro. — Mas poderei guardá-lo se você quiser, apesar de ser perfeitamente provável que o Poeta dê com o costado em Texarkana para reclamá-lo. Ele sustenta que se trata de um talismã poderoso.

— Como assim?

Dom Paulo sorriu. — Diz que enxerga muito melhor quando o está usando.

— Que disparate! — Sempre pronto, porém, a levar em consideração tudo o que de estranho lhe dissessem, ajuntou: — Não é um disparate? A menos que, ao encher a órbita vazia, os músculos das *duas* órbitas sejam afetados. Será isso?

— Apenas jura que enxerga menos bem sem o olho

de vidro. Afirma que, quando o tira, não tem uma percepção nítida dos "significados verdadeiros", apesar das horríveis dores de cabeça que tem quando o usa. Mas nunca se sabe se o Poeta se refere a fatos, ou se o que diz é fantasia ou alegoria. Se a fantasia for interessante, duvido que veja qualquer diferença entre ela e a realidade.

O mestre sorriu enigmaticamente. — Há poucos dias, gritou à minha porta que *eu* precisava do olho muito mais do que ele. Parece que o considera um poderoso fetiche, útil a qualquer um. Não posso imaginar por quê.

— Ele disse que você precisava do olho? Oh, oh!

— Qual é a graça?

— Desculpe. Provavelmente quis insultá-lo. É melhor que eu não tente explicar, pois poderia parecer que também participava do insulto.

— Nada disso. Agora estou curioso.

O abade olhou para a imagem de São Leibowitz no canto da sala. — O Poeta usava o olho de vidro como uma espécie de brincadeira — explicou. — Antes de tomar uma decisão, refletir sobre qualquer coisa ou discutir um assunto, punha-o na órbita. Tirava-o de lá quando se aborrecia, ou não queria ver algo, ou quando se fazia de inocente. Uma vez com ele, mudava de atitude. Os irmãos começaram a chamar o olho de "consciência do Poeta", e ele aceitou a brincadeira. Fazia preleções e demonstrações sobre as vantagens de ter uma consciência móvel. Fingia que uma compulsão frenética o possuía — coisas muito triviais, sempre —, como a compulsão de se apoderar de uma garrafa de vinho. Se estava com o olho acariciava a garrafa, lambia os beiços, arquejava, gemia e afastava bruscamente a mão. Depois, ficava possuído outra vez. Segurava a garrafa, derramava um pouco de vinho num cálice e olhava-o por um instante com os olhos esbugalhados. Voltava a consciência, e ele atirava o cálice longe. Logo tornava a olhar de lado para a garrafa e a gemer e a salivar, mas sempre em luta contra a compulsão — o abade não pôde deixar de rir. — Era horrível de ver. Afinal, já exausto, tirava o olho de vidro. Imediatamente afrouxava. A compulsão diminuía. Com toda a desenvoltura e arrogância pegava a garrafa, olhava em volta e ria. "Vou fazer mesmo", dizia. E, enquanto todos esperavam que bebesse, sorria beatificamente e derramava a garrafa inteira em cima da cabeça. Como você vê, estava demonstrada a vantagem da consciência móvel.

— Então o Poeta acha que eu preciso dele mais do que ele mesmo!. . .

Dom Paulo deu de ombros. — Ele é apenas o "Senhor" Poeta!

O escolástico riu com gosto. Bateu de leve no olho de vidro e, sempre rindo, empurrou-o com o polegar, fazendo-o rolar pela mesa. — Estou gostando dessa idéia. Penso que sei quem precisa do olho mais do que o Poeta. Talvez ainda fique com ele. — Apanhou-o, jogou-o para o ar, amparou-o e olhou interrogativamente para o abade.

Paulo deu de ombros outra vez.

Mestre Taddeo pôs o olho no bolso. — Se algum dia ele o reclamar, devolvo-o. Mas é verdade, estava para dizer ao senhor que meu trabalho já está quase no fim. Partiremos dentro de poucos dias.

— Você não tem receio da luta nas planícies?

Mestre Taddeo franziu a testa, olhando para a parede. — Ficaremos num bivaque a uma semana de viagem para leste. Um grupo de. . . nossa escolta irá ter conosco lá.

— Espero — disse o abade, saboreando uma pontinha de maldade — que sua escolta não tenha aderido a outra facção política desde que combinou isso com você. Está ficando difícil distinguir os inimigos dos aliados, nos tempos que correm.

O mestre ficou vermelho. — Especialmente se vêm de Texarkana, o senhor quer dizer?

— Não disse isso.

— Vamos ser francos um com o outro, padre. Não posso lutar contra o príncipe que possibilita meu trabalho. . . pense eu o que pensar de suas ações e de sua política. Deixo que pareça que o apóio, superficialmente, ou pelo menos que fecho os olhos para o que faz, por causa do *collegium.* Se ele dominar maiores extensões de terras, o *collegium* poderá lucrar e a humanidade receberá os benefícios de nossos trabalhos.

— A parte dela que sobreviver, talvez.

— É verdade. . . mas será sempre assim, em qualquer caso.

— Não, não. Há doze séculos, nem mesmo os sobreviventes lucraram. Vamos recomeçar toda essa história?

Mestre Taddeo sacudiu os ombros. — Que posso fazer para evitá-lo? — perguntou, irritado. — Hannegan é o príncipe, e não eu.

— Mas você promete começar a restaurar o controle

do Homem sobre a Natureza. Quem governará o uso do poder sobre as forças naturais? Quem irá usá-lo? Para que fim? Como será controlado? São decisões que ainda podem ser tomadas. Mas se você e o seu grupo não as tomarem já, outros breve as tomarão. A humanidade lucrará, diz você. Mas sob o patrocínio de quem? De um príncipe que assina com um X as suas cartas? Ou você realmente crê que o *collegium* não ficará envolvido nas manobras de Hannegan quando este perceber que vocês são úteis para satisfazer suas ambições?

Dom Paulo não esperava convencer o mestre, e foi com o coração pesado que notou a paciente atenção com que ele o escutou; era como se ouvisse um argumento que já muitas vezes lhe viera à mente e que refutara a contento.

— Na verdade, o que o senhor sugere — disse o escolástico — é que esperemos um pouco. Que dissolvamos o *collegium* ou que o transportemos para o deserto e que de algum modo, sem dinheiro, revivamos aos poucos, e com dificuldade, uma ciência experimental e teórica, sem dizer nada a ninguém. E que conservemos tudo para o dia em que o Homem for bom, puro, santo e sábio.

— Não foi isso o que eu quis. . .

— Não foi o que o senhor quis dizer, mas é o que significa o que o senhor disse. Enclausure a ciência, não procure aplicá-la, nada faça com ela até que os homens sejam santos. Bem, isso dá em nada. É o que tem sido feito aqui na abadia por gerações e gerações.

— Nós nada escondemos nem impedimos.

— É verdade; mas conservaram tudo em tamanho silêncio que ninguém sabia o que aqui estava; e nada fizeram com o que conservaram.

Os olhos do velho sacerdote brilharam com passageira zanga. — Já é tempo de você se encontrar com nosso fundador — resmungou ele, apontando para a escultura de madeira. — Ele também foi um cientista, mas quando o mundo enlouqueceu, procurou refúgio num santuário. Fundou esta ordem para salvar o que era possível da última civilização. Salvar de quê e para quê? Olhe para o que ele está pisando — você vê a fogueira? Os livros? Isso mostra como o povo se importava pouco com a ciência naquele tempo e nos séculos que se seguiram. Ele então morreu por nós. Quando o encharcaram com óleo combustível, a lenda diz que pediu que lhe dessem um cálice cheio dele. Pensaram que o tomara por água e riram ao entregar-lhe o cálice.

Ele abençoou-o — afirmaram alguns que o óleo se mudou em vinho — e, dizendo: *Hic est enim calix sanguinis mei,* bebeu-o antes que o enforcassem e incendiassem. Você quer que eu leia uma lista dos nossos mártires? Que mencione todas as batalhas que sustentamos para manter intatos esses registros? Os monges que perderam a vista na sala dos copistas? Por nossa causa? E você diz que nada fizemos e que, com nosso silêncio, subtraímos o que tínhamos do conhecimento dos homens.

— Não que o tenham feito propositadamente — disse o escolástico —, mas na realidade foi o que sucedeu, e pelos mesmos motivos que o senhor insinuou fossem os meus. Se quisermos reservar a sabedoria para quando o mundo for sábio, padre, então este nunca a conhecerá.

— Vejo que nosso desentendimento é básico! — disse o abade soturnamente. — Servir primeiro a Deus ou a Hannegan, eis a sua alternativa.

— Não tenho muito que escolher, então — respondeu o mestre. — O senhor gostaria de me ver trabalhar para a Igreja? — O sarcasmo na sua voz era indisfarçável.

22

Era quinta-feira dentro da oitava de Todos os Santos. Preparando-se para deixar a abadia, o mestre e seus companheiros, no porão, punham em ordem suas notas e registros. Um pequeno grupo de monges rodeava-os e havia entre todos um espírito de benevolência, à medida que se aproximava a data da partida. Sobre eles, a lâmpada de arco ainda brilhava, enchendo a velha biblioteca com uma forte luz azul e branca, enquanto a equipe de noviços movia pacientemente o dínamo. A inexperiência do que ficava no alto da escada, para manter ajustado o espaço do arco, fazia a luz tremular, indecisa; o especialista que ali permanecia antes estava agora recolhido à enfermaria com compressas úmidas nos olhos.

Mestre Taddeo respondia a perguntas sobre seu trabalho com menos reticência do que de costume. Ao que parecia, já não estava preocupado com assuntos controvertidos,

como a refrangibilidade da luz ou as ambições do Mestre Esser Shon.

— A menos que essa hipótese não tenha sentido — dizia ele —, deve ser possível confirmá-la de algum modo por meio da observação. Estabeleci-a com o auxílio de algumas novas, ou antes antiquíssimas, fórmulas matemáticas encontradas na *Memorabilia.* Parece oferecer uma explicação mais simples dos fenómenos ópticos, mas, francamente, não consegui, a princípio, descobrir qualquer meio de experimentá-la. Foi aí que o Irmão Kornhoer veio em meu auxílio. — Olhou para o inventor com um sorriso e exibiu o desenho de um dispositivo para realizar os testes.

— O que é isso? — perguntou alguém, depois de um rápido momento de assombro.

— Bem. . . é uma pilha de lâminas de vidro. Um raio de luz solar batendo nela por este ângulo será parcialmente refletido e parcialmente transmitido. A parte que for refletida será polarizada. Vamos agora ajustar a pilha de modo a refletir o raio solar através desse dispositivo imaginado pelo Irmão Kornhoer e deixá-lo cair nessa outra pilha de lâminas de vidro. Esta é colocada no ângulo exato em que reflete quase todo o raio polarizado, quase sem transmiti-lo. Se olharmos pelo vidro, mal veremos a luz. Tudo isso foi experimentado. Se minha hipótese for correta, ao virar este comutador no campo de bobinas do Irmão Kornhoer, a luz transmitida será bruscamente intensificada. Se não for — sacudiu os ombros —, abandonaremos a hipótese.

— Talvez fosse melhor abandonar a bobina — sugeriu o Irmão Kornhoer modestamente. — Não estou certo de que ela seja suficientemente forte.

— Mas eu estou. Você tem um instinto para essas coisas. Para mim é muito mais fácil imaginar uma teoria abstrata do que construir os meios práticos de experimentá-la. Você, porém, tem um dom notável de tudo ver em termos de parafusos, fios e lentes, enquanto eu ainda estou às voltas com os símbolos abstratos.

— As abstrações é que nunca me ocorreriam em primeiro lugar, Mestre Taddeo.

— Nós dois nos completamos, irmão. Gostaria que você se juntasse a nós no *collegium,* ao menos por algum tempo. Seria possível ao seu abade permitir a sua ida?

— Eu não presumiria nada nesse sentido — murmurou o inventor, constrangido.

Mestre Taddeo voltou-se para os outros. — Já ouvi

falar em "irmãos em licença". Não é verdade que alguns membros desta comunidade estão empregados temporariamente em outros lugares?

— Só alguns poucos, Mestre Taddeo — disse um padre jovem. — A princípio a ordem fornecia escreventes e secretários para as cortes reais e eclesiásticas. Mas foi somente nos tempos de maior necessidade e pobreza aqui na abadia. Os irmãos, com o trabalho que faziam fora, impediam que morrêssemos de fome. Isto porém já não é necessário e só raramente é feito. Naturalmente, temos alguns irmãos estudando em Nova Roma, mas. . .

— Aí está! — exclamou o mestre com entusiasmo. — Uma bolsa de estudos no *collegtum* para você, irmão. Já estive falando com seu abade e. . .

— Sim? — perguntou o padre moço.

— Bem, apesar de discordarmos em algumas coisas, compreendo o seu ponto de vista. Eu estava pensando que um intercâmbio de bolsas poderia melhorar nossas relações. Haveria uma contribuição em dinheiro, é claro, e estou certo de que seu abade faria bom uso dela.

O Irmão Kornhoer inclinou a cabeça e calou-se.

— Ora essa! — disse o escolástico rindo. — Você parece que não gostou do convite, irmão.

— Sinto-me honrado, naturalmente. Mas não me cabe decidir sobre esses assuntos.

— Compreendo. Nem de leve, porém, pensaria em falar nisso ao abade se o projeto não fosse do seu agrado.

O Irmão Kornhoer hesitou. — Minha vocação é para a vida religiosa — disse por fim —, isto é, para uma vida de oração. Pensamos no trabalho também como uma espécie de oração. Mas aquilo — apontou para o seu dínamo — para mim é antes um divertimento. Se Dom Paulo quiser que eu vá. . .

— Você irá com relutância — terminou o escolástico com azedume. — Estou certo de que conseguiria do *collegium* uma contribuição anual pelo menos de cem *hannegans* ouro para a abadia, enquanto você ficasse conosco. Eu... — Interrompeu-se ao notar as fisionomias dos monges. — Disse alguma coisa errada?

No meio da escada, o abade parou para observar o grupo no porão. Algumas faces sem expressão estavam vol-

tadas para ele. Depois de alguns segundos Mestre Taddeo percebeu sua presença e cumprimentou-o afavelmente.

— Falávamos no senhor, padre — disse ele. — Se ouviu o que dizíamos, talvez eu possa explicar. . .

Dom Paulo abanou a cabeça. — Não é preciso.

— Mas eu gostaria de conversar. . .

— Tem de ser já? Estou com muita pressa agora.

— Está bem — disse o escolástico.

— Voltarei logo. — Subiu a escada outra vez. O Padre Gault esperava-o no pátio.

— Já souberam da notícia, senhor? — perguntou o prior sombriamente.

— Não perguntei, mas creio que não — respondeu Dom Paulo. — Estavam em plena conversa fiada lá embaixo. Falavam em levar o Irmão K. para Texarkana.

— Então é certo que *nada* ouviram.

— Sim. Onde está ele?

— Na casa dos hóspedes, senhor, com o médico. Está delirante.

— Quantos irmãos sabem que chegou?

— Uns quatro. Estávamos cantando noa quando ele apareceu no portão.

— Diga a esses quatro que não falem disso a ninguém. Depois vá ter com os hóspedes no porão. Mostre-se simplesmente amável e não deixe que percebam.

— Mas não deverão saber antes de partir, senhor?

— Claro. Mas vamos deixar que terminem os preparativos. Você bem sabe que a notícia não os impedirá de voltar. Então, para reduzir o constrangimento ao mínimo, esperemos até o último momento para dizer-lhes. O documento está com você?

— Não, deixei-o com os papéis dele.

— Irei vê-lo. Agora, avise os irmãos e vá se reunir aos nossos hóspedes.

— Sim, senhor.

O abade andou na direção da casa dos hóspedes. Ao entrar, encontrou o Irmão Farmacêutico, que acabava de sair do quarto do fugitivo.

— Será possível salvar-lhe a vida, irmão?

— Não sei dizer, senhor. Maus-tratos, fome, cansaço, febre. . . se Deus quiser — Sacudiu os ombros.

— Posso falar com ele?

— Não lhe fará mal algum. Mas ele não diz coisa com coisa.

O abade entrou no quarto e fechou a porta.

— Irmão Claret!

— Não façam mais perguntas — arquejou o homem que estava na cama. — Pelo amor de Deus, parem de perguntar; já disse tudo o que sabia. Eu o traí. Agora deixem-me sossegar!

Dom Paulo olhou penalizado para o secretário do finado Marcus Apollo. Nos seus dedos havia úlceras gangrenadas no lugar das unhas.

O abade estremeceu e virou-se para a pequena mesa ao lado da cama. No meio dos poucos papéis e objetos pessoais do Irmão Claret, logo encontrou o documento rudemente impresso que o fugitivo trouxera consigo do leste:

HANNEGAN O MAIOR, pela Graça de Deus: Soberano de Texarkana, Imperador de Laredo, Defensor da Fé, Doutor em Leis, Chefe das Tribos Nômades e Vaqueiro Supremo das Planícies, a TODOS OS BISPOS, PADRES E PRELADOS da Igreja em todo o Nosso Legítimo Reino. Saudações e NÃO OUSEM desrespeitar o que aqui está escrito, pois é LEI, OU seja:

1) Tendo em vista que um certo príncipe estrangeiro, um tal Benedito XXII, Bispo de Nova Roma, presumindo possuir uma autoridade que não é legitimamente sua sobre o clero desta nação, ousou tentar, primeiro, colocar a Igreja Texarkana sob interdição e, mais tarde, suspender essa sentença, criando por isso grande confusão e desordem espiritual entre os fiéis, Nós, única autoridade legítima da Igreja deste reino, agindo de comum acordo com um conselho de bispos e clérigos, por este instrumento declaramos ao Nosso povo leal que o acima mencionado príncipe e bispo, Benedito XXII, é um herege, simoníaco, assassino, sodomita e ateu, indigno de ser reconhecido pela Santa Igreja em terras do Nosso reino, império ou protetorado. Quem servir a ele não serve a Nós.

2) Saiba-se, pois, que tanto o decreto de interdição quanto o que a suspendeu são desde agora ESMAGADOS, ANULADOS, DECLARADOS VÃOS E SEM EFEITO, pois ambos carecem de validade original. . .

Dom Paulo apenas passou os olhos pelo resto do documento. Não havia necessidade de ler mais. A "Lei" impunha que o clero de Texarkana fosse autorizado a exercer

o ministério pelo governo e fazia da administração dos sacramentos por pessoas não autorizadas um crime a ser punido. Como condição para que o clero fosse autorizado e reconhecido, exigia de cada padre um juramento de aliança incondicional com o soberano. O documento era assinado não somente com o sinal de Hannegan, mas também por vários "bispos" cujos nomes eram desconhecidos.

O abade jogou o documento em cima da mesa e sentou-se junto à cama. Os olhos do fugitivo estavam abertos, mas ele apenas olhava fixamente para o teto e arfava.

— Irmão Claret! — chamou Dom Paulo. — Irmão. . .

No porão, os olhos do escolástico brilhavam com a exuberância de um especialista que invade o campo de outro a fim de pôr ordem em toda a confusão lá reinante. — A bem dizer, *sim!* — disse ele em resposta à pergunta de um noviço. — Encontrei aqui uma fonte que poderia ser de interesse para Mestre Maho. Não sou historiador, mas. . .

— Mestre Maho? Não é ele que está procurando, hum, corrigir o Génese? — perguntou o Padre Gault, de lado.

— Sim. . . — começou Mestre Taddeo, olhando assustado para Gault.

— Não tem importância — disse o padre com um sorriso. — Entre nós, muitos há que consideram o Génese mais ou menos alegórico. Que foi que você encontrou?

— Um fragmento pré-diluviano que sugere um conceito *muito* revolucionário, ao que me parece. Se a interpretação que lhe dou for correta, o Homem não teria sido criado até bem pouco antes da queda da última civilização.

— O quê? Então de onde veio a civilização?

— Não veio da humanidade, mas de uma raça que a precedeu e que se extinguiu durante o *Diluvium Ignis.*

— Mas a Sagrada Escritura data de muitos mil anos antes do *Diluvium!*

Mestre Taddeo guardou um silêncio significativo.

— Você está afirmando — disse Gault, repentinamente sobressaltado — que não pertencemos à humanidade histórica?

— Espere! Apenas proponho a hipótese de que a raça pré-diluviana, que se chamava a si mesma de Homem, conseguiu criar a vida. Pouco antes da queda da sua própria civilização, criou os antepassados da humanidade atual, "à sua própria imagem", como uma espécie servil.

— Mas mesmo que você rejeite totalmente a Revelação, essa ideia, segundo o mais elementar bom senso, é uma complicação inteiramente desnecessária! — gemeu Gault.

O abade, silenciosamente, descera a escada do porão. Parara no último degrau, mal podendo crer no que ouvira.

— Pode parecer assim — argumentou Mestre Taddeo — até que você perceba quantas coisas ficam esclarecidas. Veja as lendas da Simplificação. Parece que se tornam muito mais inteligíveis se consideradas como a rebelião de uma espécie servil criada contra a espécie criadora,, conforme sugere o fragmento encontrado. Fica também explicado por que motivo a humanidade de hoje é tão inferior à antiga, por que nossos antepassados caíram na barbárie quando seus mestres se extinguiram, e. . .

— Deus tenha compaixão desta casa! — bradou Dom Paulo, entrando na sala a passos largos. — Poupai-nos, Senhor, pois não sabemos o que fizemos.

— Devia ter previsto isso — murmurou o escolástico para ninguém em particular.

O velho sacerdote avançou para seu hóspede como uma Nêmese. — Então, Senhor Filósofo, somos apenas criaturas de criaturas? Feitos por deuses menores que Deus e, portanto, como é compreensível, menos que perfeitos. . . sem que tenhamos culpa, naturalmente.

— É apenas uma conjetura, mas que explicaria muita coisa — disse o mestre friamente, sem querer recuar.

— E nos absolveria de muita coisa, não é verdade? A rebelião do Homem contra seus criadores seria então, sem dúvida, um tiranicídio perfeitamente justificável contra os infinitamente perversos filhos de Adão.

— Eu não disse. . .

— *Mostre-me,* Senhor Filósofo, esse espantoso fragmento.

Mestre Taddeo rapidamente procurou entre suas anotações. A luz vacilava, pois os noviços que acionavam o dínamo esforçavam-se por ouvir. O pequeno grupo em volta do mestre estivera em estado de choque até o momento em que a entrada tempestuosa do abade viera sacudir o terror que os dominava. Os monges murmuravam entre si; alguém ousou rir.

— Aqui está — anunciou Mestre Taddeo, passando várias páginas de anotações a Dom Paulo.

O abade olhou-o com indignação e começou a ler. Fez-

se um pesado silêncio. — Você encontrou isso na seção dos "não classificados"? — perguntou depois de poucos segundos.

— Sim, mas. . .

O abade continuou a ler.

— Bem, suponho que é melhor ir terminando o que estava fazendo — murmurou o escolástico e continuou a arrumar os papéis. Os monges mexiam-se de um lado para outro, como que procurando escapulir despercebidos. Somente Kornhoer parecia concentrado.

Depois de ler por alguns minutos, Dom Paulo repentinamente passou as anotações ao prior. — *Lege!* — mandou com voz áspera.

— Mas o quê?

— Um fragmento de peça teatral ou diálogo, parece. Já o conhecia. É qualquer coisa sobre umas pessoas que criaram outras pessoas artificialmente para servir de escravas. Estas se revoltaram contra seus criadores. Se Mestre Taddeo tivesse lido o *De inanibus* do Venerável Boedullus, encontraria esse fragmento classificado como "uma provável fábula ou alegoria". Mas talvez pouco lhe importassem as apreciações do Venerável, quando pudesse fazer as suas próprias.

— Mas que espécie de. . .

— *Lege!*

Gault afastou-se para o lado com as anotações. Paulo voltou-se para o escolástico e falou cortesmente, como que informando, porém, firmemente: — "Ele os criou à imagem divina: criou o homem e a mulher".

— Minhas observações nada mais eram que uma conjetura — disse Mestre Taddeo. — A liberdade de especular é necessária. . .

— "E o Senhor Deus tomou o Homem e colocou-o no jardim do Paraíso para que o cultivasse e guardasse. E. . . "

— ao progresso da ciência. Se o senhor quer que nos embaracemos com a adesão cega, com o dogma aceito sem raciocinar, então prefere. . .

— "deu-lhe esta ordem: poderás comer o fruto de todas as árvores do jardim; mas o da árvore da ciência do bem e do mal. . ."

— deixar o mundo na mesma negra ignorância e superstição contra a qual afirma que a sua ordem tem. . .

— "não comerás, porque no dia em que comeres, morrerás."

— lutado. Nem podemos jamais vencer a fome, a doença, o nascimento de monstros, ou fazer o mundo um pouco melhor do que tem sido por. . .

— "E a serpente disse à mulher: Deus sabe que no dia em que comerdes desse fruto vossos olhos se abrirão e sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal."

— doze séculos, se a especulação for proibida em todas as direções e se cada pensamento novo for denunciado . . .

— Nunca houve ou haverá nada de melhor. Haverá mais riqueza, pobreza ou tristeza, mas nunca maior sabedoria, até o último dia.

O escolástico deu de ombros com desânimo. — Sabia que ficariam ofendidos, mas o senhor tinha dito. . . Oh, para que falar? O senhor tem sua própria explicação para tudo.

— A explicação que se estava citando, Senhor Filósofo, não se referia à Criação, mas à tentação que levou à queda. Você não percebeu? "E a serpente disse à mulher..."

— Sim, sim, mas a liberdade para especular é essencial. . .

— Ninguém quis privar você dessa liberdade. E ninguém está ofendido. Mas abusar da inteligência por razões de orgulho, vaidade, ou para fugir à responsabilidade, é fruto daquela mesma árvore.

— O senhor duvida da honestidade dos meus propósitos? — perguntou o mestre, começando a irritar-se.

— Às vezes duvido da honestidade dos meus. Não acuso você de nada. Mas pergunte a si mesmo: por que tanta alegria ao chegar a uma tal conjetura apoiado em base tão frágil? Por que deseja desacreditar o passado a ponto de desumanizar a última civilização? Para não poder tirar lições dos seus erros? Ou será porque você não se conforma em ser apenas um "redescobridor", quando deseja se sentir um "criador"?

— Esses arquivos deviam ser postos em mãos de pessoas competentes — disse o mestre com raiva. — Que ironia, essa!

A luz tremeu e apagou-se. A falha não foi mecânica. Os noviços do molinete tinham cessado de trabalhar.

— Tragam velas — mandou o abade.

Vieram as velas.

— Desça — disse Dom Paulo ao noviço que estava no

alto da escada. — E traga aquilo com você. Irmão Kornhoer? Irmão Korn. . .

— Ele entrou no depósito agora mesmo, senhor.

— Vão chamá-lo. — Dom Paulo voltou-se outra vez para o escolástico e entregou-lhe o documento que fora encontrado entre os pertences do Irmão Claret. — Leia, se puder enxergar à luz das velas, Senhor Filósofo.

— Um edito de Hannegan?

— Leia e regozije-se pela sua preciosa liberdade.

O Irmão Kornhoer voltara à sala. Trazia consigo o pesado crucifixo que fora retirado do arco para dar lugar à nova lâmpada. Entregou-o a Dom Paulo.

— Como é que você percebeu que eu queria o crucifixo?

— Achei que já era tempo, senhor. — Sacudiu os ombros.

O ancião subiu a escada e recolocou a cruz no seu gancho de ferro. O *corpus* brilhou à luz das velas. O abade voltou-se e falou aos monges.

— Daqui por diante, quem quer que leia nesse cubículo, que o faça *ad lumina Christi!*

Quando desceu, Mestre Taddeo já colocava seu último papel numa grande caixa, para posterior classificação. Olhou para o padre com medo, mas nada disse.

— Você leu o edito?

O escolástico acenou que sim.

— Se, por um acaso, ainda que improvável, você quiser asilo político aqui. . .

O outro abanou a cabeça.

— Então posso pedir que esclareça o que quis dizer ao observar que os arquivos deviam passar para mãos competentes?

Mestre Taddeo baixou os olhos. — Foi no calor do momento, padre. Retiro o que disse.

— Mas você ainda pensa assim. Sempre pensou.

O mestre não negou.

— Creio que é inútil reiterar o pedido de intercessão a nosso favor quando os oficiais disserem a seu primo que esta abadia poderá ser uma ótima base militar. Mas, para o bem dele, diga-lhe que todas as vezes que nossos altares ou a *Memorabilia* foram ameaçados, nossos predecessores não hesitaram em resistir a espada. — Fez uma pausa. — Você vai sair hoje ou amanhã?

— Creio que seria melhor hoje — disse Mestre Taddeo a meia voz.

— Vou mandar aprontar as provisões. — O abade voltou-se para sair, mas parou e disse com gentileza: — Quando chegar de volta ao *collegium*, dê um recado meu a seus colegas.

— Certamente. O senhor o tem por escrito?

— Não. Diga apenas que quem quiser estudar aqui será bem recebido, apesar da má iluminação. O Mestre Maho, especialmente. Ou o Mestre Shon, com seus seis ingredientes. Os homens devem lidar por algum tempo com o erro a fim de separá-lo da verdade, contanto que não se apeguem avidamente a ele por ter um gosto mais agradável. Diga-lhes também, meu filho, que quando vier o tempo, como certamente virá, em que não somente os padres, mas também os filósofos precisarão do santuário, diga-lhes que nossos muros aqui são resistentes.

Despediu os noviços com um sinal da cabeça, subiu sozinho a escada e foi para a solidão do seu escritório, pois a Fúria contorcia-lhe outra vez as entranhas e ele conhecia a tortura que se aproximava.

"Nunc dimittis servum tuum, Domine. . . Quia viderunt oculi mei salutare. . ."

Talvez as contorções dessa vez sejam as últimas, pensou, esperançoso. Quis chamar o Padre Gault para confessar-se, mas resolveu esperar até que os hóspedes partissem. Olhou fixamente para o edito, outra vez.

Uma pancada na porta veio interromper sua angústia.

— Não pode voltar mais tarde?

— Não estarei aqui mais tarde — respondeu do corredor uma voz abafada.

— Ah, Mestre Taddeo, entre, então. — Dom Paulo endireitou-se; dominou firmemente a dor, sem tentar afastá-la, mas apenas procurando controlá-la como a um servo indócil.

O escolástico entrou e colocou um maço de papéis na escrivaninha do abade. — Pensei que fosse decente deixar isso com o senhor — disse ele.

— Que temos aqui?

— Os desenhos de suas fortificações. Aqueles que os oficiais fizeram. Sugiro que o senhor os queime imediatamente.

— Por que está fazendo isso? — murmurou Dom

Paulo. — Depois do que dissemos um ao outro lá embaixo. . .

— Deixe-me explicar — interrompeu Mestre Taddeo. — De qualquer modo, eu os teria devolvido por uma questão de honra, pois não podia tolerar que abusassem da sua hospitalidade, mas não tem importância. Se os tivesse devolvido mais cedo, os oficiais teriam tido tempo de sobra e oportunidade para fazer outros desenhos.

O abade levantou-se lentamente e estendeu a mão ao outro.

Mestre Taddeo hesitou. — Não prometo fazer qualquer esforço em seu favor. . .

— Eu sei.

— . . .porque acho que o que o senhor tem aqui devia ser acessível ao mundo.

— É acessível, sempre o foi e será.

Apertaram-se as mãos com gentileza, mas Dom Paulo sabia que isso não era sinal de trégua, mas apenas de respeito mútuo entre inimigos. Talvez nunca houvesse sido mais do que isso.

Mas por que seria preciso recomeçar tudo?

A resposta era fácil; a serpente ainda murmurava: "Deus sabe que, no dia em que comerdes desse fruto, vossos olhos se abrirão e sereis como deuses". O antigo pai da mentira sabia dizer meias verdades: "Como havereis de conhecer o bem e o mal, sem o provardes um pouco? Provai e sede como deuses". Mas o poder infinito ou a sabedoria infinita não poderiam conferir a divindade aos homens. Para isso seria preciso haver também o amor infinito.

Dom Paulo chamou o padre moço. Já estava bem próxima a hora da partida. E dentro em breve começaria um novo ano.

Aquele foi o ano da torrente de chuva nunca vista no deserto, que fez brotar e florescer sementes há muito ressequidas.

Aquele foi o ano em que um vestígio de civilização chegou aos nômades das planícies e em que até o povo de Laredo começou a murmurar que, talvez, tudo fora pelo melhor. Mas Roma não concordou.

Naquele ano um acordo temporário foi celebrado e rompido entre os Estados de Denver e Texarkana. Foi o ano em que o Velho Judeu voltou à sua primitiva vocação

de físico e peregrino, o ano em que os monges da Ordem Albertiana de Leibowitz enterraram um abade e curvaram-se diante de outro. Havia brilhantes esperanças para o porvir.

Foi o ano em que um rei veio a cavalo do leste, para subjugar aquelas terras e possuí-las. Foi o ano do Homem.

23

Fazia um calor desagradável na estrada ensolarada que beirava a encosta coberta de arvoredo. A alta temperatura agravara a sede do Poeta. Passadas algumas horas, ele, atordoado, levantou a cabeça do chão e experimentou olhar em volta. A refrega findara; tudo estava calmo agora, se não fosse o oficial de cavalaria. As aves de rapina até já deslizavam para a terra.

Havia vários refugiados mortos, um cavalo também morto e, preso embaixo deste, o oficial de cavalaria agonizante que de vez em quando voltava a si e gritava com voz fraca. Às vezes chamava a mãe, outras vezes um padre e ainda o seu cavalo. Seus gritos espantavam as aves de rapina e ainda mais incomodavam o Poeta que já estava mal-humorado. Era agora um Poeta inteiramente sem inspiração. Nunca esperara que o mundo agisse de maneira cortês, decente ou sensata e, realmente, o mundo raramente agia assim; frequentemente afligira-se com sua permanente rudeza e insensatez. Mas jamais o mundo o tinha ferido no abdome com um tiro de mosquete. Isso, para ele, era desanimador.

O pior é que agora não tinha a censurar a insensatez do mundo, mas unicamente a sua própria, pois cometera um erro. Estava perfeitamente sossegado e sem se meter com ninguém, quando notara o grupo de refugiados galopando do leste em direção à colina, perseguido de perto por uma tropa de cavalaria. A fim de não se envolver na briga, escondera-se atrás de uns arbustos que cresciam na encosta, à beira do caminho, de onde podia assistir ao espetáculo sem ser visto. Não se importava com os gostos políticos e religiosos dos refugiados e da tropa de cavalaria. Se a carnificina fosse parte do destino, este não poderia encontrar uma

testemunha mais desinteressada que o Poeta. De onde, pois, lhe teria vindo aquele impulso cego?

Num salto, caíra sobre o oficial de cavalaria e apunhalara-o três vezes antes que ambos rolassem pelo chão. Não podia entender por que o fizera. Nada conseguira com isso. Os soldados do oficial atiraram nele antes que se pudesse pôr em pé. A matança dos refugiados tinha continuado. A tropa, deixando os mortos para trás, seguira adiante perseguindo outros fugitivos.

O Poeta ouvira ruídos no seu abdome. Que futilidade, querer digerir uma bala de mosquete. Cometera um ato inútil, decidiu afinal, por causa do que vira fazer com aquele sabre. Se o oficial tivesse derrubado a mulher da sela com um único e certeiro golpe e continuado em frente, ele poderia ter deixado passar. Mas ficar golpeando e golpeando daquele jeito. . .

Recusou-se a pensar outra vez naquilo. Pensou em água.

— Meu Deus. . . Meu Deus. . . — suspirava o oficial.

— Da próxima vez, afie melhor sua espada — disse o outro.

Mas não haveria uma próxima vez.

O Poeta não se lembrava de haver jamais temido a morte, mas muitas vezes suspeitara de que a Providência tramava para ele a pior maneira possível de morrer, quando chegasse a sua hora. Esperara apodrecer aos poucos. Vagarosamente e não muito perfumadamente. Um instinto poético dizia-lhe que morreria como um frangalho coberto de lepra, acovardado com as próprias faltas, mas impenitente. Nunca antecipara nada de tão brusco e definitivo quanto uma bala no estômago, sem nem ao menos um pouco de público para ouvir suas últimas zombarias. O que lhe saíra dos lábios ao ser ferido, fora apenas: *Uff!* — e seu testamento para a posteridade fora um *Uff!* de lembrança para o senhor, *Dominissime.*

— Padre? Padre? — gemeu o oficial.

Alguns momentos depois, o Poeta juntou todas as suas forças, levantou a cabeça, tirou a poeira dos olhos e estudou o moribundo por alguns segundos. Estava certo de que era o mesmo oficial que ferira, apesar de estar agora terrivelmente mudado com a aproximação da morte. Sua ânsia por um padre começou a incomodá-lo. Pelo menos três sacerdotes jaziam mortos entre os refugiados, e o oficial ainda não dissera qual era seu credo religioso. Talvez eu sirva, pensou.

Começou a se arrastar vagarosamente na direção do outro. Este viu-o e procurou alcançar uma pistola. O Poeta parou; não esperara ser reconhecido. Preparou-se para rolar até um abrigo. A pistola apontava vacilante para ele. Olhou-a um momento e decidiu avançar. O oficial puxou o gatilho. O tiro passou a alguns metros. . . — tanto pior, pensou.

O ferido tentava recarregar a arma quando o Poeta arrebatou-a. O pobre parecia delirar e procurava persignar-se.

— Continue — disse o Poeta, procurando a faca.

— Abençoe-me, padre, porque pequei. . .

— *Ego te absolvo,* filho — e enterrou-lhe a faca na garganta.

Depois, procurou o cantil do oficial e bebeu um pouco. A água estava quente do sol, mas pareceu-lhe deliciosa. Apoiou a cabeça no cavalo morto e esperou que a sombra da colina cobrisse a estrada. Deus, como doía! Aquele último pedacinho não vai ser tão fácil de explicar, pensou ele; e eu sem o meu olho de vidro. Se é que vai mesmo haver alguma coisa a explicar. Olhou para o oficial morto.

— Quente como o inferno aí embaixo, não está? — murmurou com voz rouca.

O oficial não parecia inclinado a informar. O Poeta bebeu outro gole do cantil e depois mais um outro. De repente sentiu uma dor aguda no ventre. Por alguns momentos, ficou infelicíssimo.

As aves de rapina pavoneavam-se, estufavam as penas e disputavam o jantar, que ainda não estava pronto. Esperaram alguns dias até que os lobos acabassem. Havia o suficiente para todos. Por fim, comeram o Poeta.

Como sempre, os selvagens varredores dos céus puseram seus ovos na estação apropriada e alimentaram com amor seus filhotes.

Voando alto sobre as campinas, as montanhas e as planícies, procuravam cumprir a parte que o destino lhes reservara, no plano da Natureza. Seus filósofos demonstravam assim que o Supremo *Cathartes aura regnans* criara o mundo especialmente para as aves de rapina, que o adoraram assim com ótimos apetites durante muitos séculos.

Então, passadas as gerações das trevas, vieram as gerações da luz. E chegou o ano de Nosso Senhor de 3781 — um ano da Sua paz, segundo se esperava.

Fiat voluntas tua

24

Havia outra vez naves espaciais naquele século, tripuladas por entes estranhos com duas pernas e cabelos na cabeça. Eram uma espécie palradora. Pertenciam a uma raça perfeitamente capaz de admirar a própria imagem num espelho e cortar o próprio pescoço diante de certos deuses tribais, como a divindade "Faça a barba diariamente". Consideravam-se basicamente uma raça de ferramenteiros divinamente inspirados: qualquer entidade inteligente de Arcturus perceberia logo que eram, fundamentalmente, um povo de apaixonados oradores de fim de banquete.

Sentiam que era inevitável, como o próprio destino, que uma raça como a deles saísse a conquistar estrelas. Conquistá-las várias vezes, se preciso fosse, e, certamente, fazer discursos a respeito das conquistas. Mas era também inevitável que tal raça sucumbisse outra vez a antigas moléstias nos novos mundos, como sucedera na Terra, na ladainha da vida e na liturgia especial do Homem: versículos por Adão, réplicas pelo Crucificado.

Nós somos os séculos.

Nós somos os cortadores de barba e breve discutiremos a amputação da sua cabeça.

Nós somos os seus lixeiros cantantes, Senhor e Senhora, e marchamos atrás de vocês entoando rimas que alguns julgam estranhas.

Hum, tóis, trrês, quatrro
Esquerda!
Esquerda!
Ele-tinha-uma-mulher-mas
Esquerda!
Esquerda!
Esquerda!
Direita!
Esquerda!

Wir, como dizem no país de origem, *marschieren wei-*

ter wenn alles in Scherben fällt (Nós continuaremos a marchar quando tudo cair em pedaços).

Nós temos os eólitos, mesólitos e neólitos de vocês, as Babilónias e Pompéias, os Césares e os artefatos cromados (impregnados de ingredientes vitais).

Nós temos as machadinhas sanguinolentas e as Hiroximas. Mergulhamos apesar do Inferno, marchamos. . .

Atrofia, Eutropia e *Proteus vulgaris*, dizendo gracejos obscenos a respeito de uma camponesa chamada Eva e de um caixeiro viajante chamado Lúcifer.

Nós enterramos os mortos e a reputação deles.

Nós enterramos vocês. Nós somos os séculos.

Nasçam pois, inspirem o ar, berrem com o tapa do obstetra, procurem chegar à maturidade, provem um pouco de divindade, sintam dor, dêem à luz, debatam-se um pouco, sucumbam.

(Ao morrer, saiam sem barulho pela porta dos fundos, por favor.)

Geração, regeneração, outra e outra vez, como num ritual, com vestimentas manchadas de sangue e unhas arrancadas das mãos, filhos de Merlin, correndo atrás de um raio de luz. Filhos de Eva, também, para sempre construindo Paraísos e destruindo-os com fúria guerreira porque não são iguais ao primitivo. (— Ah! ah! ah! — grita um idiota no meio dos destroços, procurando exprimir sua angústia vazia. — Mais depressa! que tudo seja inundado pelo coro, cantando aleluias a noventa decibéis.)

Ouçam, pois, o último cântico dos Irmãos da Ordem de Leibowitz, segundo foi cantado pelo século que engoliu o seu nome:

V: "Lúcifer caiu
R: *Kyrie eleison*
V: Lúcifer caiu
R: *Christe eleison*
V: Lúcifer caiu
R: *Kyrie eleison, eleison imas!"*

LÚCIFER CAIU; esse código, transmitido eletricamente através do continente, foi murmurado em salas de conferências, divulgado em forma de memorandos marcados com SUPREME SECRETISSIMO e prudentemente encoberto da imprensa. As palavras ergueram-se ameaçadoras atrás de um dique de segredo oficial. Havia vários buracos no dique,

mas estes foram destemidamente tapados por jovens holandeses burocráticos cujos dedos indicadores ficaram inchadíssimos, enquanto evitavam as arremetidas da imprensa.

Primeiro repórter: — Qual o seu comentário a respeito da declaração de Sir Rische Thon Berker de que a radiação na Costa Noroeste está dez vezes acima do normal?

Ministro da Defesa: — Não li essas declarações.

Primeiro repórter: — Supondo que seja verdade, o que poderia estar causando tal aumento?

Ministro da Defesa: — Essa pergunta leva a conjeturar. Talvez Sir Rische tenha descoberto um rico depósito de urânio. Não, risquem isso. Não tenho comentários a fazer.

Segundo repórter: — O senhor considera Sir Rische um cientista competente e idóneo?

Ministro da Defesa: — Ele nunca trabalhou para o meu departamento.

Segundo repórter: — Não respondeu à minha pergunta.

Ministro da Defesa: — Respondi perfeitamente. Desde que ele não trabalhou para o meu departamento, não tenho como avaliar a sua competência e idoneidade. Não sou cientista.

Uma repórter: — É verdade que ocorreu uma explosão nuclear recentemente em algum ponto do Pacífico?

Ministro da Defesa: — Como a senhora bem sabe, as experiências com armas atómicas de qualquer espécie são consideradas crime gravíssimo e ato de guerra, de acordo com a legislação internacional vigente. Não estamos em guerra. Isso responde à sua pergunta?

Uma repórter: — Não, senhor, não responde. Não perguntei se houve experiência, mas se houve uma explosão.

Ministro da Defesa: — Não nos cabe a iniciativa de tal explosão. Se outros o fizeram, a senhora supõe que informariam o nosso governo?

(Risos amáveis)

Uma repórter: — Isso não responde à minha. . .

Primeiro repórter: — Senhor ministro, o Delegado Jerrelian acusou a Liga Asiática de reunir armas de hidrogénio no espaço e diz que o nosso Conselho Executivo tem conhecimento disso e nada faz. É exato?

Ministro da Defesa: — Creio que a oposição fez qualquer acusação ridícula desse género.

Primeiro repórter: — Por que ridícula? Porque está

colocando no espaço projéteis que poderão ser dirigidos à Terra? Ou porque estamos tomando providências a respeito?

Ministro da Defesa: — Ridícula de todo modo. Gostaria de lembrar, porém, que a fabricação de armas nucleares foi proibida por um tratado, desde que foram redescobertas. Proibida em todo lugar — no espaço ou na Terra.

Segundo repórter: — Mas não há um tratado que proíba a colocação em órbita de materiais suscetíveis de fissão, não é verdade?

Ministro da Defesa: — Claro que não há. Os veículos espaciais são movidos por força nuclear e precisam ser alimentados.

Segundo repórter: — E não há um tratado que proíba a colocação em órbita de outras matérias com as quais se possam fabricar armas nucleares?

Ministro da Defesa (irritado): — Que eu saiba, a existência de matéria fora de nossa atmosfera não foi considerada ilegal por qualquer tratado ou lei do Parlamento. Sei que o espaço está repleto de coisas como a Lua e os asteróides que *não* são feitos, por exemplo, de queijo.

Uma repórter: — O senhor está sugerindo que as armas nucleares poderiam ser fabricadas sem matérias-primas existentes na Terra?

Ministro da Defesa: — Não sugeri nada disso. Naturalmente, é coisa teoricamente possível. Estava dizendo que não há tratado algum ou lei que proíba a colocação em órbita de matérias-primas especiais — somente as armas nucleares estão proibidas.

Uma repórter: — Se houve tal experiência no Oriente, o que pensa ter sido mais provável: uma explosão subterrânea que atingiu a superfície, ou um projétil enviado do espaço à Terra que funcionou mal?

Ministro da Defesa: — Minha senhora, a sua pergunta dá margem a tantas conjeturas que sou forçado a responder: "não há comentários".

Uma repórter: — Nada mais fiz senão repetir Sir Rische e o Delegado Jerrelian.

Ministro da Defesa: — Eles, se quiserem, podem entregar-se a especulações malucas. Eu não posso.

Segundo repórter: — Arriscando-me a parecer fora do assunto, gostaria de saber sua opinião sobre o tempo.

Ministro da Defesa: — Um pouco quente em Texarkana, não está? Parece que tem havido fortes tempestades de pó no sudoeste. Pode ser que ainda cheguem até aqui.

Uma repórter: — O senhor é favorável à maternidade, Lorde Ragelle?

Ministro da Defesa: — Oponho-me fortemente a ela, minha senhora, pois exerce uma influência maligna na juventude, especialmente nas jovens recrutas. Os serviços militares teriam soldados excelentes se não fossem corrompidos por essa ideia.

Uma repórter: — Podemos divulgar essa sua opinião?

Ministro da Defesa: — Certamente, minha senhora, mas só quando noticiarem a minha morte, não antes.

Uma repórter: — Obrigada. Vou preparar essa notícia.

Como outros abades que o antecederam, Dom Jethrah Zerchi, por natureza, não era um homem contemplativo, muito embora, como guia espiritual de sua comunidade, fosse obrigado a favorecer o desenvolvimento de certos aspectos da vida contemplativa no seu rebanho e, como monge, a cultivar o espírito contemplativo em si próprio. Dom Zerchi não fazia muito bem nem uma coisa nem outra. Sua natureza compelia-o à ação, mesmo em pensamento; seu espírito recusava-se a permanecer tranquilo, a contemplar. Havia nele algo de agitado que o levara à direção do rebanho e que fazia dele um chefe mais audaz e às vezes mais bem-sucedido que alguns dos seus predecessores; mas essa mesma agitação podia facilmente se transformar num hábito ou até num vício.

Zerchi tinha quase sempre uma consciência vaga de sua inclinação para agir rápida e impulsivamente quando defrontado por dragões impossíveis de matar. Nesse momento, porém, a consciência não era vaga, mas aguda, e agia retrospectivamente. O dragão já mordera São Jorge.

Esse dragão era um abominável auto-escriba e sua imensidade cheia de malignidade, de caráter eletrônico, ocupava várias unidades cúbicas do espaço oco da parede e um terço da escrivaninha do abade. Como de costume, a máquina fazia das suas. Punha maiúsculas no lugar errado, errava na pontuação e mudava o lugar das palavras. Apenas há um minuto, cometera um crime de lesa-majestade contra a pessoa do soberano abade que, já tendo chamado um mecânico especializado e esperado três dias por ele, decidira afinal consertar ele mesmo aquela abominação estenográfica. O chão do escritório estava cheio de tiras de papel com ditados experimentais, mais ou menos assim:

"exPeriência expeRiência experiênCia? EXPeriência eXperiência? diaBo? Por quE essAs maiúscuLAS malucAs? agora é qUe os Bons memORizadoreS deVEM PartiCiPar das CanSeiras doS coletoRES de lIvros. Puxa; seRá quE vocÊ Vai meLHor em lAtim? TradUza; nECCesse Est epistULam sacri coLLegio mIttenDam esse StaIm dictem? O que hÁ COM essA maldiTA COisa?"

Zerchi sentou-se no chão no meio da papelada e esfregou o antebraço a fim de acalmar o tremor involuntário causado por um choque elétrico recebido ao explorar as entranhas do auto-escriba. As contrações musculares lembravam-lhe as reações galvânicas de uma perna de rã separada do corpo. Desde que prudentemente desligara a máquina antes de meter-se com ela, só podia supor que o demônio que a inventara dotara-a de facilidades para eletrocutar os fregueses, mesmo desligada. Enquanto torcia e puxava as instalações à cata de fios soltos, fora assaltado por um condensador de alta voltagem que aproveitara a oportunidade para se descarregar para a terra através da pessoa do reverendo padre abade, cujo cotovelo roçara nele. Mas Zerchi não tinha como saber se fora vítima de alguma lei da Natureza com relação a condensadores, ou de alguma armadilha especial para pegar fregueses que mexessem com eles. De qualquer modo, tinha sido vitimado. Sua posição no meio da sala fora involuntária. Sua única credencial como reparador de máquinas de transcrição polilinguísticas era o fato de haver extraído, uma vez, um camundongo morto dos circuitos armazenadores de informação, corrigindo assim uma tendência misteriosa da máquina para escrever tudo em sílabas dobradas (sisilalabasbas dodobrabradasdas). Orgulhava-se muito desse feito. Dessa vez não achara camundongos mortos, mas podia verificar se havia fios soltos e esperar que o Céu lhe enviasse dons carismáticos como curador eletrônico. Mas aparentemente não era o que acontecia.

— Irmão Patrick! — gritou ele na direção da sala de fora, e pôs-se em pé, fatigado.

— Oh, Irmão Pat! — gritou outra vez.

A porta abriu-se, o secretário entrou, olhou para a parede aberta com seu espantoso labirinto de circuitos com-

putadores, viu o chão atulhado e depois estudou cuidadosamente a expressão do seu guia espiritual. — Devo chamar outra vez o serviço de reparação, padre abade?

— Não vale a pena — resmungou Zerchi. — Você já o chamou três vezes. Eles já fizeram três promessas. Nós já esperamos três dias. Preciso é de um estenógrafo. Agora! De preferência cristão. *Aquilo* — apontou irritado para o abominável auto-escriba — é um danado de infiel ou coisa pior. Mande-o embora. Não quero mais vê-lo.

— O APLAC?

— O APLAC. Venda-o a um ateu. Não, seria maldade. Venda-o como ferro velho. Não posso mais com ele. Por que, em nome do Céu, o Abade Boumous — Deus tenha a sua alma — teria comprado semelhante bobagem?

— Bem, senhor, dizem que seu predecessor gostava de máquinas, e *é* útil poder escrever cartas em línguas desconhecidas.

— É? Você quer dizer que *seria.* Aquela geringonça. .. ouça, irmão, dizem que aquilo pensa. A princípio não acreditei. O pensamento supõe um princípio racional, isto é, a alma. Pode o princípio de uma "máquina pensante", feita pelo homem, ser uma alma racional? Não! A princípio essa idéia me pareceu inteiramente pagã. Mas você sabe o que mais?

— Diga, padre.

— Nada poderia ser mais perverso, sem premeditação! Aquilo *deve* pensar! Conhece o bem e o mal, garanto a você, e escolheu o mal. Pare com esse riso. Não é engraçado, não. Não é nem pagão. O homem fez a máquina, mas não criou o seu princípio. Não dizem que o princípio vegetativo é uma espécie de alma? Uma alma vegetal? E a alma animal? Depois vem a alma humana e racional, e é tudo o que aparece na lista de princípios vivificantes encarnados, uma vez que os anjos não têm corpo. Mas como podemos saber se essa lista abrange tudo? Vegetativa, animal, racional — e o que mais? *Ali* está o que mais, bem na sua frente. Aquela coisa *ruim.* Ponha-a daqui para fora. . . Mas, primeiro, preciso enviar um radiograma a Roma.

— Quer que vá buscar o meu bloco, reverendo padre?

— Você fala alegheniano?

— Eu não.

— Nem eu tampouco, e o Cardeal Hoffstraff não fala sudoeste.

— Por que não em latim, então?

— Que latim? Da Vulgata ou moderno? Não confio no meu próprio anglo-latim e, mesmo que confiasse, *ele* não confia no seu. — Olhou carrancudo para o robô estenógrafo.

O Irmão Patrick, também carrancudo, andou até a parede e pôs-se a olhar de perto o labirinto de fios de eletricidade.

— Nada de camundongos — asseverou o abade.

— Para que são todas essas bolinhas?

— *Não toque nelas!* — bradou o Abade Zerchi, ao ver que o secretário curiosamente passava os dedos por alguns botões que havia numa caixa cuja tampa havia retirado e na qual estava escrito: "unicamente para uso dos ajustadores da fábrica".

— Você não mexeu nelas, mexeu? — perguntou, vindo para o lado de Patrick.

— Posso tê-las sacudido um pouco, mas creio que estão onde estavam.

Zerchi mostrou-lhe o aviso na tampa. — Ah! — disse Patrick, e ambos ficaram olhando para o aparelho.

— É principalmente a pontuação, não é, reverendo padre?

— Isso e as maiúsculas em lugares errados e algumas palavras trocadas.

Contemplaram a complicadíssima instalação, em silêncio.

— Você nunca ouviu falar no Venerável Francis de Utah? — perguntou por fim o abade.

— Não me recordo do nome, senhor. Por quê?

— Espero que possa rezar por nós neste momento, apesar de não estar certo de que ele já tenha sido canonizado. Vamos experimentar dar um jeito nisso outra vez.

— O Irmão Joshua foi engenheiro especializado não me lembro em quê. Mas ele andou pelo espaço. Esses precisam conhecer muita coisa a respeito de computadores.

— Já o chamei. Ele tem medo de mexer nisso. Olhe, talvez seja preciso. . .

Patrick foi saindo. — Se permitir, padre abade, eu. . .

Zerchi olhou para seu angustiado secretário. — Oh! homem de pouca fé — disse, tocando num dos botões "para uso dos ajustadores da fábrica".

— Parece que ouvi passos lá fora.

— Antes que o galo cante três... foi você que tocou primeiro nesses botões, não foi?

Patrick empalideceu. — Mas a tampa estava suspensa e. .

— *Hinc igitur effuge.* Fora, fora, antes que eu decida que a culpa foi sua.

Sozinho outra vez, Zerchi ligou a tomada da parede, sentou-se à escrivaninha e, depois de murmurar uma rápida oração a São Leibowitz (que nos últimos séculos tinha adquirido maior popularidade como padroeiro dos eletricistas do que jamais tivera como fundador da Ordem Albertiana de Leibowitz), virou o comutador. Esperou ouvir estalos e assobios, mas nada veio. Ouviu apenas o leve tiquetaque e o zumbido dos motores esquentando. Não sentiu qualquer cheiro de ozone. Afinal abriu os olhos. Até as luzes do quadro de controle brilhavam como de costume. "Só para ajustadores da fábrica" coisa nenhuma!

Tranquilo, virou um comutador para "radiograma", outro para "gravação de ditados", passou um terceiro de "alegheniano" para "sudoeste", certificou-se de que o comutador das transcrições estava desligado, ligou o microfone e passou a ditar:

"Prioridade urgente: A Sua Eminência Reverendíssima, Dom Eric Cardeal Hoffstraff, Vigário Apostólico Eleito, Prelazia Provisória Extraterrestre, Sagrada Congregação de Propaganda, Vaticano, Nova Roma. . .

Eminentíssimo Senhor:

Em virtude da recente recrudescência das tensões mundiais, sintomas de nova crise internacional, e até de notícias de uma clandestina corrida armamentista nuclear, ficaríamos muito honrados se Vossa Eminência houvesse por bem aconselhar-nos a respeito do estado de certos planos temporariamente suspensos. Refiro-me ao objeto do *Motu proprio* do Papa Celestino VIII, de feliz memória, dado na festa da Divina Anunciação da Santíssima Virgem, *Anno Domini* 3735, que principia com as palavras: — fez uma pausa e procurou entre os papéis sobre a escrivaninha — *'Ab hoc planeta nativitatis aliquos filios Ecclesiae usque ad planetas solium alienorum iam abisse et nunquam redituros esse intelligimus'.* Refiro-me também ao documento confirmatório do *Anno Domini* 3749, *Quo peregrinatur grex, pastor*

secum, autorizando a compra de uma ilha, isto é, de certos veículos. Finalmente refiro-me ao *Casu belli nunc remoto*, do recentemente falecido Papa Paulo, *Anno Domini 3756*, e à correspondência que se seguiu entre o Santo Padre e o meu predecessor, a qual culminou com uma ordem transferindo a nós a tarefa de manter o plano *Quo peregrinatur* suspenso, mas pronto para ser posto em prática, porém somente com a aprovação de Vossa Eminência. Nosso estado de prontidão com respeito ao *Quo peregrinatur* foi mantido, e caso se torne aconselhável executar o plano, precisaremos talvez ser avisados seis semanas antes. . ."

Enquanto o abade ditava, o abominável auto-escriba apenas gravava sua voz e traduzia suas palavras para um código fonético, o qual, por sua vez, era gravado. Ao terminar, virou um comutador para "análise" e apertou um botão para o "processamento do texto". Apagou-se uma luz. A máquina começou a traduzir.

Zerchi estudou os documentos que tinha diante de si.

Tocou uma campainha. A luz acendeu-se. A máquina estava silenciosa. Lançando um olhar nervoso para a caixa reservada "somente aos ajustadores da fábrica", o abade fechou os olhos e apertou o botão correspondente à "escrita".

O escriba automático começou a bater o que ele esperava fosse o texto do radiograma. Pôs-se a ouvir o ritmo das batidas. A primeira pancada soara com autoridade. Procurou distinguir a cadência da língua alegheniana nas batidelas e, depois de algum tempo, decidiu que havia algo de parecido com ela no barulho das teclas. Abriu os olhos. Do outro lado da sala o robô estenógrafo trabalhava ativamente. Levantou-se e foi observar de perto. Com perfeita clareza o abominável auto-escriba estava escrevendo o equivalente alegheniano de

— Oh, Irmão Pat!

Desligou a máquina, aborrecido. São Leibowitz! Foi para *isso* que trabalhamos? Não podia descobrir qualquer progresso desde os tempos da pena de ganso cuidadosamente aparada e do vidro de tinta de amora.

— *Oh, Pat!*

Não veio resposta imediata da sala de fora, mas depois de alguns segundos um monge de barba ruiva abriu a porta e, depois de olhar para a parede aberta, o chão coberto de papel e a expressão do abade, teve a coragem de sorrir.

— Que aconteceu, *magister meus?* O senhor não está gostando da nossa moderna tecnologia?

— Não especialmente — respondeu Zerchi, zangado. — Oh, *Pat!*

— Ele saiu, meu senhor.

— Irmão Joshua, você não pode consertar essa coisa? Realmente!

— Realmente? Não, não posso.

— Tenho de enviar um radiograma.

— Que pena, padre abade. Não vai ser possível. Eles trancaram nossas instalações a cadeado.

— Eles quem?

— A Zona de Defesa Interna. Todos os transmissores particulares receberam ordem de sair do ar.

Zerchi andou até a sua cadeira e afundou nela. — Um alerta da defesa. Por quê?

Joshua deu de ombros. — Fala-se de um ultimato. É tudo quanto sei, sem falar dos medidores de radiação.

— Sempre subindo?

— Sempre subindo.

— Chame Spokane.

O vento poeirento levantara-se no meio da tarde. Soprava da mesa para a cidadezinha de Sanly Bowitts. Assobiava pelos campos em redor, barulhento quando passava pelos altos milharais nos campos irrigados, arrancando pedaços de areia das bordas estéreis. Gemia em volta dos muros de pedra da antiga abadia e das paredes de alumínio e vidro das construções novas. Toldava o sol avermelhado do crepúsculo próximo com a sujeira da terra, e enviava demônios poeirentos através do calçamento da estrada de seis pistas que separava a abadia antiga de sua parte moderna.

Na estrada lateral que, em certo ponto, corria paralela à principal e que ia do mosteiro à cidade, passando por um subúrbio residencial, um velho mendigo vestido de saco parou para ouvir o vento que trazia do sul o barulho das explosões de foguetes experimentais. De uma estação de disparos, longe no deserto, estavam sendo enviados projéteis interceptores da Terra ao espaço, na direção de alvos colocados em órbita. O velho olhou para o disco vermelho-pálido do Sol enquanto se inclinava sobre o seu cajado e murmurava para si mesmo, ou para o céu: "Agouros, agouros..."

Um grupo de crianças brincava no pátio coberto de relva de uma choupana, sob a vigilância de uma preta velha e ossuda que fumava um cachimbo cheio de ervas, na porta, e que de vez em quando dirigia uma palavra de consolo ou de repreensão a uma ou outra que lhe viesse, chorando, trazer alguma queixa.

Uma delas logo avistou o velho mendigo no outro lado da estrada e gritou: — Olha, olha! É o velho Lázaro! Tia, ele é o velho Lázaro que Nosso Senhor ressuscitou! Olha! Lázaro! Lázaro!

As crianças juntaram-se perto da sebe quebrada. O mendigo olhou para elas zangado por um momento e depois

continuou a andar pela estrada. Uma pedrinha resvalou pelo chão aos seus pés.

— Oh, Lázaro. . .!

— Tia, o que Nosso Senhor ressuscitou não morre mais! Olhe para ele! Ainda procura o Senhor que o ressuscitou. Tia. . .

Uma outra pedra resvalou pelo velho, mas ele não se voltou. A preta cochilava. As crianças voltaram aos seus jogos. A tempestade de areia aumentou.

No alto de um dos novos edifícios de alumínio e vidro, separado da antiga abadia pela estrada principal, um monge examinava o vento por meio de um aparelho de sucção que absorvia o ar e soprava-o, filtrado, para um compressor no andar inferior. O monge já não era moço, mas ainda não atingira a meia-idade. Sua barba curta e ruiva parecia carregada de eletricidade, pois havia teias de aranha e poeira agarradas a ela; vez por outra, ele a esfregava irritado e chegou até a aproximá-la do tubo de sucção; o resultado levou-o a resmungar com raiva e, depois, a fazer o sinal-da-cruz.

A máquina do compressor pipocou e morreu. O monge desligou o aparelho de sucção e empurrou-o até o elevador. Havia poeira depositada pelas beiradas. Fechou a porta, apertou o botão e desceu. Uma vez no laboratório do último andar, verificou que o compressor marcava " máximo normal", fechou a porta, despiu o hábito, sacudiu-o, pendurou-o num cabide e pôs-se a limpá-lo com o tubo de sucção. Depois, dirigindo-se para o tanque de aço no fundo do laboratório, abriu a torneira de água fria e deixou que enchesse. Meteu a cabeça na água e lavou a barba e o cabelo. Sentiu uma agradável sensação de frescor. Com a cabeça e o rosto ainda gotejando, olhou para a porta. Era pouco provável que viesse alguma visita naquela hora. Despiu o resto da roupa, entrou dentro do tanque e recostou-se com um suspiro.

De repente a porta abriu-se. A Irmã Helena entrou com uma bandeja de vidros que acabavam de ser desencaixotados. Assustado, o monge pôs-se em pé na banheira.

— Irmão Joshua! — guinchou a irmã. Meia dúzia de copos se espatifaram no chão.

O monge sentou-se de repente, respingando água pela sala. A Irmã Helena engasgou-se, tossiu, gaguejou, atirou a bandeja na mesa de trabalho e fugiu. Joshua pulou para fora do tanque, enfiou o hábito e correu até a porta, mas a

irmã já não estava no corredor — provavelmente nem mesmo na casa e já a meio caminho da capela das religiosas, embaixo, na estrada lateral. Desconsolado, apressou-se a completar o seu trabalho.

Esvaziou o tubo de sucção, colocou uma amostra da poeira numa garrafinha que levou para a mesa de trabalho. Colocou dois fones nos ouvidos e segurou a garrafinha a uma determinada distância do detector de um aparelho medidor de radiação, enquanto consultava o relógio e escutava.

O compressor tinha um medidor embutido. O ponteiro do relógio decimal girou para o zero e começou outra vez a subir. Depois de um minuto, desligou-o e escreveu o resultado nas costas da mão. Tratava-se de ar puro, filtrado e comprimido; mas havia alguma coisa mais.

Fechou o laboratório por aquela tarde. Desceu ao escritório no andar de baixo, escreveu o resultado num gráfico na parede, verificou a estranha curva ascendente, sentou-se à escrivaninha e ligou o videofone, olhando sempre para o gráfico revelador. A tela iluminou-se, o fone estalou e apareceu o espaldar de uma cadeira vazia, atrás de uma mesa. Depois de alguns instantes, um homem sentou-se nela e olhou para o aparelho. — Aquilo é o Abade Zerchi — disse ele. — Oh, Irmão Joshua. Estava para chamar você. Você estava tomando banho?

— Sim, meu senhor abade.

— Pelo menos espero que esteja corando!

— Estou.

— Bem, se está, não se pode ver na tela. Ouça. *Neste* lado da estrada, há um aviso fora dos portões. Você com certeza já o notou. Diz: "Mulheres, cuidado. Não entrem a menos. . ." e daí por diante. Você já viu isso?

— Certamente, meu senhor.

— Tome seus banhos *deste* lado do aviso.

— Certamente.

— Mortifique-se por ter ofendido a modéstia da irmã. Sei muito bem que você não tem nenhuma. Parece que você nem ao menos consegue passar pelo reservatório sem pular para dentro, em pêlo como um bebé, para nadar.

— Quem contou isso ao senhor? Quero dizer. . . eu só patinhei. . .

— Sim? Está bem, não faz mal. Para que foi que você me chamou?

— O senhor mandou que eu me comunicasse com Spokane.

— É verdade. Você se comunicou?

— Sim. — O monge mordeu um pedacinho de pele seca no canto dos lábios cortados pelo vento e interrompeu-se, embaraçado. — Falei com o Padre Leone. Eles também notaram.

— O aumento de radiação?

— Não é só isso. — Hesitou outra vez. Custava-lhe dizer o que observara, pois parecia-lhe que um fato comunicado sempre parecia existir mais intensamente.

— Então?

— É algo relacionado com aquela perturbação sísmica que notamos há poucos dias. É trazido pelos ventos das camadas superiores vindos daquela direção. Pensando bem, parece que é a consequência de uma explosão em pequena altitude, na zona dos megatons.

— Ah! — suspirou Zerchi e cobriu os olhos com a mão. — *Luciferum ruisse mihi dicis?*

— Sim, senhor, receio que tenha sido uma arma.

— Não poderia ter sido um acidente na indústria?

— Não.

— Mas, se houvesse guerra, saberíamos. Um teste ilícito? Impossível. Se quisessem fazê-lo, iriam para o outro lado da Lua ou, melhor, para Marte, a fim de não serem pegos.

Joshua concordou.

— Então o que é que fica? — continuou o abade. — Uma exibição? Uma ameaça? Um disparo de aviso?

— Isso foi tudo quanto pude imaginar.

— Está, pois, explicado o alerta da defesa. No entanto, nada há no noticiário, a não ser rumores e recusas a fazer comentários. E completo silêncio da Ásia.

— A comunicação sobre o disparo *deve* ter sido feita por um dos satélites de observação. A menos que, nem gosto de pensar, alguém tenha descoberto um meio de disparar um projétil do espaço à Terra que os satélites só pudessem detectar quando atingisse o alvo.

— Isso é possível?

— Há boatos nesse sentido, padre abade.

— O governo sabe. O governo *deve* saber. Vários governos sabem. E, no entanto, nada nos dizem. Protegem-nos contra a histeria. Não é assim que falam? Maníacos! O mundo tem estado em crise *permanente* nestes últimos

cinquenta anos. *Cinquenta?* Que estou dizendo? Tem estado em crise permanente desde o começo, mas há meio século que esse estado de coisas é quase insuportável. E *por quê*, pelo amor de Deus? Qual é a causa fundamental, a essência da tensão? Filosofias políticas? Problemas econômicos? Pressão demográfica? Disparidades de cultos e credos? Pergunte a doze especialistas e terá doze respostas diferentes. E agora, Lúcifer outra vez. Será que a espécie humana é louca de nascença, irmão? Se nascemos loucos, como ter esperança no Céu? Unicamente através da fé? Ou não haverá. . . Deus me perdoe, não quis dizer isso. Ouça, Joshua. . .

— Meu senhor!

— Logo que você fechar o laboratório, venha ter comigo. . . Aquele radiograma. . . tive de enviar o Irmão Pat à cidade para fazê-lo traduzir e passar pelo telégrafo comum. Quero que você esteja aqui quando vier a resposta. Você sabe do que se trata?

O Irmão Joshua sacudiu a cabeça.

— *Quo pegrinatur grex.*

O monge foi empalidecendo aos poucos. — Para ser posto em prática, senhor?

— Estou procurando saber em que ponto está o plano. Não diga nada a ninguém. Naturalmente, você será afetado. Venha para cá quando tiver terminado.

— Certamente.

— *Chris'tecum.*

— *Cum spiri'tuo.*

Desligou o aparelho e a tela apagou-se. Fazia calor na sala, mas Joshua tremia. Olhou para fora da janela e viu um crepúsculo prematuro causado pela nuvem de pó. Não podia ver mais longe que a cerca próxima à estrada, onde uma procissão de caminhões fazia, com seus holofotes, halos que pareciam flutuar no meio da poeira. Depois de algum tempo, percebeu que havia alguém perto do portão, no lugar em que a pista de rolamento vinha até as borboletas. A figura tornava-se visível apenas quando os holofotes passavam por ela. Joshua estremeceu outra vez.

Era, sem dúvida, a silhueta da Sra. Grales. Ninguém mais seria reconhecível naquela meia-luz, pois o formato da saliência sobre seu ombro coberto por um capuz e a maneira como inclinava a cabeça para a direita não podiam ser de outra pessoa senão dela. O monge desceu as cortinas da janela e acendeu a luz. A deformidade da anciã não o repe-

lia; o mundo já se habituara a esses infortúnios genéticos e às peças pregadas pelos genes. Sua própria mão tinha uma cicatriz minúscula onde, na sua infância, lhe haviam estirpado um sexto dedo. Mas a herança do *Diluvium Ignis* era algo que preferia esquecer naquele momento, e a Sra. Grales era uma de suas mais marcantes herdeiras.

Tomou nas mãos um globo que havia sobre a escrivaninha, fazendo-o girar de modo que o oceano Pacífico e a Ásia oriental lhe passassem sob os olhos. Onde? Precisamente onde? Fez o globo girar ainda mais rápido, com repetidas pancadinhas, até que o mundo tomou o aspecto de um pião, com os continentes e oceanos misturados numa única mancha. Façam suas apostas, senhor, senhora: onde? Parou o globo de repente, com o polegar. Aqui: deu a índia. É favor recolher seu dinheiro, senhora, o raciocínio carecia de base. Girou o globo outra vez até que os eixos da armação gemeram: os "dias" passaram como se fossem rápidos momentos — girando em sentido inverso, notou de repente. Se a Mãe Terra se pusesse a rodopiar no mesmo sentido, o Sol subiria a oeste e desceria a leste. E o tempo, recuaria? Disse o homônimo do meu homônimo: "Não te movas oh Sol sobre Gabaão, nem tu oh Lua sobre o vale[1]" — uma boa idéia, na verdade, e útil, também, naqueles dias. "Não te movas oh Sol, *et tu, Luna, recedite in orbitas reversas.* . ." Continuou a rodar o globo em sentido inverso, como se desejasse que a imagem da Terra se apoderasse do tempo e o fizesse regredir. Um terço de milhão de voltas cortaria o suficiente número de dias para voltar ao tempo do *Diluvium Ignis.* Seria melhor usar um motor e fazer a esfera girar até os dias do princípio do Homem. Parou-a outra vez com o polegar; mais uma vez o raciocínio carecia de base.

Continuava no escritório temendo voltar "para casa". A "casa" ficava apenas do outro lado da estrada, nos imensos vestíbulos daquelas antiquíssimas construções, cujas paredes ainda continham pedras provenientes das ruínas de uma civilização que morrera há dezoito séculos. Atravessar a estrada em direção à velha abadia era como atravessar séculos. Ali, nos modernos edifícios de alumínio e vidro, ele era um técnico em seu laboratório, onde os fatos eram fenómenos a observar sem indagar-lhes a causa. Deste lado

[1] *Citação da Bíblia: Livro de Josué, capítulo 10, versículo 12. (N. do T.)*

da estrada, a queda de Lúcifer era apenas uma inferência derivada da velha aritmética, em virtude das oscilações dos medidores de radiação e do repentino movimento da agulha do sismógrafo. Mas na velha abadia, ele já não era um técnico, mas um monge de Cristo, um coletor de livros e memorizador da comunidade de Leibowitz. Lá, a questão seria: "Por quê, Senhor, por quê?" Mas a questão já fora formulada e o abade dissera: "Venha ter comigo".

Joshua procurou seu alforje e saiu para obedecer ao chamado do seu superior. A fim de evitar um encontro com a Sra. Grales, usou a passagem subterrânea para pedestres; não era o momento propício para uma agradável conversa com a velha vendedora de tomates bicéfala.

25

O dique do segredo fora rompido. Vários jovens holandeses intrépidos tinham sido arrastados pela maré furiosa para longe de Texarkana até os seus Estados de origem, onde ficaram impossibilitados de fazer comentários. Outros permaneceram em seus postos e, resolutamente, procuraram vedar novas fendas. Mas a presença de certos isótopos no vento deu lugar a uma frase universal, ouvida nas esquinas e proclamada pelas inscrições dos estandartes: LÚCIFER CAIU!

O ministro da Defesa, com o uniforme imaculado, a máscara intata e perfeitamente sereno, enfrentou outra vez a fraternidade jornalística; dessa vez a entrevista coletiva foi televisionada para toda a Coalizão Cristã.

Uma repórter: — O senhor parece calmo diante dos fatos. Ocorreram recentemente duas violações da lei internacional, ambas definidas nos tratados como atos de guerra. Isso não está preocupando o Ministério da Guerra?

Ministro da Defesa: — Minha senhora, como é bem sabido, não temos aqui um Ministério da *Guerra,* mas da *Defesa.* Que eu saiba, só houve *uma* violação da lei internacional. A senhora poderia me dizer qual foi a segunda?

Uma repórter: — Qual delas o senhor desconhece: o

desastre em Itu Wan, ou o disparo de aviso no extremo sul do Pacífico?

Ministro da Defesa (com súbita severidade): — Certamente a senhora não deseja se insubordinar, mas sua pergunta parece dar apoio, se não crédito, às falsas acusações asiáticas de que o chamado desastre de Itu Wan foi causado por uma experiência levada a efeito por nós e não por eles!

Uma repórter: — Se parece, convido o senhor a me mandar prender. A pergunta foi baseada num relato neutro proveniente do Oriente Próximo, que dava o desastre de Itu Wan como resultado de uma experiência subterrânea asiática que se expandiu pela superfície. O mesmo relato dizia que a experiência foi avistada por nossos satélites e imediatamente respondida por um disparo do espaço à Terra, a sudeste da Nova Zelândia. Mas já que o senhor o sugere, o episódio de Itu Wan foi também o resultado de uma experiência nossa?

Ministro da Defesa (esforçando-se por ser paciente): — Reconheço que os jornalistas devem ser objetivos. Mas sugerir que o governo de Sua Supremacia tenha violado deliberadamente. . .

Uma repórter: — Sua Supremacia é um menino de onze anos e falar em "seu governo" é não somente arcaico, como também uma tentativa desonrosa — e até barata! — de fugir à responsabilidade de uma total negativa do seu próprio. . .

Moderador: — Minha senhora! Modere o tom de suas...

Ministro da Defesa: — Deixe estar, deixe estar! Minha senhora, nego-o terminantemente, já que a senhora deseja dignificar suas acusações fantásticas. O chamado desastre de Itu Wan não foi o resultado de experiências feitas por nós. Nem tenho conhecimento de qualquer outra detonação nuclear.

Uma repórter: — Obrigada.

Moderador: — Parece que o editor de *Ciência das Estrelas,* de Texarkana, está querendo falar.

Editor: — Obrigado. Gostaria de perguntar, senhor ministro, o que aconteceu em Itu Wan.

Ministro da Defesa: — Não temos nacionais naquela área; retiramos nossos observadores militares desde que nossas relações diplomáticas foram rompidas na última crise mundial. Sou obrigado, portanto, a me basear em infor-

mações indiretas e em relatos neutros, mais ou menos contraditórios.

Editor: — É compreensível.

Ministro da Defesa: — Pois bem. Ao que parece, houve uma detonação nuclear subterrânea — no nível dos megatons — que não foi possível controlar. É claro que foi uma experiência. Se se tratou de uma arma, ou, como afirmam alguns "neutros" da área asiática, de uma tentativa para desviar o curso de um rio subterrâneo — foi certamente ilegal e os países limítrofes estão preparando um protesto junto à Corte Internacional.

Editor: — Há perigo de guerra?

Ministro da Defesa: — Não que eu veja. Mas como o senhor sabe, temos certos destacamentos das nossas forças armadas servindo à Corte Internacional com o fim de reforçar suas decisões, se necessário. Não vejo tal necessidade, mas não posso falar pela Corte.

Primeiro repórter: — Mas a Coalizão Asiática ameaçou uma ofensiva geral contra nossas instalações espaciais se a Corte não tomar medidas *contra nós.* Que sucederá se a sua ação for lenta?

Ministro da Defesa: — Não houve qualquer ultimato. A ameaça foi para efeito interno, pelo que vejo; serviu para encobrir o erro de Itu Wan.

Uma repórter: — Como está hoje sua opinião habitual sobre a maternidade, Lorde Ragelle?

Ministro da Defesa: — Espero que a maternidade pense de mim o mesmo que penso dela.

Uma repórter: — É bem o que o senhor merece.

A entrevista, irradiada através de um satélite a trinta e cinco mil quilômetros de distância da Terra, atingiu a maior parte do hemisfério ocidental através das telas dos videofones. Entre a multidão dos que viram e ouviram, estava o Abade Dom Zerchi, que desligou o aparelho e pôs-se a andar de um lado para outro, procurando não pensar, enquanto esperava por Joshua. Mas "não pensar" era impossível.

Será inevitável? Estaremos fadados a fazer sempre a mesma coisa? Seremos forçados a ser como a fênix através de uma interminável seqüência de quedas e ressurgimentos? Assíria, Babilónia, Egito, Grécia, Cartago, Roma, os impérios de Carlos Magno e os turcos. Reduzidos a pó, misturados ao sal. Espanha, França, Inglaterra, América — desapa-

recidas na escuridão dos séculos. E sempre outra vez, outra vez, outra vez.

"Estaremos fadados a jazê-lo, Senhor, acorrentados ao pêndulo de nosso próprio relógio e incapazes de de tê-lo?. . ."

Desta vez, o pêndulo nos levará à destruição e ao esquecimento, pensou.

A sensação de desespero passou bruscamente quando o Irmão Pat trouxe-lhe o segundo telegrama. Rasgou o envelope, leu e sorriu. — O Irmão Joshua ainda não veio, irmão?

— Ele está esperando lá fora, reverendo padre.

— Mande-o entrar. Oh, irmão, feche a porta e ligue o silenciador. Depois leia isso.

Joshua olhou para o telegrama. — Uma resposta de Nova Roma?

— Chegou hoje de manhã. Mas primeiro ligue aquele silenciador. Temos vários assuntos a tratar.

Joshua fechou a porta e virou um comutador na parede. Os alto-falantes ocultos fizeram ouvir um breve protesto. Quando cessaram, as propriedades acústicas da sala estavam mudadas.

Dom Zerchi indicou uma cadeira ao monge, que, em silêncio, pôs-se a ler o primeiro telegrama.

— ". . .nenhuma providência deverá ser tomada aí com relação ao *Quo peregrinatur grex"* — leu alto.

— Você tem de berrar com aquela coisa ligada — disse o abade indicando o silenciador. — O quê?

— Apenas estava lendo. Então o plano está cancelado?

— Não fique assim tão aliviado. *Esse* telegrama veio hoje cedo. *Este* chegou agora de tarde. — O abade jogou-lhe o segundo telegrama:

"PRIMEIRA MENSAGEM DE HOJE SEM EFEITO. 'QUO PEREGRINATUR' DEVE SER REATIVADO IMEDIATAMENTE A PEDIDO DO SANTO PADRE. ESPERE CONFIRMAÇÃO POR TELEGRAMA ANTES DE PARTIR. COMUNIQUE SE HÁ VAGAS NO **QUADRO DA ORGANIZAÇÃO. COMECE A EXECUÇÃO DO PLANO ENQUANTO AGUARDA".**

O monge ficou lívido. Tornou a pôr o telegrama sobre a escrivaninha e recostou-se em sua cadeira, com os lábios comprimidos.

— Você sabe o que é o *Quo peregrinatur grex?*

— Sei *o que* é, senhor, mas não com detalhes.

— Bem, a princípio era apenas um plano no sentido de mandar alguns padres com um grupo de colonizadores que se dirigiam à Alfa do Centauro. Mas deu em nada, porque era preciso haver bispos que ordenassem os padres, senão depois da primeira geração seriam precisos mais padres, e assim por diante. A questão reduziu-se a uma discussão a respeito da possível duração das colónias e, caso durasse, da conveniência de assegurar a sucessão apostólica em colónias planetárias sem recorrer à Terra. Você sabe o que isso significaria?

— Teria sido preciso enviar ao menos três bispos.

— Sim, e isso pareceu um pouco absurdo. Todos os grupos de colonizadores têm sido pouco numerosos. Mas durante a última crise mundial, o *Quo peregrinatur* transformou-se em plano de emergência para perpetuar a Igreja em colónias planetárias se, na Terra, o pior viesse a acontecer. Temos uma nave.

— Uma nave *espacial?*

— Sim. E temos uma tripulação capaz de pilotá-la.

— Onde?

— Aqui mesmo.

— Aqui na abadia? Mas quem? — Joshua fez uma pausa. Sua face ficou ainda mais lívida. — Mas, senhor, minha experiência no espaço limita-se unicamente a veículos orbitais. Nunca naveguei em direção às estrelas! Antes da morte de Nancy e da minha entrada na Ordem Cisterciense. . .

— Sei de tudo isso. Há outros com experiência de viagens estelares. Você sabe quem são. Graceja-se até a respeito do número de ex-navegadores do espaço que sentem vocação para a nossa ordem. Não é por acaso, evidentemente. E você não se lembra, no seu tempo de postulado, a quantas perguntas teve de responder sobre suas experiências no espaço?

Joshua acenou que sim.

— Você também deve se lembrar de que foi interrogado sobre sua disposição de voltar ao espaço se a ordem o pedisse.

— Sim.

— Então você não percebeu que estava sendo destinado ao *Quo peregrinatur,* se o plano um dia se concretizasse?

— Sim. . . tive medo que fosse isso, meu Senhor.

— Medo?

— Quero dizer que *suspeitei.* E tive também um pouco de medo, porque sempre esperei passar o resto da minha vida na ordem.

— Como sacerdote?

— Isso. . . bem, ainda não decidi.

— O *Quo peregrinatur* não significa que você será dispensado de seus votos ou que tenha de deixar a ordem.

— A ordem *também vai?*

Zerchi sorriu. — E a *Memorabilia* com ela.

— Toda ela. . . Ah, o senhor se refere aos microfilmes. Para onde?

— Para a Colónia do Centauro.

— Quanto tempo ficaríamos lá, senhor?

— Se forem, nunca mais voltarão.

O monge respirou fundo e olhou fixamente para o segundo telegrama sem parecer vê-lo. Esfregou a barba, pensativo.

— Três perguntas — disse o abade. — Não responda já, mas vá pensando bem nelas. Primeiro, você quer ir? Segundo, você sente vocação para o sacerdócio? Terceiro, você quer chefiar o grupo? Quando pergunto se quer, não me refiro a "querer sob obediência"; refiro-me a querer com entusiasmo ou a desejar essa atitude. Pense bem; você tem três dias, talvez menos.

Os tempos modernos poucas mudanças haviam trazido aos edifícios e terrenos do antigo mosteiro. A fim de proteger as construções antigas da invasão da nova arquitetura, as recentes edificações tinham sido erguidas fora dos muros e até mesmo do outro lado da estrada — às vezes até à custa da comodidade. O velho refeitório fora condenado porque o teto ameaçava ruir, e agora era necessário atravessar a estrada para chegar ao novo. A incomodidade era atenuada por uma passagem subterrânea pela qual os irmãos desfilavam para tomar as refeições.

Velha de séculos mas recentemente alargada, a estrada era a mesma que fora percorrida por exércitos pagãos, peregrinos, camponeses, carroças de burro, nômades, selvagens cavaleiros do leste, artilharia, tanques e caminhões de dez toneladas. Seu tráfego fora intenso, médio ou quase nulo, de acordo com a época ou a estação. Uma vez, há muito tempo, houvera seis pistas e tráfego de robôs. Depois, o

movimento cessara, a pavimentação rachara, e uma relva rala chegara a aparecer depois de chuvas ocasionais, através das fendas. A poeira terminara por cobri-la. Os habitantes do deserto picaram o concreto quebrado para construir choupanas e barricadas. A erosão a transformara em simples caminho através do deserto. Mas agora havia seis pistas e tráfego de robôs, como antigamente.

— Não há muito movimento esta noite — observou o abade, quando passaram pelo velho portão principal. — Vamos atravessar a estrada. Aquele túnel fica sufocante depois de uma tempestade de pó. A menos que você não esteja disposto a fugir dos ônibus.

— Vamos — concordou o Irmão Joshua.

Veículos baixos com holofotes fracos (úteis apenas como aviso aos passantes) desfilavam por eles com os pneus rangendo e as turbinas gemendo. Por meio de antenas observavam a estrada, e graças a dispositivos magnéticos sentiam, no leito da estrada, as tiras de aço que lhes indicavam o caminho à medida que deslizavam rápidos pela pista rósea e fluorescente de concreto oleoso. Corpúsculos insignificantes numa das artérias do Homem, os monstros passavam às cegas pelos dois homens que os evitavam através das pistas. Ser derrubado por um deles significava ser esmagado por inúmeros outros, até que um carro de inspeção encontrasse a mera impressão de um homem no calçamento e parasse para removê-la. O autopiloto tinha melhor faro para se desviar de massas de metal do que de massas de carne e osso.

— Fizemos uma tolice — disse Joshua quando atingiram o refúgio do centro e pararam para respirar. — Veja quem está lá.

O abade procurou ver por alguns momentos e bateu na testa. — A Sra. Grales! Tinha esquecido: hoje é dia de ela me procurar. Vendeu os seus tomates para o refeitório das irmãs e agora está outra vez atrás de mim.

— Atrás do senhor? Ela estava ali ontem à noite e anteontem também. Pensei que estivesse esperando que lhe dessem transporte. Que é que ela quer com o senhor?

— Nada de mais. Acabou de enganar as irmãs a respeito do preço dos tomates e agora quer me dar o lucro extra para os pobres. É um pequeno ritual. Não me importo com ele. O que vem depois é que é ruim. Você vai ver.

— O senhor quer voltar?

— E magoá-la? Bobagem. Ela já nos viu. Vamos andando.

Mergulharam outra vez no meio dos veículos que passavam.

A mulher de duas cabeças e o seu cachorro de seis pernas esperavam junto ao portão novo, com uma cesta de legumes vazia; a mulher assobiou de leve para o cão. O animal tinha quatro pernas normais e duas que se balançavam, inúteis, de cada lado do corpo. Quanto à mulher, uma das cabeças era tão inútil quanto as pernas extras do cachorro. Era uma cabeça de querubim, pequena, com os olhos sempre fechados. Não dava mostras de participar da respiração ou do entendimento da mulher. Arrimava-se a um dos seus ombros, cega, surda, muda e de vida puramente vegetativa. Talvez lhe faltasse um cérebro, pois não mostrava sinal de consciência independente ou de personalidade. A outra face era idosa e enrugada, mas a cabeça supérflua retinha as feições da infância, apesar de ter sido enrijecida pelo vento arenoso e tostada pelo sol do deserto.

A anciã fez uma mesura quando os monges se aproximaram, e o cachorro recuou rosnando. — Boa noite, Padre Zerchi. Uma ótima noite para o senhor e para o senhor também, irmão.

— Olá, Sra. Grales.

O cachorro latiu, arrepiou-se e começou a correr de um lado para outro, ameaçando os tornozelos do abade com os dentes prontos para morder. A Sra. Grales bateu-lhe com a cesta e os dentes enterraram-se na palha; depois, avançou para a dona, que o manteve à distância com a cesta; recebeu alguns bons cascudos e foi, rosnando, para o lado do portão.

— Priscila está zangada hoje — observou Zerchi com amabilidade. — Ela vai ter filhotes?

— Peço desculpas — disse a Sra. Grales —, mas não é por causa dos filhotes que ela está assim, diabos a levem! É por causa do meu marido, que lhe pôs feitiço, só por enfeitiçar, e por isso ela tem medo de tudo. Peço desculpas pelo que ela fez.

— Está tudo muito bem. Boa noite, Sra. Grales.

Mas não era assim tão fácil escapar. A anciã segurou o abade pela manga e sorriu com seu irresistível sorriso desdentado.

— Um minuto, padre, só um minuto para a velha dos tomates, se o senhor puder.

— Naturalmente! Gostaria de. . .

Joshua riu de lado para o abade e foi negociar com o

cachorro o direito de passar pelo portão. Priscila olhou-o com visível desprezo.

— Vamos, padre — a Sra. Grales estava dizendo. — Fique com qualquer coisinha para seus pobres. Olhe aqui. — As moedas tilintaram enquanto Zerchi protestava. — Nada disso, fique com elas, fique — insistiu ela. — Oh, bem sei o que o senhor sempre diz, mas não sou tão pobre quanto o senhor pensa. E suas obras são boas. Se não ficar com elas, meu marido é que vai apanhá-las para fazer as obras do Diabo. Veja: vendi meus tomates, recebi o que pedi, quase comprei comida para toda a semana e até um brinquedinho para Raquel. Quero que o senhor fique com um pouco. Veja.

— É muita bondade. . .

— Unnnnfff! — veio, em tom autoritário, da direção do portão. — Unnnfff! Rrrrau! Rrrrau! — seguido por uma rápida sequência de latidos e Priscila batendo em retirada.

Joshua apareceu de volta com as mãos dentro das mangas.

— Você está ferido?

— Unnnnnfff! — disse o monge.

— O que você fez com ela?

— Unnnfff! — repetiu o Irmão Joshua. — Rrrrrau! Rrrrrau! — depois explicou: — Priscila acredita em lobisomens. Os latidos foram dela. Já podemos passar pelo portão.

O cachorro desaparecera. A Sra. Grales segurou outra vez a manga do abade. — Só um minuto e não interrompo mais o senhor. Queria falar sobre Raquel. É preciso pensar no batismo dela e queria perguntar se o senhor me faria a honra de. . .

— Sra. Grales — disse ele com brandura —, vá falar com o vigário de sua paróquia. É ele quem deve decidir esses assuntos e não eu. Não tenho paróquia, só tenho a abadia. Fale com o Padre Selo em São Miguel. Nossa igreja nem pia batismal tem. As mulheres lá não podem entrar, a não ser na tribuna.

— A capela das irmãs tem pia e as mulheres podem. . .

— É assunto do Padre Selo, não meu. Deve ser registrado na sua paróquia. Só em caso de emergência eu poderia. . .

— Sim, sim, eu sei disso, mas fui falar com o Padre Selo. Levei Raquel à igreja dele, mas aquele tolo não quis tocá-la.

— Recusou-se a batizar Raquel?

— Foi o que ele fez, o tolo.

— A senhora está falando de um padre, Sra. Grales, e ele não é um tolo, pois conheço-o bem. Deve ter suas razões para recusar. Se não concorda com o que ele disse, vá falar com outra pessoa qualquer, mas não com um monge. Fale com o arcipreste em Santa Maisie, por exemplo.

— Sim, também já fiz isso. — A Sra. Grales lançou-se numa narrativa, que prometia ser longa, de suas escaramuças em favor do batismo de Raquel. Os monges ouviram pacientemente a princípio, mas Joshua, que a observava, agarrou o braço do abade acima do cotovelo; seus dedos gradualmente foram afundando no braço de Zerchi até que este gemeu de dor e afastou os dedos do outro com a mão que tinha livre.

— Que *é* que você está fazendo? — murmurou e só então notou a expressão do monge. Os olhos de Joshua estavam fixos na anciã, como se ela fosse um basilisco. Zerchi seguiu seu olhar, mas nada viu de diferente; a cabeça extra estava meio encoberta por uma espécie de véu, mas o Irmão Joshua certamente vira aquilo muitas vezes.

— Sinto muito, Sra. Grales — disse Zerchi assim que ela parou de falar. — Mas realmente agora preciso ir. Já sei o que farei: vou chamar o Padre Selo e pedir a ele que se ocupe do seu caso, mas é só isso o que poderia fazer. Estou certo de que ainda nos veremos.

— Muito obrigada e perdoem-me por haver tirado tanto tempo dos senhores.

— Boa noite, Sra. Grales.

Passaram pelo portão e andaram em direção ao refeitório. Joshua de vez em quando levava a mão à fronte como se quisesse pôr alguma idéia em ordem.

— Por que você ficou olhando para ela daquele jeito? — indagou o abade. — Achei que foi pouco delicado.

— O senhor não notou?

— Não notei o quê?

— Então *não notou.* Bem, não tem importância. Mas quem é Raquel? Por que não querem batizar a criança? É filha dessa mulher?

O abade sorriu sem vontade. — É o que diz a Sra. Grales. Mas não se sabe bem se Raquel é filha dela, irmão, ou apenas uma excrescência no seu ombro.

— Raquel! *Aquela outra cabeça?*

— Não grite que ela pode ouvir.

— E ela quer batizá-la?

— E com urgência, não parece a você? É uma obsessão.

Joshua gesticulou. — Como é que resolvem essas coisas?

— Não sei, nem quero saber. Dou graças a Deus de não ter de achar soluções para esses casos. Se se tratasse apenas de gémeos siameses, seria fácil. Mas não se trata. Os velhos dizem que, ao nascer, a Sra. Grales não tinha nada no ombro.

— Histórias!

— Talvez. Mas alguns estão prontos a afirmá-lo sob juramento. Quantas almas tem uma velha com uma cabeça extra, uma cabeça que simplesmente "cresceu"? Essas coisas dão o que fazer às autoridades, meu filho. Mas o que foi que você notou? Por que ficou olhando para ela, enquanto por pouco não me arrancava o braço?

O monge não respondeu logo. — Ela sorriu para mim — disse afinal.

— O que foi que sorriu?

— A cabeça. . . hum. . . Raquel. Ela sorriu. Pensei que estivesse acordando.

O abade parou na entrada do refeitório e olhou curiosamente para o monge.

— Ela sorriu — repetiu Joshua com seriedade.

— Imaginação sua.

— Sim, meu senhor.

— Então *faça cara* de quem imaginou.

O Irmão Joshua tentou obedecer. — Não posso — confessou.

O abade deixou cair as moedas da anciã na caixa dos pobres. — Vamos entrar — disse ele.

O refeitório novo era funcional, revestido de cromo, acusticamente perfeito, com iluminação moderna e proteção contra germes. Nada de pedras enegrecidas pela fumaça, de lâmpadas de sebo, de tigelas de madeira e de queijos curtidos nas celas. Não fosse a disposição dos lugares em forma de cruz e uma fila de imagens na parede, o lugar se assemelharia a um refeitório de fábrica. A atmosfera ali era outra, como também no resto da abadia. Depois de séculos de esforço para conservar os restos de cultura de uma sociedade há muito tempo desaparecida, os monges tinham testemunhado o surgimento de uma nova e mais poderosa civi-

lização. As velhas tarefas tinham terminado; outras surgiram. O passado era venerado e exibido em mostruários de vidro, mas já não era o presente. A ordem se conformava aos tempos, a uma idade de urânio, de aço e de projéteis chamejantes, no meio do ruído da indústria pesada e dos silvos dos veículos estelares. A ordem se conformava, ao menos superficialmente.

— *"Accedite ad eum"* — entoou o leitor.

As legiões de monges permaneceram imóveis em seus lugares durante a leitura. A comida ainda não viera. As mesas não estavam postas. A ceia fora retardada. O organismo, a comunidade cujas células eram homens, cuja vida perdurava através de setenta gerações, parecia tenso nesta noite, como se adivinhasse, por meio da natureza idêntica de seus membros, aquilo que só alguns poucos sabiam. O organismo vivia, adorava a Deus e trabalhava como um só corpo. Às vezes, parecia levemente consciente, como se uma mente se infundisse em seus membros e murmurasse para si mesma e para Um Outro na *língua prima,* língua infantil da espécie. Talvez a tensão fosse aumentada tanto pelo distante rumor da base de projéteis quanto pelo retardamento da refeição.

O abade bateu na mesa pedindo silêncio e, com um gesto, indicou a tribuna ao seu prior, Padre Lehy. Esse, com ar tristonho, começou a falar depois de alguns instantes.

— Lamentamos a necessidade — disse, por fim — de perturbar às vezes a calma da vida contemplativa com notícias do mundo exterior. Mas devemos nos lembrar de que aqui estamos para rezar pelo mundo e pela sua salvação, tanto quanto pela nossa. Especialmente agora, o mundo precisa das nossas orações. — Fez uma pausa e olhou para Zerchi.

O abade fez um sinal de assentimento.

— Lúcifer caiu — disse o padre, e calou-se. Ficou com os olhos baixos como se, repentinamente, tivesse sido ferido pela mudez.

Zerchi levantou-se. — É também a conclusão a que chegou o Irmão Joshua — disse. — O Conselho de Regência da Confederação do Atlântico nada disse de extraordinário. A dinastia não fez declarações. Pouco mais sabemos hoje do que ontem, a não ser que a Corte Internacional reuniu-se em sessão extraordinária e que o pessoal da Defesa Interna está agindo com rapidez. Há um alerta de defesa, seremos afetados, mas não se perturbem. Padre. . .

— Obrigado, senhor — disse o prior, recobrando a voz, depois de Dom Zerchi ter-se sentado. — O reverendo padre abade pediu-me para anunciar o seguinte:

"Primeiro, nos próximos três dias cantaremos o Pequeno Ofício de Nossa Senhora antes das matinas, para pedir a sua intercessão em favor da paz.

"Segundo, as instruções gerais para defesa civil no caso de um alerta de ataque vindo do espaço ou de projéteis estão na mesa, perto da entrada. Cada um deve apanhar um exemplar. Se já as leram, leiam outra vez.

"Terceiro, no caso de aviso de ataque, os seguintes irmãos devem se dirigir imediatamente ao pátio da abadia antiga para receber instruções especiais. Se não vier qualquer aviso, os mesmos irmãos deverão se dirigir para lá depois de amanhã cedo, logo depois das matinas e laudes. Nomes: Irmão Joshua, Christopher, Augustin, James, Samuel. . ."

Os monges ouviram silenciosos e tensos, sem trair qualquer emoção. Vinte e sete nomes foram mencionados; entre eles, nenhum noviço. Alguns eram escolásticos eminentes, um era porteiro e outro, cozinheiro. A princípio poderia parecer que tinham sido escolhidos a esmo. Quando o Padre Lehy terminou, alguns irmãos olharam para os outros com curiosidade.

— O mesmo grupo se apresentará no dispensário para um exame físico completo amanhã depois da prima — terminou o prior. Virou-se e olhou para Dom Zerchi. — Senhor...

— Sim, ainda uma coisa — disse o abade, aproximando-se da tribuna. — Irmãos, não tenhamos por certo que haverá guerra. Lembremo-nos de que Lúcifer tem estado conosco, dessa vez, por perto de dois séculos. E só duas vezes caiu, em dimensões menores que um megaton. Todos sabemos o que poderia acontecer, se houvesse guerra. As consequências genéticas da última vez que o Homem tentou se destruir ainda estão conosco. Nos tempos de São Leibowitz talvez não soubessem o que poderia acontecer. Ou talvez soubessem, mas só acreditaram depois de o terem feito, como uma criança que sabe que uma pistola carregada pode disparar, mas que ainda não experimentou puxar o gatilho. Ainda não tinham visto um bilhão de cadáveres. Ainda não tinham visto os malnascidos, os monstros, os desumanizados, os cegos. Ainda não tinham visto a loucura, os assassinatos e o declínio da razão. Então fizeram e viram. Agora,

agora, os príncipes, os presidentes, os presídios, agora todos sabem, com absoluta certeza. Sabem pelos filhos que geram e enviam para os asilos de deformados. Sabem e, por isso, têm mantido a paz. Não, certamente, a paz de Cristo, mas a paz até ultimamente, com apenas dois acidentes no decorrer de dois séculos. Agora sabem com amarga certeza. Meus filhos, não podem fazê-lo outra vez. Só uma raça de loucos agiria assim.,. .

Parou de falar. Alguém estava sorrindo. Era apenas um leve sorriso que, naquele mar de expressões graves, aparecia como uma mosca no leite. Dom Zerchi franziu o sobrolho. O velho continuava com seu sorriso torto. Estava sentado à "mesa dos pobres" com três outros mendigos — um velho com uma barba espetada, manchada de amarelo em volta do queixo. Como cossaco, usava um saco com cavas para os braços. Continuou a sorrir para Zerchi. Parecia tão velho quanto um rochedo batido pelas chuvas, e um bom candidato para o lava-pés da Quinta-Feira Santa. O abade pensou se ele não estaria prestes a levantar-se e fazer uma comunicação a seus hospedeiros — ou talvez a tocar uma trombeta no meio deles, quem sabe? — mas devia ser uma ilusão originada por aquele sorriso. Afugentou, rápido, a sensação de que já vira o velho em algum lugar e concluiu suas palavras aos monges.

De volta a seu lugar, parou. O mendigo, amavelmente, cumprimentou-o. Zerchi aproximou-se.

— Posso saber quem é você? Já não o vi antes?

— O quê?

— *Latzar shemi* — repetiu o mendigo

— Não entendo bem. . .

— Diga Lázaro, então — disse o velho, e riu.

Dom Zerchi sacudiu a cabeça e continuou a andar. *Lázaro?* Havia, na região, uma história. . . mas que *lenda* tola. Ressuscitado por Cristo e não era cristão, diziam. Porém, não se podia livrar da impressão de já tê-lo visto.

— Tragam o pão para a bênção — disse em voz alta, e a ceia teve início.

Depois das orações, o abade olhou outra vez para a mesa dos pobres. O velho estava simplesmente abanando a sua sopa com uma espécie de chapéu de palha. Zerchi deu de ombros, e a refeição começou no meio de solene silêncio.

As completas, a última das horas canônicas, pareceram mais profundas naquela noite.

Mas Joshua dormiu mal, depois. Em sonhos, encontrou-se outra vez com a Sra. Grales. Havia um cirurgião que afiava uma faca, dizendo: "Essa deformidade deve ser extirpada antes que se torne maligna". E a face de Raquel abria os olhos e tentava falar com ele. Mas ele mal ouvia e nada compreendia.

— Sou a exceção — parecia estar dizendo —, eu meço a decepção. Sou.

Não podia entender o que dizia e tentou aproximar-se para salvá-la. Mas havia uma parede de vidro escorregadio no meio. Parou e procurou ler o que diziam seus lábios. Eu sou a... eu sou a...

— Eu sou a Imaculada Conceição — veio um murmúrio no meio do sonho.

Tentou atravessar o vidro escorregadio para salvá-la da faca, mas já era tarde, e houve uma grande quantidade de sangue, depois.

Acordou do pesadelo blasfematório com um estremecimento e rezou por algum tempo; mas, quando dormia, lá vinha outra vez a Sra. Grales.

Foi uma noite agitada, uma noite de Lúcifer. Foi a noite do assalto do Atlântico contra as instalações espaciais asiáticas.

Em rápido revide, uma antiga cidade morreu.

26

"Aqui fala a Rede de Avisos de Emergência", dizia o anunciante quando Joshua entrou no escritório do abade na manhã seguinte, depois das matinas.

— O senhor mandou me chamar, reverendo padre?

Zerchi, com um gesto, indicou-lhe uma cadeira. Tinha a fisionomia estirada e pálida, como num esforço de férreo e gelado domínio sobre si próprio. Joshua teve a impressão de que ele diminuíra de estatura e envelhecera desde a noite anterior. Ambos escutaram sombriamente a voz que ia e vinha a intervalos de quatro segundos, à medida que as

estações transmissoras entravam e saíam do ar, num esforço para impedir que o inimigo localizasse os equipamentos:

" . . .Em primeiro lugar, uma informação que acaba de ser fornecida pelo Supremo Comando. A família real está em segurança. Repito: sabe-se que a família real está em segurança. Informa-se que o Conselho de Regência estava ausente da cidade quando o inimigo atacou. Fora da área do desastre não houve desordens entre a população civil, nem se espera que haja.

"A Corte Internacional emitiu ordem de cessar-fogo, com uma cláusula em suspenso, condenando à morte os responsáveis dos governos de ambas as nações. Como é uma cláusula em suspenso, a sentença só é aplicável se o decreto for desobedecido. Ambos os governos telegrafaram imediatamente à Corte Internacional tomando conhecimento da ordem, e há, pois, uma forte probabilidade de que o choque tenha terminado, algumas horas depois de ter começado como um assalto preventivo contra certas instalações ilegais no espaço. Num ataque de surpresa, as forças espaciais da Confederação do Atlântico assaltaram três bases asiáticas de projéteis escondidas no lado oculto da Lua, e destruíram totalmente uma estação espacial do inimigo que servia como base de teleguiados. Esperava-se que o inimigo, em resposta, atacasse as nossas forças no espaço, mas o bárbaro assalto à capital foi um ato de fúria que ninguém pôde prever."

"Boletim especial: O nosso governo acaba de anunciar a sua intenção de obedecer por dez dias à ordem de cessar-fogo, se o inimigo concordar em realizar imediatamente um encontro de ministros das Relações Exteriores e comandantes militares em Guam. Espera-se que o inimigo aceite."

— Dez dias — gemeu o abade. — Não nos sobra tempo suficiente.

— A rádio asiática, porém, ainda insiste em afirmar que o recente desastre termonuclear em Itu Wan, que matou perto de oitenta mil pessoas, foi causado por um projétil desgarrado do Atlântico, e que a destruição da cidade de Texarkana foi, portanto, uma resposta da mesma natureza. . .

O abade desligou o aparelho. — Onde está a verdade? — perguntou com calma. — Em que se pode acreditar? Valerá a pena querer saber alguma coisa? Quando o assassinato em massa é respondido com outro assassinato em

massa, o roubo com o roubo, o ódio com o ódio, já não há sentido em indagar a quem pertence o machado mais tinto de sangue. O mal sobre o mal, empilhado em cima do mal. Houve alguma justificativa para a nossa "ação policial" no espaço? Como saber? Certamente não houve justificativa para o que *eles* fizeram — ou houve? Só sabemos o que diz *aquele* aparelho e *ele* não é livre. A rádio asiática tem de dizer o que menos desagradar ao seu governo; a *nossa,* o que menos desagradar à nossa patriótica e teimosa ralé, e, por coincidência, o que o governo deseja que se irradie. Portanto, qual a diferença entre uma rádio e outra? Meu Deus, deve haver meio milhão de mortos, se atacaram Texarkana com uma daquelas armas. Tenho vontade de dizer palavras que nunca ouvi. Excremento de sapo. Pus de feiticeira decrépita. Gangrena da alma. Podridão imortal do cérebro. Você está me entendendo, irmão? E Cristo respirou o mesmo ar corrupto que nós; como é humilde a Majestade de Deus Todo-Poderoso! Que humorismo infinito... Ele tornar-se um de nós! Rei do Universo, pregado numa cruz como um Iídiche Schlemiel pelos nossos semelhantes. Diz-se que Lúcifer foi precipitado no Inferno por se ter recusado a adorar o Verbo Encarnado; o Maligno deve ter uma ausência total de humorismo! Deus de Jacó, Deus até de *Caim!* Por que é que hão de fazer tudo de novo? Perdoe-me, estou delirando. . . — ajuntou, menos para Joshua do que para a velha escultura em madeira de São Leibowitz que estava a um canto do escritório. Parara em frente dela e ficara a olhá-la. A imagem era velhíssima. Um dos antigos superiores da abadia a enviara para o depósito no porão, onde ficou no meio da poeira e da escuridão, enquanto a superfície da madeira apodrecia aos poucos, fazendo aparecer profundos sulcos. Na fisionomia do santo estampava-se um sorriso levemente satírico. Zerchi salvara a estátua do esquecimento por causa daquele sorriso.

— Você viu aquele mendigo velho no refeitório ontem à noite? — perguntou de repente, sempre olhando curiosamente para o sorriso do santo.

— Não reparei, senhor.

— Não tem importância, com certeza é imaginação minha. — Passou os dedos no monte de lenha aos pés do mártir de madeira. *É nisso que nós todos estamos pisando agora,* pensou. No fogo de pecados passados. E alguns deles são meus. Meus, de Adão, de Herodes, de Judas, de Hannegan, meus. De todos. Tudo sempre culmina no colosso do

Estado se envolvendo no manto da divindade e sendo castigado pela ira celeste. Por quê? Nós o gritamos bem alto — Deus tem de ser obedecido pelas nações e pelos homens. César tem de policiar as coisas de Deus, mas não é o seu sucessor plenipotenciário, nem seu herdeiro. A todas as épocas e a todos os povos: "Quem exaltar uma raça ou um Estado e uma sua determinada forma, ou os depositários do poder. . . quero elevar essas noções acima da escala de valores terrenos e divinizá-las com culto idólatra, inverte e falsifica a ordem do mundo, criada e imposta por Deus..." De quem eram essas palavras? De Pio XI, pensou, sem muita certeza — há dezoito séculos. Mas quando César obteve os meios de destruir o mundo, já não estaria divinizado? Somente pelo consentimento do povo — a mesma populaça que gritou *"Non habemus regem nisi Caesarem"*, quando confrontada com Ele, Deus Encarnado, escarnecido e injuriado. A mesma populaça que martirizou Leibowitz. A divindade de César está aparecendo outra vez.

— Senhor!

— Deixe passar. Os irmãos já estão no pátio?

— Mais ou menos a metade deles já estava quando passei. O senhor quer que eu vá ver?

— Vá. Depois volte aqui. Quero falar com você antes de irmos ter com eles.

Antes que Joshua voltasse, o abade retirou do cofre os papéis relativos ao *Quo peregrinatur.*

— Leia o resumo — disse ao monge. — Olhe o quadro da organização e leia as linhas gerais do funcionamento. Você precisará estudar o resto em detalhe, mas não agora.

A campainha do comunicador tocou estridente enquanto Joshua lia.

— Reverendo Padre Jethrah Zerchi, *Abbas,* por favor — falou a voz de um robô telefonista.

— Pois não.

— Telegrama com prioridade urgente de Dom Eric, Cardeal Hoffstraff, Nova Roma. Não há serviço de entrega a esta hora. Quer que leia?

— Sim, leia o texto do telegrama. Mandarei alguém mais tarde buscar uma cópia.

— O texto é o seguinte: *"Grex peregrinus erit. Quam primum est factum suscipiendum vobis, jussu Sanctae Sedis. Suscipite ergo operis partem ordini vestro propriam. . ."*

— É possível ler outra vez em língua do sudoeste? — perguntou o abade.

O telefonista leu a tradução, mas em nenhuma das línguas a mensagem parecia conter algo de novo. Era uma confirmação do plano e uma recomendação no sentido de que fosse apressado.

— Recebimento acusado — disse o abade por fim.

— Vai haver resposta?

— A resposta é a seguinte: *"Eminentíssimo Domino Eric Cardinali Hoffstraff obsequitur Jethra Zerchius, AOL, Abbas. Ad has res disputandas iam coegi discessuros fratres ut hodie parati dimitti Roman prima aerisnave possint".* Fim do texto.

— Vou repetir: *"Eminentíssimo. . ."*

— Está bem, é só isso. Desligue.

Joshua terminara a leitura do resumo. Fechou a pasta e levantou os olhos, devagar.

— Você está pronto a embarcar nisso? — perguntou Zerchi.

— Não. . . não estou muito certo de ter compreendido. — O monge estava pálido.

— Ontem fiz três perguntas a você. Preciso das respostas agora.

— Estou disposto a ir.

— Falta responder a duas.

— Não tenho certeza quanto ao sacerdócio, senhor.

— Mas você tem de decidir. Sua experiência com naves estelares é menor que a dos outros. Nenhum deles é ordenado. Alguém tem de ficar parcialmente livre dos afazeres de ordem técnica para poder se ocupar de tarefas pastorais e administrativas. Já disse a você que isso não significa abandonar a ordem. Apenas o grupo será como uma filial independente, regida por uma regra modificada. O superior será eleito por escrutínio secreto dos professos, naturalmente, e você é o candidato mais indicado, se tiver vocação sacerdotal. Você tem ou não tem? É preciso responder já, pois o tempo é curto.

— Mas, reverendo padre, não terminei ainda os estudos . . .

— Não faz mal. Além da tripulação de vinte e sete homens, todos nossos, vão também outras pessoas: seis irmãs e vinte crianças da Escola São José, dois cientistas e três bispos, dos quais dois recentemente sagrados. Podem ordenar e, como um deles é delegado do Santo Padre, poderão até sagrar bispos. Você será ordenado quando estiver preparado. Sua permanência no espaço se prolongará por anos, mas

queremos saber se você tem vocação e queremos saber agora.

O Irmão Joshua gaguejou por um momento e depois sacudiu a cabeça. — Não sei.

— Você quer meia hora para pensar? Quer um copo d'água? Você está pálido. Ouça, filho, para chefiar o rebanho é preciso poder decidir as coisas com rapidez. É preciso fazê-lo *já.* Bem, você pode falar?

— Senhor, não estou. . . certo. . .

— Em todo caso, pode *gritar,* hein? Você vai se submeter ao jugo, filho? Ou ainda não está suficientemente domado? Você terá de ser o burro que O conduzirá a Jerusalém, mas é um fardo pesado que quebrará o seu dorso, porque Ele carrega os pecados do mundo.

— Não me considero capaz.

— Grite e chore. E você também pode uivar, o que fica bem para o chefe da matilha. Ouça, nenhum de nós jamais foi capaz. Mas experimentamos e fomos experimentados. É uma experiência que nos leva à destruição, mas para isso estamos aqui. Esta ordem tem tido abades de ouro, de aço frio e duro, de chumbo corroído, e nenhum deles foi capaz, embora alguns o tenham sido mais do que outros e tenha havido até santos. O ouro ficou gasto, o aço enfraqueceu e quebrou, o chumbo corroído foi transformado em cinzas pelo Todo-Poderoso. Eu tive a sorte de ser como o mercúrio: despedaço-me e, de algum modo, junto-me outra vez. Mas sinto que outra crise se aproxima, irmão, e penso que dessa vez será definitiva. Do que é que você é feito, filho? Que é que deve ser experimentado?

— Acho que sou feito de geléia. Sou de carne e estou com medo, reverendo padre.

— O aço grita quando é forjado e chia quando é temperado. Estala quando suporta um peso. Penso que até o aço tem medo, filho. Tome meia hora para pensar. Tome um pouco d'água, um pouco de ar. Ande por alguns momentos. Se sentir náuseas, vomite prudentemente. Se sentir terror, grite. Sinta o que sentir, *reze.* Mas venha à igreja antes da missa e mostre-nos do que é feito um monge. A ordem está se dividindo e a parte que vai para o espaço, vai para sempre. Você é ou não é chamado a ser o seu pastor? Vá e decida.

— Penso que não há mais saída.

— *Claro* que há. É só dizer, "não sou chamado a isso". Então outro será eleito, e é só. Mas vá, acalme-se e depois

venha ter conosco na igreja, com sua decisão. Vou para lá agora. — O abade deu por terminada a entrevista.

A escuridão no pátio era quase total. Apenas uma estreita réstia de luz escoava-se por baixo das portas da igreja. No ar, a poeira obscurecia a leve luminosidade das estrelas. Nenhum vestígio do amanhecer aparecia ainda a leste. O Irmão Joshua caminhava em silêncio. Afinal, sentou-se à beira de um canteiro de rosas e apoiou o queixo entre as mãos, enquanto, com a ponta do pé, punha-se a rolar uma pedrinha. Os edifícios da abadia eram sombras escuras e adormecidas. No horizonte, ao sul, a Lua, através da névoa, parecia uma fatia de melão.

Da igreja, vinha o murmúrio do cantochão. *"Excita, Domine, potentiam tuam, et veni, ut salvos...* Excitai, Senhor, o vosso poder e vinde salvar-nos." Aquele sopro de oração continuaria sempre, enquanto houvesse homens sobre a Terra. Mesmo que os irmãos o julgassem inútil. . .

Mas não poderiam saber se era inútil. Ou poderiam? Se Roma ainda tivesse esperança, por que mandaria a nave estelar? Por que se acreditava que as orações pela paz na Terra seriam atendidas? A nave não seria um ato de desespero? . . . *Retrahe a me, Satana, et discede!,* pensou. A nave é um ato de esperança. Esperança para o Homem noutro lugar, paz em algum lugar, se não aqui e agora: num planeta de Alfa de Centauro, talvez em Beta de Hidra, ou numa das colônias que lutam para se estabelecer naquele outro planeta, de cujo nome não me lembro, em Escorpião. Quem está mandando a nave é a esperança e não a leviandade, ó Sedutor infame. Talvez seja somente uma leve e tênue esperança a dizer: sacudam a poeira das sandálias e vão pregar de Sodoma a Gomorra. Mas se não houvesse esperança, jamais diria "Vão". Não há esperança na Terra, mas na alma e na substância do Homem em algum lugar. Com Lúcifer sobre nós, *não* mandar a nave seria um ato de presunção, como quando tu, criatura imunda, tentaste Nosso Senhor: "Se és filho de Deus, joga-te do pináculo do templo, pois os anjos te tomarão nas mãos". Foi a esperança demasiada na Terra que levou os homens a procurar fazer dela o Paraíso, e disso terão de desesperar até o momento da consumação dos séculos. . .

Alguém abrira as portas da abadia. Os monges encaminhavam-se em silêncio para suas celas. Apenas uma leve

claridade saía da porta para o pátio. A luz dentro da igreja era fraca. Joshua podia distinguir algumas velas, a chama vermelha da lâmpada do santuário e os vinte e seis irmãos ajoelhados, esperando. Alguém fechou outra vez as portas, mas não completamente, pois, por uma fresta, a lâmpada do santuário ainda era visível. Fogo aceso para o culto, ardendo em louvor e em adoração, no seu receptáculo vermelho. Fogo, o mais belo dos quatro elementos do mundo e, todavia, um elemento do Inferno. Ao mesmo tempo que ardia em adoração no centro do Templo, exterminara a vida de uma cidade, naquela mesma noite, e lançara o seu veneno sobre a Terra. Como é estranho que Deus tenha falado de dentro de uma sarça ardente, e que o Homem tenha feito, de um símbolo do céu, um símbolo do Inferno!

Olhou outra vez as estrelas nevoentas da madrugada. Bem, não haveria Paraíso lá em cima, diziam. Entretanto, para lá tinham ido homens que olhavam para estranhos sóis em ainda mais estranhos céus, respiravam um ar estranho e cultivavam uma estranha terra, em mundos de geladas tundras equatoriais e de escaldantes florestas árticas, suficientemente parecidas com a Terra, para que, de algum modo, o Homem pudesse viver, com o mesmo suor do seu rosto. Eram apenas um punhado, esses colonizadores celestes do *Homo loquax nonnunquam sapiens.* Umas poucas e atormentadas colônias da humanidade que, até então, pouco auxílio tinham tido da Terra; e agora mais nenhum esperariam em seus novos não-Paraísos, ainda menos Paraísos do que jamais fora a Terra. Felizmente para eles, talvez. Os homens, quanto mais se aproximam de um paraíso por eles mesmos construído, mais impacientes parecem ficar com a sua obra e consigo próprios. Fizeram um jardim de prazeres e, progressivamente, tornaram-se infelizes à medida que crescia em riqueza, poder e beleza; talvez porque então foi-lhes mais fácil ver que algo faltava nele, alguma árvore ou arbusto que não crescia. Quando o mundo jazia na escuridão e na tristeza, era fácil crer na perfeição e desejá-la ansiosamente. Mas quando tornou-se brilhante com a inteligência e as riquezas, começou a pressentir a estreiteza do fundo da agulha e a exasperar-se, pois nada mais havia a esperar. E agora iam destruí-lo outra vez — este jardim do Paraíso, civilizado e sábio —, iam outra vez dilacerá-lo, para que o Homem pudesse voltar a esperar no meio da escuridão angustiosa.

E a *Memorabilia* deveria ir com a nave! Seria ela amaldiçoada? . . . *"Discede, Seductor informis!"* Ela só seria mal-

dição se fosse pervertida pelo Homem, como o fora o fogo, naquela mesma noite. . .

Por que tenho de partir, Senhor?, pensou ele. Preciso ir? E que estou eu procurando decidir: ir, ou recusar-me a ir? Mas isso já foi decidido; havia muito houvera um chamado nesse sentido — havia muito. *Egrediamur tellure,* então, pois assim foi ordenado por um voto que fiz. Por isso, vou. Mas impor-me as mãos e fazer de mim um sacerdote, até mesmo um *abade,* e estabelecer-me como guarda das almas dos meus irmãos? Por que insiste nisso o reverendo padre? Mas não é nisso que ele insiste; é só em saber se Deus insiste nisso, e com tamanha pressa! Terá realmente tanta confiança em mim? Para me entregar uma tal função, é preciso que confie em mim mais do que eu próprio.

Se ao menos o destino falasse! O destino parece estar muitas décadas distante, mas de repente já não é assim; é *agora* mesmo. Mas talvez o destino seja sempre agora, neste lugar, neste mesmo instante.

Não será suficiente que *ele* tenha confiança em mim? Mas não, longe disso. Eu mesmo é que devo ter confiança. .. Dentro de meia hora. Menos do que isso, agora. *Audi me, Domine* — por favor, Senhor. É apenas uma das vossas víboras da presente geração que pede algo, pede para saber, pede um sinal, um prodígio, um presságio. Não tenho tempo bastante para decidir.

Estremeceu, nervoso. Alguma coisa. . . *rastejando?*

Parecia um leve sussurro nas folhas secas que atapetavam o canteiro de rosas. Cessou um instante, murmurou e rastejou outra vez. Um sinal do Céu rastejaria? Um presságio ou um prodígio, talvez. O *"negotium perambulans in tenebris'"*, do salmista, talvez. Uma serpente, talvez.

Um grilo, quem sabe. Era apenas um ligeiro murmúrio. O Irmão Hegan, uma vez, matara uma serpente no pátio, mas. . . Agora rastejava outra vez!. . . Um arrastar vagaroso no meio das folhas. Seria um verdadeiro sinal se viesse para fora e o picasse nas costas?

O som da oração tornou a vir da igreja: *"Reminiscentur et convertentur ad Dominum universi fines terrae. Et adorabunt in conspectu universae familiae gentium. Quoniam Domini est regnum; et ipse dominabitur..."* Estranhas palavras para essa noite: 'Todos os confins da Terra lembrar-se-ao e voltar-se-ão para o Senhor. . ."

O rastejar parou de repente. Que era aquilo bem atrás

dele? Realmente, Senhor, um sinal não é absolutamente indispensável. Realmente, eu. . .

Alguma coisa tocou-lhe o pulso. Levantou-se com um urro e correu para longe do canteiro de rosas. Apanhou uma pedra e atirou-a no meio das roseiras. O ruído foi maior do que esperara. Esfregou a barba e sentiu-se amedrontado. Esperou. Nada emergiu do canteiro. Nada rastejou. Jogou uma pedrinha. Ela também rolou barulhenta no meio da escuridão. Esperou ainda mais, mas nada se mexeu. Pedir um presságio e apedrejá-lo quando é enviado. . . *de essentia hominum.*

A claridade rósea do amanhecer começava a apagar as estrelas. Dentro em pouco teria de dizer ao abade. Dizer-lhe o quê?

O Irmão Joshua alisou a barba e pôs-se a andar em direção à igreja, pois alguém chegara à porta e olhava para fora — procurando por ele?

"Unus panis, et unum corpus multi sumus", veio o murmúrio das orações, *"omnes qui de uno.* . . Um só pão, um só corpo, somos nós, apesar de muitos, e de um só pão e cálice compartilhamos. . ."

Parou à entrada, voltou-se e olhou para o canteiro de rosas. Foi uma armadilha, não foi?, pensou. Vós o permitistes, sabendo que eu jogaria pedras, não foi?

Um momento depois, entrou e ajoelhou-se com os demais. A sua voz juntou-se à dos outros na súplica; por algum tempo cessou de pensar, na companhia dos viajantes do espaço ali reunidos. *"Annuntiabitur Domino generatio ventura.* . . E será anunciada ao Senhor uma geração futura; e os céus mostrarão a sua justiça. A um povo que vai nascer, e que o Senhor fez. . ."

Quando deu por si outra vez, viu que o abade o chamava. Levantou-se e foi ajoelhar-se perto dele.

— *Hoc officium, fili . . . tibine imponemus oneri?* — murmurou ele.

— Se me quiserem — respondeu brandamente o monge —, *honorem accipiam.*

O abade sorriu. — Você me entendeu mal. Eu disse "fardo", não "honra". *Crucis autem onus si audisti ut honorem, nihilo errasti auribus.*

— *Accipiam* — repetiu o monge.

— Você tem certeza?

— Se me escolherem, terei certeza.

— Está bem assim.

E assim foi decidido. Enquanto o sol se erguia, um pastor era eleito para conduzir o rebanho.

Seguiu-se a missa pelos peregrinos e viajantes.

Não foi fácil reservar um avião para a viagem a Nova Roma. Ainda mais difícil fora obter permissão de vôo depois de conseguir o avião. Toda a aviação civil ficara sob jurisdição militar até que terminasse a emergência, e era necessária uma autorização especial. A guarnição local recusara-se a dá-la. Se o Abade Zerchi não soubesse que um certo marechal-do-ar e um certo cardeal eram amigos, a peregrinação ostensiva para Nova Roma de vinte e sete coletores de livros com seus alforjes teria tido de seguir em lombo de burros, por falta de permissão para usar transporte a jato. No meio da tarde, porém, conseguiu-se a autorização. O Abade Zerchi subiu a bordo do avião para uma rápida despedida.

— Vocês são a continuidade da ordem — disse aos viajantes. — Levam consigo a *Memorabilia.* Levam também a sucessão apostólica e, talvez. . . a Cátedra de Pedro.

— Não, não — ajuntou em resposta ao murmúrio de surpresa dos monges. — Não Sua Santidade. Ainda não disse a vocês, mas se o pior suceder à Terra, o Sacro Colégio, ou o que restar dele, se reunirá. A Colónia de Centauro poderá ser declarada um patriarcado separado, e o cardeal que acompanha vocês terá plena jurisdição patriarcal. Se o flagelo nos atingir, o Património de Pedro irá para ele. Pois, apesar de a vida poder ser destruída na Terra, que Deus não o permita, onde quer que viva o Homem, o ofício de Pedro não poderá ser destruído. Há muitos que pensam que, se a maldição cair na Terra, o papado passará a ele pelo princípio da *Epikeia,* se não houver sobreviventes aqui. Mas não é assunto que diga respeito diretamente a vocês, irmãos, filhos, apesar de ficarem todos sujeitos ao seu patriarca sob votos especiais, como os que ligam os jesuítas ao papa. Vocês ficarão no espaço por muitos anos. A nave será como o mosteiro. Depois de estabelecida a sé patriarcal na Colónia de Centauro, fundarão a casa mãe dos Frades Visitadores da Ordem de São Leibowitz de Tycho. Mas a nave ficará nas mãos de vocês, como também a *Memorabilia.* Se a civilização, ou algum vestígio dela, puder manter-se em Centauro, mandarão missões a colónias de outros mundos e talvez, eventualmente, a colónias dessas colónias. Aonde quer que vá o Homem, irão vocês e seus sucessores. E com vocês os registros e

lembranças de mais de quatro mil anos. Alguns de vocês e dos que vierem depois serão mendigos e peregrinos, e ensinarão as crônicas da Terra e os cânticos do Crucificado aos povos e às culturas que crescerem dos grupos coloniais. Pois alguns poderão esquecer. Alguns poderão, por algum tempo, desgarrar-se da Fé. Ensinem a esses e recebam na ordem os que tiverem vocação. Passem a eles a continuidade. Sejam para os Homens a memória da Terra e da Origem. Lembrem-se deste mundo. Não o esqueçam, mas *nunca mais voltem.* — A voz de Zerchi tornou-se rouca. — Se jamais vierem, poderão ver o Arcanjo no oriente da Terra, guardando-a com uma espada de fogo. Sinto que o espaço será o seu lugar, daqui por diante. É um deserto mais solitário do que o nosso. Deus abençoe a todos e rezem por nós.

Passou vagarosamente por entre os assentos, parando para abençoar e abraçar cada um, antes de sair. O aparelho deslizou pela pista e alçou-se no ar. O abade seguiu-o com os olhos até desaparecer no céu da tarde. Depois voltou para junto do resto do seu rebanho, na abadia. No avião, falara como se o destino do grupo do Irmão Joshua fosse tão bem previsto quanto as orações do ofício, no dia seguinte; mas tanto ele quanto os viajantes sabiam que só descrevera uma esperança e não uma certeza, pois o grupo principiara, apenas, uma longa e duvidosa jornada, um novo Êxodo sob os auspícios de Deus, que devia estar, certamente, fatigado da raça do Homem.

Os que ficavam tinham a parte mais fácil. A eles só cabia esperar o fim e rezar para que não viesse.

27

"A área afetada pela radiação continua inalterada", disse o anunciante, "e já não há quase perigo de maior propagação pelo vento. . ."

— Bem, pelo menos as coisas não pioraram — observou o visitante ao abade. — Até agora, não fomos atingidos aqui. Parece que estaremos em segurança, a menos que a conferência não tenha êxito.

— Sim — resmungou Zerchi. — Mas escute um pouco.

"A última estimativa de mortes", continuou o anun-

ciante, "neste nono dia depois da destruição da capital, chega a dois milhões e oitocentos mil. Mais da metade, na zona urbana. O restante é um cálculo baseado na porcentagem da população dos subúrbios e das regiões que receberam doses perigosas de radiação. Os peritos dizem que a estimativa subirá à medida que novos casos forem conhecidos. Esta estação, em virtude da lei, deve irradiar o seguinte aviso duas vezes por dia, enquanto durar a emergência: 'O disposto na Lei n.° 10-WR-3E *de nenhum modo* confere poderes a indivíduos para praticar a eutanásia em vítimas de envenenamento pela radiação. Aqueles que foram ou julgam ter sido expostos à radiação superior à dose suportável devem se dirigir ao Posto de Socorro da Estrela Verde mais próximo, onde há um magistrado com poderes para emitir um certificado de *Mori Vult* a qualquer pessoa devidamente declarada sem cura, se essa pessoa desejar a eutanásia. Toda vítima de radiação que puser fim à sua vida de outro modo que não o estabelecido por lei será considerada suicida e comprometerá o direito de seus herdeiros e dependentes a pleitear seguro ou outros benefícios previstos em lei para tais casos. Também todo cidadão que cooperar com suicidas poderá ser processado por assassinato. A Lei dos Desastres da Radiação autoriza a eutanásia *somente* depois de observados certos dispositivos legais. Os casos graves de doença decorrente da radiação devem ser enviados a um Posto de Socorro da Estrela Verde. . . ' "

De repente, e com tamanha violência que arrancou a manivela de controle do som, Zerchi desligou o receptor. Levantou-se da cadeira e foi à janela olhar o pátio, onde uma multidão de refugiados sentava-se em volta de várias mesas de madeira improvisadas. A abadia, tanto em sua parte antiga quanto na nova, estava repleta de gente de todas as idades e condições, cujos lares eram situados nas regiões infestadas. O abade tinha reajustado, temporariamente, a clausura a fim de dar acesso a todos os lugares, exceto às celas dos monges. O aviso que havia no velho portão fora retirado, pois era grande a quantidade de mulheres e crianças a alimentar, vestir e abrigar.

Observou dois noviços trazendo da cozinha de emergência um caldeirão de sopa fumegante que puseram em cima de uma mesa e começaram a servir.

O visitante pigarreou e mexeu-se agitado na cadeira. O abade voltou-se.

— Dispositivos legais — resmungou. — Dispositivos

para suicídio em massa com apoio do Estado. E com as bênçãos de toda a sociedade.

— Bem — disse o outro —, é certamente melhor do que deixá-los ter morte lenta e horrível.

— Melhor? Melhor para quem? Para a limpeza pública? É melhor que os corpos semivivos vão para os postos enquanto ainda podem andar? O espetáculo público será menor? Menor o horror? Menor a desordem? Alguns poucos milhões de cadáveres pelas ruas poderiam suscitar uma rebelião contra os responsáveis. É isso o que você e o governo entendem por melhor, não é?

— Quanto ao governo, não sei — disse o visitante, com um pouco de frieza na voz. — Por "melhor" quero dizer "mais humano". Não tenho a intenção de discutir teologia moral. Se o senhor pensa que tem uma alma que Deus mandará para o Inferno se preferir morrer sem dor em vez de sofrer horrivelmente, então continuo a pensar assim. Mas o senhor faz parte de uma minoria e sabe bem disso. De minha parte, discordo, mas não quero discutir.

— Desculpe — disse o Abade Zerchi. — Não estava me preparando para discutir teologia moral com você. Apenas falava desse espetáculo de eutanásia em massa em termos de motivação humana. A própria *existência* da Lei dos Desastres da Radiação, e outras semelhantes nos demais países, é a prova mais evidente de que os governos estavam *inteiramente* conscientes dos desastres de uma outra guerra, mas em lugar de procurar tornar o crime impossível, trataram de se precaver de antemão para atender às conseqüências dele. As implicações desse fato não têm sentido para você, doutor?

— Claro que têm, padre. Pessoalmente, sou um pacifista. Mas temos de aceitar o mundo como ele é. E se não conseguirem arranjar um jeito de tornar impossível um ato de guerra, então é melhor ter *alguns* dispositivos legais que minorem suas consequências do que *nada* ter.

— Sim e não. Sim, se for em antecipação ao crime de um outro. Não, se o for de um crime próprio. E especialmente *não,* se os dispositivos para atenuar as conseqüências forem também criminosos.

O visitante deu de ombros. — Como a eutanásia? Sinto muito, padre, mas para mim são as leis da sociedade que fazem as coisas criminosas ou não. Bem sei que o senhor não concorda. E é verdade que pode haver leis mal concebidas, ruins. Mas, neste caso, penso que temos uma boa lei.

Se acreditasse possuir uma alma e haver um Deus irado no céu, poderia então concordar com o senhor.

O Abade Zerchi sorriu levemente. — Você não *possui* uma alma, doutor. Você *é* uma alma e *possui* temporariamente um corpo.

O visitante sorriu com polidez. — É uma confusão semântica.

— É exato. Mas qual de nós está confuso? Você sabe, com certeza?

— Não vamos brigar, padre. Não pertenço ao pessoal que aplica a eutanásia. Trabalho com o corpo de pesquisa das vítimas da radiação. Não matamos ninguém.

O Abade Zerchi observou o visitante em silêncio por um momento. Era um homem de pequena estatura, musculoso, com um rosto redondo e agradável e a cabeça meio calva, queimada de sol e sardenta. Usava um uniforme de sarja verde e tinha, sobre os joelhos, um boné com a insígnia da Estrela Verde.

Por que brigar, na verdade? O homem era um médico e não um carrasco. A Estrela Verde prestava alguns serviços de socorro admiráveis. Às vezes era até heróica. O fato de, em certos casos, agir erradamente segundo suas crenças, não era razão para considerar viciadas suas *boas* obras. O grosso da sociedade favorecia esses erros e os que os cometiam eram de boa fé. O doutor procurava ser afável. O que pedira fora bastante simples. Não se mostrara exigente nem importuno. Mesmo assim, hesitava em concordar.

— O trabalho que você quer fazer aqui... vai demorar muito?

O doutor abanou a cabeça. — Dois dias no máximo. Temos duas unidades móveis. Podemos pô-las no seu pátio, engatar uma na outra e começar logo a trabalhar. Vamos nos ocupar dos casos óbvios de radiação e cuidar dos feridos em primeiro lugar. Só trataremos dos casos que exigirem atenção imediati. Nosso trabalho é realizar testes clínicos. Os doentes serão tratados num campo de emergência.

— E os que estiverem pior receberão alguma coisa mais num "campo de misericórdia"?

O visitante franziu o sobrolho. — Somente se o desejarem. Ninguém os forçará.

— Mas você fornece o documento que lhes dá entrada no campo.

— Já tenho dado, realmente, alguns bilhetes vermelhos. Talvez tenha de dá-los desta vez. Aqui está um. . . —

Procurou no bolso do casaco e tirou um cartão vermelho parecido com um rótulo de bagagem, preso a uma alça de arame para segurá-lo à lapela ou ao cinto. Jogou-o sobre a escrivaninha. — É um formulário em branco. Aí está. Leia. O portador fica sabendo que está doente, muito doente. E aqui. . . aqui está também um bilhete verde. O portador, ao recebê-lo, logo sabe que está bem e que não há motivo para preocupações. Olhe bem o vermelho! "Exposição provável a unidades radioativas." "Contagem de glóbulos." "Análise de urina." De um lado, é igual ao verde. Do outro lado, porém, o verde nada tem, mas olhe o reverso do vermelho. O que está impresso em letra miúda é uma citação da Lei n.° 10-WR-3E. Tem de figurar aí. É de lei. Tem de ser lido ao portador. Este precisa que lhe dêem a conhecer os seus direitos. O que vai fazer depois, é assunto dele. Agora, se o senhor preferir que estacionemos as unidades móveis na estrada, nós podemos. . .

— Vocês apenas lêem para ele o que está escrito, não é? Só isso?

O doutor fez uma pausa. — Se não entende, é preciso que se lhe explique. — Fez outra pausa, irritado. — Meu Deus, padre, quando se vai informar a um homem que o seu caso é sem esperança, o que é que se pode fazer? Ler para ele alguns parágrafos da lei, mostrar-lhe a porta e dizer: "Dê lugar ao seguinte, por favor. Você vai morrer, portanto, bom dia"? *Claro* que é impossível ler o que está na lei e não dizer nada, por menos sentimento humano que se tenha!

— Compreendo. Mas o que desejo saber é outra coisa. Como médico, você aconselha os doentes desenganados a que se apresentem aos "campos de misericórdia"?

— Eu. . . — O médico interrompeu-se e fechou os olhos. — Naturalmente que sim — disse afinal. — Se o senhor visse o que eu tenho visto, também o faria.

— Aqui você não fará isso.

— Então, nesse caso... — O doutor conteve um acesso de raiva. Levantou-se, pegou o boné e depois parou. Jogou o boné em cima da cadeira e foi até a janela. Olhou sombriamente para o pátio, em seguida para a estrada e apontou para longe. — Lá fica o local de estacionamento da estrada, onde poderemos nos instalar. Mas são três quilômetros daqui até lá. A maioria deles terá de andar. — Olhou para o Abade Zerchi e, outra vez, para o pátio, com ar pensativo. — Repare como estão: doentes, feridos, fraturados, aterrorizados. As crianças também: cansadas, trô-

pegas, miseráveis. O senhor as deixaria ser empurradas pela estrada afora, no meio da poeira e do sol. . .

— Não quero isso — disse o abade. — Mas veja: você estava dizendo que, em virtude de uma lei humana, era obrigado a ler e explicar *isto* a quem tivesse recebido a radiação em dose excessiva. Não me opus à coisa em si mesma. Dê a César *nessa* medida, desde que a lei assim o impõe. Mas por que é que você não entende que *eu* estou sujeito a outra lei que me proíbe permitir que você ou seja quem for, nesta casa, sob a minha direção, aconselhe alguém a fazer o que a Igreja considera um mal?

— Entendo muito bem.

— Pois então só peço que me prometa uma coisa para que possa utilizar o pátio.

— O que é?

— Simplesmente que não aconselhará ninguém a ir para um "campo de misericórdia". Limite-se ao diagnóstico. Se encontrar casos de radiação incuráveis, diga o que a lei força a dizer, console tanto quanto quiser, mas não diga a ninguém que se suicide.

O doutor hesitou. — Penso que seria justo fazer essa promessa com relação a pacientes da mesma religião que o senhor.

O Abade Zerchi abaixou os olhos. — Sinto muito — disse por fim —, mas não basta.

— *Por quê?* Os outros não são ligados pelos seus princípios. Se um homem não tem a mesma religião que o senhor, por que recusar. . . — interrompeu-se, zangado.

— Você *quer* uma explicação?

— Sim.

— Porque se um homem age na ignorância de que comete um erro, não incorre em culpa, desde que a razão natural não tenha sido suficiente para mostrar-lhe o erro. Mas se a ignorância pode exculpar o homem, não exculpa o *ato*, que é errado em si mesmo. Se eu permitisse tal *ato*, simplesmente porque o *homem* ignora que é errado, então eu incorreria em culpa, porque *sei* que está errado. É assim, dolorosamente simples.

— Ouça, padre. Eles ficam olhando para a gente. Alguns gritam. Alguns choram. Outros apenas olham. Todos dizem: "Doutor, o que é que eu faço?" E que é que eu vou responder? Nada? Ou digo "Agora é só mesmo morrer"? Que diria o senhor?

— Que rezem.

— Diria isso, não é? Ouça, a dor é o único mal que eu conheço. É o único contra o qual eu posso lutar.

— Então que Deus ajude a você.

— Os antibióticos me ajudam mais.

O Abade Zerchi pensou numa resposta áspera, mas engoliu-a depressa. Tomou uma folha de papel e uma pena e passou-as ao médico, por cima da mesa. — Escreva só isso: "Não recomendarei a eutanásia a nenhum paciente enquanto estiver nesta abadia", e assine. Feito isso, você pode trabalhar no pátio.

— E se eu recusar?

— Então suponho que eles terão de se arrastar três quilômetros pela estrada.

— Isso é uma desumanidade!

— Ao contrário. Ofereci a você uma oportunidade de fazer o seu trabalho de acordo com a sua lei, sem pisar sobre a minha. Se eles terão ou não de ir pela estrada, é com você.

O doutor olhou fixamente para a folha de papel. — Por que essa aflição toda para pôr isso no papel?

— Prefiro assim.

Curvou-se sobre a escrivaninha e escreveu. Olhou para o que tinha escrito, assinou e endireitou-se. — Está bem, aqui tem a sua promessa. O senhor acha que ela vale mais do que a minha palavra?

— Não, de maneira nenhuma. — O abade dobrou a nota e enfiou-a no bolso. — Mas fica comigo, você sabe que a tenho e posso olhar para ela de vez em quando. É só isso. A propósito, Dr. Cors, o senhor *cumpre* promessas?

O médico olhou um momento para o outro. — Cumprirei esta. — Resmungou, virou as costas e saiu.

— Irmão Pat! — chamou o Abade Zerchi, com voz fraca. — Irmão Pat, você está aí?

O secretário chegou à porta. — Sim, reverendo padre?

— Você ouviu?

— Ouvi alguma coisa. A porta está aberta e não pude impedi-lo. O senhor não tinha ligado o silenciador.

— Você ouviu-o dizer que a dor é o único mal que conhece? Você ouviu isso?

O monge solenemente indicou que sim, com a cabeça.

— E que é a sociedade que determina se um ato é errado ou não? Isso também?

— Sim.

— Deus do céu, como é possível que essas duas here-

sias tenham voltado ao mundo depois de tanto tempo? A imaginação infernal é limitada. "A serpente me enganou e eu comi." Irmão Pat, é melhor você sair daqui, antes que eu comece a delirar.

— Senhor, eu...

— Por que é que você não vai? O que é isso, uma carta? Está bem, deixe ficar.

O monge entregou-a e saiu. Sem abrir o envelope, Zerchi olhou outra vez para o compromisso escrito do doutor. Talvez nada valesse. Mas o homem, assim mesmo, era sincero. E dedicado. Tinha de ser dedicado ao trabalho, com o salário de fome que a Estrela Verde lhe pagava. Parecia maldormido e exausto. Provavelmente sustentava-se com benzedrina e roscas desde que o disparo matara a cidade. Vendo o sofrimento em toda parte, detestando-o e desejando sinceramente atenuá-lo. Sincero... era esse o ponto difícil. Vistos de longe, os nossos adversários parecem demônios, mas de perto, vê-se que a sinceridade deles é tão grande quanto a nossa. Talvez Satanás seja o mais sincero de todos.

Abriu a carta e leu-a. Ficou sabendo que o Irmão Joshua e os outros tinham partido para um ponto não especificado do oeste. Era também avisado de que as autoridades tinham sabido do *Quo peregrinatur* e tinham enviado investigadores ao Vaticano para fazer perguntas sobre os rumores relativos ao lançamento de uma nave estelar... Evidentemente a nave ainda não estava no espaço.

Mais cedo ou mais tarde, saberiam do que se tratava, mas, com a ajuda de Deus, já seria tarde. E então?, perguntava a si mesmo.

A situação legal era complicada. A lei proibia a partida de naves estelares não aprovadas previamente por uma comissão especial. Essa aprovação era difícil de obter e lenta em se concretizar. Zerchi estava certo de que as autoridades acusariam a Igreja de violar a lei. Mas era verdade que, pelos últimos cento e cinquenta anos, vigorava uma concordata entre a Igreja e o Estado que isentava claramente a Igreja de licenças prévias e lhe garantia o direito de enviar missões a " quaisquer instalações espaciais ou postos planetários avançados que não tivessem sido declarados, pela supramencionada comissão, ecologicamente perigosos ou fechados para empresas não-regulamentadas". Todas as instalações no sistema solar eram "ecologicamente perigosas" e "fechadas"

na época da concordata, mas esta, mais adiante, firmava o direito da Igreja de "possuir naves espaciais e de viajar sem restrições para as instalações e postos *abertos"*. Tratava-se de um documento muito antigo. Fora assinado nos dias em que o voo da nave *Berkstrun* nada mais era que um sonho da imaginação fabulosa dos poucos que consideravam as viagens estelares como a abertura irrestrita do universo aos movimentos populacionais.

As coisas, porém, tinham acontecido de outro modo. Os primeiros desenhos de naves estelares mostravam sem sombra de dúvida que nenhuma instituição, a não ser o governo, tinha meios e recursos para construí-las, e que nenhum lucro poderia advir do transporte de colónias para planetas extra-solares com fins de " mercantilismo interestelar". Entretanto, os governantes asiáticos tinham mandado a primeira colónia ao espaço. Então ouviu-se um clamor no Ocidente: "Permitiremos que as raças 'inferiores' herdem as estrelas"? Houve, pois, uma rápida sucessão de lançamentos de colónias de negros, mulatos, brancos e amarelos em direção a Centauro, promovidos por racistas. Mais tarde, os especialistas em genética demonstraram que, uma vez que os diversos grupos raciais eram tão pequenos, a menos que seus descendentes se casassem uns com os outros, cada um deles degeneraria em virtude da consanguinidade. Os racistas tinham então declarado que a mistura das raças era indispensável à sobrevivência na colónia planetária.

O único interesse que a Igreja demonstrara pelo espaço fora o cuidado pelos colonizadores, pois eram filhos seus, separados do rebanho pelas imensas distâncias estelares. Entretanto, não se prevalecera da cláusula da concordata que permitia a ida de missões. Havia certas contradições entre a concordata e as leis do Estado que davam poderes à comissão, pelo menos na medida em que podiam, teoricamente, afetar a saída das missões. A contradição nunca fora levada aos tribunais, porque nunca houvera litígio. Mas agora, se as autoridades interceptassem o grupo do Irmão Joshua no momento de lançar uma nave estelar sem a necessária permissão, haveria causa para que o assunto fosse levado às cortes. Zerchi rezou para que isso não se desse, pois o processo judiciário poderia durar semanas ou meses. E, naturalmente, haveria escândalo. Muitos acusariam a Igreja, não só de violar os regulamentos da comissão, como também as leis da caridade, mandando dignitários eclesiásticos e um grupo de monges ociosos em lugar de coloniza-

dores pobres, que precisavam de terras. Era o conflito de Marta e Maria que voltava sempre.

O Abade Zerchi notou que a corrente de seus pensamentos mudara desde a véspera. Na última semana, todos esperavam que o céu se rasgasse nas alturas. Mas nove dias eram passados desde que Lúcifer dominara o espaço e eliminara uma cidade da face da Terra. Apesar dos mortos, feridos e moribundos, houvera nove dias de silêncio. Se a ira fora detida até agora, talvez o pior pudesse ser evitado. Surpreendeu-se a pensar no que poderia acontecer na semana ou no mês seguinte, como se pudesse haver ainda semanas e meses. E por que não? Examinou a consciência e descobriu que não perdera a esperança.

Naquela tarde, um monge que voltava de um mandado na cidade contou que um campo de refugiados estava sendo levantado no local de estacionamento a três quilómetros de distância, na estrada. — Penso que é patrocinado pela Estrela Verde, senhor — ajuntou ele.

— Ótimo! — disse o abade. — Já estamos transbordando aqui e tive até de recusar três caminhões cheios de gente.

Os refugiados que estavam no pátio eram barulhentos e enervantes. A perpétua calma da velha abadia era perturbada por sons estranhos: o riso estridente de homens contando anedotas, um grito de criança, o ruído de pratos e panelas, soluços histéricos, a voz de um médico da Estrela Verde gritando: "Você aí, Raff, vá buscar um tubo para enemas". Várias vezes o abade conteve um ímpeto de chegar à janela e pedir silêncio.

Depois de suportar a barulheira o mais que pôde, apanhou um binóculo, um livro velho, um rosário e subiu a uma das antigas torres de vigia, cujas grossas paredes atenuavam os sons que vinham do pátio. O livro que levava era uma pequena coleção de versos, na verdade anônimos, mas atribuídos pela lenda a um santo de fábula, cuja "canonização" só existia no folclore das planícies, e nunca em virtude de ato da Santa Sé. Ninguém, realmente, encontrara prova de que o Santo Poeta do Milagroso Olho de Vidro jamais vivera: a lenda possivelmente se originara na história de que um dos primeiros Hannegans fora presenteado com um olho de vidro por um brilhante físico seu protegido —

não se lembrava se o seu nome era Esser Shon ou Pfardentrott — que dissera ao príncipe haver pertencido a um poeta, morto pela Fé. Não especificara por que fé morrera — se pela de Pedro, ou dos cismáticos de Texarkana —, mas evidentemente Hannegan apreciara o presente, pois tinha-o feito engastar na concha de uma pequena mão de ouro que os príncipes da dinastia ainda usavam em certas ocasiões de gala, com o nome de *Orbis Judicans Conscientias* ou *Oculus Poetae Judicis.* Os remanescentes do cisma texarkano ainda o reverenciavam com uma relíquia. Alguém, nos últimos anos, aventara a tola hipótese de que o Santo Poeta e o "versificador zombeteiro", mencionado uma única vez no Diário do Venerável Abade Jerome, fossem uma só pessoa. A única indicação substancial a esse respeito, porém, era que Pfardentrott — ou Esser Shon? — visitara a abadia durante o reinado do Venerável Jerome, mais ou menos na mesma data em que o "versificador zombeteiro" aparecia no diário, e que o presente do olho de vidro de Hannegan tivera lugar logo depois dessa visita. Zerchi suspeitava que o livro de versos fora copiado por um dos cientistas seculares que haviam visitado a abadia a fim de estudar a *Memorabilia* na mesma época e que um deles podia ser identificado como o "versificador zombeteiro" e, possivelmente, com o Santo Poeta do folclore e da fábula. Os versos anônimos eram um pouco ousados para terem sido escritos por um monge da ordem, pensou o abade.

O livro era um diálogo satírico em versos entre dois agnósticos que, apenas pela razão natural, procuravam estabelecer que a existência de Deus não podia ser provada por essa razão, apenas. Conseguiam somente demonstrar que o limite matemático de uma sequência infinita de " dúvidas a respeito da certeza com que algo de que se duvida é conhecido como sendo desconhecido quando é 'algo de que se duvida' é ainda uma declaração precedente de 'desconhecimento' de algo de que se duvida"; e que o limite desse processo pode equivaler a uma declaração de *absoluta* certeza, apesar de enunciada como uma série infinita de negações de certezas. O texto assemelhava-se um pouco ao cálculo teológico de São Leslie, e mesmo sendo um diálogo em verso entre um agnóstico identificado como "Poeta" e outro, como "Mestre", parecia sugerir uma prova da existência de Deus por meio de um método epistemológico; o versificador, porém, era satírico; nem o poeta nem o mestre abonavam as premissas agnósticas depois de chegar à conclusão

de absoluta certeza, mas concluíam, ao invés, que: *"Non cogitamus ergo nihil sumus"*.

O Abade Zerchi logo cansou-se de tentar decidir se o livro era uma comédia altamente intelectual ou uma bufonaria epigramática. Da torre, a vista estendia-se pela estrada e a cidade, até a mesa distante. Focalizou o binóculo para lá e pôs-se a observar a instalação do radar. Nada de extraordinário parecia estar acontecendo. Abaixou ligeiramente as lentes para ver o novo acampamento da Estrela Verde no estacionamento ao lado da estrada. O local fora isolado por meio de cordas e estavam levantando tendas. Várias equipes trabalhavam nas instalações de gasolina e de força. Alguns homens ocupavam-se em içar um cartaz na entrada, mas seguravam-no em posição que não permitia que, da torre, se lesse o que estava escrito. De algum modo aquela atividade febril lembrava ao abade um parque de diversões de nômades entrando na cidade. Havia uma imensa máquina vermelha com uma boca de fogo e qualquer coisa parecida com uma caldeira. À primeira vista era difícil dizer para que serviria. Homens em uniforme da Estrela Verde levantavam uma armação que se assemelhava a um pequeno carrossel. Pelo menos uma dúzia de caminhões estavam estacionados na estrada lateral, alguns carregados de madeira, outros, de tendas e camas de campanha. Um levava pesados tijolos e outro estava cheio de cerâmica e palha.

Cerâmica?

Estudou cuidadosamente o carregamento desse último caminhão. Uma leve ruga desenhou-se na sua testa. Tratava-se de urnas ou vasos, todos iguais, acondicionados juntos e acolchoados com feixes de palha. Já tinha visto aquilo em algum lugar, mas não se lembrava onde.

Outro caminhão carregava apenas uma grande estátua de pedra — ou plástico reforçado? — e uma laje quadrangular sobre a qual, evidentemente, a estátua seria colocada. Esta vinha deitada de costas, num engradado de madeira, protegida por material de embalagem. Só podia ver as pernas e uma das mãos estendida, que saíam para fora do invólucro de palha. Era mais comprida do que o caminhão, e seus pés projetavam-se pela porta de trás. Alguém amarrara uma bandeira vermelha num dos dedões. Zerchi ficou intrigado. Por que desperdiçar um caminhão com uma estátua, quando havia necessidade de outros carregamentos de alimentos?

Observou os homens que estavam içando o cartaz.

Afinal, um deles abaixou a ponta da tábua que segurava e subiu numa escada de mão para ajustar a parte superior. Assim inclinado, a inscrição ficou visível:

"CAMPO DE MISERICÓRDIA 18
ESTRELA VERDE
PROJETO DA ORGANIZAÇÃO PARA O CASO DE DESASTRES".

Rapidamente, olhou outra vez para os caminhões. A cerâmica! Lembrou-se então. Uma vez passara por um forno crematório e vira homens descarregando urnas como aquelas de um caminhão da mesma empresa. Procurou com o binóculo o caminhão de tijolos. Este já se movera, mas localizou-o parado dentro do campo, descarregando os tijolos perto da grande máquina vermelha. Examinou-a outra vez. O que a princípio parecera ser uma caldeira, sugeria agora um forno ou fornalha. *"Evenit diabolus!"*, gemeu o abade e dirigiu-se para as escadas.

Encontrou o Dr. Cors na unidade móvel que funcionava no pátio, prendendo um bilhete amarelo na lapela de um velho e dizendo-lhe que devia ir para um campo de repouso e obedecer às enfermeiras, mas que ficaria bom se se cuidasse bem.

Zerchi parou, com os braços cruzados e mordendo os lábios, enquanto, friamente, observava o médico. Quando o velho se retirou, Cors levantou os olhos, desconfiado.

— Então? — Reparou no binóculo e reexaminou a fisionomia do abade. — *Ah!* — resmungou. — Bem, não tenho nada a ver com isso, absolutamente nada.

O abade olhou-o por alguns segundos, voltou-se e saiu do pátio. Chegando ao seu escritório, mandou o Irmão Patrick chamar o mais alto oficial da Estrela Verde.

— Quero que seja retirado da nossa vizinhança.

— Nego-me terminantemente. . .

— Irmão Pat, ligue para a oficina e chame o Irmão Lufter.

— Ele não está lá, senhor.

— Então diga que me mandem um carpinteiro e um pintor. Não importa quais.

Poucos minutos depois, dois monges se apresentaram.

— Quero que façam imediatamente cinco cartazes leves — disse o abade — presos a longas varas. Devem ser suficientemente grandes para que possam ser lidos a um quarteirão de distância, e suficientemente leves para que um

homem os possa levar por várias horas sem se cansar muito. É possível?

— Certamente, senhor. Que vamos escrever neles?

Zerchi escreveu os dizeres. — Façam letras grandes e vistosas, que chamem a atenção. É só.

Quando saíram, chamou o Irmão Patrick outra vez. — Irmão Pat, vá me procurar cinco noviços jovens e saudáveis, de preferência com complexo de mártir. Diga que poderá acontecer-lhes o mesmo que a Santo Estêvão.

E a mim, ainda pior, pensou ele, quando Nova Roma souber disso.

28

Terminara o canto das completas, mas o abade permanecia sozinho na igreja, ajoelhado no meio da escuridão da noite.

"Domine, mundorum omnium Factor, parsurus esto imprimis eis filiis aviantibus ad sidera coeli quorum victus dificilior. . ."

Rezava pelo grupo do Irmão Joshua — pelos homens que, numa nave estelar, iam subir aos céus, em direção a uma incerteza maior do que todas as que o Homem jamais enfrentara na Terra. Precisavam de muitas orações; ninguém mais que o peregrino é suscetível aos males que afligem o espírito para torturar e solapar a fé, atormentando a alma com dúvidas. Na Terra, a consciência tinha seus vigias e seus superiores, mas fora dela, ficava só, dilacerada entre Deus e o Inimigo. Rezava para que fossem incorruptíveis e fiéis à regra da ordem.

O Dr. Cors foi procurá-lo na igreja à meia-noite e levou-o silenciosamente para fora. Parecia perturbado e inteiramente exausto.

— Acabo de faltar à minha promessa! — declarou.

O abade nada disse por alguns segundos. — Você se orgulha disso? — perguntou por fim.

— Não muito.

Andaram em direção à unidade móvel e pararam na faixa de luz azulada que saía da entrada. O médico usava um avental de laboratório encharcado de suor. Enxugou a

testa com a manga. Zerchi observava-o com a piedade que se sente pelos perdidos.

— Vamos embora imediatamente, é claro. Pensei que devia dizer ao senhor. — Virou-se para entrar na unidade.

— Espere um minuto — disse o padre. — Conte-me o resto.

— Contar o resto? — Lá estava outra vez o tom de desafio. — Para quê? Para que o senhor me ameace com o fogo do Inferno? Ela já está bem mal e a criança também. Não vou contar nada.

— Você já contou. Sei de quem se trata. A criança também, suponho?

Cors hesitou. — Mal de radiação. Queimaduras. A mulher tem a bacia fraturada. O pai morreu. As obturações dos dentes dela são radioativas. A criança quase brilha no escuro. Náusea, anemia, folículos em péssimo estado. Cega de uma vista. Chora sem parar por causa das queimaduras. É difícil entender como sobreviveram. Nada posso fazer por elas, exceto enviá-las à equipe de eutanásia.

— Sei quem são.

— Então o senhor sabe por que faltei à promessa. Tenho de *viver* comigo mesmo depois disso, homem! E não quero viver como verdugo daquela mulher e daquela criança.

— É mais agradável viver como assassino delas?

— É impossível argumentar razoavelmente com o senhor.

— Que foi que você disse a ela?

— "Se quer bem à sua filha, poupe-lhe a agonia. Mergulhem no sono da misericórdia tão depressa quanto puderem." Foi só isso. Vamos embora imediatamente. Já terminamos com os casos de radiação e com os que eram mais graves entre os outros. Não fará mal ao resto deles andar três quilômetros.

Zerchi afastou-se, depois parou e gritou: — Acabe o trabalho, acabe e vá embora. Se eu vir você outra vez. . . não sei o que farei.

Cors cuspiu. — Gosto tanto de estar aqui quanto o senhor gosta da nossa presença. Vamos sair já, obrigado.

O abade encontrou a mulher e a criança num catre, no corredor da superlotada casa de hóspedes. Agarravam-se uma à outra embaixo de um cobertor e ambas choravam. O edi-

fício cheirava a morte e a anti-sépticos. A mulher levantou os olhos e viu a sua vaga silhueta contra a luz.

— Padre? — A voz era de quem estava com medo.

— Sim.

— Estamos perdidas. O senhor está vendo. . . está vendo o que nos deram?

Nada podia ver, mas ouviu os dedos da moribunda apertando um pedaço de papel. O bilhete vermelho. Não achava o que dizer. Aproximou-se mais do catre. Procurou no bolso e tirou um rosário. Ela ouviu o ruído das contas e procurou alcançá-las com a mão.

— Você sabe o que é isso?

— Certamente, padre.

— Então fique com ele. Reze.

— Obrigada.

— Sofra e reze.

— Eu sei o que tenho de fazer.

— Não seja cúmplice. Pelo amor de Deus, filha, não. . .

— O doutor disse. . .

Não pôde continuar. O abade esperou, mas nenhuma palavra veio. — Não seja cúmplice.

Ela continuou calada. Ele abençoou as duas e saiu. A mulher tinha pegado o rosário com dedos que o conheciam bem; nada lhe poderia dizer que já não soubesse.

"Terminou a conferência dos ministros das Relações Exteriores em Guam. Ainda não houve qualquer declaração conjunta; os ministros estão de regresso às suas capitais. A importância dessa conferência e a ansiedade com que o mundo aguarda seus resultados fazem crer que ela ainda não se encerrou, mas apenas suspendeu suas atividades para que os ministros possam conferenciar com seus governos durante alguns dias. A notícia anteriormente divulgada de que a conferência estava se dissolvendo no meio de violentas invectivas foi negada pelos ministérios. O Primeiro-Ministro Rekol fez uma única declaração à imprensa: 'Vou voltar para conferenciar com o Conselho de Regência. Mas o tempo aqui esteve ótimo; talvez volte um dia para pescar'.

"A trégua de dez dias termina hoje, mas tem-se como certo que o acordo de cessar-fogo continuará a ser observado. Senão, a aniquilação mútua será a alternativa. Duas cidades morreram, mas deve-se lembrar que nenhum dos lados respondeu com um ataque de saturação. Os governantes

asiáticos sustentam que pagaram com a mesma moeda. Nosso governo insiste em afirmar que a explosão de Itu Wan não foi consequência de um projétil do Atlântico. Mas, de modo geral, há um estranho e pesado silêncio em ambas as capitais. Poucos têm agitado a bandeira vermelha e pedido uma vingança total. Há uma espécie de fúria muda, porque o assassinato de milhões foi perpetrado, porque reina e prevalece a loucura, mas nenhum dos lados quer a guerra total. A defesa mantém-se alerta. O estado-maior emitiu um comunicado, quase um apelo, no sentido de não chegarmos ao pior, se a Ásia também recuar. Mas o mesmo comunicado diz mais adiante: 'Se fizerem uso da chuva de estrôncio, faremos o mesmo, e com tal intensidade que, por mil anos, nenhuma criatura viverá na Ásia'. Por estranho que pareça, a notícia menos esperançosa não vem de Guam, mas do Vaticano, em Nova Roma. Depois de terminada a conferência de Guam, foi noticiado que o Papa Gregório cessou de rezar pela paz do mundo. Duas missas especiais foram cantadas na basílica: a *Exsurge, quare obdormis,* contra o paganismo, e a *Reminiscere,* para o tempo de guerra; em seguida, segundo a notícia, Sua Santidade retirou-se para as montanhas para meditar e rezar pela justiça.

"E agora a palavra de ..."

— Desligue — gemeu Zerchi.

O jovem padre que o acompanhava desligou o aparelho e olhou para ele com os olhos arregalados. — Não acredito!

— Em quê? Nas notícias do papa? A princípio também não acreditei. Mas ouvi o comunicado mais cedo e Nova Roma já teve tempo de desmenti-lo. Não veio uma só palavra de lá.

— Que significa isso?

— Não é claro? A diplomacia do Vaticano está a postos. Evidentemente mandaram um relatório da conferência de Guam que horrorizou o Santo Padre.

— Que aviso! Que gesto!

— É mais do que um gesto. Sua Santidade não cantou a missa para tempo de guerra a fim de obter efeitos dramáticos. Além disso, muitos pensam que por "contra o paganismo" a Igreja entende o outro lado do oceano e que "justiça" quer dizer o nosso lado. Mesmo que saibam que o sentido não é esse, eles mesmos serão dessa opinião. — Escondeu o rosto entre as mãos e esfregou-as na testa. — Sono. O que é mesmo o sono, Padre Lehy? Você se lembra? Nesses últimos dez dias não vi um só rosto humano

que não tivesse olheiras negras. Mal pude cochilar esta noite, com os gritos que vinham da casa dos hóspedes.

— Lúcifer não convida ao repouso, é verdade.

— O que é que você está vendo por aquela janela? — perguntou Zerchi asperamente. — Ainda isso. Todos ficam olhando para o céu, fixamente, e pensando. Se vier, não haverá tempo de perceber nada até o momento do clarão, e então é melhor *não* estar olhando. Pare com isso. É mórbido.

O Padre Lehy saiu de perto da janela. — Sim, reverendo padre. Mas não estava esperando pelo fim. Estava observando as aves de rapina.

— Aves de rapina?

— Têm aparecido em quantidade, o dia inteiro. Dúzias delas, voando em círculos.

— Onde?

— Por cima do campo da Estrela Verde, na estrada.

— Não é nenhum agouro, então. É simplesmente um saudável apetite de abutres. Ah! Vou tomar um pouco de ar.

No pátio, encontrou a Sra. Grales com uma cesta de tomates que colocou no chão quando o viu chegar.

— Trouxe uma coisa para o senhor, Padre Zerchi — disse ela. — Vi que tinham tirado o aviso do portão e que havia algumas pobrezinhas do lado de dentro, por isso pensei que o senhor não se importaria com a visita da sua velha dos tomates. Trouxe alguns para o senhor, está vendo?

— Obrigado, Sra. Grales. O aviso foi retirado por causa dos refugiados, mas a senhora fez bem. Vá procurar o Irmão Elton e dê-lhe os tomates. É ele quem faz as compras para a cozinha.

— Oh, não são para vender, padre. Eh, eh! Trouxe-os de graça para o senhor. Aqui há muita gente a alimentar, com esses coitados todos que o senhor está recebendo. Por isso, são de graça. Onde posso deixá-los?

— A cozinha de emergência é. . . mas não, deixe-os aqui mesmo. Arranjarei alguém que os leve à casa de hóspedes.

— Levo eu mesma. Já vim com eles até aqui — disse ela pegando a cesta outra vez.

— Obrigado, Sra. Grales. — Voltou-se para continuar andando.

— Padre, espere! Um minuto, só um minutinho do seu tempo. . .

O abade conteve um gemido. — Sinto muito, Sra. Gra-

les, mas como já disse à senhora... — Parou e olhou fixamente para a face de Raquel. Por um momento imaginara: " Seria possível que o Irmão Joshua estivesse com a razão? Mas certamente não". — É assunto da sua paróquia e da sua diocese, e eu nada posso. . .

— Não, padre, não é isso! — disse ela. — É outra coisa que eu quero pedir ao senhor. (Bom! Ela *tinha* sorrido! Agora estava certo.) — O senhor poderia me confessar, padre? Peço desculpas pela caceteação, mas arrependo-me das minhas bobagens e gostaria que o senhor me perdoasse.

Zerchi hesitou. — Por que não o Padre Selo?

— Para falar a verdade, é aquele homem que é motivo de pecado para mim. Vou sem querer mal a ele, mas, quando lhe vejo a cara, lá vem a raiva. Deus gosta dele, mas eu não.

— Se ele ofendeu a senhora, é preciso perdoar-lhe.

— Perdoar eu perdoo, perdoo. Mas só a uma boa distância. Ele é motivo de pecado para mim, garanto, pois logo perco a paciência quando o vejo.

Zerchi pôs-se a rir. — Está bem, Sra. Grales, vou confessar a senhora, mas primeiro tenho uma outra coisa a fazer. Espere na capela de Nossa Senhora. Estarei lá dentro de meia hora. O primeiro confessionário. Está bem assim?

— Sim, e Deus o abençoe, padre! — Cumprimentou-o uma porção de vezes. O Abade Zerchi podia jurar que Raquel imitara os cumprimentos, de leve.

Afastou esse pensamento e foi até a garagem. Um postulante trouxe-lhe o carro. Entrou, discou o endereço e encostou-se fatigado nas almofadas, enquanto os controles automáticos acionavam a máquina e viravam o carro para o portão. Ao passar para fora, viu a mulher parada junto às grades. Levava consigo a criança. Zerchi apertou o botão marcado "Cancelar". O carro parou. "Aguardando", disse o robô dos controles.

A mulher usava um aparelho de gesso que lhe descia da cintura até o joelho esquerdo. Apoiava-se em muletas, tinha a cabeça baixa e respirava com dificuldade. De algum modo, conseguira sair da casa de hóspedes e passar pelo portão, mas era claro que não tinha forças para ir mais longe. A criança agarrava-se a uma das muletas e olhava para o tráfego na estrada.

Zerchi abriu a porta e desceu devagar. Ela levantou a cabeça, viu-o e desviou o olhar rapidamente.

— Que é que você está fazendo fora da cama, filha?

— disse ele com brandura. — Você não pode se levantar com essa fratura. Aonde é que quer ir?

Ela mexeu-se e seu rosto contorceu-se de dor. — Tenho de ir à cidade. Tenho de ir. É urgente.

— Não tão urgente que alguém não possa ir por você. Vou chamar o Irmão. . .

— Não, padre, não! Ninguém pode ir por mim. Tenho de ir à cidade.

Mentia. Sabia que ela mentia. — Está bem, então. Vou levar você à cidade. Estou indo para lá.

— Não! Quero ir andando! Eu. . . — Deu um passo e arquejou. Ele amparou-a antes que caísse.

— Nem que São Cristóvão segurasse suas muletas, você não poderia ir a pé para a cidade, filha. Venha, volte para a cama.

— Tenho de ir à cidade! — gritou ela, zangada.

A criança, amedrontada com o tom de voz da mãe, começou a chorar monotonamente. Esta tentou acalmá-la, mas empalideceu outra vez.

— Está bem, padre. O senhor então me leva?

— Você não deveria ir.

— Mas digo ao senhor que tenho de ir!

— Está bem, então. Deixe-me ajudar você a entrar. . . o bebê. . . agora você.

A criança gritou histericamente quando o padre a pôs no carro, ao lado da mãe. Agarrou-se a ela e recomeçou o choro monótono. Com aquelas ataduras úmidas e soltas e o cabelo chamuscado, era difícil dizer qual era o seu sexo, mas pareceu ao Abade Zerchi que era uma menina.

Discou outra vez. O carro esperou por uma brecha no tráfego e deslizou para a pista de maior velocidade. Dois minutos depois, ao se aproximarem do Campo da Estrela Verde, o abade orientou o carro para a pista de menor velocidade.

Cinco monges passeavam em frente das tendas, num solene piquete encapuzado. Andavam para lá e para cá embaixo do cartaz do Campo de Misericórdia, mas tinham o cuidado de ficar na via pública. Em seus cartazes pintados de novo, lia-se a inscrição:

"ABANDONAI TODA ESPERANÇA,
ó vós
QUE ENTRAIS''.

Zerchi tinha a intenção de parar para falar com eles, mas, com a mulher no carro, contentou-se em observá-los de longe, enquanto passavam. Com seus hábitos, seus capuzes e sua lenta procissão fúnebre, os noviços estavam realmente produzindo o efeito desejado. Se a Estrela Verde se sentiria suficientemente molestada para afastar o campo dali era duvidoso, especialmente desde que um pequeno grupo de agitadores, segundo se soubera no mosteiro, tinha aparecido de manhã cedo e começado a gritar insultos e a jogar pedras nos cartazes levados pelo piquete. Havia duas viaturas policiais estacionadas na estrada, e vários oficiais observavam com as faces impassíveis. Como os agitadores tinham aparecido repentinamente e os policiais logo em seguida, justo a tempo de testemunhar um deles tentando agarrar um dos cartazes, e como um funcionário da Estrela Verde correra a buscar uma ordem judicial, o abade suspeitava que a agitação fora tão ensaiada quanto a passeata dos monges, a fim de que pudesse haver a ordem do juiz. Esta provavelmente seria concedida, mas, até que fosse entregue, Zerchi pretendia deixar os noviços onde estavam.

Olhou para a estátua que os operários do campo tinham erigido ao lado do portão e estremeceu. Viu que se tratava de uma dessas imagens humanas compostas do produto de testes psicológicos em massa, nos quais, à vista de retratos e fotografias de desconhecidos, pedia-se que se respondesse a perguntas como: "Quais dessas pessoas gostaria de conhecer?" e "Qual seria o melhor pai?" ou "Qual é o criminoso?" Das respostas obtidas, tirava-se uma "média fisionômica" para cada tipo, por meio de computadores.

Zerchi observou com desgosto que a estátua assemelhava-se de perto a algumas das mais efeminadas imagens com que os artistas mais medíocres tradicionalmente representavam a personalidade de Cristo. O rosto doentio e adocicado, o olhar vazio, os lábios entreabertos e os braços estendidos, como num abraço. O manto caindo em largas pregas sugeria quadris e busto — como num corpo de mulher. "Senhor Deus do Gólgota", murmurou o abade, "é assim que toda essa gente Vos imagina?" Com esforço podia pensar na estátua dizendo: "Deixai vir a mim as criancinhas", mas nunca: "Afastai-vos de mim e ide para o fogo eterno", ou chicoteando os mercadores do templo. Que pergunta teriam feito a essa gente que pudesse ter resultado nessa fisionomia feita com as respostas, e que nada tinha de um *christus?* No pedestal estava escrito: CONSOLO. Era impossível que

a Estrela Verde não tivesse notado a semelhança da estátua com as imagens tradicionais feitas por artistas baratos. É verdade que a tinham trazido no fundo de um caminhão com uma bandeira vermelha amarrada no pé e que, assim, era provável que não tivessem reparado.

A mulher tinha uma das mãos na maçaneta da porta e olhava para os controles. Zerchi depressa zarpou para a pista de maior velocidade. O carro avançou rápido. Ela tirou a mão da maçaneta.

— Há muitas aves de rapina hoje por aqui — disse o padre tranquilamente, olhando para fora.

O rosto dela não tinha qualquer expressão. Estudou-o por um momento. — Você sente dor, filha?

— Não importa.

— Ofereça tudo a Deus, filha.

Ela olhou-o friamente. — O senhor acha que isso agradaria a Ele?

— Sim, se você oferecer.

— Não compreendo um Deus que se alegra com o sofrimento da minha filha!

O padre estremeceu. — Não, não! Não é a dor que agrada a Deus, filha. É a perseverança da alma na fé, na esperança e na caridade, *apesar* das aflições corporais. A dor é como uma tentação negativa. As tentações que afligem a carne não agradam a Deus; o que Lhe agrada é ver a alma vencer a tentação e dizer: "Retira-te, Satanás". É assim com a dor, que é frequentemente uma tentação ao desespero, à ira, à perda da fé. . .

— Economize o seu fôlego, padre. Não estou me queixando. É a criança que está. Mas ela não entende o seu sermão. Apenas sofre. Pode sofrer, mas não pode entender.

Que resposta dar a isso?, pensou o padre, perplexo. Dizer outra vez que o Homem recebeu o dom preternatural da impassibilidade, mas jogou-o fora, no Paraíso? Que a criança é uma célula de Adão, e portanto. . . Seria a pura verdade, mas a mulher tinha a filha doente, estava doente ela mesma e não lhe daria ouvidos.

— Vou pensar — disse ela com frieza.

— Quando eu era menino, tinha um gato — murmurou o abade lentamente. — Era um bicho grande e cinzento, com a cabeça e o pescoço que lembravam um buldogue e uma espécie de insolência sorrateira que lhe dava um ar endiabrado. Era um gato na acepção da palavra. Você sabe como são os gatos?

— Um pouco.

— Os que dizem que gostam deles não os conhecem. É impossível gostar de *todos,* mas aqueles de que se gosta são justamente os que não merecem a menor atenção dos conhecedores de gatos. Zeke era um desses.

— Essa história tem moral, não tem? — perguntou ela com ar de suspeita.

— Só que eu o matei.

— Pare. Não importa o que vá dizer, pare.

— Foi atropelado por um caminhão que lhe esmagou as pernas de trás. Arrastou-se para baixo da casa. Vez por outra fazia um barulho como se lutasse e movia-se de um lado para outro, mas quase sempre estava quieto, parecendo esperar. "Esse animal deve ser morto", vinham me dizer. Passadas algumas horas, veio para fora miando, como que pedindo auxílio. "Deve ser morto", repetiam. Não queria deixá-lo matar. Diziam que era cruel deixá-lo viver. Então acabei por dizer que o faria eu mesmo, se não houvesse outro remédio. Peguei um revólver e uma pá e levei-o para junto de um arvoredo. Estendi-o no chão, enquanto cavava um buraco. Depois atirei-lhe na cabeça. A arma era de pequeno calibre. Zeke debateu-se um pouco e começou a se arrastar na direção das árvores. Atirei outra vez. Dessa vez caiu, e eu, pensando que morrera, coloquei-o no buraco. Começara a cobri-lo de terra quando ele se levantou, veio para fora e começou a ir na direção das árvores outra vez. O meu choro era ainda mais forte do que o dele. Tive de matá-lo com a pá. Foi preciso pô-lo no buraco e bater com ela como se fosse um machado e, mesmo enquanto o fazia, Zeke ainda se debatia. Disseram-me depois que isso fora apenas um reflexo espinal, mas não acreditei; conhecia aquele gato. O que ele queria era ir para baixo das árvores e ficar lá, esperando. Arrependi-me de não o ter deixado morrer como qualquer gato morreria, se o deixassem a si mesmo — com *dignidade.* Nunca me conformei com aquilo. Zeke era apenas um gato, mas. . .

— Pare com isso! — murmurou ela.

— . . .mas até os antigos pagãos observavam que a natureza nada nos impõe sem que ela mesma nos prepare para suportá-lo. Se é assim até com os gatos, quanto mais com as criaturas dotadas de inteligência e vontade, mesmo que não acreditem no céu.

— Pare, pare com isso! — disse ela com voz baixa e áspera.

— Se estou sendo um pouco duro — disse o padre —, é com você e não com a criança, pois ela, como você disse, ainda não entende. E você, como também já disse, de nada se queixa. Portanto. . .

— Portanto o senhor está me dizendo que a deixe morrer devagar e. . .

— Não! Não estou dizendo isso. Como sacerdote de Cristo, *ordeno,* pela autoridade de Deus Todo-Poderoso, que você não lance mão de sua filha para oferecer sua vida em sacrifício a um falso deus de misericórdia. Não aconselho, mas adjuro e ordeno em nome de Cristo Rei. Está claro?

Dom Zerchi nunca antes falara nesse tom, e a facilidade com que as palavras lhe vieram aos lábios surpreendeu a ele próprio. Não suportando o seu olhar, ela baixou os olhos. Por um instante, temeu que risse dele. Quando a Santa Igreja lembrava que ainda considerava sua autoridade superior à dos Estados, os homens daquele tempo dispunham-se a rir. No entanto, a autenticidade da ordem foi sentida por uma triste mulher moribunda. *Fora* brutal raciocinar com ela e ele agora o lamentava. Uma ordem simples e direta fizera o que a persuasão não pudera fazer. Era de autoridade que ela precisava, como bem o demonstrara a maneira como empalidecera, apesar de ele ter falado com tanta brandura quanto lhe permitira a voz.

Entraram na cidade. Zerchi parou para pôr uma carta no correio, em São Michael, para falar com o Padre Selo sobre o problema dos refugiados, e na sede da Defesa Civil para apanhar uma cópia das últimas instruções. Cada vez que voltava para o carro, esperava não encontrar a mulher, mas lá estava ela segurando a criança e olhando fixamente, como que para o infinito.

— Você não me vai dizer para onde queria ir, filha? — perguntou por fim.

— Para nenhum lugar. Mudei de idéia.

Ele sorriu. — Mas você tinha tanta urgência em vir à cidade.

— Esqueça isso, padre. Mudei de idéia.

— Bem. Então vamos voltar para casa. Por que não deixa que as irmãs tomem conta da menina por uns dias?

— Vou pensar nisso.

O carro deslizou pela estrada em direção à abadia. Quando se aproximaram do campo da Estrela Verde, o abade viu que acontecera qualquer coisa. Os piquetes não estavam mais marchando em frente ao portão, mas, agrupados,

falavam com os oficiais e com um terceiro homem que Zerchi não pôde identificar. Passou o carro para a pista de menor velocidade. Um dos noviços viu-o, reconheceu-o e começou a agitar o seu cartaz. Dom Zerchi não tencionava parar enquanto a mulher estivesse no carro, mas um dos oficiais andou para o meio da pista e apontou seu bastão para os detentores de obstáculos do veículo; o autopiloto reagiu automaticamente e o fez parar. O oficial mandou que saíssem do meio da estrada. Zerchi não podia desobedecer. Os dois outros policiais se aproximaram e pararam para anotar o número do carro e pedir os documentos. Um deles olhou com curiosidade para a mulher e a criança e reparou nos bilhetes vermelhos. O outro apontou para os piquetes agora estacionados.

— Então era o senhor que estava por trás daquilo, não era? — resmungou ele para o abade. — Bem, aquele homem de marrom lá adiante tem notícias a dar ao senhor. Acho melhor ouvir o que ele tem a dizer. — Indicou com a cabeça um oficial de justiça gordinho que se aproximava pomposamente.

A criança chorava outra vez. A mãe agitava-se, nervosa.

— Senhores oficiais, esta mulher e a criança não estão bem. Aceito o processo, mas, por favor, deixem-nos voltar agora à abadia. Voltarei depois, sozinho.

O oficial olhou mais uma vez para a mulher. — Minha senhora?

Ela olhou para o campo e para a estátua junto à entrada.

— Vou descer aqui — disse-lhe com a voz apagada.

— A senhora ficará muito melhor — disse o oficial, olhando outra vez para os bilhetes vermelhos.

— Não! — Dom Zerchi agarrou-a pelo braço. — Filha, proíbo. . .

O oficial segurou o pulso do abade. — Largue! — gritou asperamente. Depois, com brandura: — A senhora é parente dele, ou dependente?

— Não.

— Que idéia é essa de proibir a senhora de descer? — perguntou o oficial. — Já estamos um pouquinho impacientes com o senhor, "seu" padre, e será melhor que. . .

Zerchi ignorou-o e pôs-se a falar rapidamente com a moça. Ela sacudiu a cabeça.

— A criança, então. Deixe-me levar a criança para as irmãs. Insisto.

— É sua filha? — perguntou o oficial. A mãe já descera do carro, mas Zerchi segurava a criança.

— É minha.

— Ele está forçando a senhora a acompanhá-lo?

— Não.

— Que é que a senhora quer fazer?

Ela nada disse.

— Volte para o carro — disse Dom Zerchi.

— O *senhor mude esse tom de voz!* — gritou o oficial. — Minha senhora, que faremos com a criança?

— Vamos ambas descer aqui.

Zerchi bateu a porta e tentou fazer o carro andar, mas o oficial meteu rapidamente a mão pela janela, apertou o botão de parada e tirou a chave.

— Tentativa de rapto? — disse um policial ao outro.

— Talvez — respondeu o outro, e abriu a porta. — Agora largue a filha dessa mulher!

— Para deixá-la ser assassinada aqui? — perguntou o abade. — Vocês terão de levá-la à força.

— Passe para o outro lado do carro.

— *Não!*

— Enfie um pouco o bastão embaixo do braço dele. Isso mesmo, *puxe!* Aqui está a criança, minha senhora. Não, a senhora não pode, com essas muletas. *Cors?* Onde está Cors? Doutor!

O Abade Zerchi viu um rosto familiar aparecer no meio dos outros.

— Você quer suspender a criança enquanto seguramos este aqui?

O médico e o padre entreolharam-se em silêncio. A criança foi retirada do carro. Os oficiais largaram os pulsos do abade. Um deles voltou-se e viu-se barrado pelos noviços com os cartazes levantados que interpretou como possíveis armas. Levou a mão ao revólver. — Afastem-se! — gritou. Atarantados, os noviços recuaram.

— Desça.

O abade desceu do carro. Viu-se em frente ao oficial de justiça gordinho que lhe tocou o braço com um papel dobrado. — O senhor acaba de receber uma intimação que, por ordem do tribunal, devo ler e explicar. Aqui está uma segunda via. Os oficiais são testemunhas de que procurei entregá-la, de modo que não será possível resistir.

— Entregue.

— Esta é a atitude certa. Eis o que ordena o tribunal:

"Tendo em vista que o querelante alega ter havido grande escândalo público. . ."

— Atirem os cartazes naquele depósito de lenha ali adiante — disse o abade aos noviços —, a menos que alguém proteste. Depois entrem no carro e esperem. — Não prestou atenção à leitura da intimação, mas aproximou-se dos policiais, enquanto o oficial de justiça o seguia lendo com voz monótona. — Estou preso?

— Estamos pensando nisso.

— ". . .e a comparecer perante o tribunal na data acima mencionada a fim de prestar explicações sobre. . ."

— Alguma acusação especial?

— Se o senhor quiser, poderemos arranjar umas quatro ou cinco.

Cors apareceu outra vez. A mulher e a criança tinham sido levadas para dentro do campo. A expressão do doutor era grave, mas não de quem se sentia culpado.

— Ouça, padre — disse ele. — Eu sei o que o senhor pensa disso, mas. . .

O Abade Zerchi vibrou um soco no rosto do médico, que perdeu o equilíbrio e caiu sentado na estrada, com um ar estonteado. Fungou algumas vezes e começou a botar sangue pelo nariz. A polícia imobilizou os braços do padre.

— ". . .sem falta" — continuou o oficial de justiça. — "Senão um decreto *pro confesso. . ."*

— Vamos levá-lo para o carro — disse um dos oficiais.

O carro para que o levaram não era o seu, mas uma viatura da polícia. — O juiz vai ficar um pouco desapontado com o senhor — disse o oficial com azedume. — Fique quieto aí. Se se mexer, será posto na cadeia.

O abade e o oficial esperaram no carro enquanto o outro conferenciava no meio da estrada com os demais. Cors apertava o nariz com um lenço.

Falaram durante cinco minutos. Cheio de vergonha, Zerchi encostou a testa no metal do carro e procurou rezar. Pouco lhe importava o que decidissem. Só pensava na mulher e na criança. Estava certo de que ela estivera prestes a mudar de idéia e que só precisara da ordem, *"Eu, sacerdote de Deus, adjuro",* e da graça para ouvi-la. Se ao menos não o tivessem forçado a parar onde ela pôde ver o " sacerdote de Deus" sumariamente dominado por um "guarda de trânsito de César". Para ele, nunca a realeza de Cristo parecera tão distante.

— Tudo bem, "seu" padre. Deixe estar que o senhor é um homem de sorte.

Zerchi levantou os olhos. — O quê?

— O Dr. Cors se recusa a dar parte contra o senhor. Diz que esperava por isso. Por que foi que o senhor o agrediu?

— Pergunte a ele.

— Já perguntamos. Estou querendo decidir se prendemos o senhor ou se apenas entregamos a intimação. O oficial de justiça diz que o senhor é bem conhecido por aqui. Qual é sua ocupação?

Zerchi ficou vermelho. — Isso nada diz a você? — Tocou sua cruz peitoral.

— Não quando o sujeito que a usa soca o nariz dos outros. Que *é* que o senhor faz?

Zerchi engoliu o que lhe restava de orgulho. — Sou o abade dos Irmãos de São Leibowitz, a abadia que você vê lá embaixo, na estrada.

— Isso lhe dá autoridade para agredir as pessoas?

— Sinto muito. Se o Dr. Cors quiser me ouvir, pedirei desculpas. Se você me deixar a intimação, prometo comparecer. — A cadeia está repleta de deslocados.

— Ouça, se não falarmos mais nisso, o senhor garante que não virá para cá e que não deixará o seu bando sair de casa?

— Sim.

— Está bem. Vá andando. Mas se o senhor passar por aqui e fizer a menor coisa, *vai ter.*

— Obrigado.

Quando saíram, ouviram o som distante de uma sereia; voltando-se, Zerchi viu que o carrossel rodava. Um dos policiais enxugou o rosto, bateu nas costas do oficial de justiça. Depois, todos voltaram para seus carros e partiram. Mesmo em companhia dos cinco noviços, Zerchi sentia-se só com sua vergonha.

29

— Penso que o senhor já foi avisado a respeito do seu mau génio, não foi?

— Sim, padre.

— O senhor se dá conta de que o atentado poderia tê-lo posto em perigo de vida?

— Não houve intenção de matar.

— O senhor está querendo se desculpar? — perguntou o confessor.

— Não, padre. A intenção foi de machucar. Acuso-me de violar o espírito do quinto mandamento em pensamento e ação, e de pecar contra a caridade e a justiça. E de submeter a minha função à desonra e escândalo.

— O senhor se dá conta de que faltou à promessa de nunca recorrer à violência?

— Sim, padre. Lamento-o profundamente.

— E a única circunstância atenuante foi que viu tudo vermelho e soltou o braço. O senhor freqüentemente se permite abandonar a razão, desse jeito?

O interrogatório prosseguia, com o chefe da abadia de joelhos, julgado pelo prior.

— Está bem — disse por fim o Padre Lehy —, agora, como penitência, prometa dizer. . .

Zerchi entrou na capela com uma hora e meia de atraso, mas a Sra. Grales ainda o esperava. Estava ajoelhada num banco perto do confessionário e dormitava. Preocupado como estava, o abade desejava que ela já tivesse ido embora. Tinha sua própria penitência a rezar antes que pudesse atendê-la. Ajoelhou-se perto do altar e passou vinte minutos recitando as orações que o Padre Lehy lhe impusera para aquele dia, mas quando se voltou para sair, viu que ela ainda estava no mesmo lugar. Falou-lhe duas vezes antes que o ouvisse e ela, quando se levantou, cambaleou um pouco. Parou para apalpar a face de Raquel, procurando sentir-lhe as pálpebras e os lábios com seus dedos enrugados.

— Aconteceu alguma coisa, filha? — perguntou ele.

Ela dirigiu o olhar para as janelas altas e para a abóbada. — Sim, padre — murmurou. — Sinto que o Maligno anda por perto. Ele anda por aí, bem perto de nós. Preciso da absolvição, padre, e de alguma coisa mais.

— Alguma coisa mais, Sra. Grales?

Ela inclinou-se e disse em voz baixa, tapando os lábios com a mão. — Preciso perdoar a Ele, também.

O padre recuou um pouco. — A quem? Não estou entendendo.

— Perdoar. . . a Ele que me fez assim. . . — choramingou. — Eu. . . eu nunca lhe perdoei por isto.

— Perdoar a Deus? Como pode a senhora?. . . Ele é justo. É a própria Justiça e o próprio Amor. Como pode a senhora dizer?. . .

Os olhos dela imploravam. — Por que é que a velha dos tomates não pode perdoar-lhe um pouquinho pela Sua justiça? Antes de pedir o Seu perdão?

Dom Zerchi engoliu em seco. Olhou para a sombra bicéfala no chão. Fazia-lhe lembrar uma Justiça terrível — o feitio daquela sombra. Não podia censurar a anciã por escolher a palavra "perdão". Em seu mundo simples, era concebível perdoar à justiça tanto quanto à injustiça, era possível ao Homem perdoar a Deus, tanto quanto a Deus perdoar ao Homem. Assim seja, então, e tende paciência com ela, Senhor, pensou ele ajustando a estola.

Ela fez uma genuflexão para o altar antes de entrar no confessionário e o padre notou que, ao persignar-se, a sua mão tocara também a fronte de Raquel. Afastou a pesada cortina, sentou-se no seu lugar e murmurou através da grade:

— Filha, que vens buscar?

— A sua bênção, padre, porque pequei.

Falava com a voz entrecortada. O abade não a podia ver através da esteira que cobria a grade. Só ouvia os queixumes tristes e rítmicos da voz de Eva. Os mesmos, os mesmos, eternamente os mesmos; nem mesmo uma mulher com duas cabeças podia encontrar novas formas de pecado, mas continuava inconscientemente a copiar o Original. Ainda envergonhado pelo seu comportamento com a mulher, os oficiais e Cors, encontrava dificuldade em se concentrar. Suas mãos ainda tremiam enquanto ouvia. O ritmo das palavras chegava-lhe monótono e abafado através da grade, como um martelar distante. Cravos atravessando as mãos e perfurando a madeira. Como *alter Christus*, sentia o peso de cada fardo, antes que passasse Aquele que os levou todos. Havia as histórias com o seu companheiro. Havia as coisas obscuras e secretas a serem envolvidas em jornais imundos e enterradas durante a noite. Mal podia entender o sentido do que ouvia e isso ainda lhe aumentava o horror.

— Se a senhora está querendo dizer que é culpada de haver abortado — murmurou ele —, devo esclarecer que a absolvição é reservada ao bispo e que eu não posso. . .

Parou. Ouviu um estrondo distante e o leve rumor de projéteis sendo disparados da rampa.

— O Maligno! O Maligno! — lamentou-se a anciã.

O abade sentiu um arrepio no alto da cabeça: o gelo repentino de um alarme irracional. — Depressa! Um ato de contrição! — disse. — Dez ave-marias, dez padre-nossos como penitência. A senhora terá de repetir a confissão mais tarde, mas agora, um ato de contrição.

Ouviu-a murmurar do outro lado da grade. Rapidamente repetiu as palavras da absolvição: — *"Te absolvat Dominus Jesus Christus; ego autem eius auctoritate te absolvo ab omni vinculo. . . Denique, si absolvi potes, ex peccatis tuis ego te absolvo in Nomine Patris. . ."*

Antes que acabasse, uma luz brilhava através da grossa cortina e foi ficando cada vez mais intensa até que o confessionário se tornou claro como o meio-dia. A cortina começou a fumegar.

— *Espere!* — gritou ele. — Espere que passe.

— Espere espere espere que passe — ecoou uma voz estranha e suave do outro lado da grade. Não era a voz da Sra. Grales.

— Sra. Grales? Sra. Grales?

Ela respondeu com uma voz pastosa e sonolenta. — Nunca tive a intenção de. . . de. . . nunca amei. . . amei. . . — A voz foi morrendo aos poucos e não era a mesma que respondera há poucos instantes.

— Agora, depressa, *corra!*

Não esperando para verificar se ela o ouvira, pulou para fora do confessionário e correu pela nave em direção ao altar do Santíssimo Sacramento. A luz diminuíra, mas ainda torrava a pele como o sol do meio-dia. *Quantos segundos ainda restariam?* A igreja estava cheia de fumaça.

Saltou para o santuário, tropeçou no primeiro degrau à guisa de genuflexão e foi para o altar. Com mãos frenéticas, retirou do tabernáculo o cibório repleto de Cristo, fez nova genuflexão diante da Divina Presença, segurou o Corpo do seu Deus e correu para salvá-lo.

O edifício tombou sobre ele.

Quando voltou a si, nada havia senão pó. Estava preso no chão, até a cintura. Jazia de bruços no meio dos destroços e procurou mover-se. Tinha um braço livre, mas outro fora apanhado pelo mesmo peso que lhe imobilizara o corpo. A mão livre ainda apertava o cibório, mas tinha-o inclinado ao cair e a tampa soltara-se, derramando várias hóstias.

A rajada tinha-o lançado para fora da igreja, pensou. Caído na areia, viu os restos de uma roseira que fora atingida pelas pedras. Havia uma rosa presa a um dos galhos

— uma das armenianas, cor de salmão. As pétalas estavam chamuscadas.

Um grande rugido de motores enchia o céu e luzes azuis piscavam através da poeira. A princípio, não sentiu dor. Tentou virar o pescoço para poder ver melhor o monstro que o imobilizara e então as dores vieram. Sua vista se turvou. Pôs-se a gemer. Não olharia mais. Cinco toneladas de pedras cobriam o que restava dele da cintura aos pés.

Começou a recolher as hóstias, desajeitadamente, com a mão que ficara livre. Cuidadosamente foi apanhando cada uma do meio da areia. O vento ameaçava fazer voar os pequenos flocos de Cristo. De qualquer maneira, Senhor, tentei, pensou ele. Alguém precisa dos últimos sacramentos? Do viático? Terá de se arrastar até aqui, se precisar. Ou não terá sobrado ninguém?

Não ouvia vozes no meio do terrível ronco dos motores.

Um fio de sangue, de vez em quando, entrava-lhe nos olhos. Enxugava-o com o braço para evitar manchar o Pão Sagrado com os dedos sujos. Esse não é o sangue certo, Senhor, é o meu e não o vosso. *Dealba me.*

Recolheu quase todas as hóstias, mas alguns flocos fugidios puseram-se fora do seu alcance. Estendeu a mão para eles, e tudo ficou escuro outra vez.

— *Jesus, Maria, José! Socorrei-me!*

De leve, ouviu uma resposta distante e quase inaudível debaixo do céu vociferante. Era a voz estranha e suave que ouvira no confessionário, e que, desta vez, repetia suas palavras:

— Jesus, Maria, José! Socorrei-me!

— *O quê?* — gritou ele.

Gritou várias vezes, mas não veio resposta. A poeira começara a acamar. Recolocou a tampa no cibório, para evitar que ela se misturasse com o Pão. Ficou imóvel por algum tempo, com os olhos fechados.

Quando se é sacerdote, é preciso, às vezes, aplicar a si próprio o conselho que se dá a outrem. *A Natureza nada nos impõe, sem que ela mesma nos prepare para suportá-lo.* Aí está o que me acontece por ter repetido a ela as palavras do Estóico em vez das palavras de Deus, pensou.

Não doía muito, mas havia um prurido feroz que vinha da parte do seu corpo que ficara sob as pedras. Tentou esfregar; seus dedos encontraram apenas a pedra dura. Agarrou-a um momento, estremeceu e retirou a mão. A sensação

era de enlouquecer. Os nervos despedaçados pediam tolamente que os esfregassem. Sentiu-se sem dignidade.

Muito bem, Dr. Cors, como é que o senhor sabe que a comichão não é um mal pior do que a dor?

Riu um pouco com essa idéia. O riso trouxe nova escuridão. Esforçou-se por sair dela e ouviu gritos. Percebeu que eram seus. De repente, teve medo. O prurido se transformara em dor, mas os gritos eram de puro terror. Sofria até para respirar. A dor continuava, mas podia suportá-la. O pavor nascera daquela última escuridão profunda que parecia observá-lo, cobiçá-lo, esperá-lo ansiosamente — um imenso e negro apetite com preferência pelas almas. Podia suportar a dor, mas não a Escuridão Tremenda. Ou haveria algo nela que lá não devesse estar, ou faltaria algo a fazer aqui. Se se rendesse às trevas, nada mais poderia fazer ou desfazer.

Envergonhado do pavor que sentira, procurou rezar, mas as orações nada mais pareciam pedir — eram como desculpas e não petições —, como se a última oração já tivesse sido rezada, e o último cântico, cantado. O terror persistia. *Por quê?* Tentou raciocinar. Você já viu gente morrer, Jeth. Muita gente morrer. Parece fácil. Vão-se apagando, depois vem um pequeno estertor e acabam. Aquela Escuridão profunda entre um lado e outro — o mais negro Styx, o abismo entre Deus e o Homem. Ouça, Jeth, você acredita mesmo que existe alguma coisa do outro lado, não acredita? Então por que é que você está tremendo desse jeito?

Um versículo do *Dies Irae* deslizou para a sua mente e começou a atormentá-lo:

"Quid sum miser tunc dicturus?
Quem patronum rogaturus,
Cum vix justus sit securus?"

"Que direi eu, que sou miserável? Quem tomarei como protetor, se mesmo o *justo* não estará seguro? *'Vix securus?'* Por que 'não estará seguro?' Certamente Ele não condenará o justo? Então por que é que você treme?

"Realmente, Dr. Cors, o mal, a que até mesmo o senhor devia se ter referido, não era o sofrimento, mas o medo irracional de sofrer. *Metus doloris.* Ponha-o junto com o seu equivalente positivo, ou seja, o desejo de segurança neste mundo, o desejo do Paraíso, e o senhor terá a sua 'raiz do

mal', Dr. Cors. Diminuir o sofrimento e aumentar a segurança são meios naturais e próprios da sociedade e de César. Mas tornaram-se os únicos fins e a única base da lei — e perverteram-se. Inevitavelmente, então, ao procurá-los, encontramos apenas o oposto: o máximo de sofrimento e o mínimo de segurança.

"O que está errado no mundo sou *eu.* Experimente pensar assim, meu caro Cors. Tu eu Adão Homem nós. Nenhum 'mal no mundo', exceto o que é introduzido pelo Homem — eu tu Adão nós — com uma pequena ajuda do pai da mentira. Culpe qualquer coisa, culpe até Deus, mas não me culpe *a mim.* Dr. Cors? O único mal no mundo *agora,* doutor, é o fato de que o mundo já não é. O que produziu a dor?"

Riu fracamente outra vez e o riso trouxe a Escuridão.

— Eu nós Adão, mas Cristo, Homem, eu; eu nós Adão, mas Cristo, Homem, eu — disse ele em voz alta. — Você sabe o que mais, Pat?, eles, juntos, talvez prefiram ser pregados nela, mas não sozinhos. . . quando sangram. . . querem companhia. Porque. . . Porque é assim. Porque é como Satanás que deseja o Homem cheio do Inferno. Quero dizer, como Satanás que deseja o Inferno cheio do Homem. Porque Adão. . . E no entanto Cristo. . . Mas ainda eu. . . Ouça, Pat. . .

Dessa vez demorou mais para ver-se livre da Escuridão, mas tinha de fazer as coisas claras para Pat antes que entrasse nela definitivamente. — Escute, Pat, porque. . . porque disse a ela que a criança tinha de. . . porque eu. Quero dizer. Quero dizer Jesus nunca pediu a um homem que fizesse alguma coisa que Ele não tivesse feito. O mesmo porque eu. Porque não posso deixar. Pat?

Apertou várias vezes os olhos. Pat desaparecera. De algum modo descobrira que ele estava com medo. Havia alguma coisa que precisava fazer antes que a Escuridão o envolvesse para sempre. *Meu Deus, permiti que eu viva o suficiente para fazê-la.* Tinha medo de morrer antes de aceitar tanto sofrimento quanto suportara a criança que não o podia compreender, a criança que ele tentara salvar para continuar a sofrer — não, não para isso, mas salvara apesar do que sofreria. Ordenara à mãe em nome de Cristo. Não agira mal. Mas agora tinha receio de deslizar para aquela Escuridão antes que tivesse suportado tanto quanto Deus o ajudasse a suportar.

"Quem patronum rogaturus,
Cum vix justus sit securus?"

Que seja pela criança e pela mãe, então. O que imponho, devo aceitar. *Fas est.*

A decisão pareceu diminuir-lhe a dor. Ficou imóvel por algum tempo e depois, cautelosamente, olhou para trás, para ver o monte de pedras outra vez. *Mais* de cinco toneladas devia haver. A construção tinha dezoito séculos. A rajada abrira as criptas, pois notou que havia alguns ossos entre as pedras. Apalpou com a mão livre, encontrou algo liso e, finalmente, conseguiu desprendê-lo. Deixou-o cair na areia, ao lado do cibório. Faltava o maxilar, mas o crânio estava intato, apenas com um furo na testa, de onde saía um pedaço de madeira seca e meio apodrecida. Parecia que se tratava de uma flecha. O crânio era muito antigo.

— Irmão — murmurou, pois só os monges da ordem podiam ser enterrados naquelas criptas.

Que fez você por eles, Osso? Ensinou-os a ler e a escrever? Ajudou-os a reconstruir, deu-lhes Cristo, auxiliou a restaurar a cultura? Você ter-se-á lembrado de avisar que nunca este mundo seria o Paraíso? Claro que avisou. Deus abençoe você, Osso, pensou ele, e traçou-lhe uma cruz na testa com o polegar. Por todos os seus trabalhos, pagaram a você com uma flecha entre os olhos. Porque há mais de cinco toneladas e dezoito séculos de pedras lá atrás. Suponho que haja bem dois milhões de anos, desde o primeiro *Homo inspiratus.*

Ouviu a voz outra vez — o suave eco-voz que já lhe respondera há pouco. Dessa vez era uma espécie de cantilena infantil: — Lá lá lá, lá lá lá. ..

Apesar de parecer a mesma voz que ouvira no confessionário, certamente não podia ser a Sra. Grales. Ela teria perdoado a Deus e corrido para casa, se tivesse saído da capela a tempo — e, por favor, perdoai a inversão, Senhor. Mas nem certeza tinha de que se tratava de uma inversão. Ouça, Osso velho, será que eu devia ter dito isso a Cors? Escute, meu caro Cors, por que é que você não perdoa a Deus por permitir a dor? Se não a permitisse, a coragem humana, a bravura, a nobreza e a abnegação seriam coisas sem sentido. Além disso, você perderia o emprego, Cors.

Talvez tenhamos esquecido de mencionar isso, Osso. Bombas e terrores, quando o mundo se amargurou porque não conseguiu ser como o sempre lembrado Paraíso. A amar-

gura era essencialmente contra Deus. Ouça, Homem, você tem de abandonar essa amargura — "deve perdoar a Deus", como diria ela, antes de mais nada; antes de amar.

Mas bombas e terrores. Estes não perdoam.

Dormiu por algum tempo. Foi um sonho natural e não aquele horrível nada da Escuridão. Chovera e não havia mais poeira. Quando acordou, já não estava só. Levantou o rosto da lama e olhou zangado para eles. Havia três no monte de pedras, olhando-o com fúnebre solenidade. Mexeu-se. Abriram as asas negras e piaram nervosos. Jogou-lhes uma pedra. Dois voaram e subiram para circular no alto, mas o terceiro continuou no mesmo lugar, executando uma espécie de dança e olhando-o gravemente. Era um pássaro escuro e feio, mas não como aquela Outra Escuridão. Esse só lhe cobiçava o corpo.

— O jantar ainda não está pronto, irmão pássaro — disse, irritado. — Você vai ter de esperar.

Não haveria mais muitos jantares, notou o abade, antes que o próprio pássaro se tornasse jantar para outro, pois tinha as penas chamuscadas pelo clarão e um dos olhos, fechado. Estava encharcado com a chuva, e Zerchi imaginava que esta trouxesse consigo a morte.

— Lá lá lá lá-lá-lá espere espere espere até que passe lá. . .

A voz, outra vez. Temia que fosse uma alucinação. Mas o pássaro também ouvira e estava olhando para alguma coisa fora do seu campo visual. Afinal, piou, roufenho, e voou.

— Socorro! — gritou quase sem voz.

— Socorro! — imitou a voz estranha.

E a mulher com duas cabeças apareceu de trás de um monte de pedras. Parou e olhou para o abade.

— Graças a Deus! Sra. Grales! Veja se pode encontrar o Padre Lehy. . .

Enxugou outra vez o sangue dos olhos e estudou-a de perto.

— Raquel — disse em voz baixa.

— Raquel — respondeu a criatura.

Ajoelhou-se em frente a ele e sentou-se sobre os calcanhares. Observou-o com os olhos verdes cheios de frescor, e sorriu inocentemente. Os olhos demonstravam admiração, curiosidade — e talvez alguma coisa mais —, mas não pareciam ver que ele sofria. Havia algo neles que fez com que nada mais visse por vários segundos. Então, notou que a

cabeça da Sra. Grales dormia profundamente no outro ombro, enquanto Raquel sorria. Era um sorriso jovem e tímido que parecia esperar a amizade dos outros. Tentou outra vez.

— Ouça, há mais alguém vivo? Vá. . .

Veio a resposta, melodiosa e solene: "Ouça, há mais alguém v i v o . . ." Ela saboreava as palavras. Enunciava-as nitidamente. Sorria ao pronunciá-las. Seus lábios tornavam a formá-las quando a voz terminara de dizê-las. Era mais do que uma imitação reflexa, pensou ele. Procurava comunicar algo. Pela repetição, tentava dizer: *"Sou de algum modo como você".*

Mas apenas acabara de nascer.

"E você, de algum modo, também é diferente", notou Zerchi com um certo temor. Lembrava-se de que a Sra. Grales sofria de artrite nos dois joelhos, mas o corpo que lhe pertencera ali estava ajoelhado apoiando-se nos calcanhares, numa atitude de juventude. Ainda mais — a pele enrugada da anciã parecia mais lisa do que antes e brilhava um pouco, como se os tecidos ressequidos estivessem revivescendo. De repente, reparou no seu braço.

— Você está ferida!

— Você está ferida!

Zerchi apontou para o braço dela. Em lugar de olhar para onde ele indicava, ela imitou-lhe o gesto, olhando para o dedo dele e estendendo o seu para tocá-lo, movendo o braço ferido. Havia um pouco de sangue e, pelo menos, uma dúzia de cortes, sendo um deles profundo. Puxou-a pelo dedo para que o braço ficasse mais próximo. Retirou cinco estilhaços de vidro quebrado. Ela enfiara o braço numa janela, ou então, mais provavelmente, fora atingida por uma vidraça no momento da rajada. Só uma vez apareceu sangue, quando retirou um pedaço maior. Os demais, quando saíam, deixavam pequeninas marcas azuis e nenhum sangue. Lembrou-se de uma demonstração de hipnose a que assistira uma vez, e que tinha considerado um embuste. Quando olhou outra vez para ela, o seu temor cresceu, pois continuava a sorrir como se nada tivesse sentido.

Olhou outra vez para a face da Sra. Grales. Estava acinzentada, com a máscara impessoal do coma. Os lábios pareciam sem sangue. Tinha certeza de que ela estava morrendo. Podia imaginá-la murchando e finalmente caindo como a casca de uma ferida, ou um cordão umbilical. Quem, então, era Raquel? E o quê?

Ainda havia um pouco de umidade nas pedras batidas

pela chuva. Umedeceu a ponta de um dedo e chamou-a para que se inclinasse mais para perto dele. Fosse ela quem fosse, provavelmente recebera radiação demais para sobreviver por muito tempo. Começou a traçar uma cruz na sua testa com a ponta úmida do dedo.

— *"Nisi baptizata fueris et nisi baptizari nequeas, te baptizo"*

Não foi mais adiante. Ela endireitou-se rapidamente. Seu sorriso gelou e desapareceu. *"Não!"* parecia gritar a sua fisionomia. Afastou-se dele. Enxugou o que ficara de umidade na testa e deixou cair as mãos abandonadas no colo. Uma expressão de completa passividade apareceu em sua face. Com a cabeça ligeiramente inclinada, toda a sua atitude sugeria oração. Gradualmente o sorriso renasceu da passividade. Cresceu. Quando abriu os olhos e olhou outra vez para ele, foi com o mesmo calor e a mesma franqueza de antes. Depois, pareceu procurar alguma coisa em volta, com o olhar.

Viu o cibório. Apanhou-o antes que ele a pudesse impedir. — *Não!* — gritou o monge com a voz estrangulada e tentou segurá-lo. Mas ela foi mais rápida e o esforço custou-lhe nova escuridão. Quando voltou a si e levantou a cabeça, viu tudo como numa névoa. Ela ainda estava de joelhos diante dele. Afinal, percebeu que segurava o cálice de ouro na mão esquerda, e na direita, delicadamente entre o polegar e o indicador, tinha uma única hóstia. Estaria ela lhe oferecendo a hóstia, ou seria imaginação sua, como ainda agora a fala com o Irmão Pat?

Esperou que a névoa se dissipasse. Desta vez, porém, ela não se dissipara completamente. — *"Domine, non sum dignus. . ."* — murmurou — *"sed tantum dic verbo..."*

Recebeu o Pão Sagrado das suas mãos. Ela repôs a tampa do cibório e colocou-o num lugar mais protegido, debaixo de uma pedra saliente. Não fazia gestos convencionais, mas a reverência com que o segurava convenceu-o de uma coisa: *ela sentia a Presença sob os véus.* Aquela que não podia dizer ou entender palavras agira como por *instrução direta,* em resposta a sua tentativa de batismo condicional.

Procurou focalizar outra vez a face desse ser que, unicamente por gestos, dissera: "Não preciso do seu *primeiro* Sacramento, Homem, mas sou digna de levar a você este Sacramento da Vida". Agora sabia o que era ela, e chorou debilmente quando percebeu que não mais se podia forçar

a ver aqueles olhos cheios de frescor, verdes e serenos de quem nasceu livre.

— *"Magnificat anima mea Dominum"* — murmurou. — " Minha alma magnifica o Senhor e o meu espírito exulta em Deus, meu Salvador; porque Ele olhou para a humildade de sua serva. . ." — Desejava que seu último ato fosse o de ensinar-lhe essas palavras, pois estava certo de que ela compartilhava algo com a Virgem que primeiro as proferira.

— *"Magnificat anima mea Dominum et exultavit spiritus meus in Deo, salutari meo, quia respexit humilitatem..."*

Perdeu o fôlego antes de acabar. Sua visão foi se apagando; não podia ver-lhe a forma. Mas sentiu que lhe tocavam a fronte com a ponta de dedos frios e ouviu-a dizer uma palavra:

— Vida.

Depois desapareceu. Sua voz ainda lhe chegava aos ouvidos, afastando-se no meio das novas ruínas: — Lá lá lá, lá lá lá...

A imagem daqueles olhos verdes e cheios de frescor ficou com ele até o fim. Não indagou *por que Deus* quisera fazer surgir uma criatura com a inocência primitiva do ombro da Sra. Grales, ou por que lhe dera os dons preternaturais do Paraíso — aqueles mesmos dons que o Homem tentara arrancar do Céu a viva força, desde que os perdera. Vira a inocência primitiva naqueles olhos e uma promessa de ressurreição. Um só vislumbre tinha sido uma magnanimidade e ele chorou de gratidão. Depois encostou a face na lama e esperou.

Nada mais veio — nada que ele pudesse ver, sentir ou ouvir.

30

Cantavam enquanto levavam as crianças para bordo da nave. Cantavam velhas canções do espaço e ajudavam as crianças a subir a escada uma a uma, para os braços das irmãs. Cantavam animadamente para afugentar o medo dos pequeninos. Quando o horizonte incendiou-se, cessaram de cantar. Passaram a última criança para dentro da nave.

O horizonte iluminou-se num clarão enquanto os monges subiam. Os horizontes tornaram-se um resplendor vermelho. Apareceu uma distante nuvem tempestuosa onde antes não houvera nuvens. Os monges, na escada, desviaram os olhos do clarão. Quando este diminuiu, olharam outra vez.

Viram a face de Lúcifer qual um horrível cogumelo sobre a nuvem tempestuosa, subindo vagarosamente, como um titã erguendo-se depois de séculos de aprisionamento na Terra.

Alguém gritou uma ordem. Os monges recomeçaram a subir. Breve estavam todos dentro da nave.

O último, ao entrar, parou perto da porta e tirou as sandálias. — *Sic transit mundus* — disse, olhando para a nuvem. Bateu as solas de suas sandálias uma contra a outra, sacudindo-lhes a poeira. A claridade já engolfava um terço dos céus. Esfregou a barba e olhou o oceano pela última vez. Depois entrou e fechou a porta.

Veio uma fumaça, uma luz, um silvo agudo e sibilante e a nave estelar projetou-se em direção aos céus.

As ondas quebravam monotonamente nas praias, trazendo pedaços de madeira. Um hidroavião abandonado flutuava por perto. Depois de algum tempo, as ondas o envolveram e o atiraram à praia com a madeira. Estava inclinado nas ondas e tinha uma asa quebrada. Havia camarões que brincavam nas ondas e peixes que comiam os camarões e tubarões que comiam os peixes e os achavam admiráveis, na brutalidade esportiva do mar. Um vento atravessou o oceano, arrastando consigo um manto de fina cinza branca. A cinza caiu no mar e nas ondas. As ondas trouxeram os camarões mortos para a praia com a madeira. Depois trouxeram os peixes. Os tubarões nadaram para as grandes profundidades e permaneceram nas correntezas frias e puras. Tiveram muita fome naquela estação.

O AUTOR E SUA OBRA

Durante a Segunda Guerra Mundial, um jovem norte-americano servia a seu país e via com olhos críticos a irresistível tendência que a humanidade tem para a autodestruição. Operador de rádio e artilheiro da Força Aérea dos Estados Unidos, com mais de cinquenta missões sobre a Itália e os países dos Balcãs, gravou em sua memória um ataque ao mosteiro beneditino de Monte Cassino, em terra italiana, do qual participou. Alguns anos mais tarde, quando o jovem já tinha optado pela carreira literária, a lembrança daquele episódio germinou e se transformou num clássico da ficção científica, a obra-prima de seu autor: "Um cântico para Leibowitz".

Walter M. Miller, Jr. nasceu na Flórida, em 1923, e começou a escrever em 1950, enquanto convalescia de um acidente automobilístico. Até então, era um pacato estudante de engenharia elétrica na Universidade do Texas, curso que concluiria posteriormente. O primeiro conto recebeu menção honrosa, "The Best American Short Stories" do ano, prenúncio de uma promissora atividade literária que, entre 1951 e 1957, produziria aproximadamente quarenta contos de ficção científica, publicados em diversas revistas especializadas, como a famosa "The Magazine of Fantasy and Science Fiction". Aliás, "Um cântico para Leibowitz" foi publicado pela primeira vez nas páginas dessa revista, por volta de 1955, sob a forma de três novelas.

A edição em livro data de 1959, por uma editora católica, surpreendendo o público e a crítica pela sua riqueza e complexidade, a tal ponto que o romance, de tão bom, escapou à classificação de ficção científica, nessa época considerada um gênero menor. No ano seguinte, o livro recebeu o prêmio Hugo, o Nobel da categoria, e começou a ser traduzido para várias línguas, entre elas o português (Editora GRD, 1963).

Após "Um cântico para Leibowitz", Miller, Jr. publicou

"Conditionally human" (1962) e "The view from the stars" (1965), passando a dedicar seu talento à televisão, para a qual escreve roteiros em sua casa na Flórida, onde vive até hoje, em sintonia com os tempos que enfatizam a extrema atualidade de sua obra-prima. Quando começou a escrever ficção cientifica, esse gênero já tinha abandonado as superficiais histórias intergalácticas que oferecia aos leitores. A tragédia de Hiroxima e Nagasáqui impunha aos autores o tema nada imaginário do apocalipse nuclear, presente também no romance de Miller, Jr.

Em "Um cântico para Leibowitz", estão mil e oitocentos anos de história da humanidade, seiscentos anos depois da grande hecatombe de fogo que dizimou os homens e sua ciência. Nem todos os homens, nem toda a ciência, no entanto. Os sobreviventes vivem primitivamente, indignados com os responsáveis pela catástrofe — o jogo do poder, o conhecimento cientifico —, enquanto alguns poucos remanescentes da Igreja conservam um punhado de livros que escaparam à guerra nuclear e à destruição posterior pelas mãos de homens desesperados. Mas o renascimento e a rápida evolução para um estágio próximo ao da grande hecatombe, originalmente ocorrida no final do século XX, de nada serve. No ano 3781, uma nova catástrofe reafirma uma inquietante regra da espécie humana, sempre pronta a se autodestruir, incapaz de aprender com seus próprios erros.

A exemplo de Arthur C. Clarke, Isaac Asimov, Ray Bradbury e outros escritores, todos eles dos anos 50, o autor de "Um cântico para Leibowitz" não dedicou o seu talento ao aplauso ilimitado do progresso científico. Antes, dedicou-o à indagação sobre os valores e os fins que regem esse progresso.